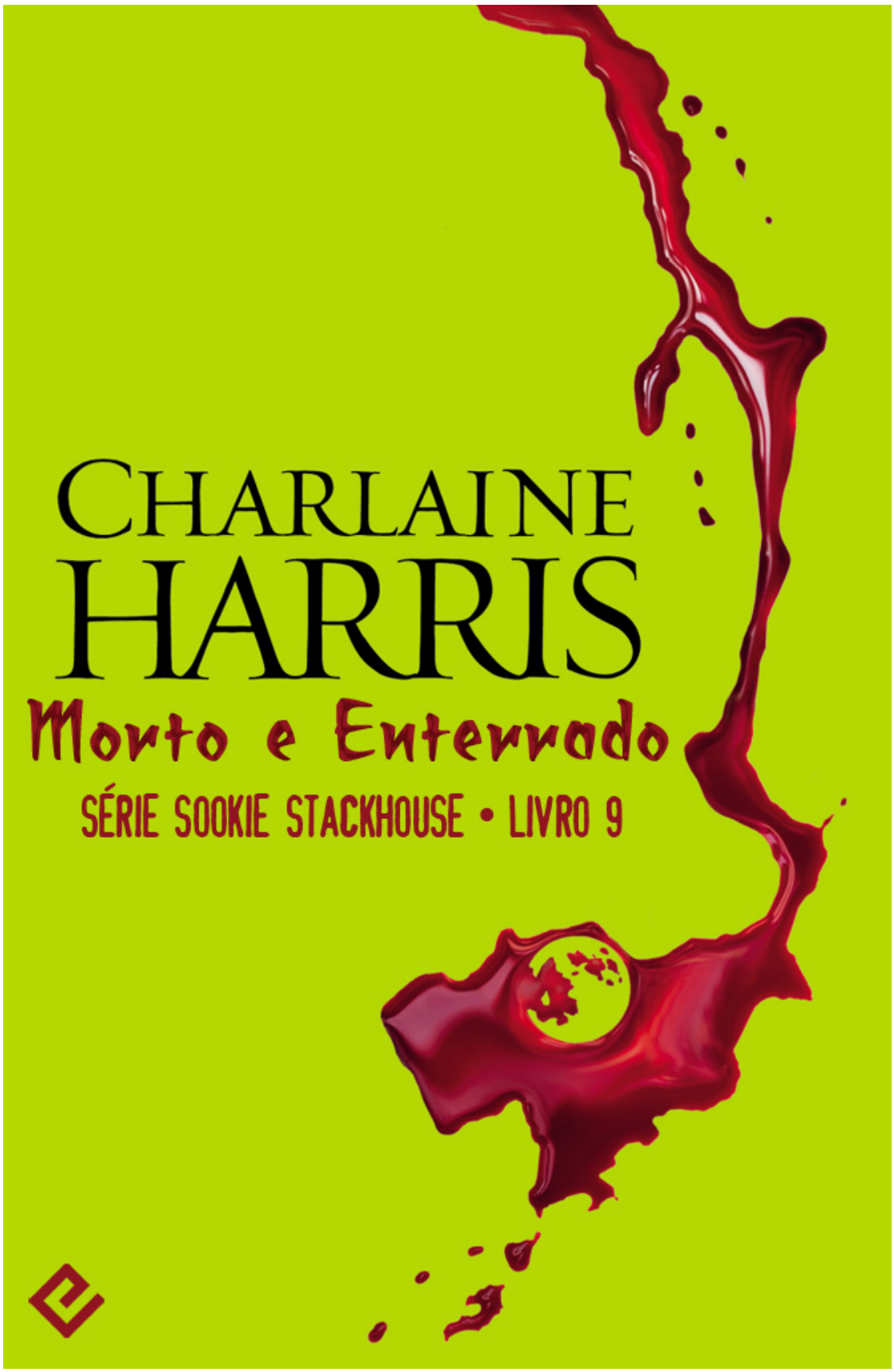

CHARLAINE
HARRIS
Morto e Enterrado
SÉRIE SOOKIE STACKHOUSE • LIVRO 9


CHARLAINE
HARRIS
Morto e Enterrado
SÉRIE SOOKIE STACKHOUSE • LIVRO 9

Charlaine Harris

Morto e Enterrado

Série Sookie Stackhouse – Livro 9

Formatação ePub de LeYtor

Foram várias as pessoas que me ajudaram ao longo do caminho, e esta ajuda me colocou onde eu estou hoje. Quero agradecer apenas algumas. Os atuais moderadores de meu website (Katie, Michele, MariCarmen, Victoria e Kerri) tornam minha vida muito mais fácil, e os moderadores eméritos (Beverly e Debi) merecem que eu tire o chapéu também. Os leitores que visitam www.charlaineharris.com para oferecerem seus comentários, teorias e tapinhas nas costas são sempre uma fonte de encorajamento. Apoiada por um elenco de milhares—okay, quatro—Toni Kelner e Dana Cameron são uma constante fonte de apoio, encorajamento, indulgência e entusiasmo. Eu não saberia o que fazer sem vocês.

Capítulo 1

— VAMPIROS CAUCASIANOS JAMAIS deviam vestir branco – comentou o apresentador de TV. – Estivemos filmando secretamente Devon Dawn, que tem sido vampira há apenas uma década, enquanto ela se veste para uma noite na cidade. Veja só aquele traje! Está todo errado para ela!

— No que ela estava pensando? – disse uma voz feminina ácida. – Falando em estar presa aos anos noventa! Veja só aquela blusa, se é que se pode chamar assim. Sua pele está gritando por uma cor contrastante e o que ela está vestindo? Marfim! Faz a pele dela parecer um saco de estopa.

Eu parei de amarrar meu sapato para assistir o que aconteceria em seguida enquanto os dois vampiros fashion caíam em cima da infeliz vítima—oh, perdão, da vampira sortuda—que estava prestes a ganhar uma repaginada não solicitada. Ela teria o prazer extra de descobrir que seus amigos a tinham encaminhado para a polícia da moda.

— Acho que isso não vai terminar bem – disse Octavia Fant. Embora minha companheira de quarto, Amelia Broadway, tivesse tipo enfiado Octavia dentro de minha casa—baseada num convite casual que fiz num momento de fraqueza—o arranjo estava funcionando bem.

— Devon Dawn, esta é Bev Leveto da *Vampiros Mais Bem Vestidos*, e eu sou Todd Seabrook. Sua amiga Tessa nos ligou para dizer que você precisava de uma ajuda com moda! Filmamos você secretamente nas duas últimas noites, e—AAACKK! – Uma mão branca relampejou na garganta de Todd, que desapareceu, deixando um buraco sangrento. A câmera girou, fascinada, enquanto Todd tombava no chão, antes de levantar-se para seguir a luta entre Devon Dawn e Bev.

—Céus – disse Amelia. – Parece que Bev vai ganhar.

— Melhor senso de estratégia – respondi. – Você notou que ela deixou Todd entrar primeiro pela porta?

— Eu a dominei – disse Bev, triunfante, na tela. – Devon Dawn, enquanto Todd recupera a fala, nós vamos examinar seu armário. Uma garota que vai viver pela eternidade não pode se permitir ser brega. Vampiros não podem se prender ao passado. Temos que olhar para a moda do futuro!

Devon Dawn choramingou: — Mas eu gosto das minhas roupas! Elas são parte de quem sou! Você quebrou meu braço.

— Vai sarar. Escute, você não quer ser conhecida como a vampirinha que não está com nada, quer? Não quer ter sua cabeça presa ao passado!

—Bom, acho que não...

— Ótimo! Vou deixá-la se levantar agora. Estou notando pela tosse de Todd que ele já está se sentindo melhor.

Desliguei a televisão e amarrei meu outro pé, reprovando o novo vício da América pelos “reality shows” de vampiros. Peguei meu casaco vermelho do armário. Ao vê-lo, me lembrei que eu mesma tinha verdadeiros problemas com um vampiro; nos últimos dois meses e meio desde a conquista do reino vampiro da Louisiana pelos vampiros de Nevada, Eric Northman esteve totalmente ocupado consolidando sua posição dentro do novo regime e avaliando o que restara do velho.

Estávamos bem atrasados para um bate-papo sobre a recuperação recente das memórias de Eric do período estranho e intenso que compartilhamos quando ele perdeu a memória temporariamente por causa de um feitiço.

— O que vocês vão fazer hoje à noite enquanto estou no trabalho? – perguntei a Amelia e Octavia, já que não precisava de outra rodada de conversas imaginárias. Vesti o casaco. O norte da Louisiana não tem as temperaturas horríveis do *verdadeiro* norte, mas estava uns quatro graus e ficaria mais frio quando eu saísse do trabalho.

— Minha sobrinha e os filhos vão me levar para jantar – disse Octavia.

Amelia e eu trocamos um olhar surpreso enquanto a cabeça da mulher mais velha se inclinava sobre a blusa que remendava. Era a primeira vez que Octavia via a sobrinha desde que se mudara da casa dela para a minha.

— Acho que Tray e eu vamos ao bar esta noite – disse Amelia rapidamente, para cobrir a pequena pausa.

— Então vejo vocês no Merlotte's – eu era garçonete de lá há vários anos.

Octavia disse: — Ah, peguei a cor da linha errada – e seguiu para seu quarto.

— Imagino que não está mais saindo com Pam? – eu perguntei a Amelia. – Você e Tray estão se tornando um casal regular. – Enfiei minha camiseta branca para dentro das calças. Olhei no velho espelho sobre o consolo. Meu cabelo estava preso no habitual rabo de cavalo que usava para trabalhar. Avistei um longo fio de cabelo solto no casaco vermelho e o tirei.

— Pam foi só algo temporário e tenho certeza que ela sentiu a mesma coisa por mim. Eu *realmente* gosto de Tray – Amelia estava dizendo. – Ele não parece se importar com o dinheiro de papai e não está preocupado por eu ser uma bruxa. E ele consegue agitar meu mundo na cama. Então estamos nos dando bem. – Amelia me deu um sorriso de gato-que-engoliu-o-canário. Ela podia parecer uma mamãe convencional na aparência—cabelos curtos e brilhantes, um belo sorriso branco, olhos claros—mas era muito interessada em sexo e (para os meus padrões) em diversidade.

—Ele é um cara legal – falei. – Você já o viu transformado em lobo?

—Não. Mas mal posso esperar por isso.

Captei algo da cabeça transparente de Amelia que me surpreendeu. —Será em breve? A revelação?

— Você poderia *não* fazer isso? – Amelia normalmente era prática sobre minha habilidade de ler mentes, mas não hoje. – Eu tenho que guardar segredos de outras pessoas, sabe?

— Sinto muito – respondi. E sentia de verdade, mas ao mesmo tempo estava um pouco ofendida. Achava que podia relaxar em minha própria casa e soltar as amarras que tentava manter sobre minha habilidade. Afinal, eu tinha que lutar com isso todos os dias no trabalho.

Amelia disse imediatamente: — Sinto muito também. Escute, eu tenho que me aprontar. Te vejo mais tarde. – Ela subiu tranquilamente para o segundo andar, que não vinha sendo usado há muito tempo desde que ela veio de Nova Orleans comigo alguns meses atrás. Ela perdeu o Katrina, ao contrário da pobre Octavia.

— Até logo, Octavia. Divirta-se! – gritei e sai pela porta dos fundos até o carro.

Enquanto manobrava pela comprida entrada que atravessava a floresta até a Rodovia Hummingbird, me indaguei sobre as chances de Amelia e Tray Dawson ficarem juntos. Tray, um lobisomem, trabalhava como mecânico de motos e guarda-costas de aluguel. Amelia era uma promissora bruxa e seu pai era imensamente rico, mesmo depois do Katrina. O furacão tinha poupado grande parte da matéria-prima no depósito de sua empreiteira e lhe fornecera trabalho suficiente para durar por décadas.

De acordo com o cérebro de Amelia, hoje era a grande noite— não a noite que Tray pediria Amelia em casamento, mas aquela que Tray “sairia do armário”. A dupla natureza de Tray era uma vantagem a mais para minha colega de quarto, que era atraída pelo exótico.

Entrei pela porta dos funcionários e fui direto ao escritório de Sam. — Oi, chefe – falei assim que o vi atrás de sua mesa. Sam detestava trabalhar na contabilidade, mas era o que estava fazendo. Talvez aquilo estivesse providenciando uma distração necessária. Sam parecia preocupado. Seus cabelos estavam ainda mais emaranhados do que o normal, as ondas ruivas de pé numa auréola ao redor do rosto estreito.

—Prepare-se. Hoje é a noite – ele disse.

Eu estava tão orgulhosa por ele ter me contado, e ele ecoava meus próprios pensamentos tão de perto, que não pude me conter e sorri.

— Eu estou pronta. Estarei bem aqui. – Guardei minha bolsa na gaveta da escrivaninha e fui amarrar meu avental. Eu estava substituindo Holly e, depois que falei com ela sobre os clientes e nossas mesas, continuei: —Você devia ficar por aqui esta noite.

Ela me lançou um olhar agudo. Holly tinha deixado o cabelo crescer recentemente, então as pontas escuras tingidas pareciam ter sido mergulhadas em piche. Sua cor natural, agora aparecendo nas raízes, era de um agradável castanho claro. Ela tingia o cabelo há tanto tempo que eu já tinha esquecido. — Isso vai ser bom o

suficiente para eu deixar Hoyt esperando? – ela perguntou. – Ele e Cody se entendem como uma casa em chamas, mas eu sou a mãe de Cody. – Hoyt, o melhor amigo de meu irmão Jason, foi fisgado por Holly. Agora ele era seu seguidor.

— Você devia ficar mais um pouco. – Levantei uma sobrancelha significativa.

— Os Lobis? – disse Holly. Eu assenti e o rosto dela se iluminou com um sorriso. – Ah, cara! Arlene vai ter um troço.

Arlene, nossa colega de trabalho e ex-amiga, tornou-se politicamente sensível alguns meses atrás ao se envolver com um de seus amigos. Agora ela era algo como Atila o Huno, especialmente no que dizia respeito aos vampiros. Ela até se juntou à Irmandade do Sol, uma igreja em tudo menos no nome. Ela estava parada em uma de suas mesas agora, tendo uma conversa séria com seu homem, Whit Spradlin, algum tipo de representante da IdS que tinha um emprego num depósito em Shreveport durante o dia. Ele tinha uma careca considerável e uma pequena pança, mas isso não importava para mim. Sua política sim. Estava com um amigo, é claro. O pessoal da IdS parecia andar em bandos—assim como outra minoria que eles estavam prestes a conhecer.

Meu irmão, Jason, estava numa mesa também, com Mel Hart. Mel trabalhava no ferro-velho de Bon Temps e tinha quase a mesma idade de Jason, talvez uns trinta e um. Magro e musculoso, Mel tinha longos cabelos castanho-claros, barba, bigode e um rosto agradável. Vi Jason andando com Mel um bocado ultimamente. Jason teve que tapar o buraco que Hoyt deixou, presumi. Ele não

ficava feliz sem um cúmplice. Esta noite, os dois tinham companhia. Mel era divorciado, mas Jason ainda estava casado no papel então não tinha nada que estar saindo em público com outra mulher. Não que alguém aqui o culpasse. A esposa de Jason, Crystal, foi flagrada o traindo com um sujeito local.

Ouvi dizer que Crystal, grávida, voltou para a pequena comunidade de Hotshot para ficar com parentes (Ela podia encontrar um lugar em qualquer casa em Hotshot e ainda ficaria com parentes. É esse tipo de lugar). Mel nasceu em Hotshot também, mas era um raro membro da tribo que escolheu viver em outro lugar.

Para minha surpresa, Bill, meu ex-namorado, estava sentado com outro vampiro chamado Clancy. Clancy não era meu cara favorito apesar de seu status de morto-vivo. Ambos tinham garrafas de TrueBlood diante deles. Não acho que Clancy tenha aparecido no Merlotte's para um drinque casual antes e, certamente, nunca com Bill.

— Olá, rapazes, precisam de outra rodada? – perguntei, sorrindo apesar de tudo. Fico um pouco nervosa perto de Bill.

— Por favor – disse Bill educadamente, e Clancy empurrou sua garrafa vazia para mim. Fui para trás do bar para pegar mais dois TrueBloods da geladeira, tirei a tampa e coloquei-os no microondas (Quinze segundos era o ideal). Sacudi gentilmente as garrafas e coloquei as bebidas mornas na bandeja com novos guardanapos. A mão gelada de Bill tocou a minha quando coloquei sua bebida na frente dele.

— Se precisar de alguma ajuda em sua casa, por favor, me chame – disse.

Eu sabia que seu gesto era gentil, mas meio que enfatizou meu status atual de solteira. A casa de Bill era vizinha à minha cruzando o cemitério e, do jeito que ele andava pelos arredores à noite, imaginei que estivesse bem ciente de que eu não estava tendo companhia.

— Obrigada, Bill – respondi, me forçando a sorrir. Clancy apenas riu com desdém.

Tray e Amelia entraram e, após deixar Amelia numa mesa, Tray foi até o bar, cumprimentando todos que encontrava no caminho. Sam saiu do escritório para juntar-se ao homem robusto, que era pelo menos dez centímetros mais alto do que meu chefe e quase duas vezes mais pesado. Eles sorriram um para o outro. Bill e Clancy ficaram alertas.

As televisões posicionadas a intervalos ao redor do lugar interromperam o evento esportivo que mostravam. Uma série de sons alertou os clientes para o fato de que algo estava acontecendo na tela. O bar gradualmente silenciou até restar algumas poucas conversas esparsas. Um "*Boletim Especial*" iluminou a tela, com um jornalista de cabelos arrumados com gel e expressão austera sobreposto.

Em tom solene, ele disse: — Eu sou Matthew Harrow. Esta noite, traremos até vocês um boletim especial. Como em todas as

redações por todo o país, e aqui em Shreveport, temos um visitante no estúdio.

A câmera se moveu para transmitir a imagem de uma bela mulher. Seu rosto era ligeiramente familiar. Ela deu um prático e pequeno aceno para a câmera. Usava uma espécie de vestido sem forma, escolha estranha para uma aparição na TV.

— Esta é Patricia Crimmins, que se mudou para Shreveport há algumas semanas atrás. Patty—posso chamá-la de Patty?

— Na verdade, é Patricia – disse a morena. Ela era um dos membros do bando que foi absorvido pelo de Alcide, lembrei. Era bonita como uma pintura e, a parte dela que não estava escondida pelo vestido, parecia em boa forma e bronzeada. Ela sorriu para Matthew Harrow. – Eu estou aqui esta noite como a representante de pessoas que viveram entre vocês durante vários anos. Já que os vampiros foram tão bem sucedidos ao se revelarem, nós decidimos que era hora de falarmos a nosso respeito. Contudo, vampiros estão mortos. Nem mesmo são humanos. Mas nós somos pessoas normais assim como vocês, com uma diferença. – Sam aumentou o volume. As pessoas no bar começaram a girar em seus assentos para ver o que estava acontecendo.

O sorriso do jornalista ficou tão rígido quanto um sorriso podia ser, e ele estava visivelmente nervoso. — Que interessante, Patricia! O que—o que vocês são?

— Obrigada por perguntar, Matthew! Eu sou uma lobisomem – Patricia tinha as mãos apertadas ao redor dos joelhos. Suas pernas

estavam cruzadas. Parecia animada o suficiente para vender carros usados. Alcide fizera uma boa escolha. Além disso, se alguém a matasse de imediato, bom... ela era a garota nova.

Agora o Merlotte's estava silencioso enquanto a palavra circulava de mesa em mesa. Bill e Clancy tinham se levantado para ficar perto do balcão. Percebi agora que eles estavam ali para manter a paz, se fosse preciso; Sam devia ter pedido para que eles viessem. Tray começou a desabotoar a camisa. Sam vestia uma camiseta de manga comprida e a tirou pela cabeça.

— Você está dizendo que se transforma num lobo durante a lua cheia? – Matthew Harrow balbuciou, tentando manter o sorriso uniforme e o rosto simplesmente interessado. Ele não se saiu muito bem.

— E em outras ocasiões – Patricia explicou. – Durante a lua cheia, a maioria de nós tem que se transformar, mas se forem criaturas de puro sangue, podemos nos transformar a qualquer hora. Existem vários tipos de criaturas, mas eu me transformo numa loba. Somos a espécie mais numerosa entre os de dupla natureza. Agora vou mostrar como é este processo incrível. Não fiquem assustados. Eu ficarei bem.

Ela tirou os sapatos, mas não o traje. De repente compreendi que ela estava usando aquilo para que não tivesse que se despir diante das câmeras. Patricia ajoelhou-se no chão, sorriu para a câmera uma última vez e começou a se contorcer. O ar ao seu redor estremeceu com a magia e todo mundo no Merlotte's fez um "*Oooooooo*" em uníssono.

Assim que Patricia começou a se transformar na tela da TV, Sam e Tray mudaram também, ali mesmo. Eles usavam roupas de baixo que não se importavam de rasgar em pedaços. Todos no Merlotte's ficaram divididos entre assistir a bela jovem se transformar numa criatura com longas presas brancas e o espetáculo de duas pessoas que eles conheciam fazendo a mesma coisa. Houve exclamações por todo o bar, a maioria delas não era possível repetir na sociedade educada. A acompanhante de Jason, Michele Schubert, de fato se levantou para ver melhor.

Eu estava tão orgulhosa de Sam. Era preciso um bocado de coragem já que ele tinha um negócio que dependia, até certo ponto, de sua simpatia.

Um minuto depois, tudo terminou. Sam, um raro e puro metamorfo, transformou-se em sua forma mais familiar, um collie. Ele veio se sentar na minha frente e deu um ganido feliz. Me inclinei para dar um tapinha em sua cabeça. Ele tirou a língua para fora e sorriu para mim. A manifestação animal de Tray era muito mais dramática. Lobos enormes não eram vistos com frequência no norte da Louisiana rural; vamos admitir, eles são assustadores. As pessoas se remexeram desconfortavelmente e teriam saído correndo do prédio se Amelia não tivesse se agachado junto a Tray e o abraçado pelo pescoço.

— Ele entende o que vocês estão dizendo – ela respondeu encorajadoramente às pessoas nas mesas mais próximas. Amelia tinha um belo sorriso, grande e genuíno. – Ei, Tray, leve um desses porta-copos. – Ela lhe entregou um dos objetos do bar e Tray

Dawson, um dos mais implacáveis lutadores em forma de lobo ou não, trotou até o colo de uma cliente para largar o porta-copos. A mulher piscou, estremeceu e finalmente veio a rir.

Sam lambeu minha mão.

— Oh, meu senhor Jesus – Arlene exclamou em voz alta. Whit Spradlin e seu companheiro estavam de pé. Mas apesar de alguns clientes parecerem nervosos, nenhum deles teve uma reação violenta.

Bill e Clancy observavam com expressões neutras. Eles obviamente estavam prontos para lidar com problemas, mas tudo parecia estar correndo bem durante a Grande Revelação. A noite da Grande Revelação dos vampiros não transcorreu tão bem, porque foi o primeiro de uma série de choques que a sociedade dominante sentiria nos anos seguintes. Gradualmente, os vampiros se tornaram uma parte reconhecida da América, apesar de seus cidadãos ainda possuírem certas limitações.

Sam e Tray perambularam entre os fregueses, permitindo que fossem tratados como animais domésticos comuns. Enquanto faziam isso, o jornalista da televisão ficara visivelmente trêmulo ao encarar o lindo lobo branco no qual Patricia se tornara.

— Vejam, ele está tão assustado que está tremendo! – D'Eriq, o garçom e assistente de cozinha, disse. Ele riu alto. Os frequentadores do Merlotte relaxaram o suficiente para se sentirem superiores. Afinal, manejaram a situação com aprumo.

O novo companheiro de Jason, Mel, disse: — Ninguém precisa ficar com medo de uma dama bonita como aquela, mesmo que ela faça das suas – e o riso e o relaxamento no bar se espalharam.

Eu fiquei aliviada, embora achasse um pouco irônico já que as pessoas poderiam não rir tão rapidamente se Jason e Mel se transformassem; eles eram lobi-panteras, mas Jason não podia mudar completamente.

Mas depois das risadas, senti que tudo ficaria bem. Bill e Clancy, após olharem cuidadosamente ao redor, voltaram para sua mesa.

Whit e Arlene, cercados por cidadãos tomando conhecimento de algo grande no próprio ritmo, pareciam atordoados. Eu podia ouvir a confusão extra de Arlene sobre como reagir. Afinal, Sam vinha sendo nosso chefe há alguns bons anos. A menos que quisesse perder o emprego, ela não poderia dar escândalo. Mas eu também podia ler seu medo e a raiva crescente que se seguiu logo depois. Whit tinha uma única reação, sempre, para qualquer coisa que ele não compreendesse. Ele odiava, e ódio era contagioso. Ele fitou seu companheiro de bebida e ambos trocaram olhares sombrios.

Pensamentos reviravam no cérebro de Arlene como bolas de loteria num globo. Era difícil dizer o que viria à tona primeiro.

— Jesus, matem eles! – disse Arlene, explodindo. A bola do ódio caiu primeiro.

Algumas pessoas disseram: — Ah, Arlene!... – mas todas estavam ouvindo.

— Isto vai contra Deus e a natureza – Arlene disse numa voz alta e zangada. Os cabelos vermelhos tingidos sacudiam com veemência. – Vocês todos querem seus filhos perto desse tipo de coisa?

— Nossos filhos sempre estiveram perto dessas coisas – disse Holly, igualmente em voz alta. – Nós só não sabíamos. E eles não querem nos fazer mal. – Ela ficou em pé também.

— Deus vai nos *castigar* se não os destruirmos – disse Arlene, apontando para Tray dramaticamente. Agora seu rosto estava tão vermelho quanto seu cabelo. Whit fitava-a com aprovação. – Vocês não entendem! Todos nós iremos para o inferno se não tomarmos o mundo de volta deles! Vejam quem eles chamaram para manter nós, humanos, na linha! – Ela apontou o dedo para indicar Bill e Clancy, mas perdeu alguns pontos já que eles tinham voltado para seus lugares.

Eu larguei minha bandeja no balcão e dei um passo a frente, com os punhos cerrados. — Todos nós aqui em Bon Temps estamos aceitando – falei, mantendo minha voz calma e nivelada. – Você parece ser a única que está aborrecida, Arlene.

Ela perscrutou o bar, tentando chamar a atenção de alguns clientes. Ela conhecia cada um deles.

Arlene parecia genuinamente chocada ao perceber que várias pessoas não compartilhavam de sua reação. Sam foi se sentar diante dela. Ele fitou o rosto dela com seus belos olhos caninos.

Eu me aproximei mais um pouco de Whit, por via das dúvidas. Whit estava decidindo o que fazer, considerando pular em Sam. Mas quem se juntaria a ele para bater num collie? Até Whit podia ver o absurdo, e aquilo fez com que odiasse Sam ainda mais.

— Como você pôde? – Arlene gritou para Sam. – Você vem mentindo para mim durante todos esses anos! Achei que fosse humano, não um maldito *sobre*!

—Ele é humano – eu disse. – Ele só tem outra face, é tudo.

—E você – disse ela, cuspindo as palavras. – Você é a mais esquisita, mais inumana de todas.

— Peraí – disse Jason. Ele pulou da cadeira e, após um momento de hesitação, Mel juntou-se a ele. Sua acompanhante pareceu alarmada, embora a amiga de Jason tenha apenas sorrido. – Deixe minha irmã em paz. Ela cuidou de seus filhos, limpou seu trailer e agüentou sua merda durante anos. Que tipo de amiga você é?

Jason não olhou para mim. Eu congelei de espanto. Este era um gesto bem atípico de Jason. Ele teria amadurecido um pouco?

— O tipo que não quer andar com criaturas não-naturais como sua irmã – disse Arlene. Ela arrancou o avental, dizendo: – Eu me

demito desse lugar! – para o collie e lançou-se para o escritório de Sam para pegar a bolsa.

Talvez um quarto das pessoas no bar parecesse alarmada e aborrecida. Metade delas estava fascinada com o drama. Aquilo deixou outro quarto em cima do muro. Sam choramingou como um cachorro triste e enfiou o nariz entre as patas. Após uma explosão de risadas, o desconforto do momento passou. Eu observei Whit e seu companheiro saírem pela porta da frente e relaxei quando se foram.

Só para o caso de Whit estar indo buscar um rifle na caminhonete, eu olhei para Bill, que deslizou pela porta atrás dele. Ele voltou instantes depois, assentindo para mim para indicar que os sujeitos da IdS tinham ido embora.

Assim que a porta dos fundos bateu atrás de Arlene, o resto da noite transcorreu muito bem. Sam e Tray retiraram-se para o escritório de Sam para mudar e vestir roupas. Logo depois Sam voltou para o seu lugar atrás do balcão, como se nada tivesse acontecido, e Tray foi se sentar à mesa com Amelia, que o beijou. Por um tempo, as pessoas ficaram conscientes e houve muitos olhares furtivos; mas após uma hora, a atmosfera do Merlotte's parecia ter voltado ao normal.

Fui atender as mesas de Arlene e me assegurei de ser especialmente gentil com as pessoas ainda indecisas a respeito dos eventos da noite. O pessoal pareceu beber com vontade nessa noite. Talvez elas estivessem desconfiadas da outra natureza de Sam, mas não tinham qualquer problema em lhe dar lucro. Bill

chamou minha atenção e acenou em despedida. Ele e Clancy saíram do bar.

Jason tentou chamar minha atenção uma ou duas vezes e seu colega Mel lançou enormes sorrisos na minha direção. Mel era mais alto e magro do que meu irmão, mas ambos tinham aquele olhar brilhante e ansioso de homens que não pensavam e operavam com seus instintos. A seu favor, Mel parecia não concordar com tudo que Jason dizia, não do modo como Hoyt sempre fazia. Parecia ser um cara legal, pelo menos durante nosso breve conhecimento; que ele fosse um dos poucos lobi-panteras que não viviam em Hotshot também contava a seu favor, e podia ser até por isso que ele e Jason se tornaram amigos. Eles eram como os outros lobi-panteras, mas separados também.

Se eu algum dia voltasse a falar com Jason novamente, teria algumas perguntas para ele. Nessa grande noite para todos os Lobis e metamorfos, por que ele mesmo não aproveitara a chance de brilhar sob os holofotes? Jason orgulhava-se de sua condição alterada como lobi-pantera. Ele foi mordido, não nasceu. Foi assim que ele contraiu o vírus (ou como quiser chamar) ao ser mordido por outro lobi-pantera, ao invés de nascer com a habilidade de se transformar como Mel. A forma transformada de Jason era meio humana, com pelos por todo o corpo, cara felina e garras: assustador de verdade, ele me contou. Mas não era um belo animal e aquilo incomodava meu irmão. Mel era um puro-sangue, e seria lindo e assustador quando se transformasse.

Talvez os lobi-panteras tenham se resguardado porque panteras simplesmente eram assustadoras *demais*. Se algo tão grande e letal quanto uma pantera tivesse aparecido no bar, a reação dos clientes com certeza teria sido um pouco mais histérica. Embora o cérebro dos lobis fosse difícil de ler, pude sentir o desapontamento que os dois lobi-panteras compartilhavam. Tive certeza que a decisão foi de Calvin Norris, como pantera líder. *Boa ideia, Calvin*, pensei.

Depois de ajudar a fechar o bar, eu dei um abraço em Sam quando parei em seu escritório para pegar minha bolsa. Ele parecia cansado, mas feliz.

—Você parece tão bem quanto parece? – perguntei.

— Sim. Minha verdadeira natureza foi revelada agora. É libertador. Minha mãe jurou que contaria ao meu padrasto esta noite. Estou esperando notícias dela.

Nesse instante, o telefone tocou. Sam atendeu, ainda sorrindo. — Mãe? – disse. Então seu rosto mudou, como se uma mão tivesse varrido a expressão anterior. – Don? O que você fez?

Eu afundei na cadeira perto da escrivaninha e esperei. Tray viera dar uma última palavrinha com Sam, e Amelia estava com ele. Ambos permaneceram na porta, ansiosos por ouvir o que havia acontecido.

— Oh, meu Deus – Sam disse. – Irei assim que puder. Vou pegar a estrada esta noite. – Ele desligou o telefone muito

gentilmente. – Don atirou em minha mãe – disse. – Quando ela se transformou, ele a alvejou. – Eu nunca tinha visto Sam tão aborrecido.

—Ela está morta? – perguntei, temendo a resposta.

— Não – ele disse. – Não, mas ela está no hospital com a clavícula estilhaçada e um ferimento a bala no ombro esquerdo. Ele quase a matou. Se ela não tivesse pulado...

—Sinto muito – disse Amelia.

—O que posso fazer para ajudar? – perguntei.

— Mantenha o bar aberto enquanto eu estiver fora – ele disse, afastando o choque. – Ligue para Terry. Ele e Tray podem se revezar atrás do balcão. Tray, você sabe que o pagarei quando voltar. Sookie, o horário das garçonetes está na parede atrás do bar. Procure alguém para cobrir os turnos de Arlene, por favor.

— Claro, Sam – respondi. – Precisa de ajuda para fazer as malas? Posso encher o tanque da caminhonete ou algo assim?

— Não, eu estou bem. Você tem a chave do meu trailer, então pode regar minhas plantas? Acho que não vou demorar muitos dias, mas nunca se sabe.

—É claro, Sam. Não se preocupe. Mantenha-nos informados.

Todos nós saímos para que Sam pudesse ir para o trailer fazer as malas. Ele ficava atrás do bar, então pelo menos poderia arranjar

tudo rapidamente.

Enquanto dirigia para casa, tentei imaginar como o padrasto de Sam pôde fazer tal coisa. Ele ficara tão horrorizado ao descobrir sobre a vida da segunda esposa que enlouquecera? Ela se transformara longe dele e se aproximara para surpreendê-lo? Eu simplesmente não conseguia acreditar que era possível atirar em alguém que se amava, alguém com quem vivia, só porque elas eram algo mais do que imaginavam. Talvez Don tenha visto a segunda natureza dela como uma traição. Ou talvez fosse o fato de ela ter ocultado. Eu meio que conseguia entender sua reação, se olhasse por esse ângulo.

Todas as pessoas tinham segredos e eu estava na posição de conhecer a maioria deles. Ser uma telepata não é divertido. Você ouve o doentio, a tristeza, o desgosto, a mesquinharia... coisas que todos nós queremos manter escondidos de nossas companhias humanas, para que continuem com nossa imagem intacta. Os segredos que eu conhecia pelo menos eram meus.

Aquele na qual estava pensando esta noite era a herança genética incomum que meu irmão e eu compartilhávamos, e que veio de meu pai. Meu pai nunca soube que a mãe dele, Adele, teve um caso secreto que me foi revelado em outubro passado. Os dois filhos de minha avó—meu pai e sua irmã, Linda—não foram o resultado de seu longo casamento com meu avô.

Ambos foram concebidos através de sua relação com um metade-fada, metade-humano, chamado Fintan. De acordo com o pai de Fintan, Niall, a parte fada da herança genética de meu pai foi

responsável pela paixão de minha mãe por ele, uma atração que excluía seus filhos de tudo, exceto as migalhas de sua atenção e afeto. Este legado genético não pareceu mudar nada para a irmã de meu pai, Linda; com certeza não a ajudou a evitar o câncer que encerrou sua vida ou manteve o marido por perto, muito menos apaixonado. Contudo, o neto de Linda, Hunter, era um telepata como eu.

Eu ainda lutava com partes dessa história. Eu acreditava que a história que Niall me contou era verdadeira, mas não conseguia entender o fato do desejo de minha avó por filhos ser tão forte a ponto de ela enganar meu avô. Aquilo simplesmente não se encaixava em seu caráter e eu não conseguia entender por que não li isto no cérebro dela durante todos os anos em que vivemos juntas. Ela deve ter pensado nas circunstâncias da concepção de seus filhos de vez em quando. Não havia como ela ter reprimido aqueles eventos em algum sótão de sua mente.

Mas minha avó estava morta há um ano agora, e eu nunca teria como lhe perguntar a respeito. Seu marido faleceu anos antes. Niall me contou que meu avô biológico, Fintan, estava morto e enterrado também. Remexer nas coisas de minha avó por alguma pista de seus pensamentos, a reação a esse acontecimento tão extraordinário em sua vida, me passou pela cabeça, mas então pensei... *Por que me importar?*

Eu tinha que lidar com as consequências aqui e agora.

O traço de sangue de fada que eu carregava me tornava mais atraente para os *sobres*, pelo menos para alguns vampiros. Nem

todos conseguiam detectar esse pequeno traço em meu gene, mas eles tendiam a ficar um pouco interessados por mim, embora isso tenha ocasionalmente causado resultados negativos. Ou talvez esse negócio de sangue de fada fosse mito e vampiros ficassem interessados em qualquer mulher jovem e atraente que os tratasse com respeito e tolerância.

E quanto à relação entre telepatia e sangue de fada, quem sabe? Não era como se houvesse um monte de gente para quem perguntar ou pudesse verificar na literatura, ou pudesse pedir um teste de laboratório. Talvez o pequeno Hunter e eu tivéssemos desenvolvido a condição por coincidência—é, claro. Talvez a habilidade fosse genética, mas separada dos genes de fada.

E talvez eu só tenha tido sorte.

Capítulo 2

FUI AO MERLOTTE'S PELA MANHÃ bem cedo—para mim, isso quer dizer oito e meia—para verificar a situação do bar, e permaneci para cobrir o lugar de Arlene. Eu teria que trabalhar dobrado. Felizmente, o pessoal do almoço foi escasso. Não sabia se isso era resultado do anúncio de Sam ou simplesmente o curso normal das coisas. Pelo menos, consegui dar alguns telefonemas enquanto Terry Bellefleur (que se ajeita com vários serviços de meio período) cobria o bar. Terry estava de bom humor, ou o que passava por bom humor para ele; ele era um veterano do Vietnã que teve uma guerra muito ruim. Por dentro, era um bom sujeito e sempre nos demos bem. Ele realmente ficou fascinado com a revelação dos Lobisomens; desde a guerra, Terry se dera melhor com animais do que com pessoas.

— Aposto que é por isso que sempre gostei de trabalhar para Sam – disse Terry, e eu sorri para ele.

—Eu gosto de trabalhar para ele também – respondi.

Enquanto Terry continuava servindo cervejas e vigiava Jane Bodehouse, um de nossos alcoólatras, eu comecei a telefonar para encontrar uma garçonete substituta. Amelia me disse que ajudaria um pouco, mas só à noite, porque agora possuía um emprego temporário cobrindo a licença maternidade de uma funcionária na agência de seguros.

Primeiro, telefonei para Charlsie Tooten. Charlsie, apesar de solidária, disse que tinha que cuidar do neto em tempo integral enquanto a filha trabalhava, então estava cansada demais para vir. Chamei outra ex-empregada do Merlotte's, mas ela começara a trabalhar em outro bar. Holly disse que podia fazer jornada dupla uma vez, mas não mais do que isso por causa do filho pequeno. Danielle, a outra garçonete em tempo integral, respondeu o mesmo (no caso de Danielle, ela tinha uma desculpa dupla porque tinha dois filhos).

Então, finalmente, com um enorme suspiro para mostrar ao escritório vazio de Sam como estava desesperada, liguei para uma de minhas pessoas menos favoritas—Tanya Grissom, raposa e ex-sabotadora. Levei um tempo para encontrá-la, mas depois que liguei para algumas pessoas em Hotshot, finalmente consegui alcançá-la na casa de Calvin.

Tanya vinha namorando ele há algum tempo. Eu mesma gostava do homem, mas estremecia ao pensar naquele conjunto de pequenas casas no antigo cruzamento.

—Tanya, como você está? Aqui é Sookie Stackhouse.

—Mesmo. Hmmm. Olá.

Não a culpava por ser cautelosa.

— Uma das garçonetes de Sam se demitiu—lembra-se de Arlene? Ela se assustou com o negócio dos lobisomens e saiu.

Estava imaginando se você poderia cobrir alguns dos turnos dela, só por um tempo.

—Você agora é sócia de Sam?

Ela não ia facilitar as coisas.

— Não, estou apenas cuidando das coisas para ele. Ele teve que atender a uma emergência de família.

—Eu provavelmente estava no fim de sua lista.

Meu breve silêncio falou por si próprio.

— Imagino que possamos trabalhar juntas – falei, porque tinha que dizer algo.

— Eu tenho um trabalho diurno agora, mas posso ajudar algumas noites até vocês encontrarem alguém permanente – disse Tanya. Era difícil interpretar seu tom de voz.

— Obrigada. – Aquilo me dava duas temporárias, Amelia e Tanya, e eu podia pegar os horários que elas não pudessem. Não seria complicado para ninguém. – Você pode vir para o turno da noite amanhã? Se puder vir às cinco, cinco e meia, uma de nós pode ajudá-la a pegar o ritmo de novo, e então você trabalha até o bar fechar.

Houve um curto silêncio.

— Estarei lá – disse Tanya. – Tenho uma calça preta. Você tem uma camiseta que eu possa usar?

—Sim. Média?

—Serve.

Ela desligou.

Bom, eu dificilmente podia esperar encontrá-la feliz por ter notícias minhas ou satisfeita em fazer um favor, já que nunca fomos fãs uma da outra. Na verdade, apesar de acreditar que ela não lembrava, eu a fiz ser enfeitiçada por Amelia e sua conselheira, Octavia. Eu ainda estremecia ao pensar em como alterei a vida de Tanya, mas não achei que tivesse muita escolha ali. Às vezes, você simplesmente tinha que lamentar coisas e seguir adiante.

Sam telefonou quando Terry e eu fechávamos o bar. Eu estava tão cansada. Minha cabeça estava pesada e meus pés doíam.

— Como estão as coisas por aí? – Sam perguntou. Sua voz estava rouca de exaustão.

— Estamos levando – falei, tentando soar animada e despreocupada. – Como está sua mãe?

— Ainda viva – ele disse. – Ela está falando e respirando sozinha. O médico diz que irá se recuperar. Meu padrasto está preso.

—Que droga – respondi, genuinamente aflita por Sam.

— Mamãe diz que devia ter contado antes – ele disse. – Ela só estava com medo.

—Bem... com razão, hein? Com o que acabou acontecendo.

Ele fungou. — Ela acha que se tivesse tido uma longa conversa e deixado vê-la se transformar após ter assistido a TV, então ele estaria bem.

Eu andei tão ocupada com o bar que não tive chance de absorver as notícias da televisão sobre as reações ao redor do mundo àquela segunda Grande Revelação. Como estava indo em Montana, Indiana, Flórida? Imaginei se algum ator famoso de Hollywood admitiu ser um lobisomem. E se Ryan Seacrest fosse peludo nas luas cheias? Ou Jennifer Love Hewitt ou Russell Crowe (que achei mais do que provável)? Aquilo faria uma enorme diferença na aceitação do público.

—Você viu ou falou com seu padrasto?

— Não, ainda não. Não consigo me forçar. Meu irmão foi. Ele disse que Don começou a chorar. Foi ruim.

—Sua irmã está aí?

— Bem, ela está a caminho. Ela teve dificuldade em arranjar uma babá. – Ele soou meio hesitante.

— Ela sabia sobre sua mãe, certo? – Tentei evitar o tom incrédulo em minha voz.

— Não – ele disse. – É bem frequente pais metamorfos não contarem aos filhos que não são afetados. Meus irmãos não sabiam sobre mim também, já que não sabiam a respeito de mamãe.

—Sinto muito – falei, englobando um bocado de coisas.

— Desejava que você estivesse aqui – disse Sam, me pegando de surpresa.

— Desejava poder ajudá-lo mais – respondi. – Se pensar em mais alguma coisa que eu possa fazer, me ligue a qualquer hora.

— Você está mantendo o negócio funcionando. Isso conta bastante – ele disse. – É melhor eu ir dormir um pouco.

—Está bem, Sam. Falo com você amanhã, ok?

— Claro – ele respondeu. Ele soou tão esgotado e triste que era difícil não chorar. Senti alívio por ter colocado meus sentimentos pessoais de lado para telefonar a Tanya, depois daquela conversa. Foi a coisa certa a fazer. A mãe de Sam levar um tiro por ser o que era—bom, isso simplesmente colocou minha antipatia por Tanya Grissom sob outra perspectiva.

Eu desmaiei na cama aquela noite e nem mesmo me mexi.

Tinha certeza que o brilho caloroso gerado pelo telefonema de Sam me animaria para o dia seguinte, mas a manhã começou mal.

Sam, naturalmente, sempre encomendou os suprimentos e manteve o inventário. E também naturalmente esqueceu de me lembrar que havia alguns engradados de cerveja chegando. Recebi um telefonema do motorista, Duff, tive que pular da cama e correr para o Merlotte’s. A caminho da porta, avistei a luz de minha secretária eletrônica piscando, que estive cansada demais para

verificar na noite anterior. Mas eu não tinha tempo para me preocupar com mensagens não recebidas agora. Fiquei simplesmente aliviada por Duff ter pensado em me ligar quando não conseguiu falar com Sam.

Abri a porta dos fundos do Merlotte's, e Duff descarregou os engradados, colocando-os onde deviam ficar. Um tanto nervosa, assinei por Sam.

No momento em que isso foi feito e o caminhão saiu do estacionamento, Sarah Jen, a carteira, veio com a correspondência pessoal de Sam e do bar. Eu aceitei ambos. Sarah Jen estava tagarela. Ela (já) tinha ouvido que a mãe de Sam estava no hospital, mas não senti necessidade de esclarecê-la sobre as circunstâncias. Aquilo era assunto de Sam. Sarah Jen também quis me dizer como não ficou tão espantada por Sam ser um metamorfo, porque sempre achou que havia algo estranho a respeito dele.

— Ele é um sujeito legal – Sarah Jen admitiu. – Não estou dizendo que não é. Só... há algo estranho ali. Não fiquei nem um pouco surpresa.

— Sério? Ele certamente falou coisas boas a seu respeito – respondi amavelmente, olhando para baixo ao lançar a frase. Pude notar o prazer inundando a cabeça de Sarah Jen tão nitidamente como se ela estivesse a desenhando.

— Ele sempre foi muito educado – ela disse, repentinamente vendo Sam como um homem mais sutil. – Bem, é melhor eu ir.

Tenho que terminar a rota. Se falar com Sam, diga-lhe que estou pensando em sua mãe.

Depois que levei a correspondência até a escrivaninha de Sam, Amelia ligou da agência de seguros para dizer que Octavia ligou para perguntar se uma de nós poderia levá-la ao Wal-Mart. Octavia, que perdeu a maioria de suas coisas no Katrina, estava presa em casa sem um carro.

— Você terá que levá-la em sua hora de almoço – falei, tentando não brigar com Amelia. – Estou com o dia cheio hoje. E aí vem mais problema – falei, enquanto um carro parava ao lado do meu no estacionamento dos funcionários. – Aí vem o assistente diurno de Eric, Bobby Burnham.

— Oh, eu ia te contar. Octavia disse que Eric tentou ligar para você em casa duas vezes. Então ela finalmente disse a Bobby onde você se encontrava esta manhã – respondeu Amelia. – Ela achou que devia ser importante. Sorte sua. Okay, eu cuido de Octavia. De algum jeito.

— Ótimo – eu disse, tentando não soar tão brusca quanto parecia. – Falo com você mais tarde.

Bobby Burnham saiu de seu Impala e aproximou-se. Seu chefe, Eric, estava atado a mim num complicado relacionamento baseado não apenas em nossa história passada, mas também no fato de que compartilhamos sangue diversas vezes.

Essa não foi uma decisão ciente de minha parte.

Bobby Burnham era um imbecil. Talvez Eric o tenha conseguido em liquidação?

— Srta. Stackhouse – ele disse, exagerando na cortesia. – Meu mestre pede que você venha ao Fangtasia esta noite para uma reunião com o tenente do novo rei.

Não era a ordem que eu esperava ou o tipo de conversa que antevia com o xerife vampiro da Área Cinco. Dado o fato de que tínhamos algumas questões pessoais para discutir, imaginei que Eric me ligaria quando as coisas tivessem se acalmado com o novo regime, e marcaríamos uma espécie de reunião—ou encontro—para conversar sobre os vários itens em nossa agenda mútua. Não estava contente com essa ordem impessoal vinda de um puxa-saco.

—Você já ouviu falar de telefone? – eu disse.

— Ele lhe deixou mensagens na noite passada. Ele me disse para falar com você hoje, sem falta. Estou apenas seguindo ordens.

— Eric lhe disse para perder seu tempo dirigindo para cá para me pedir que vá ao bar dele esta noite. – Até para os meus ouvidos soava inacreditável.

— Sim. Ele disse, “Encontre-a, entregue a mensagem pessoalmente, e seja educado.” Aqui estou. Sendo educado.

Ele me disse a verdade, e isso simplesmente estava o matando. Isso foi quase suficiente para me fazer sorrir. Bobby realmente não gostava de mim. O motivo mais próximo que podia definir era que Bobby não me achava digna da atenção de Eric. Ele

não gostava da minha atitude menos-do-que-reverente em relação a Eric, e não conseguia entender por que Pam, sua vampira braço-direito, gostava de mim, quando não dava nem um minuto do dia a Bobby. Não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso, mesmo se a antipatia de Bobby me preocupasse... o que não era o caso. Mas Eric me preocupava muito. Eu tinha que conversar com ele, e era melhor acabar logo com aquilo. Eu o vi pela última vez em outubro, e agora era metade de janeiro.

— Terá que ser quando eu sair daqui. Estou temporariamente encarregada – respondi, não soando contente nem afável.

—Que horas? Ele quer você lá às sete. Victor estará lá.

Victor Madden era o representante do novo rei, Felipe de Castro. Foi uma invasão sangrenta, e Eric foi o único xerife do antigo regime a ficar de pé. Permanecer sob as boas graças do novo regime era importante para Eric, obviamente. Eu ainda não tinha certeza de quanto daquilo era problema meu. Mas estava em bons termos com Felipe de Castro devido a um feliz acidente, e queria continuar assim.

— Acho que posso chegar lá às sete – falei, após alguns cálculos internos. Tentei não pensar muito no quanto me agradaria ver Eric. Pelo menos umas dez vezes nas últimas semanas, eu me peguei entrando no carro para ir vê-lo. Mas tive sucesso em resistir aos impulsos, porque sabia que ele estava lutando para manter sua posição diante do novo rei.

—Eu tenho que instruir a garota nova... É, sete horas está bem.

— Ele ficará muito aliviado – disse Bobby, conseguindo dar um sorriso de desdém.

Continue assim, imbecil, pensei. Provavelmente o modo como estava olhando para ele exprimiu o pensamento, porque Bobby disse, — De verdade, ele ficará – no tom mais sincero que conseguiu demonstrar.

—Okay, mensagem recebida – falei. – Tenho que voltar ao trabalho.

—Onde está seu chefe?

—Ele teve um problema de família no Texas.

—Oh, achei que talvez a carrocinha o tivesse capturado.

Muito engraçado. — Adeus, Bobby – falei, dando-lhe as costas e entrando pela porta dos fundos.

— Aqui – ele disse, e eu virei, irritada. – Eric disse que você precisaria disso. – Ele me entregou um pacote embrulhado em veludo negro. Vampiros não davam nada em sacolas do Wal-Mart ou papel de presente Hallmark, ah, não. Veludo negro. O pacote estava preso com um barbante dourado, como aqueles usados para prender cortinas. Só segurá-lo me dava uma sensação ruim.

—E o que seria isso?

—Eu não sei. Não é minha tarefa abrir.

Eu detestava a palavra “tarefa”, com “presenteado” logo em seguida.

—O que devo fazer com isso? – falei.

—Eric disse, “Diga-lhe para me dar esta noite, na frente de Victor”.

Eric não fazia nada sem uma razão.

—Está bem – falei relutantemente. – Considere-me *informada*.

Passei pelo turno seguinte sem problemas. Todos estavam se esforçando para ajudar e isso era agradável. O cozinheiro trabalhou duro o dia todo; aquele talvez fosse o décimo quinto cozinheiro que tivemos desde que eu comecei a trabalhar no Merlotte’s. Tivemos toda variedade de seres humanos que possa imaginar: negros, brancos, homens, mulheres, velhos, novos, mortos (sim, um cozinheiro vampiro), inclinados ao licantropismo (um lobisomem), e provavelmente um ou dois que esqueci completamente. Este cozinheiro, Antoine Lebrun, era bem legal. Ele veio até nós devido ao Katrina. Ele se demorou mais do que os outros refugiados, que voltaram para a Costa do Golfo ou se mudaram.

Antoine tinha uns cinquenta anos, com uma ou duas mechas grisalhas nos cabelos encaracolados. Negociou concessões no Superdome, ele me contou no dia em que foi contratado, e ambos estremecemos. Antoine se deu muito bem com D’Eriq, que se dobrava como seu assistente de cozinha.

Quando fui à cozinha para me certificar de que ele tinha tudo que precisava, Antoine contou que estava realmente orgulhoso de trabalhar para um metamorfo, e D'Eriq quis remoer interminavelmente sua reação às transformações de Sam e Tray. Depois que saiu do trabalho, D'Eriq recebera um telefonema do primo em Monroe, e agora D'Eriq queria nos contar que a esposa do primo era lobisomem.

A reação de D'Eriq foi o que eu esperava ser típica. Duas noites atrás, muitas pessoas descobriram que alguém que conheciam pessoalmente era algum tipo de metamorfo. Esperançosamente, se este nunca mostrou sinais de insanidade ou violência, as pessoas ficariam dispostas a aceitar aquela mudança como um acréscimo não ameaçador ao seu conhecimento do mundo. Era até excitante.

Não tive tempo para verificar as reações ao redor do mundo, mas pelo menos no que dizia respeito ao pessoal local, a revelação parecia estar sendo tranquila. Não tive a sensação de que alguém bombardearia o Merlotte's por causa da natureza dupla de Sam, e achei que a oficina de motos de Tray estava segura.

Tanya chegou vinte minutos mais cedo, o que elevou meu apreço, e lhe dei um sorriso genuíno. Depois que resolvemos as coisas básicas como horários, pagamento e regras da casa de Sam, eu disse: — Você está gostando de ficar lá em Hotshot?

— Sim, estou – ela disse, soando um pouco surpresa. – As famílias em Hotshot realmente se dão muito bem. Se algo vai mal, eles fazem uma reunião e discutem. Aqueles que não gostam da

vida, vão embora, como Mel Hart fez. – Quase todos em Hotshot eram Hart ou Norris.

— Ele tem andado bastante com meu irmão ultimamente – falei, porque estava meio curiosa a respeito do novo amigo de Jason.

— Sim, foi o que eu ouvi. Todos estão felizes por ele ter encontrado alguém com quem andar depois de ficar sozinho por tanto tempo.

—Por que ele não se encaixou por lá? – perguntei diretamente.

Tanya disse: — Eu entendi que Mel não gosta de compartilhar, e você tem que fazer isso se vive numa comunidade pequena como aquela. Ele é bem... “o que é meu é meu.” – Ela deu de ombros. – Pelo menos, é o que dizem.

— Jason é assim também – eu disse. Não conseguia ler a mente de Tanya muito claramente por causa de sua dupla natureza, mas conseguia captar sua disposição e intenção, e compreendi que as outras panteras se preocupavam com Mel Hart.

Eles estavam preocupados com Mel se virando no grande mundo de Bon Temps, eu acho. Hotshot tinha seu próprio pequeno universo.

Eu estava com o coração mais leve no momento em que terminei de instruir Tanya (que definitivamente era experiente) e pendurei meu avental.

Juntei minha bolsa e o pacote de Bobby Burnham, e saí correndo pela porta dos funcionários para dirigir até Shreveport.

Comecei a ouvir o noticiário enquanto dirigia, mas estava cansada da realidade crua. Ao invés disso, ouvi um CD de Mariah Carey e me senti melhor. Eu não canto absolutamente nada, mas adoro acompanhar as letras de uma canção quando estou dirigindo. As tensões do dia começaram a ir embora, substituídas por uma disposição otimista.

Sam voltaria, a mãe dele se recuperaria e o marido dela iria compensar e prometer amá-la para sempre. O mundo diria *ooh* e *aah* para lobisomens e outros metamorfos por um tempo, então todos voltariam ao normal novamente.

Não era sempre uma boa ideia, pensar em coisas assim?

Capítulo 3

QUANTO MAIS PERTO eu chegava do bar vampiro, mais meu pulso acelerava; aquela era a desvantagem do vínculo de sangue que eu tinha com Eric Northman. Sabia que ia vê-lo e estava simplesmente *feliz* com isso. Devia estar preocupada, apreensiva sobre o que ele queria, devia ter feito um milhão de perguntas sobre o pacote embrulhado em veludo, mas apenas dirigia com um sorriso no rosto.

Embora não conseguisse impedir como me sentia, podia controlar minhas ações. Por pura maldade, já que ninguém me disse para entrar pela porta dos funcionários, eu entrei pela porta principal. Era uma noite movimentada no Fangtasia, e havia uma multidão esperando nos bancos do primeiro conjunto de portas. Pam se encontrava na bancada de recepção. Ela me deu um largo sorriso, mostrando um pouco as presas (a plateia ficou encantada).

Eu conhecia Pam há algum tempo agora, e ela era a mais próxima de uma amiga que eu tinha entre os vampiros. Esta noite, a vampira loira usava o obrigatório vestido preto transparente e se cobrira com um longo véu todo preto. As unhas estavam pintadas de escarlate.

— Minha amiga – disse Pam, saindo de trás da bancada para me abraçar. Fiquei surpresa, mas satisfeita, e alegremente retribuí o abraço. Ela borrifara um pouco de perfume para ocultar o leve cheiro seco de vampiro. – Você trouxe? – sussurrou em meu ouvido.

— Oh, o pacote? Está na minha bolsa. – Levantei minha grande bolsa marrom pela alça. Pam me lançou um olhar que não consegui interpretar através do véu. Parecia ser uma expressão composta de irritação e afeto.

—Você nem viu o que tinha dentro?

— Não tive tempo – falei. Não que eu não estivesse curiosa. Simplesmente não tive tempo livre para pensar a respeito. – Sam teve que se ausentar porque a mãe levou um tiro do padrasto, e eu estou cuidando do bar.

Pam me deu um longo olhar de avaliação.

— Vá ao escritório de Eric e lhe entregue o pacote – ela disse. – Deixe embrulhado. Não importa quem estiver lá. E não entregue como se fosse uma ferramenta de jardim que ele deixou largado do lado de fora, tampouco.

Olhei para ela de imediato.

— O que eu estou fazendo, Pam? – perguntei, tarde demais pulando no trem da cautela.

— Você está protegendo a própria pele – disse Pam. – Nunca duvide disso. Agora vá. – Ela me deu um tapinha de siga em frente nas costas e virou-se para responder a pergunta de uma turista sobre com que frequência vampiros precisavam limpar os dentes. – Você gostaria de chegar bem perto e examinar os meus? – Pam perguntou num tom sedutor, e a mulher deu um gritinho encantado de medo. Era por isso que humanos vinham aos bares vampiros, e

clubes de comédia, lavanderias, cassinos vampiros... para flertar com o perigo.

De vez em quando, o flerte se tornava algo sério.

Abri caminho entre as mesas e a pista de dança até os fundos do bar. Felicia, a bartender, pareceu infeliz ao me ver. Ela encontrou algo para fazer que envolvia se esconder de mim. Eu tive uma história infeliz com os bartenders do Fangtasia.

Havia alguns vampiros sentados ao longo da área do bar, espalhados entre os turistas embasbacados, os candidatos a vampiro fantasiados e humanos que tinham negócios com os vampiros. Na lojinha de lembranças, um dos vampiros refugiados de Nova Orleans por causa do Katrina vendia camisetas do Fangtasia para um par de garotas risonhas.

A pequena Thalia, mais pálida do que algodão alvejado e com o perfil de uma moeda antiga, encontrava-se sentada sozinha numa pequena mesa. Thalia de fato era seguida por fãs que lhe devotavam um website, embora ela não se importasse se todos explodissem em chamas. Um militar bêbado da Base da Força Aérea de Barksdale ajoelhou-se diante dela enquanto eu observava, e assim que Thalia pousou os olhos escuros nele, o discurso ensaiado morreu em sua garganta. Ficando ele próprio pálido, o robusto rapaz afastou-se da vampira com metade de seu tamanho e, apesar dos amigos zombarem quando ele voltou para sua mesa, eu sabia que não se aproximaria dela novamente.

Após aquela pequena fatia de vida de bar, fiquei feliz ao bater na porta de Eric. Ouvi sua voz lá dentro, me dizendo para entrar. Entrei e fechei a porta.

— Oi, Eric – falei, e quase fiquei muda com a onda de felicidade que me inundava sempre que o via. Os longos cabelos loiros estavam trançados esta noite, e ele usava seu conjunto favorito de jeans e camiseta. A camiseta dessa noite era verde brilhante, fazendo-o parecer mais branco do que nunca.

Contudo, a onda de prazer não se relacionava necessariamente à beleza de Eric ou ao fato de que colidimos nossas pélvis. O vínculo de sangue era responsável. Talvez. Eu tinha que combater a sensação. Com certeza.

Victor Madden, representante do novo rei, Felipe de Castro, levantou-se e inclinou a cabeça com cabelos escuros encaracolados. Victor, baixo e compacto, sempre era educado e vestia-se bem. Esta noite, ele se mostrava especialmente resplandecente num terno oliva e gravata listrada marrom. Sorri para ele e estava prestes a dizer que estava contente em vê-lo novamente, quando percebi que Eric me fitava com expectativa. Oh, certo.

Tirei meu casaco e peguei o embrulho de veludo em minha bolsa. Larguei a bolsa e o casaco numa cadeira vazia, e me aproximei da mesa de Eric com o pacote estendido nas mãos. Aquilo era o máximo que eu faria, ao invés de cair de joelhos e me arrastar até ele, o que aconteceria só quando o inferno congelasse.

Coloquei o embrulho diante dele, inclinei a cabeça no que esperava ser um comportamento cerimonioso e sentei na outra cadeira de visitas.

— O que nossa amiga descendente de fadas lhe trouxe, Eric? – Victor perguntou no tom alegre que usava na maioria das vezes. Talvez estivesse realmente feliz ou talvez a mãe dele o tenha ensinado (alguns séculos atrás) que se podia pegar mais moscas com mel do que vinagre.

Com certo ar de teatralidade, Eric desamarrou o cordão dourado e silenciosamente desdobrou o veludo. Cintilante como uma joia sobre o tecido escuro, ali estava a adaga cerimonial que vi pela última vez na cidade de Rhodes. Eric a usou quando oficializou o casamento de dois vampiros reis, e usou-a mais tarde para se cortar, quando tomou meu sangue e deu o dele em retribuição: a troca final, aquela que (de meu ponto de vista) causou todo o problema. Agora Eric levou a lâmina brilhante aos lábios e beijou-a.

Depois que Victor reconheceu a faca, o traço de sorriso desapareceu de seu rosto. Ele e Eric fitaram-se fixamente.

—Muito interessante – disse Victor por fim.

Mais uma vez, tive a sensação de estar me afogando quando nem mesmo sabia que estava na piscina. Comecei a falar, mas pude sentir a vontade de Eric me pressionando, me incitando a ficar em silêncio. Em questões vampiras, era inteligente aceitar o conselho de Eric.

— Então vou desconsiderar o pedido do tigre – disse Victor. – Meu mestre estava infeliz sobre o tigre querer ir embora, de qualquer forma. E é claro, informarei meu mestre sobre seu direito prévio. Reconhecemos sua ligação formal com essa aqui.

Pela inclinação da cabeça de Victor em minha direção, eu sabia que era a “essa aqui”. E eu conhecia apenas um tigre metamorfo.

—Sobre o que vocês estão falando? – perguntei abruptamente.

— Quinn solicitou uma reunião particular com você – Victor respondeu. – Mas não pode voltar para esta área agora sem a permissão de Eric. É um dos termos que negociamos quando... quando Eric se tornou nosso novo associado.

Era um belo modo de dizer, *Quando matamos todos os outros vampiros na Louisiana, exceto Eric e seus seguidores. Quando você salvou nosso rei da morte*.

Desejei ter um momento para pensar, longe daquela sala onde os dois vampiros me encaravam.

— Essa nova regra se aplica apenas a Quinn ou todos os metamorfos que querem vir à Louisiana? Como vocês podem mandar nos metamorfos? E quando você colocou essa regra em vigor? – perguntei a Eric, tentando ganhar tempo enquanto me recuperava. Queria que Victor explicasse a última parte de seu discurso também, aquela a respeito da ligação formal, mas decidi enfrentar uma pergunta de cada vez.

— Três semanas atrás – disse Eric, respondendo a última pergunta primeiro. Seu rosto estava calmo, o tom de voz neutro. – E a “nova regra” se aplica somente a metamorfos que estão associados conosco em questões de negócios. – Quinn trabalhava para a E(E)E, que eu suspeitava ser parcialmente possuída por vampiros, já que o trabalho de Quinn não era organizar casamentos e bar mitzvahs com as quais o ramo humano da empresa lidava. O trabalho de Quinn era organizar eventos sobrenaturais. – O tigre foi dispensado por você. Ouvi dos lábios dele. Por que ele devia voltar? – Eric deu de ombros.

Pelo menos ele não tentou suavizar, dizendo, “Achei que ele poderia incomodá-la” ou “Fiz para o seu próprio bem”. Não importa o quanto fossemos ligados—e eu estava de fato lutando contra a tentação de sorrir para ele—senti os pelos atrás do pescoço se eriçarem por Eric manipular minha vida daquele modo.

— Agora que você e Eric estão abertamente prometidos – disse Victor num tom acetinado – certamente não irá querer ver Quinn, e eu lhe direi isso.

— Nós estamos, *o quê*? – Fuzilei Eric com o olhar, e ele me fitou com uma expressão que só posso descrever como suave.

— A faca – disse Victor, soando ainda mais feliz. – É o significado dela. É uma adaga ritualística entregue e usada em importantes cerimônias e sacrifícios. Não é a única do gênero, claro, mas é rara. Agora é usada apenas em rituais de casamento. Não tenho certeza de como Eric conseguiu obtê-la, mas seu

oferecimento para Eric e a aceitação dele só pode significar que você e Eric estão prometidos um para o outro.

— Vamos todos dar um passo para trás e respirar fundo – falei, embora eu fosse a única pessoa respirando na sala. Levantei a mão como se eles estivessem avançando sobre mim e meu gesto de "pare" os detivesse. – Eric? – tentei reunir tudo na voz, mas uma palavra não pode carregar tanta bagagem.

— Isto é para sua proteção, meu coração – ele disse. Estava tentando ser calmo para que um pouco daquela tranquilidade agisse através de nosso vínculo e acalmasse minha agitação.

Mas alguns galões de tranquilidade não me acalmariam.

— Isso é tão despótico – falei num tom sufocado. – É um total descaramento. Como pôde fazer isso sem conversar comigo primeiro? Nós nem sequer nos vemos há meses.

— Eu andei meio ocupado por aqui. Esperava que seu senso de autopreservação fosse mais forte – disse Eric, o que era honesto se não diplomático. – Você duvida que eu não queira o que é melhor para você?

— Eu não duvido que queira o que *você acha* que é melhor para mim – respondi. – E não duvido que isso combine exatamente com o que você acha que é bom para *você*.

Victor riu.

— Ela o conhece bem, Eric – ele disse, e nós olhamos para ele. – Oops – disse, fingindo fechar um zíper sobre a boca.

— Eric, eu vou para casa. Conversaremos a respeito disso em breve, mas não sei quando. Estou cuidando do bar enquanto Sam está fora. Houve problemas com a família dele.

—Mas Clancy disse que o anúncio foi tranquilo em Bon Temps.

—Sim, foi, mas não tão bem na casa da família de Sam, no Texas.

Eric pareceu descontente. — Fiz o possível para ajudar. Mandei pelo menos um membro de meu pessoal para cada local público. Fui ver o próprio Alcide se transformar no Cassino Shamrock.

—Foi tudo bem? – eu perguntei, temporariamente distraída.

— Sim, apenas alguns bêbados agiram. Foram acalmados facilmente. Uma mulher até se ofereceu para Alcide em sua forma lupina.

— Eca – respondi, levantando e agarrando minha bolsa. Ele me distraíra por tempo suficiente.

Eric levantou-se e deu a volta na escrivaninha num movimento tão espantoso quanto impressionante. Subitamente ele estava diante de mim, com os braços ao meu redor, segurando-me contra ele. Esforcei-me para manter as costas retas, para evitar relaxar contra ele. É difícil explicar como o vínculo me fazia sentir. Não importa o quanto estivesse furiosa com Eric, eu ficava feliz quando

estava com ele. Não que o desejasse incontrolavelmente quando estávamos separados; eu simplesmente estava consciente dele. O tempo todo. Imaginei se era igual para ele.

—Amanhã à noite? – ele disse, me soltando.

— Se eu puder vir. Temos muito que conversar. – Dei um aceno rígido a Victor e fui embora. Virei para trás uma vez para ver a faca brilhando contra o veludo negro sobre a mesa de Eric.

Eu sabia como Eric conseguiu a faca. Ele simplesmente a guardou ao invés de devolver a Quinn, que estava encarregado do ritual de casamento entre dois vampiros, uma cerimônia que testemunhei em Rhodes. Eric, que era uma espécie de sacerdote por correspondência, oficializou o serviço e depois, evidentemente, guardou a faca até ter a oportunidade de torná-la útil. Como ele a recuperou dos escombros do hotel, eu não sabia. Talvez tivesse voltado durante a noite, após a explosão diurna. Talvez tivesse mandado Pam. Mas a conseguiu e agora a usou para me tornar sua prometida.

E graças ao meu próprio afeto aturdido... ou ternura... ou paixonite... pelo vampiro Viking, eu fiz exatamente o que ele me pediu sem consultar meu bom senso.

Eu não sabia com quem estava mais zangada—comigo ou Eric.

Capítulo 4

TIVE UMA NOITE INQUIETA. Pensei em Eric e senti a torrente calorosa de alegria, e então pensei mais e quis lhe dar um soco na cara. Pensei em Bill, o primeiro homem com quem saí mais do que uma vez, o primeiro homem com quem fui para a cama; quando lembrava de sua voz fria, seu corpo, a calma contida, e o comparava com Eric, eu não conseguia acreditar que me apaixonei por dois homens tão diferentes, especialmente quando meu tudo-menos-breve episódio com Quinn era acrescentado. Quinn teve sangue quente em todos os aspectos, foi impulsivo, gentil e, no entanto, tão marcado pelo passado que não compartilhou comigo—o que, em minha visão, fez com que nosso relacionamento fosse arruinado. Também saí com Alcide Herveaux, líder de matilha, mas não seguiu adiante.

Todos os Homens de Sookie Stackhouse em Revista.

Você simplesmente não odeia noites assim, quando reflete sobre cada erro que cometeu, cada ferida que recebeu, cada porção de maldade com a qual lidou? Não há lucro, não há razão, e você precisa dormir. Mas esta noite, os homens estavam em minha cabeça e não era de modo agradável.

Quando esgotei a questão de meus problemas com o sexo masculino, comecei a me preocupar com a responsabilidade sobre o bar. Finalmente, consegui três horas de sono após admitir que não tinha como eu arruinar o negócio de Sam em poucos dias.

Sam ligou na manhã seguinte quando eu ainda estava em casa para contar que a mãe estava melhor e definitivamente ia se recuperar. Seu irmão e irmã agora estavam lidando com as revelações familiares de modo bem mais calmo. Don, obviamente, ainda estava na cadeia.

— Se ela continuar progredindo, acho que vou poder voltar dentro de dois dias – ele disse. – Ou até antes. Claro, os médicos ficam dizendo que não conseguem acreditar no quanto ela está se curando rápido. – Ele suspirou. – Pelo menos, agora não precisamos ocultar isso.

—Como sua mãe está lidando com a parte emocional? – perguntei.

— Ela parou de insistir que deviam soltá-lo. E já que teve uma conversa franca com nós três, está admitindo que ela e Don podem ter que se divorciar – respondeu. – Ela não está feliz com a ideia, mas não sei se é possível se reconciliar completamente com alguém que atirou em você.

Apesar de ter atendido ao telefone em minha cama e ainda estar confortavelmente deitada, achei impossível voltar a dormir depois que desligamos. Eu detestava ouvir a dor na voz de Sam. Ele teve aflição suficiente sem eu ter que preocupá-lo com meus problemas, então nem sequer considerei mencionar o incidente com a faca, embora tivesse sido um alívio compartilhar minhas preocupações com Sam.

Às oito em ponto, eu estava de pé e vestida, cedo para mim. Embora estivesse me mexendo e pensando, sentia-me tão amarrotada e enrugada quanto meus lençóis. Desejava que alguém pudesse me arrumar e alisar do modo como se fazia com os lençóis. Amelia estava em casa (verifiquei se o carro dela se encontrava estacionado nos fundos, quando fiz café) e avistei Octavia correndo para o banheiro do corredor, então aquela parecia uma manhã típica, como as manhãs vinham sendo atualmente em minha casa.

O padrão foi rompido por uma batida na porta da frente. Normalmente, eu sou alertada pelo ruído do cascalho na entrada, mas na névoa matinal mais-pesada-que-habitual, eu perdi.

Perscrutei através do olho mágico e vi um homem e uma mulher, ambos usando respeitáveis ternos de negócios. Eles não pareciam Testemunhas de Jeová ou invasores de lares. Alcancei-os mentalmente e não descobri hostilidade ou raiva, apenas curiosidade.

Abri a porta. Sorri brilhantemente.

—Posso ajudá-los? – falei. O ar frio soprou em meus pés descalços.

A mulher, provavelmente no começo dos quarenta, retribuiu o sorriso. Os cabelos castanhos tinham um pouco de grisalho e era cortado num estilo simples na altura do queixo. Ela os repartiu com precisão. As calças eram pretas com um suéter preto por baixo, assim como os sapatos. Ela carregava uma bolsa preta, que não era exatamente uma bolsa, mais como um estojo de laptop.

Ela estendeu a mão para um cumprimento e, quando a toquei, descobri mais. Era difícil ocultar o choque em meu rosto. — Sou do escritório de Nova Orleans do FBI – ela disse, o que é uma bomba e tanto como abertura para uma conversa normal. – Sou a Agente Sara Weiss. Este é o Agente Especial Tom Lattesta, de nosso escritório em Rhodes.

— Vocês estão aqui porque...? – mantive o rosto agradavelmente neutro.

— Podemos entrar? Tom veio direto de Rhodes para conversar com você, e estamos deixando todo seu ar quente escapar.

— Certamente – respondi, embora estivesse longe de estar certa. Tentei captar suas intenções, mas não era fácil. Só podia dizer que eles não estavam ali para me prender ou nada drástico como aquilo.

— É um momento conveniente? – a Agente Weiss perguntou. Ela dera a entender que adoraria voltar mais tarde, embora eu soubesse que não era verdade.

— Essa é uma hora tão boa quanto qualquer outra – falei. Minha avó teria me lançado um olhar agudo por minha rudeza, mas Vovó nunca foi questionada pelo FBI. Aquela não era exatamente uma ocasião social. –

Tenho que sair para trabalhar daqui a pouco – acrescentei, para me dar uma fuga.

— Notícia ruim, sobre a mãe de seu chefe – disse Lattesta. – O grande anúncio correu bem em seu bar? – Pelo sotaque, notei que ele nasceu ao norte da linha Mason-Dixon, e pelo conhecimento do paradeiro de Sam e identidade, ele fez a lição de casa, investigando o lugar onde eu trabalhava.

A sensação enjoativa que começou em meu estômago se intensificou. Por um momento desejei tanto que Eric estivesse ali que senti uma pequena tontura, então olhei pela janela e a luz do sol e senti apenas raiva por meu próprio anseio. *É isso que se ganha*, falei a mim mesma.

— Ter lobisomens por aí torna o mundo mais interessante, não acham? – falei. O sorriso surgiu em meu rosto, aquele que dizia que eu estava realmente tensa. – Eu pego seus casacos. Por favor, sentem-se. – Indiquei o sofá e eles se sentaram. – Posso lhes servir um pouco de café ou chá gelado? – perguntei, agradecendo o treinamento de Vovó para manter as palavras fluindo.

— Oh – disse Weiss. – Chá gelado seria maravilhoso. Sei que está frio lá fora, mas tomo o ano todo. Sou uma mulher sulista, nascida e criada.

E confiando um pouco demais nisso, em minha opinião. Eu não achava que Weiss se tornaria minha melhor amiga, e não planejava trocar quaisquer receitas.

—Você? – olhei para Lattesta.

—Claro, ótimo – ele disse.

—Com ou sem açúcar?

Lattesta achou que seria divertido experimentar o famoso chá doce sulista, e Weiss aceitou doce para ser simpática.

— Deixem-me avisar minhas colegas que temos companhia – falei, chamando das escadas – Amelia! O FBI está aqui!

— Desço num minuto – ela gritou, não parecendo surpresa. Eu sabia que ela estava no topo das escadas, ouvindo cada palavra.

Então Octavia surgiu com suas calças verdes favoritas e uma camisa listrada de manga comprida, parecendo tão digna e doce quanto uma senhora negra idosa de cabelos brancos pode parecer. Ruby Dee não era nada perto de Octavia.

— Olá – ela disse, sorrindo. Embora se parecesse com a avó favorita de todo mundo, Octavia era uma bruxa poderosa que podia lançar feitiços com uma exatidão quase cirúrgica. Ela teve uma vida inteira de prática em ocultar sua habilidade. – Sookie não nos contou que esperava companhia, ou teríamos limpado a casa. – Octavia sorriu mais um pouco. Ela estendeu a mão para indicar a impecável sala de estar. Nunca seria apresentada na Revista *Vida Sulista*, mas era limpa, sem dúvida.

— Parece ótima para mim – disse Weiss respeitosamente. – Desejava que minha casa parecesse tão arrumada. – Ela dizia a verdade. Weiss tinha dois adolescentes, um marido e três cães. Senti um bocado de solidariedade—e talvez um pouco de inveja—pela Agente Weiss.

— Sookie, eu trago o chá para seus convidados enquanto vocês conversam – disse Octavia num tom amável. – Apenas fiquem sentados e esperem a magia.

Os agentes encontravam-se sentados no sofá, olhando ao redor da sala simples com interesse quando ela voltou com guardanapos e dois copos de chá doce, o gelo colidindo de forma agradável. Levantei-me da poltrona oposta ao sofá para colocar os guardanapos diante deles, e Octavia depositou os copos. Lattesta deu um grande gole. Os cantos da boca de Octavia se levantaram só um pouco quando ele fez uma expressão aturdida e então se esforçou para torná-la agradavelmente surpresa.

— O que vocês querem me perguntar? – Hora de falar sério. Dei um sorriso radiante, as mãos apoiadas sobre o colo, pés paralelos e joelhos unidos.

Lattesta trouxera uma maleta e agora a colocou sobre a mesa de centro e abriu. Ele tirou uma fotografia e me entregou. Foi tirada no meio da tarde na cidade de Rhodes alguns meses atrás. A fotografia era suficientemente nítida, embora o ar ao redor das pessoas fosse escurecido pelas nuvens de poeira que subiam da Pirâmide de Gisé destruída.

Mantive os olhos na fotografia, continuei sorrindo, mas não consegui impedir meu coração de afundar até os pés.

Na imagem, Barry o Carregador e eu estávamos juntos de pé nos escombros da Pirâmide, o hotel vampiro que um grupo independente da Irmandade explodiu em outubro passado. Eu era

um pouco mais reconhecível do que minha companhia, porque Barry estava de perfil. Eu estava de frente para a câmera, inconsciente dela, meus olhos no rosto de Barry. Ambos estávamos cobertos de sujeira, sangue, cinzas e poeira.

—É você, Srta. Stackhouse – disse Lattesta.

— Sim, é. – Inútil negar que a mulher na fotografia era eu, mas certamente teria adorado dizer o contrário. Olhar a fotografia me deixou enjoada porque me forçou a lembrar daquele dia muito claramente.

—Então você esteve na Pirâmide na época da explosão?

—Sim, estive.

— Você estava lá a serviço de Sophie-Anne Leclerq, uma empresária vampira. Chamada Rainha da Louisiana.

Comecei a lhe dizer que não havia nada de “chamada”, mas a discrição impediu as palavras.

—Viajei com ela até lá – respondi.

—E Sophie-Anne Leclerq sofreu ferimentos graves na explosão?

—Acho que sim.

—Você não a viu depois da explosão?

—Não.

—Quem é este homem com você na fotografia?

Lattesta não identificou Barry. Tive que manter os ombros rígidos para que não afrouxassem de alívio. Dei de ombros.

— Ele se aproximou de mim depois da explosão – falei. – Estávamos em melhor forma do que a maioria, então ajudamos a procurar por sobreviventes. – Verdade, mas não totalmente. Conheci Barry meses antes de encontrá-lo na conferência da Pirâmide. Ele esteve lá a serviço do Rei do Texas. Imaginei quanto o FBI de fato sabia a respeito da hierarquia vampira.

—Como vocês dois procuraram os sobreviventes? – Lattesta perguntou.

Aquela era uma pergunta bem complicada. Na época, Barry era o único outro telepata que já conheci. Experimentamos segurar as mãos para aumentar nossa “potência” e procuramos por assinaturas cerebrais nas pilhas de escombros. Respirei fundo.

— Sou boa em encontrar coisas – respondi. – Pareceu importante ajudar. Tantas pessoas se feriram gravemente.

— O chefe dos bombeiros no local disse que vocês pareciam ter alguma habilidade psíquica – disse Lattesta. Weiss olhou para seu copo de chá para ocultar a expressão.

— Eu não sou vidente – falei sincera, e Weiss imediatamente se sentiu desapontada. Ela achou que podia estar na presença de uma mentirosa ou maluca, mas esperava que eu admitisse que fosse de verdade.

— O Chefe Trochek afirmou que vocês disseram onde encontrar sobreviventes. Disse que, na verdade, vocês conduziram as equipes de resgate até os vivos.

Amelia desceu as escadas então, parecendo muito respeitável num suéter vermelho brilhante e jeans de marca. Encontrei os olhos dela, esperando que ela visse que estava pedindo ajuda silenciosamente. Não fui capaz de dar as costas para uma situação onde podia realmente salvar vidas. Quando percebi que podia encontrar pessoas—que me aliar a Barry resultaria em salvar vidas—não pude virar as costas para a tarefa, embora estivesse com medo de ser exposta ao mundo como uma aberração.

É difícil explicar o que vejo. Acho que é como olhar através de óculos infravermelhos ou algo assim. Eu vejo o calor do cérebro; posso contar as pessoas vivas num prédio, se tenho tempo. Cérebros vampiros deixam um buraco, um ponto negativo; normalmente posso contá-los também. Pessoas simplesmente mortas não são registradas por mim. Naquele dia em que Barry e eu ficamos de mãos dadas, a união aumentou nossas habilidades. Conseguimos encontrar os vivos, e ouvir os últimos pensamentos dos que morreram. Eu não desejaria isso a ninguém. E não queria experimentar aquilo novamente, nunca.

— Nós só tivemos sorte – falei. Aquilo não convenceria nem um sapo a pular.

Amelia aproximou-se com a mão estendida. — Sou Amelia Broadway – ela disse, como se esperasse que eles soubessem quem era.

Eles sabiam.

— Você é filha de Copley, certo? – perguntou Weiss. – Eu o conheci algumas semanas atrás em conexão com um programa de comunidade.

— Ele está tão envolvido com a cidade – disse Amelia com um sorriso deslumbrante. – Ele tem dedos em dúzias de tortas, eu acho. Papai adora Sook. – Não tão sutil, mas esperançosamente eficaz. *Deixem minha amiga em paz. Meu pai é poderoso*.

Weiss assentiu simpática.

— Como veio parar aqui em Bon Temps, Srta. Broadway? – ela perguntou. – Deve parecer bem tranquilo, depois de Nova Orleans. – *O que uma cadela rica como você está fazendo nesse fim de mundo? A propósito, seu pai não está por perto para interferir*.

— Minha casa foi danificada durante o Katrina – Amelia disse. Parou por ali. Ela não contou que já estava em Bon Temps quando o Katrina aconteceu.

— E você, Sra. Fant? – Lattesta perguntou. – Também é uma refugiada? – Ele de jeito nenhum abandonou o assunto sobre minha habilidade, mas estava disposto a seguir as amenidades sociais.

— Sim – disse Octavia. – Eu estava morando com minha sobrinha sob circunstâncias restritas, e Sookie muito gentilmente me ofereceu um quarto vago.

— Como vocês se conheceram? – Weiss perguntou, como se esperasse ouvir uma história agradável.

—Através de Amelia – falei, sorrindo tão feliz quanto ela.

—E você e Amelia se conheceram...?

— Em Nova Orleans – disse Amelia, firmemente interrompendo aquela linha de questionamento.

— Gostaria de mais um pouco de chá gelado? – Octavia perguntou a Lattesta.

—Não, obrigado – ele disse, quase estremecendo. Foi a vez de Octavia fazer o chá e ela tinha uma mão pesada com o açúcar. – Srta. Stackhouse, você não tem ideia de como contatar este rapaz? – Ele indicou a fotografia.

Eu encolhi os ombros.

— Nós ajudamos a procurar corpos – falei. – Foi um dia terrível. Não lembro que nome ele deu.

— Isso parece estranho – disse Lattesta, e eu pensei, *Ah, merda*. – Já que alguém correspondendo à sua descrição e um rapaz com a descrição dele se hospedaram num motel há alguma distância da explosão naquela noite, e compartilharam um quarto.

— Bem, você não tem que saber o nome de alguém para passar a noite com ela – Amelia respondeu, convincente.

Encolhi os ombros e tentei parecer embaraçada, o que não foi difícil. Preferia que eles me considerassem sexualmente fácil do que decidirem que eu era digna de mais atenção.

— Compartilhamos um evento terrível e estressante. Depois disso, nos sentimos realmente íntimos. Foi como reagimos. – Na verdade, Barry desmaiou de sono quase instantaneamente, e eu o segui logo depois. Sacanagem foi a última coisa que passou por nossas cabeças.

Os dois agentes me encararam desconfiados. Weiss achava que eu estava mentindo com certeza e Lattesta suspeitava. Ele achava que eu conhecia Barry muito bem.

O telefone tocou, e Amelia correu até a cozinha para atender. Ela voltou parecendo verde.

— Sookie, era Antoine no celular. Eles precisam de você no bar – ela disse. E então se virou para os agentes do FBI. – Provavelmente vocês deviam ir com ela.

— Por quê? O que aconteceu? – Ela já estava de pé. Lattesta guardava a fotografia de volta na maleta.

— Um corpo – disse Amelia. – Uma mulher foi crucificada atrás do bar.

Capítulo 5

OS AGENTES ME SEGUIRAM até o Merlotte's. Havia cinco ou seis carros parados transversalmente no local onde terminava o estacionamento dianteiro e começava o estacionamento de trás, eficazmente bloqueando o acesso aos fundos. Mas saltei do carro e abri caminho entre eles, e os agentes do FBI seguiram em meus calcanhares.

Eu mal conseguia acreditar, mas era verdade. Havia uma cruz tradicional içada no estacionamento dos funcionários, apoiada pelas árvores onde o cascalho dava lugar a terra. Um corpo estava pregado. Meus olhos examinaram, perceberam o corpo deformado, os traços de sangue seco, e voltaram para o rosto.

—Ah, não – falei, e meus joelhos se dobraram.

Antoine, o cozinheiro, e D'Eriq, o assistente, subitamente surgiram de ambos os lados, me apoiando. O rosto de D'Eriq estava manchado de lágrimas, e Antoine parecia sombrio, mas o cozinheiro mantinha a cabeça fria. Ele esteve no Iraque e em Nova Orleans durante o Katrina. Ele viu coisas piores.

—Sinto muito, Sookie – ele disse.

Andy Bellefleur estava lá, e o xerife Dearborn. Eles se aproximaram de mim, parecendo grandes e corpulentos em seus casacos acolchoados à prova d'água. Os rostos estavam rígidos de choque reprimido.

— Sinto muito sobre sua cunhada – disse Bud Dearborn, mas eu mal conseguia prestar atenção nas palavras.

— Ela estava grávida – falei. – Ela estava grávida. – Era tudo que eu conseguia pensar. Não estava surpresa por alguém querer matar Crystal, mas fiquei realmente horrorizada a respeito do bebê.

Respirei fundo e consegui olhar novamente. As mãos ensanguentadas de Crystal eram patas de pantera. A parte inferior das pernas tinha se transformado também. O efeito era ainda mais chocante e grotesco do que a crucificação de uma mulher humana normal e, se possível, mais patético.

Pensamentos se aceleraram em minha cabeça sem nenhuma sequência lógica. Pensei em quem precisava saber que Crystal morrera. Calvin, não apenas líder do clã, mas também tio. O marido de Crystal, meu irmão. Por que Crystal foi deixada ali, de todos os lugares? Quem poderia ter feito isso?

— Vocês já ligaram para Jason? – falei através de lábios entorpecidos. Tentei culpar o frio por aquilo, mas sabia que era o choque. – Ele deve estar no trabalho a essa hora do dia.

Bud Dearborn disse: —Nós ligamos.

— Por favor, não o obrigue a olhar para ela – falei. Havia rastros sangrentos descendo pela madeira da cruz até a base no chão. Eu ofeguei e me controlei.

— Soube que ela o traiu e que o rompimento foi bem público. – Bud estava tentando ser desapaixonado, mas o esforço lhe custava.

A fúria estava no fundo de seus olhos.

— Pode perguntar a Dove Beck sobre isso – respondi, imediatamente na defensiva. Alcee Beck era detetive do departamento de polícia de Bon Temps, e o homem com quem Crystal escolhera trair era o primo de Alcee, Dove. – Sim, Crystal e Jason se separaram. Mas ele nunca faria nada ao seu bebê. – Eu sabia que Jason não teria feito algo tão terrível a Crystal, não importa a provocação, mas não esperava que todo mundo acreditasse.

Lattesta aproximou-se de nós, com a Agente Weiss o seguindo de perto. Ela parecia meio pálida ao redor da boca, mas a voz era firme. — Pela condição do corpo, acredito que essa mulher era uma... pantera. – Ela disse a palavra como se fosse difícil para seus lábios pronunciarem.

Eu assenti. — Sim, senhora, ela era. – Eu ainda lutava para controlar meu estômago.

— Então esse pode ter sido um crime de ódio – disse Lattesta. Seu rosto encontrava-se rígido e os pensamentos ordenados. Ele estava compondo a lista mental de telefonemas que devia fazer, e tentando descobrir se havia algum modo de se encarregar do caso. Se o assassinato fosse um crime de ódio, havia uma boa chance de estar na investigação.

— E quem são vocês? – Bud Dearborn perguntou. Ele tinha as mãos no cinto e olhava para Weiss e Lattesta como se eles fossem agentes funerários de plantão.

Enquanto os agentes da lei se apresentavam e diziam coisas profundas sobre a cena do crime, Antoine disse: — Sinto muito, Sookie. Tivemos que chamá-los. Mas ligamos para sua casa logo depois.

— É claro que você tinha que chamá-los – falei. – Só queria que Sam estivesse aqui. – Oh, céus. Tirei meu celular do bolso e apertei o número dele na discagem rápida. – Sam – eu disse, quando ele atendeu. – Você pode falar?

—Sim – ele disse, soando apreensivo. Ele já podia perceber que algo estava errado.

—Onde você está?

—No meu carro.

—Eu tenho más notícias.

—O que aconteceu? O bar foi incendiado?

— Não, mas Crystal foi assassinada no estacionamento. Nos fundos ao lado de seu trailer.

—Ah, merda. Onde está Jason?

—Está a caminho, foi o que pude descobrir.

—Sinto muito, Sookie. – Ele parecia exausto. – Isso vai ser ruim.

— O FBI está aqui. Estão achando que pode ser um crime de ódio. – Suprimi a explicação do por que eles estavam em Bon Temps.

— Bem, muitas pessoas não gostavam de Crystal – Sam disse cautelosamente, a voz surpresa.

—Ela foi crucificada.

— Maldição dos *infernos*. – Uma longa pausa. – Sook, se minha mãe ainda estiver estável e nada acontecer legalmente com meu padrasto, eu vou voltar hoje mesmo ou de manhã bem cedo.

— Bom. – Eu não conseguia reunir alívio suficiente numa única palavra. E era inútil fingir que tinha tudo sob controle.

— Sinto muito, *cher* – ele disse novamente. – Sinto muito por você ter que lidar com isso, por Jason virar suspeito, sobre a coisa toda. Sinto muito por Crystal também.

— Ficarei contente em vê-lo – respondi, e minha voz estava trêmula com o início das lágrimas.

—Estarei aí. – E ele desligou.

Lattesta disse: — Srta. Stackhouse, estes homens são outros funcionários do bar?

Apresentei Antoine e D'Eriq a Lattesta. A expressão de Antoine não mudou, mas D'Eriq ficou completamente impressionado por conhecer um agente do FBI.

— Ambos conheciam essa Crystal Norris, certo? – Lattesta disse suavemente.

Antoine disse: —Só de vista. Ela vinha ao bar às vezes.

D'Eriq assentiu.

— Crystal Norris Stackhouse – eu disse. – Ela é minha cunhada. O xerife chamou meu irmão. Mas vocês precisam avisar o tio dela, Calvin Norris. Ele trabalha na Norcross.

—Ele é o parente mais próximo? Além do marido?

— Ela tem uma irmã. Mas Calvin é o líder da... – eu parei, incerta se Calvin tinha aprovado a Grande Revelação. – Ele a criou – falei. Perto suficiente.

Lattesta e Weiss se uniram a Bud Dearborn. Eles se encontravam envolvidos na conversa, provavelmente sobre Calvin e a pequena comunidade no cruzamento desolado. Hotshot era um grupo de pequenas casas contendo um bocado de segredos. Crystal quis fugir de Hotshot, mas também se sentia muito segura lá.

Meus olhos voltaram para a figura torturada na cruz. Crystal estava vestida, mas as roupas se rasgaram quando os braços e pernas se transformaram em membros de pantera, e havia sangue por todo lado. As mãos e pés, perfurados com pregos, estavam ensanguentados. Cordas a prendiam ao tronco da cruz, impedindo o corpo de se soltar dos pregos.

Eu vi muitas coisas terríveis, mas aquilo talvez fosse o mais patético. — Pobre Crystal – falei, descobrindo lágrimas rolando de minhas bochechas.

— Você não gostava dela – disse Andy Bellefleur. Imaginei há quanto tempo ele estava ali, vendo a ruína do que foi certa vez uma mulher viva, saudável e respirando.

O rosto de Andy tinha uma leve barba por fazer e o nariz estava vermelho. Andy estava resfriado. Ele espirrou e pediu licença para usar um lenço.

D'Eriq e Antoine conversavam com Alcee Beck. Alcee era o outro detetive da polícia de Bon Temps, e aquilo não tornava a investigação muito promissora. Ele não estava tão pesaroso pela morte de Crystal.

Andy me encarou novamente depois de guardar o lenço no bolso. Olhei para seu rosto largo e cansado. Eu sabia que ele faria seu melhor para descobrir quem fez aquilo. Eu confiava em Andy. De compleição robusta, alguns anos mais velho, ele nunca foi um sujeito do tipo sorridente. Ele era sério e desconfiado. Não sabia se escolhera a ocupação porque combinava com ele, ou se sua personalidade mudou por causa do trabalho.

—Ouvi dizer que ela e Jason se separaram – ele disse.

— Sim. Ela o traiu. – Aquilo era de conhecimento geral. Eu não fingiria outra coisa.

—Apesar da gravidez e tudo mais? – Andy sacudiu a cabeça.

—Sim. – Abri minhas mãos. Ela era daquele jeito.

—É doentio – disse Andy.

— Sim, é. Trair com o filho do marido na barriga entre vocês... isso é especialmente nojento. – Era um pensamento que eu tinha, mas nunca expressei.

— Então quem era o outro homem? – Andy perguntou casualmente. – Ou homens?

—Você é o único sujeito em Bon Temps que não sabe que ela estava transando com Dove Beck – falei.

Dessa vez, ele registrou. Andy olhou para Alcee Beck e de volta para mim. — Eu sei agora – disse. – Quem a odiava tanto assim, Sookie?

— Se está pensando em Jason, pode pensar de novo. Ele nunca faria isso com o filho.

— Se ela agia tão livremente, talvez não fosse filho dele – disse Andy. – Talvez ele tenha descoberto.

— Era dele – falei com uma firmeza que não sentia com certeza. – Mas mesmo que não fosse, se algum teste de sangue dissesse que não era, ele não mataria o bebê de alguém. De qualquer forma, eles não estavam vivendo juntos. Ela voltou para a casa da irmã. Por que ele se daria ao trabalho?

—Por que o FBI estava em sua casa?

Okay, então aquele interrogatório iria numa direção.

— Algumas perguntas sobre a explosão em Rhodes – falei. – Descobri sobre Crystal quando eles estavam lá. Eles vieram comigo por curiosidade profissional, eu acho. Lattesta, o homem, acha que isso pode ser um crime de ódio.

— É uma ideia interessante – ele disse. – Sem dúvida, é um crime de ódio, mas se é do tipo que eles deviam investigar, eu ainda não sei. – Ele se afastou para conversar com Weiss. Lattesta olhava para o corpo, sacudindo a cabeça, como se estivesse notando um nível de consternação que achou que nunca alcançaria.

Eu não sabia o que fazer comigo. Eu fui encarregada do bar, e a cena do crime se encontrava nos limites da propriedade, então estava determinada a ficar.

Alcee Beck exclamou: — Todas as pessoas na cena que não são oficiais de polícia, deixem a área! Todos os policiais que não são essenciais à cena do crime, sigam para o estacionamento da frente! – Seu olhar pousou em mim, e apontou um dedo para frente. Então fui me encostar contra meu carro. Embora estivesse bem frio, para nossa sorte o dia estava brilhante e o vento não soprava. Puxei o colarinho de meu casaco ao redor das orelhas e entrei no carro para pegar minhas luvas pretas. Vesti e esperei.

O tempo passou. Observei vários policiais virem e irem. Quando Holly apareceu para seu turno de trabalho, eu expliquei o que aconteceu e a mandei para casa, dizendo que ligaria quando tivesse permissão para reabrir. Não conseguia pensar em qualquer

outro curso de ação. Antoine e D'Eriq já tinham ido embora faz tempo, depois que anotei os números de seus celulares no meu.

A caminhonete de Jason freou ao lado do meu carro, e ele saltou diante de mim. Não conversávamos há semanas, mas aquela não era hora de falar a respeito de nossas diferenças.

—É verdade? – perguntou meu irmão.

—Sinto muito. É verdade.

—O bebê também?

—Sim.

— Alcee veio ao meu local de trabalho – ele disse, entorpecido. – Ele veio perguntando há quanto tempo eu não a via. Não falo com ela há quatro ou cinco semanas, exceto para mandar algum dinheiro para as visitas ao médico e suas vitaminas. Eu a vi uma vez no Dairy Queen.

—Com quem ela estava?

— A irmã. – Ele respirou fundo, estremecendo. – Você acha... foi ruim?

Não havia razão para esconder. —Sim – falei.

— Então sinto muito por ela ter ido assim – respondeu. Ele não estava acostumado a expressar emoções complexas, parecia algo embaraçoso nele, esta combinação de dor, remorso e perda. Parecia ter cinco anos de idade. – Fiquei tão magoado e zangado

com ela, mas não quis que ela sofresse e ficasse com medo. Deus sabe que nós provavelmente não teríamos sido bons pais, mas não tivemos chance de tentar.

Concordei com cada parte do que ele disse.

—Você tinha companhia na noite passada? – eu disse, por fim.

— Sim, levei Michele Schubert para casa do Bayou – ele disse. Bayou era um bar em Clarice, a alguns quilômetros de distância.

—Ela ficou a noite toda?

—Fiz ovos mexidos para ela esta manhã.

— Bom. – Dessa vez a promiscuidade de meu irmão valeu a pena—Michele era uma mulher divorciada, sem filhos e franca até os ossos. Se alguém estaria disposta a contar a polícia exatamente onde esteve e o que fez, Michele era a mulher. Comentei a respeito.

—A polícia já falou com ela – Jason me contou.

—Isso foi rápido.

—Bud estava no Bayou ontem à noite.

Então o xerife teria visto Jason ir embora e notado com quem ele saiu. Mas não manteve o emprego de xerife por tanto tempo sem ser astuto.

— Bem, isso é bom – respondi, e não consegui pensar em mais nada para dizer.

— Você acha que talvez ela tenha sido morta porque era uma pantera? – Jason perguntou hesitantemente.

— Talvez. Ela estava parcialmente transformada quando foi assassinada.

— Pobre Crystal – ele disse. – Ela teria detestado que todos a vissem dessa forma. – E para meu espanto, lágrimas escorreram por seu rosto.

Eu não tinha a menor ideia de como reagir. Tudo que podia fazer era tirar um Kleenex da caixa em meu carro e enfiá-lo em sua mão. Eu não via Jason chorar a anos. Ele chorou quando Vovó morreu? Talvez ele tenha realmente amado Crystal. Talvez não tenha sido apenas orgulho ferido a fazê-lo tramar a exposição dela como adúltera. Ele arranjara para que eu e o tio dela Calvin a pegássemos em flagrante. Senti-me tão aborrecida e furiosa por ser forçada a testemunhar—e com as consequências—que evitei Jason durante semanas. A morte de Crystal colocou aquela raiva de lado, pelo menos por enquanto.

—Ela está acima disso agora – falei.

A velha caminhonete de Calvin estacionou do outro lado de meu carro. Mais rápido do que meus olhos podiam perceber, ele parou na minha frente, enquanto Tanya Grissom saía pelo outro lado. Um estranho perceberia os olhos de Calvin. Normalmente de uma peculiar cor amarelada, aqueles olhos agora eram quase dourados, e as íris estavam tão largas que quase não havia a parte branca visível. As pupilas estavam alongadas. Ele nem mesmo

usava uma jaqueta fina. Senti frio em mais do que um sentido ao olhar para ele.

Levantei as mãos. — Eu sinto tanto, Calvin – falei. – Precisa saber que Jason *não fez* isso. – levantei a cabeça um pouco, para encontrar os olhos estranhos. Calvin era um pouco mais grisalho agora do que quando o conheci vários anos atrás, e um pouco mais cheio. Ele ainda parecia sólido, confiante e durão.

— Preciso cheirá-la – ele disse, ignorando minhas palavras. – Eles têm que me deixar ir até lá para cheirá-la. Vou saber.

— Venha então; vamos dizer isso – falei, porque aquilo não apenas era uma boa ideia, mas eu também queria mantê-lo afastado de Jason. Pelo menos, Jason era esperto suficiente para ficar distante de meu carro. Peguei o braço de Calvin e começamos a contornar o prédio, apenas para sermos detidos pela fita de cena do crime.

Bud Dearborn moveu-se do outro lado da fita quando nos viu. — Calvin, sei que está perturbado, e realmente sinto muito a respeito de sua sobrinha – ele começou e, com um relampejar da garra, Calvin cortou a fita e começou a passar por cima.

Antes que tivesse dado três passos, os dois agentes do FBI moveram-se para interceptá-lo. De repente eles se viram no chão. Houve um bocado de gritos e tumulto, então Calvin foi segurado por Bud, Andy e Alcee, com Lattesta e Weiss tentando ajudar de suas posições indignas.

— Calvin – Bud Dearborn ofegou. Bud não era jovem, e era óbvio que conter Calvin exigia cada porção de força que possuía. – Você tem que ficar afastado, Calvin. Qualquer evidência que coletarmos será contaminada se você não ficar afastado do corpo.

Fiquei espantada com a moderação de Bud. Eu teria esperado que ele acertasse a cabeça de Calvin com seu cassetete ou a lanterna. Ao invés disso, ele parecia tão solidário quanto um homem tenso e esgotado podia ser. Pela primeira vez, compreendi que eu não era a única que conhecia o segredo da comunidade de Hotshot. A mão enrugada de Bud tocou o braço de Calvin num gesto de consolo. Bud tomou cuidado para evitar as garras de Calvin. O Agente Especial Lattesta as notou e respirou fundo ruidosamente, fazendo um som incoerente de alerta.

— Bud – Calvin disse, e a voz surgiu como um rosnado – se você não pode me deixar ir agora, tenho que cheirá-la quando a tirarem de lá. Estou tentando captar o cheiro daqueles que fizeram isso.

— Verei se pode fazer isso – disse Bud firmemente. – Agora mesmo, colega, temos que tirar você daqui porque eles tem que pegar todas as evidências, evidências que servirão para o tribunal. Você tem que se manter afastado dela. Okay?

Bud nunca se importou comigo, nem eu com ele, mas naquele momento eu certamente pensei bem dele.

Após um longo instante, Calvin assentiu. Um pouco da tensão diminuiu em seus ombros. Todos que o prendiam afrouxaram o

aperto.

Bud disse: — Fiquem lá na frente; nós chamaremos. Você tem minha palavra.

— Está bem – disse Calvin. Os agentes da lei o soltaram. Calvin me deixou envolvê-lo com um braço. Juntos, nos viramos para voltar ao estacionamento da frente. Tanya esperava por ele, tensão em cada linha do corpo. Ela tinha as mesmas expectativas que as minhas; que Calvin conseguisse uma boa pista.

—Jason não fez isso – falei novamente.

— Eu não ligo para o seu irmão – ele disse, voltando os estranhos olhos para mim. – Ele não importa para mim. Não acho que ele a tenha matado.

Era claro que ele achava que minha ansiedade por Jason estivesse bloqueando minha preocupação quanto ao verdadeiro problema, a morte de sua sobrinha. Era claro que não apreciava aquilo. Tinha que respeitar seus sentimentos, então fechei a boca.

Tanya pegou suas mãos, com garras e tudo. — Eles vão deixá-lo ir até lá? – ela perguntou. Seus olhos nunca deixaram o rosto de Calvin. Era como se eu nem estivesse ali.

—Quando descerem o corpo – ele disse.

Seria ótimo se Calvin pudesse identificar o culpado. Graças a Deus os metamorfos se revelaram. Mas... pode ter sido a razão da morte de Crystal.

—Você acha que será possível captar o cheiro? – disse Tanya. A voz era baixa, atenta. Ela estava mais séria do que jamais vi em nosso breve conhecimento. Ela colocou os braços ao redor de Calvin e, apesar de não ser um homem alto, ela alcançava só até seu peito. Ela o fitou.

— Terei certo número de cheiros depois de todos esses sujeitos tocarem nela. Só posso tentar combiná-los. Desejava poder ter chegado primeiro. – Ele abraçou Tanya como se precisasse se apoiar em alguém.

Jason se encontrava a um metro de distância, esperando que Calvin o notasse. Tinha as costas eretas e o rosto congelado. Houve um terrível momento de silêncio quando Calvin olhou por sobre o ombro de Tanya e notou a presença de Jason.

Não sei como Tanya reagiu, mas cada músculo em meu corpo se esticou de tensão. Lentamente, Calvin estendeu a mão para Jason. Embora fosse uma mão humana de novo, obviamente estava maltratada. A pele foi recentemente ferida e um dos dedos estava ligeiramente torto.

Eu fiz aquilo. Apoiei Jason em seu casamento, e Calvin apoiou Crystal. Depois que Jason nos fez testemunhar a infidelidade de Crystal, tivemos que substituí-los quando o castigo foi pronunciado: a mutilação de uma mão ou pata. Eu tive que bater na mão de meu amigo com um tijolo. E não sentia mais o mesmo por Jason desde então.

Jason inclinou-se e lambeu as costas da mão, enfatizando sua submissão. Ele fez isso de modo desajeitado, porque ainda era novato naquele ritual. Prendi a respiração.

Os olhos de Jason se levantaram para manter o foco no rosto de Calvin. Quando Calvin assentiu, todos nós relaxamos. Ele aceitara a obediência de Jason.

— Você estará na matança – disse Calvin, como se Jason tivesse lhe perguntado algo.

— Obrigado – disse Jason, e então se afastou. Ele parou ao se afastar alguns metros. – Eu quero enterrá-la – disse.

—Todos nós o faremos – Calvin disse. – Quando a tivermos de volta. – Não havia uma partícula de concessão em sua voz.

Jason vacilou por um instante e então concordou.

Calvin e Tanya voltaram para a caminhonete. Entraram. Claramente eles planejavam esperar ali até que o corpo fosse descido da cruz. Jason disse: — Vou para casa. Não posso ficar aqui. – Ele parecia quase atordoado.

—Está bem – respondi.

—Você... você planeja ficar aqui?

—Sim, estou encarregada do bar enquanto Sam está fora.

—Ele tem um bocado de confiança em você – disse Jason.

Eu assenti. Devia me sentir honrada. Estava honrada.

— É verdade que o padrasto atirou na mãe dele? Foi o que eu ouvi no Bayou ontem à noite.

— Sim – falei. – Ele não sabia que a mãe de Sam era, sabe, um metamorfo.

Jason sacudiu a cabeça. — Esse negócio de revelação – disse. – Não sei se foi uma boa ideia afinal. A mãe de Sam levou um tiro. Crystal está morta. Alguém que sabia o que ela era a colocou lá, Sookie. Talvez eles venham atrás de mim em seguida. Ou Calvin. Ou Tray Dawson. Ou Alcide. Talvez tentem matar todos nós.

Comecei a dizer que isso não podia acontecer, que as pessoas que eu conhecia não se virariam contra amigos e vizinhos por causa de um acidente de nascimento. Mas no fim, eu não disse, porque me perguntei se era verdade. — Talvez matem – respondi, sentindo um arrepio gelado percorrer minhas costas. Respirei fundo. – Mas já que eles não foram atrás dos vampiros—na maioria dos casos—acho que serão capazes de aceitar metamorfos de todos os tipos. Pelo menos, eu espero que sim.

Mel, vestindo as calças e camisa esporte que usava diariamente no ferro-velho, saiu do carro dele e se aproximou. Notei que ele tomou cuidado em não olhar para Calvin, embora Jason ainda estivesse parado ao lado da caminhonete da pantera. — Então é verdade – disse Mel.

Jason disse: — Ela está morta, Mel.

Mel deu um tapinha no ombro de Jason da forma desajeitada que os homens fazem quando tem que confortar outros homens. — Venha, Jason. Você não precisa ficar por aqui. Vamos para sua casa. Vamos beber algo, companheiro.

Jason concordou, parecendo aturdido. — Está bem, vamos.

Depois que Jason foi embora para casa com Mel seguindo logo atrás, eu subi em meu próprio carro e peguei os jornais dos últimos dias no banco de trás. Eu os pegava frequentemente na entrada quando vinha para o trabalho, jogava-os lá atrás e tentava ler pelo menos a página principal dentro de um limite de tempo razoável. Com Sam fora e eu ocupada com o bar, não tive nem um vislumbre de notícias desde que os lobisomens foram a público.

Arrumei os jornais em ordem e comecei a ler.

A reação pública oscilou entre pânico e calma. Muitas pessoas afirmaram suspeitar que o mundo contivesse mais do que humanos e vampiros. Os próprios vampiros aprovaram cem por cento a irmandade peluda, pelo menos em público. Em minha experiência, os dois principais grupos sobrenaturais possuíam uma relação bem conturbada. Os metamorfos e Lobisomens zombavam dos vampiros, e os vampiros retribuíam. Mas parecia que os sobrenaturais concordavam em apresentar uma fronte unida, pelo menos por enquanto.

As reações do governo variaram enormemente. Acho que a política dos Estados Unidos era formada por lobisomens posicionados dentro do sistema, porque foi dominantemente

favorável. Havia uma enorme tendência a aceitar os lobisomens como se fossem completamente humanos, manter seus direitos como Americanos, exatamente em igualdade de condições com seu status prévio, quando ninguém sabia que possuíam dupla natureza.

Os vampiros não ficariam muito contentes com isso porque eles ainda não obtiveram direitos e privilégios totais perante a lei. Casamento legal e herança de propriedade ainda eram proibidos em alguns estados, e vampiros eram impedidos de possuir certos negócios. O *lobby* de cassinos humanos foi bem-sucedido ao banir os vampiros da propriedade direta de estabelecimentos de jogo, o que eu ainda não conseguia entender, e embora vampiros pudessem ser policiais e bombeiros, vampiros médicos não eram aceitos em qualquer campo que incluísse tratamento de pacientes com feridas abertas.

Vampiros eram proibidos em competições esportivas também. Isso eu podia entender; eles eram bem fortes. Mas já existia um bocado de atletas cujos ancestrais incluíam metamorfos puros-sangues e mestiços, porque esportes eram uma inclinação natural para eles. As fileiras militares também estavam cheias de homens e mulheres cujos avós uivaram sob a lua cheia. Havia até mesmo alguns Lobisomens puros-sangues no serviço militar, embora fosse um emprego muito difícil para pessoas que tinham que procurar um local particular para ficar durante três noites por mês.

As páginas de esportes estavam cheias de fotografias de alguns metamorfos puros-sangues e mestiços que se tornaram famosos. Um *running-back* do New England Patriots, um *fielder* do

Cardinals, um corredor de maratona... todos eles confessaram ser metamorfos de uma ou outra espécie. Um nadador campeão olímpico acabara de descobrir que seu pai era uma foca, e a tenista feminina número um do ranking na Grã-Bretanha fora dizer ao vivo que a mãe era um leopardo. O mundo dos esportes não se via em tal tumulto desde o último escândalo de drogas. A herança desses atletas lhes deu uma vantagem injusta sobre outros atletas? Seus troféus deviam ser tirados? Os recordes deviam continuar valendo? Outro dia, eu poderia apreciar debater isso com alguém, mas agora simplesmente não ligava.

Comecei a ter uma imagem geral. A revelação dos metamorfos foi bem diferente do anúncio dos vampiros. Os vampiros estiveram completamente à margem da vida humana, exceto em lendas e mitos. Eles viveram separados. Já que podiam sobreviver com o sangue sintético japonês, eles se apresentaram como absolutamente não ameaçadores. Mas metamorfos viveram entre nós o tempo todo, integrados em nossa sociedade, porém mantendo suas vidas secretas e alianças. Às vezes mesmo os filhos (aqueles que não eram primogênitos e, portanto, não metamorfos) não sabiam o que os pais eram, especialmente se não fossem lobos.

“Me senti traída”, uma mulher afirmou. “Meu avô se transforma num lince todo mês. Ele corre por aí e mata coisas. Minha esteticista, que frequento há quinze anos, é um coiote. Eu não sabia! Sinto que fui enganada de um modo horroroso.”

Algumas pessoas acharam fascinante. “Nosso diretor é um lobisomem”, disse um garoto em Springfield, Missouri. “Isso não é

legal?”

O fato concreto da existência de metamorfos assustou algumas pessoas. “Estou com medo de atirar em meu vizinho por acidente se o vir andando na estrada”, disse um fazendeiro no Kansas. “E se ele perseguir minhas galinhas?”

Várias igrejas discutiam exaustivamente suas políticas a respeito dos lobisomens. “Não sabemos o que pensar,” um oficial do Vaticano confessou. “Eles estão vivos, estão entre nós, devem possuir almas. Até alguns sacerdotes são metamorfos.” Os fundamentalistas se encontravam igualmente contraditórios. “Nós estávamos preocupados com Adam e Steve”, disse um ministro batista. “Devíamos ter nos preocupado mais com Rover e Fluffy?”

Enquanto minha cabeça esteve enterrada na areia, todo o inferno havia irrompido.

De repente foi mais fácil ver como minha cunhada pantera terminou numa cruz no bar administrado por um metamorfo.

Capítulo 6

NO MOMENTO EM QUE OS PREGOS foram tirados de suas mãos e pés, o corpo de Crystal reverteu completamente à sua condição humana. Observei atrás da fita de cena do crime. Esse processo chamou a atenção horrorizada de todos no local. Até Alcee Beck recuou.

Eu já estava esperando há horas; li todos os jornais duas vezes, encontrei um livro no compartimento do porta-luvas, li um terço dele e tive uma conversa frouxa com Tanya sobre a mãe de Sam. Depois de remoermos as notícias, ela falou principalmente sobre Calvin. Fiquei sabendo que ela se mudou para a casa dele. Ela possuía um emprego de meio-período no escritório principal da Norcross, fazendo serviços gerais. Ela adorava o horário regular. — E não tenho que ficar de pé o dia todo – disse.

— Parece bom – falei educadamente, embora eu detestasse esse tipo de emprego. Trabalhar com as mesmas pessoas todos os dias? Eu ficaria as conhecendo bem demais. Não seria capaz de permanecer longe de seus pensamentos, e alcançaria o ponto de querer me afastar, porque saberia demais a respeito deles. No bar, sempre havia gente diferente entrando para me manter distraída.

—Como a Grande Revelação foi para você? – perguntei.

— Contei na Norcross no dia seguinte – ela disse. – Quando eles descobriram que eu era uma raposa, eles acharam engraçado.

– Ela pareceu aborrecida. – Por que os animais grandes conseguem toda a atenção? Calvin ganhou um respeito enorme de sua equipe na fábrica. Eu recebo piadinhas sobre rabos peludos.

—Não é justo – concordei, tentando não sorrir.

— Calvin está completamente arrasado a respeito de Crystal – Tanya disse abruptamente. – Ela era sua sobrinha favorita. Ele se sentiu terrivelmente mal quando se descobriu que ela era uma metamorfa fraca. E sobre os bebês. – Crystal, o produto de muita endogamia, levava uma eternidade para se transformar em sua forma de pantera e tinha bastante dificuldade em reverter o processo quando queria se tornar humana de novo. Ela abortou diversas vezes também. A única razão pela qual permitiram que se casasse com Jason foi que se tornara óbvio que ela provavelmente nunca conseguiria ter um filho puro-sangue.

— Pode ser que esse bebê fosse perdido antes, ou ela abortasse durante o assassinato – falei. – Talvez—quem tenha feito isso—não soubesse.

— Estava aparecendo, mas não muito – disse Tanya, assentindo. – Ela era realmente cuidadosa com a comida, porque estava determinada a manter a silhueta. – Ela sacudiu a cabeça, o rosto amargo. – Mas realmente, Sookie, faz qualquer diferença se o assassino sabia ou não? O fim é igual. O bebê está morto, assim como Crystal e ela morreu assustada e sozinha.

Tanya estava absolutamente certa.

— Você acha que Calvin pode rastrear quem fez isso pelo cheiro? – perguntei.

Tanya pareceu inquieta. — Haviam muitos odores – ela disse. – Eu não sei como ele pode diferenciar qual é o cheiro *certo*. E veja, todos estão a tocando. Alguns estão usando luvas de borracha, mas elas possuem um odor, sabe. Vê, Mitch Norris está ajudando a descê-la, e ele é um de nós. Então como Calvin vai saber?

— Além disso, pode ser um deles – falei, acenando na direção do grupo reunido ao redor da mulher morta. Tanya me fitou de modo agudo.

— Você quer dizer que a polícia pode estar envolvida? – ela disse. – Você sabe de algo?

— Não – eu disse, arrependida de ter aberto minha boca grande. – É só... não sabemos de nada com certeza. Eu acho que estava pensando em Dove Beck.

—Era ele quem estava na cama com ela aquele dia?

Eu assenti. — Aquele sujeito grandalhão lá—o cara negro de terno? É o primo dele, Alcee.

—Acha que ele pode ter algo a ver com isso?

—Na verdade, não – respondi. – Eu só estava... especulando.

— Aposto que Calvin pensou nisso também – ela disse. – Calvin é bem esperto.

Concordei. Não existia nada de notável em Calvin, e ele não conseguiu ir para a faculdade (tampouco eu), mas não havia nada de errado com seu cérebro.

Então Bud sinalizou para Calvin, ele saiu da caminhonete e foi até o corpo, que foi deitado num cobertor aberto sobre um saco para cadáveres. Calvin aproximou-se cuidadosamente do corpo, as mãos nas costas para não tocar em Crystal.

Todos nós observamos, alguns com aversão e desgosto, outros com indiferença ou interesse, até ele terminar.

Ele se endireitou, virou e caminhou na direção da sua caminhonete. Tanya saiu do meu carro para encontrá-lo. Ela colocou os braços ao redor dele e o fitou. Ele sacudiu a cabeça. Abaixei o vidro da janela para poder ouvir. — Não consegui distinguir muita coisa do resto dela – ele disse. – Muitos outros odores. Ela só cheirava como uma pantera morta.

—Vamos para casa, Calvin – disse Tanya.

—Está bem.

Eles levantaram uma mão para me informar que estavam partindo e então fiquei sozinha no estacionamento dianteiro, ainda esperando. Bud me pediu para abrir a entrada dos funcionários no bar. Entreguei-lhe as chaves. Ele voltou minutos depois para dizer que a porta estava trancada e não havia sinais de que alguém esteve dentro do bar, desde que fechara. Ele me devolveu as chaves.

— Então podemos abrir? – perguntei. Alguns veículos da polícia tinham ido embora, o corpo foi levado e me parecia que todo o processo foi concluído. Eu estava disposta a esperar lá se pudesse entrar logo no prédio.

Mas depois que Bud me disse que poderia levar mais umas duas ou três horas, eu decidi ir para casa. Falei com cada empregado que consegui encontrar e qualquer freguês podia claramente ver pela fita colocada no estacionamento que o bar estava fechado. Eu estava perdendo tempo. Meus agentes do FBI, que passaram horas com os celulares grudados nas orelhas, pareciam agora mais preocupados com este crime do que comigo, o que era ótimo. Talvez eles me esquecessem por completo.

Já que ninguém parecia estar me vigiando ou se importando com o que eu fazia, liguei o carro e fui embora. Não tinha condição de fazer qualquer tarefa. Fui direto para casa.

Amelia saíra há tempos para o trabalho na agência de seguros, mas Octavia estava em casa. Ela tinha colocado a tábua de passar roupa no quarto. Estava passando um par de calças que acabara de encurtar, e tinha uma pilha de blusas prontas para passar. Acho que não existia nenhum feitiço mágico para tirar amassados. Me ofereci para levá-la à cidade, mas ela disse que sua viagem com Amelia no dia anterior resolvera todas as suas necessidades. Ela me convidou a sentar na cadeira de madeira junto à cama enquanto trabalhava. — Passar roupa fica mais rápido quando se tem alguém com quem conversar – ela disse, parecendo tão solitária que me senti culpada.

Contei-lhe sobre a manhã que tive, sobre as circunstâncias da morte de Crystal. Octavia viu algumas coisas ruins em sua época, então não se assustou. Ela fez as perguntas apropriadas e expressou o choque que quase todos sentiriam, mas realmente não conheceu Crystal. Pude perceber que havia algo em sua mente. Octavia largou o ferro de passar e moveu-se para me encarar diretamente.

— Sookie, – ela disse – eu preciso arranjar um emprego. Sei que sou um fardo para você e Amelia. Eu costumava emprestar o carro de minha sobrinha durante o dia quando ela trabalhava no turno da noite, mas desde que me mudei para cá, tive que ficar pedindo carona. Sei que isso é aborrecido. Eu limpava a casa de minha sobrinha, cozinhava e ajudava a cuidar das crianças para pagar por meu quarto e as despesas, mas você e Amelia são tão organizadas que meus dois centavos realmente não ajudam.

— Estou contente por tê-la, Octavia – falei, não totalmente sincera. – Você me ajudou de várias formas. Lembra-se que tirou Tanya das minhas costas? E agora ela parece estar apaixonada por Calvin. Então não vai me incomodar mais. Sei que se sentiria melhor se conseguisse um emprego, e talvez algo apareça. Nesse meio tempo, você está bem aqui. Pensaremos em algo.

— Liguei para meu irmão em Nova Orleans – ela disse, para meu espanto. Eu nunca soube que ela tinha um irmão vivo. – Ele diz que a companhia de seguros decidiu me dar um pagamento. Não é muito, considerando que perdi quase tudo, mas será suficiente para comprar um carro de segunda-mão. Não haverá nada para a qual

voltar lá, entretanto. Não vou reconstruir, e não existem muitos lugares que eu possa comprar sozinha.

— Sinto muito – falei. – Eu desejava ter algo que pudesse fazer a respeito, Octavia. Tornar as coisas melhores para você.

—Você já tornou as coisas melhores para mim – disse. – Sou grata.

—Oh, por favor – respondi miserável. – Não. Agradeça Amelia.

— Tudo que eu sei fazer é magia – disse Octavia. – Fiquei tão feliz por ajudá-la com Tanya. Ela parece lembrar de algo?

— Não – respondi. – Não acho que ela lembre de nada sobre Calvin trazê-la até aqui, ou o feitiço. Eu nunca serei sua pessoa favorita, mas pelo menos ela não está mais tentando tornar minha vida miserável.

Tanya foi mandada para me sabotar por uma mulher chamada Sandra Pelt, que guardava rancor contra mim. Já que Calvin claramente sentia algo por Tanya, Amelia e Octavia lançaram um pequeno feitiço sobre ela para libertá-la da influência de Sandra. Tanya ainda parecia áspera, mas era somente sua natureza, imaginei.

— Você acha que devíamos fazer uma reconstrução para descobrir quem é o assassino de Crystal? – Octavia ofereceu.

Pensei a respeito. Tentei imaginar a montagem de uma reconstrução ectoplásmica no estacionamento do Merlotte’s.

Teríamos que encontrar pelo menos mais uma bruxa, pensei, porque era uma área enorme e eu não tinha certeza se Octavia e Amelia podiam dar conta sozinhas. Elas provavelmente achavam que podiam, no entanto.

— Receio que seríamos vistas – respondi finalmente. – E isso seria ruim para você e Amelia. Além disso, não sabemos onde a morte de fato aconteceu. E vocês têm que ter isso, certo? O local da morte?

Octavia disse: — Sim. Se ela não morreu naquele estacionamento, não faria nenhum bem. – Ela pareceu meio aliviada.

— Acho que não saberemos até a autópsia, se ela morreu lá ou antes de colocarem a cruz. – Eu não achava que suportaria testemunhar outra reconstrução ectoplásmica, de qualquer forma. Eu vi duas. Observar os mortos—numa forma líquida, mas reconhecível—reencenarem os últimos minutos de suas vidas era uma experiência indescritivelmente sinistra e deprimente.

Octavia voltou a passar suas roupas, e eu perambulei até a cozinha para esquentar um pouco de sopa. Eu tinha que comer algo e abrir uma lata era o máximo de esforço que podia despender.

As horas arrastadas eram absolutamente negativas. Não tive notícias de Sam. Não tive notícias da polícia sobre a abertura do Merlotte’s. Os agentes do FBI não voltaram para me fazer mais perguntas.

Finalmente, eu decidi dirigir até Shreveport. Amelia voltara do trabalho, e ela e Octavia faziam o jantar juntas quando saí de casa. Era um cenário caseiro; eu simplesmente estava inquieta demais para me juntar a elas. Pela segunda vez em vários dias, me descobri a caminho do Fangtasia. Impedi-me de pensar. Ouvi a estação de rádio gospel durante todo o caminho e os louvores ajudaram a me sentir melhor sobre os terríveis eventos do dia.

No momento em que cheguei, já era noite total, embora fosse cedo demais para o bar estar cheio. Eric encontrava-se sentado numa das mesas do salão principal, de costas para mim. Ele bebia TrueBlood e conversava com Clancy, que tinha uma posição abaixo de Pam, eu acho. Clancy estava me encarando, e riu de desdém quando me viu caminhando em direção à mesa. Clancy não era fã de Sookie Stackhouse. Já que era um vampiro, eu não podia descobrir o motivo, mas achei que ele simplesmente não gostasse de mim.

Eric voltou-se para ver minha aproximação, e suas sobrancelhas se levantaram. Ele disse algo a Clancy, que se levantou e marchou para o escritório. Eric esperou que eu me sentasse à sua mesa. — Olá, Sookie – disse. – Você está aqui para me dizer o quanto está zangada comigo sobre nosso compromisso? Ou está pronta para aquela longa conversa que devemos ter cedo ou tarde?

— Não – falei. Ficamos sentados em silêncio por um tempo. Sentia-me exausta, mas estranhamente tranquila. Eu devia estar dando uma bronca em Eric sobre a decisão despótica diante do

pedido de Quinn e a apresentação da faca. Devia estar fazendo todo tipo de perguntas... mas não conseguia reunir o fogo necessário.

Eu só queria ficar sentada ao lado dele.

Havia música tocando; alguém tinha sintonizado a estação de rádio vampira, KDED. The Animals cantava “The Night”. Depois que ele terminou sua bebida e havia apenas um resíduo vermelho manchando as laterais da garrafa, Eric pousou a mão branca e fria sobre a minha. — O que aconteceu hoje? – perguntou, a voz calma.

Comecei a lhe contar, iniciando com a visita do FBI. Ele não interrompeu para exclamar ou fazer perguntas. Mesmo quando terminei minha história com a remoção do corpo de Crystal, ele não falou por um tempo. — Até para você, é um dia movimentado, Sookie – disse finalmente.

– Quanto a Crystal, não acho que já a tenha conhecido, mas ela parece sem valor.

Eric nunca se incomodou em ser educado. Embora de fato apreciasse isso, eu também estava feliz por não ser um traço muito característico. — Eu não sei se alguém é sem valor – respondi. – Apesar de admitir que, se tivesse que escolher uma pessoa para entrar num bote salva-vidas comigo, ela não estaria nem em minha lista mais longa.

A boca de Eric curvou-se num sorriso.

— Mas – acrescentei – ela estava grávida, essa é a questão, e o bebê era de meu irmão.

— Mulheres grávidas valiam duas vezes mais se fossem mortas na minha época – disse Eric.

Ele nunca ofereceu muita informação sobre sua vida antes da transformação. — O que você quer dizer com “valiam”? – perguntei.

— Numa guerra ou com estrangeiros, nós podíamos matar quem quiséssemos – disse. – Mas em disputas entre o próprio povo, tínhamos que pagar prata quando matávamos um dos nossos. – Ele parecia estar dragando a memória com esforço. – Se a pessoa morta fosse uma mulher com filhos, o preço era dobrado.

— Que idade tinha quando se casou? Você teve filhos? – Eu sabia que Eric foi casado, mas não conhecia nada mais sobre sua vida.

— Eu era considerado homem aos doze – disse. – Casei-me com dezesseis. O nome de minha esposa era Aude. Aude teve... nós tivemos... seis filhos.

Prendi a respiração. Eu podia notar que ele recordava a imensa onda de tempo que se passou entre seu presente—um bar em Shreveport, Louisiana—e o passado—uma mulher morta há mil anos.

—Eles viveram? – perguntei em voz bem baixa.

— Três viveram – ele disse, e sorriu. – Dois meninos e uma menina. Dois morreram ao nascer. E com o sexto filho, Aude morreu também.

—De quê?

Ele encolheu os ombros. — Ela e o bebê pegaram uma febre. Suponho que era algum tipo de infecção. Na época, se as pessoas ficavam doentes, na maioria das vezes morriam. Aude e o bebê pereceram com poucas horas de diferença. Eu os enterrei num lindo túmulo – ele disse orgulhoso. – Minha esposa tinha seu melhor broche no vestido, e deitei o bebê em seu seio.

Ele nunca parecera menos do que um homem moderno. — Quantos anos você tinha?

Ele meditou. — Eu estava no começo dos vinte – disse. – Talvez vinte e três. Aude era mais velha. Ela foi esposa do meu irmão mais velho, e quando ele foi morto na batalha, se decidiu que eu devia casar com ela para que nossas famílias continuassem unidas. Mas sempre gostei dela e ela estava disposta. Não era uma garota tola; perdeu dois bebês de meu irmão, e ficou feliz por ter mais que viveram.

—O que aconteceu aos seus filhos?

—Quando me tornei um vampiro?

Assenti. —Eles não podem ter sido muito velhos.

— Não, eles eram pequenos. Aconteceu pouco depois da morte de Aude – ele disse. – Eu sentia falta dela, veja, e precisava de alguém para cuidar das crianças. Não existia algo como um dono de casa então. – Ele riu. – Eu tinha que ir em incursões. Tinha que me certificar de que os escravos faziam o que deviam nos campos. Então precisava de outra esposa. Certa noite, fui visitar a família de uma jovem que eu esperava que se casasse comigo. Ela morava a dois ou três quilômetros de distância. Eu possuía alguns bens materiais, meu pai era o chefe, achava que era um homem bonito e um guerreiro célebre, então eu era um bom partido. Os irmãos e o pai dela ficaram felizes por me receber e ela parecia... disposta. Estava tentando conhecê-la um pouco. Era uma boa noite. Tinha grandes esperanças. Mas bebi muito e a caminho de casa naquela noite... – Eric parou e eu vi seu peito se mover. Ao lembrar de seus últimos momentos como humano, ele de fato respirou fundo. – Era lua cheia. Vi um homem caído e ferido no canto da estrada. Normalmente, eu teria olhado ao redor para descobrir quem o teria atacado, mas estava bêbado. Aproximei-me para ajudá-lo; você provavelmente pode adivinhar o que aconteceu em seguida.

—Ele não estava realmente ferido.

— Não. Mas eu fiquei, logo depois. Ele estava faminto. Seu nome era Appius Livius Ocella. – Eric realmente sorriu, embora sem humor. – Ele me ensinou muitas coisas e a primeira foi não chamá-lo de Appius. Disse que eu não o conhecia bem o bastante.

—A segunda coisa?

—Como podia conhecê-lo.

—Oh. – Entendi o que ele queria dizer.

Eric deu de ombros. — Não foi tão ruim... assim que deixamos a área que eu conhecia. Com o tempo, eu parei de pensar em meus filhos e na minha casa. Nunca fiquei afastado de meu povo. Meu pai e minha mãe ainda viviam. Eu sabia que meus irmãos e irmãs se certificariam de que as crianças seriam criadas como deviam, e deixei-lhes o suficiente para que não fossem um fardo. Me preocupava, é claro, mas não havia o que fazer. Tinha que permanecer afastado. Naqueles dias, em pequenas vilas, qualquer estranho era imediatamente notado e, se me aventurasse a chegar perto de onde eles viviam, eu seria reconhecido e caçado. Eles saberiam o que eu era, ou pelo menos saberiam que eu era... errado.

—Para onde você e Appius foram?

— Fomos para as maiores cidades que conseguimos encontrar, que eram bem poucas. Viajávamos o tempo todo, paralelos às estradas para que pudéssemos caçar viajantes.

Eu estremeci. Era doloroso imaginar Eric, tão extravagante e espirituoso, perambulando pelas florestas em busca de sangue fácil. Era terrível pensar nos infelizes que ele emboscou.

— Não havia tantas pessoas – ele disse. – Aldeãos sentiam falta de seus vizinhos imediatamente. Tínhamos que continuar nos movimentando. Vampiros jovens são tão famintos; no começo, eu matava mesmo quando não pretendia.

Respirei fundo. Aquilo era o que vampiros faziam; quando eram jovens, matavam. Não havia substituto para sangue fresco na época. Era matar ou morrer.

— Ele era bom com você? Appius Livius Ocella? – O que podia ser pior do que ter a companhia constante do homem que o assassinou?

— Ele me ensinou tudo que sabia. Ele esteve nas legiões, e era um lutador assim como eu, então tínhamos isso em comum. Ele gostava de homens, é claro, e isso levou algum tempo para se acostumar. Eu nunca tinha feito aquilo. Mas quando se é um novo vampiro, qualquer coisa sexual parece excitante, então acabei apreciando... eventualmente.

—Você teve que ceder – eu disse.

— Oh, ele era muito mais forte... embora eu fosse um homem maior do que ele—mais alto, braços mais longos. Ele já era um vampiro a tantos séculos, que perdeu a conta. E é claro, era meu criador. Eu tinha que obedecer. – Eric encolheu os ombros.

— Isso é uma coisa mística ou uma regra inventada? – perguntei, a curiosidade finalmente me dominando.

— Ambos – Eric respondeu. – É uma compulsão. Impossível de resistir, mesmo quando você quer... mesmo quando se está desesperado para escapar. – O rosto branco estava fechado e pensativo.

Eu não conseguia imaginar Eric fazendo algo que não queria, numa posição subserviente. É claro, ele tinha um chefe agora; não era autônomo. Mas não tinha que baixar a cabeça e tomava a maioria de suas próprias decisões.

—Não consigo imaginar – respondi.

— Eu não ia querer que imaginasse. – Sua boca repuxou num canto, uma expressão irônica.

Justo quando comecei a meditar sobre a ironia daquilo, já que talvez ele tivesse me casado no estilo vampiro sem me consultar, Eric mudou de assunto, batendo a porta de seu passado. — O mundo mudou um bocado desde que eu era humano. Os últimos cem anos têm sido especialmente excitantes. E agora os Lobisomens se revelaram, e todos os outros de dupla-natureza. Quem sabe? Talvez as bruxas ou os *fae* se apresentem a seguir. – Ele sorriu para mim, apesar de meio rígido.

Sua ideia me deu uma feliz fantasia de ver meu bisavô Niall todos os dias. Descobri sua existência somente poucos meses antes, e não passamos muito tempo juntos, mas saber que possuía um antepassado vivo foi muito importante para mim. Eu tinha tão poucos laços de sangue. — Isso seria maravilhoso – falei pensativamente.

— Minha amada, nunca acontecerá – disse Eric. – As criaturas que formam os *fae* são os mais secretos de todos os seres sobrenaturais. Não existem muitos sobrando neste país. De fato, não existem muitos restantes no mundo. O número de suas

mulheres, e a fertilidade delas, diminui a cada ano. Seu bisavô é um dos poucos sobreviventes com sangue real. Ele nunca se dignaria a tratar com humanos.

— Ele conversa comigo – falei, porque não tinha certeza do que significava “tratar”.

— Vocês compartilham o mesmo sangue. – Eric acenou com a mão livre. – Se não compartilhasse, você nunca o teria visto.

Bem, não, Niall não ia parar no Merlotte’s para uma cerveja e um cesto de frango, e cumprimentos. Olhei para Eric, infeliz. — Gostaria que ele ajudasse Jason – falei – e nunca pensei que diria isso. Niall não parece gostar de Jason, mas Jason vai se encrencar um bocado com a morte de Crystal.

—Sookie, se você está pedindo minha opinião, eu não tenho ideia do por que Crystal foi morta.

E ele realmente não se importava muito. Pelo menos com Eric, você sabia o que esperar. Ao fundo, o DJ da KDED disse, “A seguir, ‘And It Rained All Night’ de Thom Yorke”. Enquanto Eric e eu conversávamos, os sons do bar pareceram mudos, distantes. Agora eles voltaram com ímpeto.

— A polícia e as panteras vão encontrar quem fez isso – respondeu. – Estou mais preocupado com esses agentes do FBI. Qual é o objetivo deles? Eles querem levá-la embora? Podem fazer isso neste país?

— Eles querem identificar Barry. Então querem descobrir o que Barry e eu podemos fazer e como fazemos. Talvez tivessem perguntado se nós trabalharíamos para eles, mas a morte de Crystal interrompeu a conversa antes que pudessem dizer algo.

— E você não quer trabalhar para eles. – Os olhos azuis brilhantes de Eric estavam atentos em meu rosto. – Você não quer partir.

Puxei minha mão sob a dele. Observei minhas mãos se unirem, entrelaçarem. — Eu não quero que as pessoas morram porque não as ajudei – eu disse. Senti meus olhos se encherem de lágrimas. – Mas sou egoísta o suficiente para não querer ir onde eles me mandarem, tentando encontrar pessoas morrendo. Eu não suportaria o desgaste natural de ver desastres todos os dias. Eu não quero deixar minha casa. Tenho tentado imaginar como seria, o que eles podem querer que eu faça. E me assusta muito.

—Você quer ser dona da própria vida – disse Eric.

—Tanto quanto qualquer um pode ser.

— Justo quando acho que você é bem simples, você diz algo complexo – respondeu Eric.

—Você está reclamando? – Tentei sorrir, falhei.

—Não.

Uma garota gorda com maxilar grande se aproximou e empurrou um caderno de autógrafos diante de Eric. — Poderia

assinar isso, por favor? – ela disse. Eric deu-lhe um sorriso ofuscante e rabiscou a página em branco. – Obrigada – disse sem fôlego, e voltou para sua mesa.

As amigas, todas elas moças com idade suficiente para estarem no bar, elogiaram sua coragem, e ela se inclinou para frente, contando tudo sobre seu encontro com o vampiro. Assim que terminou, uma das garçonetes humanas se aproximou da mesa e anotou outro pedido de drinques. A equipe daqui era bem treinada.

—O que ela estava pensando? – Eric me perguntou.

— Oh, ela estava bem nervosa e achou você adorável, mas... – Lutei para colocar em palavras. – Não bonito de um modo real para ela, porque nunca achou que realmente conseguiria tê-lo. Ela é muito... não pensa muito em si mesma.

Captei um daqueles relampejos de fantasia. *Eric se aproximaria dela, inclinaria a cabeça e lhe daria um beijo reverente no rosto, ignorando suas amigas mais bonitas. Esse gesto faria cada homem no bar se perguntar o que o vampiro viu nela que eles não podiam ver. De repente, a garota simples seria coberta de atenção pelos homens que testemunharam o intercâmbio. Sua amigas a respeitariam porque Eric possuía respeito. Sua vida mudaria*.

Mas nada disso aconteceu, é claro. Eric esqueceu da garota assim que terminei de falar. Não achei que funcionaria como minha fantasia, mesmo que ele se aproximasse dela. Senti um pingo de desapontamento por contos de fadas não se transformarem em realidade. Imaginei se meu bisavô fada já ouviu o que

considerávamos ser contos de fadas. Pais *fae* contavam aos filhos fadas contos humanos? Estava disposta a apostar que não.

Senti um momento de desligamento, como se estivesse me afastando de minha própria vida e a visse de longe. Os vampiros me deviam dinheiro e favores por meus serviços. Os Lobisomens me declararam amiga da matilha por minha ajuda durante a recém-terminada guerra. Eu estava prometida a Eric, o que parecia significar que eu estava noiva ou até casada. Meu irmão era uma pantera. Meu bisavô era uma fada. Levei um momento para voltar à minha própria pele. Minha vida era esquisita demais. Tive aquela sensação de descontrole novamente, como se estivesse girando rápido demais para parar.

— Não converse sozinha com o pessoal do FBI – Eric dizia. – Me ligue se for à noite. Telefone para Bobby Burnham se eles vierem durante o dia.

— Mas ele me detesta! – respondi, arrastada de volta à realidade, mas não muito cautelosa. – Por que eu ligaria para ele?

—O quê?

— Bobby me detesta – falei. – Ele adoraria se os federais me transportassem para algum *bunker* subterrâneo em Nevada pelo resto da minha vida.

O rosto de Eric pareceu congelar. — Ele disse isso?

—Não teve. Posso notar quando alguém me considera uma droga.

—Terei uma conversa com Bobby.

— Eric, não é contra a lei alguém não gostar de mim – falei, lembrando como podia ser perigoso se queixar para um vampiro.

Ele riu. — Talvez eu torne contra a lei – respondeu provocador, o sotaque mais aparente do que o habitual. – Se não conseguir falar com Bobby—e estou absolutamente certo de que ele a ajudará—deve ligar para o Sr. Cataliades, embora ele esteja em Nova Orleans.

— Ele está bem? – Eu não vi ou ouvi falar do advogado metade-demônio desde o colapso do hotel vampiro em Rhodes.

Eric assentiu. — Melhor do que nunca. Ele agora está representando os interesses de Felipe de Castro na Louisiana. Ele a ajudaria se pedisse. Gosta muito de você.

Guardei aquele pedaço de informação para reflexão posterior. — A sobrinha dele sobreviveu? – perguntei. – Diantha?

— Sim – Eric disse. – Ela ficou enterrada por doze horas, e a equipe de resgate sabia que estava lá. Mas havia vigas sobre o local onde ela se encontrava presa, e levou algum tempo para removê-las. Eles finalmente a desenterraram.

Fiquei feliz por ouvir que Diantha estava viva. — E o advogado, Johan Glassport? – perguntei. – Ele teve alguns ferimentos, o Sr. Cataliades disse.

— Ele se recuperou totalmente. Recolheu seus honorários e então sumiu nas profundezas do México.

— O ganho do México é o prejuízo do México – falei. Encolhi os ombros. – Acho que é necessário um advogado para receber seu dinheiro quando o empregador está morto. Eu nunca recebi o meu. Talvez Sophie-Anne tenha achado que Glassport fez mais por ela, ou ele teve presença de espírito para pedir apesar de ela ter perdido as pernas.

— Eu não sabia que você não foi paga. – Eric parecia totalmente descontente de novo. – Falarei com Victor. Se Glassport recebeu por seus serviços a Sophie, você certamente devia. Sophie deixou uma grande propriedade e não tinha herdeiros. O rei de Victor possui um débito com você. Ele escutará.

— Isso seria ótimo – respondi. Posso ter soado um pouco aliviada demais.

Eric me fitou agudamente. — Você sabe – disse – que se precisa de dinheiro, só tem que pedir. Não permitirei que fique sem nada do que precisa, e eu a conheço o suficiente para ter certeza de que não pediria dinheiro para algo frívolo.

Ele quase não soou como se isso fosse um atributo admirável. — Aprecio o pensamento – falei e ouvi minha voz ficar rígida. – Só quero o que me é devido.

Houve um longo silêncio entre nós, apesar do bar estar no nível de ruído habitual ao redor da mesa de Eric.

— Conte-me a verdade – disse Eric. – É possível que tenha vindo simplesmente para passar tempo comigo? Você ainda não disse o quanto está zangada comigo por enganá-la sobre a faca. Aparentemente você não dirá, pelo menos, não esta noite. Eu ainda não discuti com você todas as minhas memórias da época que passamos juntos quando estava me escondendo em sua casa. Você sabe por que terminei tão perto de sua casa, correndo por aquela estrada no frio glacial?

Sua pergunta foi tão inesperada que fiquei muda. Não tinha certeza se queria saber a resposta. Mas finalmente, respondi: — Não, não sei.

— A maldição contida dentro da bruxa, a maldição que se ativou quando Clancy a matou... era que eu estaria perto do que meu coração mais desejava sem nunca perceber. Uma maldição terrível que Hallow deve ter construído com grande sutileza. Encontramos uma página dobrada em seu livro de feitiços.

Não havia nada que eu pudesse dizer. Contudo, pensaria a respeito.

Era a primeira vez que eu vinha ao Fangtasia simplesmente para conversar, sem ter sido chamada por alguma razão vampira. Vínculo de sangue ou algo muito mais natural? — Eu acho... eu só queria um pouco de companhia – disse. – Sem revelações bombásticas.

Ele sorriu.—Isso é bom.

Eu não sabia se era bom ou não.

— Você sabe que nós realmente não estamos casados, certo? – eu disse. Tinha que dizer algo, tanto quanto queria esquecer que a coisa toda aconteceu. – Sei que vampiros e humanos podem se casar agora, mas aquilo não foi uma cerimônia reconhecida por mim, nem pelo Estado da Louisiana.

—Sei que, se não tivesse feito, você estaria sentada numa salinha em Nevada agora mesmo, ouvindo Felipe de Castro enquanto ele faz negócios com humanos.

Eu detesto quando minhas suspeitas estão corretas. — Mas eu o salvei – respondi, tentando não choramingar. – Salvei a vida dele, e ele prometeu que eu tinha sua amizade. O que significa sua proteção, imagino.

— Ele quer protegê-la bem ao lado dele agora que sabe o que você pode fazer. Ele quer o domínio que teria sobre mim, se tivesse você.

— Que gratidão. Devia ter deixado Sigebert matá-lo. – Fechei os olhos. – Droga, eu simplesmente não consigo prever os acontecimentos.

—Ele não pode tê-la agora – disse Eric. – Estamos casados.

— Mas, Eric... – pensei em tantas objeções àquele arranjo que nem conseguia começar a expressá-las. Tinha prometido a mim mesma que não discutiria sobre isso esta noite, mas a questão era como um gorila de trezentos quilos. Simplesmente não podia ser

ignorado – E se eu conhecer alguém? E se você... Ei, quais são as regras básicas de estar oficialmente casada? Apenas me diga.

— Você está aborrecida e cansada demais esta noite para uma conversa racional – disse Eric.

Ele sacudiu os cabelos sobre os ombros, e uma mulher na mesa ao lado disse, "*Oooooh*."

— Compreenda que ele não pode tocá-la agora, que ninguém pode a menos que me peçam primeiro. Isso está sob penalidade de morte final. E aqui é onde minha crueldade será útil para nós dois.

Respirei fundo. — Está bem. Você está certo. Mas este não é o fim da questão. Quero saber tudo a respeito de nossa nova situação, e quero saber que posso sair dela se não conseguir suportar.

Seus olhos pareciam tão azuis quanto um céu claro de outono e totalmente cândidos. — Você saberá de tudo quando quiser saber – ele disse.

—Ei, o novo rei sabe a respeito de meu bisavô?

O rosto de Eric se fechou em linhas de pedra. — Não posso prever a reação de Felipe se ele descobrir, minha amada. Bill e eu somos os únicos que têm conhecimento disso agora. Tem que permanecer desse modo.

Ele estendeu a mão para pegar a minha novamente. Pude sentir cada músculo, cada osso, através da pele fria. Era como estar

de mãos dadas com uma estátua, uma estátua muito bonita. De novo, me senti estranhamente tranquila por alguns minutos.

— Eu tenho que ir, Eric – falei pesarosa, mas nem tanto, por partir. Ele se inclinou e beijou meus lábios de leve. Quando empurrei a cadeira, ele se levantou para me levar até a porta. Senti as candidatas a vampira me fuzilarem com olhares de inveja enquanto saía do Fangtasia. Pam se encontrava em seu posto e olhou para nós com um sorriso frio.

Para não parecermos demais um casal de pombinhos, eu disse: — Eric, quando eu voltar ao normal, vou cravar seu traseiro por me colocar nessa posição como sua prometida.

— Querida, você pode cravar meu traseiro a qualquer hora – ele respondeu charmoso, virando para voltar à sua mesa.

Pam revirou os olhos.— Vocês dois – disse.

— Ei, isso não é culpa *minha* – respondi, o que não era completamente verdade. Mas era uma boa frase de despedida, e tirei vantagem dela para deixar o bar.

Capítulo 7

NA MANHÃ SEGUINTE, Andy Bellefleur ligou para me dar sinal verde para reabrir.

No momento em que a fita da cena do crime foi retirada, Sam voltou para Bon Temps. Fiquei tão feliz por ver meu chefe que senti os olhos úmidos. Administrar o Merlotte's foi muito mais difícil do que imaginei. Havia decisões a serem tomadas todos os dias e um número enorme de pessoas que precisavam ser mantidas felizes: os fregueses, funcionários, distribuidores, entregadores. O contabilista de Sam ligou com algumas perguntas que não pude responder. A fatura de serviço público venceria em três dias, e eu não tinha o privilégio de fazer cheques. Havia um bocado de dinheiro que precisava ser depositado no banco. Era quase época de pagamento dos funcionários.

Embora sentisse que estava despejando todos aqueles problemas no minuto em que Sam entrou pela porta dos fundos do bar, respirei para me acalmar e perguntei sobre sua mãe.

Após me dar um meio abraço, Sam jogou-se na cadeira ruidosa atrás da escrivaninha. Ele girou para me encarar de frente. Apoiou os pés na beirada da mesa com um ar de alívio. — Ela está falando, andando e costurando – disse. – Pela primeira vez, não temos que inventar uma história para ocultar sua cura rápida. Nós a levamos para casa esta manhã e ela já está tentando fazer coisas. Meu irmão e irmã estão fazendo milhões de perguntas agora que se

acostumaram à ideia. Eles parecem até meio invejosos porque sou eu quem herdou o traço.

Fiquei tentada a perguntar sobre a situação legal do padrasto, mas Sam parecia terrivelmente ansioso para voltar à sua rotina normal. Esperei um momento para ver se ele mencionaria o assunto. Ele não o fez. Ao invés disso, perguntou sobre a fatura e, com um suspiro de alívio, eu fui capaz de informá-lo sobre a lista de coisas que precisavam de sua atenção. Deixei em sua mesa com minha letra caprichada.

O primeiro item da lista era o fato de que contratei Tanya e Amelia para vir algumas noites e preencher a saída de Arlene.

Sam pareceu triste. — Arlene trabalhou para mim desde que comprei o bar – ele disse. – Será estranho ela não estar aqui. Ela tem sido um pé no saco nos últimos meses, mas imaginei que voltaria ao normal cedo ou tarde. Acha que ela vai reconsiderar?

— Talvez, agora que você voltou – falei, apesar de ter severas dúvidas. – Mas ela se tornou tão intolerante. Não acho que possa trabalhar para um metamorfo. Sinto muito, Sam.

Ele balançou a cabeça. O humor sombrio não era uma grande surpresa, considerando a situação de sua mãe e a reação não-totalmente-extasiada da população americana ao lado esquisito do mundo.

Me espantava que, certa vez, eu não soubesse tampouco. Não tinha me dado conta de que pessoas que eu conhecia eram

lobisomens, porque não compreendia que tal coisa existia. Não se pode interpretar mal cada pista mental que percebe se não compreende de onde está vindo. Eu sempre imaginei por que algumas pessoas eram mais difíceis de ler, por que seus cérebros me davam uma imagem diferente dos outros. Simplesmente não me ocorreu que esses cérebros pertenciam a pessoas que literalmente se transformavam em animais.

— Você acha que os negócios vão diminuir porque sou um metamorfo, ou por causa do assassinato? – Sam perguntou. Então se recompôs e disse: – Desculpe, Sook. Não estava pensando no fato de Crystal ser sua cunhada.

— Eu nunca fui louca por ela, como você bem sabe – falei, tão direta quanto possível. – Mas acho terrível o que foi feito com ela, não importa o que era.

Sam assentiu. Eu nunca vi seu rosto tão triste e sério. Sam era uma criatura da luz do sol.

— Oh – eu disse, me levantando para sair e parando, trocando o peso de um pé para outro. Respirei fundo. – A propósito, Eric e eu estamos casados agora. – Se esperava sair com uma afirmação leve, meu julgamento estava bem, bem errado. Sam pulou de pé e me agarrou pelos ombros.

—O que você fez? – perguntou. Ele estava mortalmente sério.

— Não fiz nada – falei, aturdida com sua veemência. – Foi culpa de Eric. – Contei a Sam sobre a faca.

—Você não percebeu que havia algum significado na faca?

— Eu não sabia que era uma faca – respondi, começando a me sentir bem aborrecida, mas ainda mantendo o tom de voz razoável. – Bobby não me contou. Acho que ele mesmo não sabia, então não pude captar muito bem de seu cérebro.

— Onde você estava com a cabeça? Sookie, foi uma coisa *idiota* para fazer.

Essa não era exatamente a reação que antecipei de um homem com quem me preocupava, um homem por quem trabalhei feito uma louca durante dias. Reuni minha mágoa e o orgulho como um casaco.

— Então permita eu simplesmente levar minha figura *idiota* para casa, para que não tenha que agüentar mais minha idiotice – falei, com a voz neutra o suficiente para apoiar o tom. – Acho que vou para casa agora que você voltou e eu não tenho que ficar aqui *cada minuto do meu dia* para me certificar de que as coisas estão correndo bem.

— Desculpe – ele disse, mas era tarde demais. Eu já estava em cima das tamancas e saindo do Merlotte's.

Estava saindo pela porta dos fundos antes mesmo que nosso bebedor mais compulsivo pudesse contar até cinco, então entrei no carro e dirigi para casa. Eu estava zangada, triste e suspeitei que Sam estivesse certo. É quando se fica mais zangada, não é?

Quando sabe que fez algo estúpido? A explicação de Eric não apagou exatamente minhas preocupações.

Estava escalada para trabalhar naquela noite, então tinha tempo para me acalmar. Não havia dúvidas de que eu apareceria. Discutindo ou não com Sam, tinha que trabalhar.

Eu não estava pronta para ficar em casa, onde teria que pensar em meus próprios sentimentos confusos.

Ao invés de ir para casa, virei e fui ao Tara's Togs. Fazia tempo que não via minha amiga Tara, desde que ela fugiu com JB du Rone. Mas minha bússola interna estava apontando em sua direção. Para meu alívio, Tara se encontrava sozinha na loja. McKenna, sua "ajudante" não era funcionária em tempo integral. Tara veio dos fundos quando o sino da porta tocou. Ela pareceu um pouco surpresa por me ver no começo, mas então sorriu. Nossa amizade teve seus altos e baixos, mas parecia que estávamos bem agora. Ótimo.

— O que foi? – Tara perguntou. Ela parecia atraente e confortável num suéter fino. Tara é mais alta do que eu, muito bonita e realmente uma ótima mulher de negócios.

—Fiz algo estúpido e não sei como me sentir a respeito – respondi.

— Me conte – ela exigiu, e fomos nos sentar à mesa onde ficavam os catálogos de casamento. Ela me empurrou a caixa de Kleenex. Tara sabe quando eu vou chorar.

Então lhe contei a longa história, começando com o incidente em Rhodes onde compartilhei sangue com Eric pelo que pareceu vezes demais. Contei sobre o vínculo esquisito que tínhamos como resultado.

— Deixe-me entender direito – ela disse. – Ele se ofereceu para tomar seu sangue para que um vampiro ainda pior não a mordesse?

Eu assenti, enxugando os olhos.

— Nossa, quanto altruísmo. – Tara teve algumas experiências ruins com vampiros. Não fiquei surpresa com seu comentário sarcástico.

—Acredite, Eric fazer isso foi o menor de dois males – assegurei.

De repente, percebi que *eu estaria livre agora se Andre tivesse tomado meu sangue aquela noite*. Andre morrera no local da explosão. Considerei aquilo por um segundo e segui adiante. Não aconteceu e eu não estava livre, mas as correntes que usava agora eram bem mais bonitas.

—Então, como está se sentindo sobre Eric? – Tara perguntou.

— Eu não sei – respondi. – Existem coisas que eu quase amo sobre ele, e coisas que me assustam pra caramba. E eu realmente... sabe... *quero* ele. Mas ele inventa truques dizendo que é para o meu próprio bem. Acredito que ele se importa comigo. Mas se importa principalmente consigo mesmo. – Respirei fundo. – Desculpe, estou tagarelando.

— É por isso que me casei com JB – ela disse. – Para não ter que me preocupar com esse tipo de merda. – Ela assentiu, confirmando sua boa decisão.

—Bom, você o pegou, então eu não posso fazer isso – falei. Tentei sorrir. Casar com alguém tão simples como JB parecia realmente relaxante. Mas casamento devia ser como se estabelecer com um empregado de academia? *Pelo menos, passar tempo com Eric nunca é entediante*, pensei. Apesar de ser um doce, JB possuía uma capacidade limitada para manter uma conversa.

Além disso, Tara sempre estaria no controle. Tara não era boba, e nunca seria iludida pelo amor. Outras coisas, talvez, mas não amor. Eu sabia que ela claramente entendia as regras do seu casamento com JB, e não parecia se importar. Para ela, ser a navegadora/capitã era um papel confortável e dominante. Eu definitivamente gostava de ter o controle de minha própria vida—não queria ninguém como meu dono—mas meu conceito de casamento era mais como uma parceria democrática.

— Então, me deixe resumir – disse Tara numa boa imitação de um de nossos professores do colegial. – Você e Eric fizeram sacanagem no passado.

Eu concordei. Cara, e como fizemos.

— Agora toda a organização vampira lhe deve por alguns serviços que prestou. Não quero saber o que foi, e não quero saber por que fez isso.

Assenti novamente.

— E também, Eric meio que possui um pedaço de você por causa desse negócio de vínculo de sangue.

—Sim.

— E agora ele a manipulou de modo a torná-la sua noiva? Sua esposa? Mas você não sabia o que estava fazendo.

—Correto.

—E Sam a chamou de idiota porque obedeceu Eric.

Encolhi os ombros. —Sim, ele chamou.

Tara teve que atender uma cliente então, mas apenas por alguns minutos (Riki Cunningham queria pagar um vestido de formatura que comprou em prestações para a filha). Quando Tara voltou para a cadeira, ela estava pronta para me apoiar.

— Sookie, pelo menos Eric se importa um pouco com você, e nunca a machucou. Você podia ter sido mais esperta. Não sei se não foi por causa do vínculo que tem com ele ou está tão a fim que não faz perguntas suficientes. Só você pode saber disso. Mas podia ser pior. Nenhum humano precisa saber sobre a faca. E Eric não fica por perto durante o dia, então terá tempo livre para pensar. Além disso, ele tem o próprio negócio para administrar, portanto não ficará te seguindo por aí. E os novos vampiros executivos terão que deixá-la em paz porque querem manter Eric feliz. Não é tão ruim, certo? – Ela sorriu para mim e, após um segundo, eu retribuí.

Comecei a me recuperar. — Obrigada, Tara – falei. – Você acha que Sam vai deixar de ficar zangado?

— Eu não esperaria que ele se desculpe por dizer que você agiu como uma idiota – Tara avisou. – A, é verdade, e B, ele é homem. Possui aquele cromossomo. Mas vocês dois sempre se deram bem e ele lhe deve por tomar conta do bar. Então vai superar.

Joguei meu lenço usado na pequena lata de lixo ao lado da mesa. Sorri, embora provavelmente não tenha sido meu melhor esforço.

— Enquanto isso – disse Tara – eu tenho algumas novidades para você também. – Ela respirou fundo.

— O que é? – perguntei, contente por termos voltado ao terreno de melhores amigas.

— Vou ter um bebê – disse Tara, e seu rosto se congelou numa careta.

Oh-oh. Terreno *perigoso*. — Você não parece superfeliz – falei cautelosamente.

— Eu não planejei ter nenhum filho – ela respondeu. – O que estava tudo bem para JB.

—E...?

— Bom, até múltiplos métodos de controle de natalidade nem sempre funcionam – disse Tara, olhando para as mãos,

entrelaçadas sobre uma revista de casamento. – E não consigo simplesmente cuidar disso. É nosso. Por isso.

—Você... pode vir a ser feliz com isso?

Ela tentou sorrir. — JB está realmente feliz. É difícil para ele manter segredo. Mas eu queria esperar passar os primeiros três meses. Você é a primeira pessoa para quem eu conto.

— Eu juro – respondi, me esticando para lhe dar um tapinha no ombro – você será uma boa mãe.

— Você acha mesmo? – Ela parecia e se sentia aterrorizada. Os pais de Tara foram do tipo que ocasionalmente mereceriam tiros de sua prole. A repugnância de Tara por violência evitou que ela tomasse esse caminho, mas não acho que alguém ficaria surpreso se os velhos Thorntons desaparecessem uma noite. Algumas pessoas teriam aplaudido.

— Sim, eu realmente acho. – Falava sério. Eu podia *ouvir*, direto da cabeça dela, a determinação de Tara de apagar tudo que a própria mãe fez ao ser a melhor mãe que pudesse para o filho. No caso de Tara, isso significava que seria sóbria, gentil, franca e cheia de elogios.

— Vou aparecer em todos os eventos da escola e reuniões de professores – ela disse agora num tom que era quase assustador em sua intensidade. – Vou assar *brownies*. Meu filho terá roupas novas. Seus sapatos irão servir. Ele tomará suas vacinas e terá

reforços. Abriremos uma conta para a faculdade na semana que vem. Direi que o amo todo maldito dia.

Se aquele não era um ótimo plano para ser uma boa mãe, eu não conseguia imaginar o que seria melhor. Nos abraçamos quando me levantei para ir embora. *É assim que deve ser*, pensei.

Fui para casa, almocei tarde e me troquei para trabalhar.

Quando o telefone tocou, eu esperava que fosse Sam ligando para suavizar as coisas, mas a voz do outro lado da linha era de um homem mais velho e desconhecido.

—Alô? Octavia Fant está, por favor?

—Não, senhor, ela saiu. Posso anotar o recado?

—Se puder.

— Claro. – Atendi o telefone na cozinha, então havia um bloco e lápis à mão.

— Por favor, diga-lhe que Louis Chambers ligou. Este é meu número. – Ele ditou lenta e cuidadosamente, e eu repeti para me certificar de que anotei corretamente. – Peça-lhe para me ligar, por favor. Ficarei feliz em aceitar uma chamada a cobrar.

—Vou me certificar de que ela receba seu recado.

—Obrigado.

Hmmm. Eu não conseguia ler pensamentos pelo telefone, o que normalmente considerava um grande alívio. Mas teria apreciado descobrir um pouco mais a respeito do Sr. Chambers.

Quando Amelia voltou para casa pouco depois das cinco, Octavia estava no carro. Soube que Octavia andou pelo centro de Bon Temps preenchendo fichas de emprego, enquanto Amelia passou a tarde na agência de seguros. Era a noite de Amelia cozinhar, e apesar de ter que ir para o Merlotte's dentro de poucos minutos, apreciei observá-la entrar em ação, criando molho de espaguete. Dei o recado a Octavia enquanto Amelia fatiava cebolas e pimentões.

Octavia fez um som sufocado e ficou tão imóvel que Amelia parou de cortar e esperou comigo para que a mulher mais velha levantasse os olhos do pedaço de papel e nos desse uma pequena explicação. Isso não aconteceu.

Após um instante, percebi que Octavia estava chorando, e corri até meu quarto para pegar um lenço. Tentei dá-lo a Octavia discretamente, como se não tivesse notado nada demais, só por acaso eu tinha um Kleenex extra na mão.

Amelia cuidadosamente baixou os olhos para a tábua de cozinha e continuou a trabalhar, enquanto eu dava uma olhada no relógio e começava a procurar as chaves do carro na bolsa, perdendo tempo desnecessário para isso.

—Ele parecia bem? – Octavia perguntou, a voz emocionada.

— Sim – respondi. Não havia muito que pudesse perceber da voz no outro lado da linha. – Ele parecia ansioso para falar com você.

—Oh, eu tenho que retornar a ligação – ela disse, a voz selvagem.

— Claro – falei. – Simplesmente aperte os números. Não se preocupe com chamadas a cobrar nem nada; a conta do telefone dirá quanto foi. – Olhei para Amelia, arqueando uma sobrancelha. Ela sacudiu a cabeça. Não sabia que diabos estava acontecendo, tampouco.

Octavia completou a ligação com dedos trêmulos. Apertou o fone contra o ouvido depois do primeiro toque. Percebi quando Louis Chambers respondeu. Ela fechou os olhos bem apertados e as mãos agarraram o fone com tanta força que os músculos apareceram.

— Oh, Louis – ela disse, a voz cheia de puro alívio e espanto. – Oh, graças a Deus. Você está bem?

Amelia e eu saímos da cozinha naquele instante. Ela foi até o carro comigo. —Você já ouviu falar desse sujeito Louis? – perguntei.

— Ela nunca falou sobre a vida particular enquanto trabalhava comigo. Mas outras bruxas me contaram que Octavia teve um namorado fixo. Ela não o mencionou desde que veio para cá. Parece que não teve notícias dele desde o Katrina.

— Ela pode ter achado que ele não sobreviveu – falei e arregalamos os olhos uma para a outra.

— Isso é algo grande – disse Amelia. – Bem. Talvez tenhamos que perder Octavia. – Ela tentou reprimir o alívio, mas é claro, pude captar. Apesar de ela gostar de sua conselheira mágica, percebi que para Amelia, viver com Octavia era como morar com uma das professoras do colegial.

— Eu tenho que ir – falei. – Me mantenha informada. Mande uma mensagem de texto se houver grandes novidades. – Teclar era uma de minhas novas habilidades, ensinada por Amelia.

Apesar do ar frio, Amelia sentou-se numa das cadeiras de jardim que alugamos recentemente para nos encorajarmos a antecipar a primavera. — No minuto em que souber de algo – ela concordou. – Vou esperar aqui alguns minutos, então vou lá verificá-la.

Subi no carro e esperei que o aquecedor esquentasse logo. Com o anoitecer caindo, dirigi até o Merlotte's. Vi um coiote no caminho. Geralmente, eles eram espertos demais para serem vistos, mas este trotava ao lado da estrada como se tivesse um compromisso na cidade. Talvez fosse realmente um coiote, ou uma pessoa em outra forma. Quando pensei nos gambás, guaxinins e ocasionais tatus que via atropelados na estrada toda manhã, imaginei quantos metamorfos foram mortos em sua forma animal de maneira tão descuidada.

Talvez alguns dos corpos que a polícia rotulou como vítimas de assassinato tenham sido, na verdade, pessoas mortas por acidente em sua forma alternada. Lembrei que todos os traços animais desapareceram do corpo de Crystal quando foi tirada da cruz, depois dos pregos serem removidos. Estava disposta a apostar que os pregos eram de prata. Havia tanta coisa que eu não sabia.

Quando entrei pela porta dos fundos do Merlotte's, cheia de planos para me reconciliar com Sam, encontrei meu chefe discutindo com Bobby Burnham. Estava quase escuro agora, e Bobby devia estar fora do expediente. Ao invés disso, encontrava-se no corredor do lado de fora do escritório de Sam. Com o rosto vermelho e prestes a atacar.

—O que foi? – falei. – Bobby, você precisa falar comigo?

— Sim. Esse cara não queria me dizer quando você estaria aqui – disse Bobby.

— Esse cara é meu chefe, e ele não é obrigado a lhe dizer nada – respondi. – Aqui estou. O que precisa me dizer?

— Eric lhe mandou este cartão e me ordenou dizer que estarei à sua disposição sempre que precisar de mim. Devo lavar seu carro se você quiser. – O rosto de Bobby ficou ainda mais vermelho ao dizer isso.

Se Eric achava que Bobby se tornaria mais humilde e submisso depois de uma humilhação pública, ele estava louco. Agora Bobby me odiaria por cem anos, se vivesse todo esse tempo. Peguei o

cartão que Bobby me entregou e falei: — Obrigada, Bobby. Volte para Shreveport.

Antes que a última sílaba deixasse minha boca, Bobby saiu pela porta dos fundos. Examinei o simples envelope branco e então o enfiei na bolsa. Levantei a cabeça para encontrar os olhos de Sam.

— Como se você precisasse de outro inimigo – ele disse, marchando para o escritório.

Como se eu precisasse de outro amigo agindo como um imbecil, pensei. Faltava muito para darmos umas boas gargalhadas de nossa briga. Segui Sam para deixar minha bolsa na gaveta que ele mantinha vazia para as garçonetes. Não trocamos uma palavra sequer. Fui ao depósito para pegar um avental. Antoine trocava seu avental sujo por um limpo.

— D'Eriq colidiu em mim com uma jarra cheia de jalapeños[1] e derramou o líquido – ele disse. – Não suporto o cheiro.

—Nossa – falei, sentindo o odor. – Eu não o culpo.

—A mãe de Sam está bem?

—Sim, ela saiu do hospital – respondi.

—Boas notícias.

Enquanto amarrava o avental na cintura, achei que Antoine estava prestes a dizer algo mais, mas se ia fazer isso, mudou de

ideia. Ele atravessou o corredor para bater na porta da cozinha, D'Eriq abriu do lado de dentro e o deixou entrar. As pessoas perambularam pela cozinha por engano com frequência, e a porta ficava trancada o tempo todo. Havia outra porta na cozinha que conduzia direto para os fundos e o container de lixo do lado de fora.

Passei pelo escritório de Sam sem olhar. Ele não queria falar comigo; tudo bem, eu não falaria com ele. Percebi que estava sendo infantil.

Os agentes do FBI ainda se encontravam em Bon Temps, o que não devia me surpreender. Esta noite, eles vieram ao bar. Weiss e Lattesta sentaram-se numa cabine de frente um para o outro, com um jarro de cerveja e um cesto de fritas com picles entre eles, e conversavam intensamente. E numa mesa perto deles, parecendo régio, belo e distante, estava meu bisavô Niall Brigant.

Esse dia ganharia o prêmio de mais peculiar. Soprei uma bola de ar e fui atender meu bisavô primeiro. Ele se levantou quando me aproximei. Os cabelos lisos e pálidos estavam presos na nuca. Ele vestia um terno preto e camisa branca, como sempre. Esta noite, ao contrário da sólida gravata preta que normalmente usava, ele tinha a gravata que lhe dei de presente no Natal. Possuía listras vermelhas, douradas e pretas, e ele parecia espetacular. Tudo a respeito dele cintilava e brilhava. A camisa não era simplesmente branca—era branca como neve e engomada; e o casaco não era apenas preto—era imaculadamente preto. Os sapatos não mostravam um grão de poeira, e a miríade de rugas finas no belo rosto apenas ressaltavam a perfeição e os brilhantes olhos verdes. Sua idade realçava ao

invés de diminuir sua aparência. Quase doía olhar para ele. Niall colocou os braços ao meu redor e beijou minha bochecha.

— Sangue do meu sangue – ele disse, e eu sorri contra seu peito. Ele era tão dramático. E tinha dificuldade em parecer humano. Tive apenas um vislumbre de sua verdadeira forma e foi quase ofuscante. Já que ninguém no bar estava embasbacado por vê-lo, sabia que eles não estavam vendo da mesma forma que eu.

— Niall – respondi. – Estou tão feliz por vê-lo. – Sempre me sentia contente e lisonjeada quando ele visitava. Ser bisneta de Niall era como ser parente de um astro do rock; ele tinha uma vida que eu não conseguia imaginar, foi a lugares que eu nunca iria e possuía poder que eu não compreendia. Mas de vez em quando, ele passava tempo comigo, e esses momentos eram sempre como o Natal.

Ele falou bem baixo: — Essas pessoas ao meu lado, elas não fazem nada, exceto falar de você.

— Você sabe o que é o FBI? – A fonte de conhecimento de Niall era incrível; já que era tão velho ele parou de contar no mil e às vezes errava datas específicas em mais de um século, mas eu não sabia quanta informação ele possuía sobre a época moderna.

— Sim – ele respondeu. – FBI. Uma agência do governo que reúne informações a respeito de infratores da lei e terroristas dentro dos Estados Unidos.

Eu assenti.

— Mas você é uma boa pessoa. Não é uma assassina ou terrorista – disse Niall, embora não parecesse acreditar que minha inocência me protegesse.

— Obrigada – falei. – Mas não acho que eles queiram me prender. Suspeito que queiram descobrir como eu consigo resultados com minha pequena condição mental e, se decidirem que não sou louca, provavelmente vão querer que eu trabalhe para eles. É por isso que vieram para Bon Temps... mas foram distraídos. – E aquilo me lembrou de um assunto doloroso. – Você soube o que aconteceu com Crystal?

Mas alguns dos outros fregueses me chamaram e levou um tempo antes que pudesse voltar a Niall, que esperou pacientemente. De algum modo, ele fazia a cadeira velha parecer um trono. Ele continuou a conversa de onde paramos.

— Sim, sei o que aconteceu a ela. – Seu rosto não pareceu mudar, mas senti a frieza emanando dele. Se eu tivesse algo a ver com a morte de Crystal, teria sentido muito medo.

— Por que se importa? – perguntei. Ele nunca prestou qualquer atenção a Jason; na verdade, Niall parecia antipatizar com meu irmão.

Niall disse: — Sempre estou interessado em descobrir por que alguém ligado a mim morreu. – Niall pareceu totalmente impessoal ao falar da morte de Crystal, mas se estava interessado, talvez ajudasse. Era de se pensar que ele queria inocentar Jason, já que ele era seu bisneto assim como eu era sua bisneta, mas Niall nunca

mostrou qualquer sinal de querer encontrar Jason, muito menos conhecê-lo.

Antoine tocou a sineta na cozinha para informar que um de meus pedidos estava pronto, e corri para servir a Sid Matt Lancaster e Bud Dearborn as batatas fritas com queijo, chili e bacon. O recente viúvo Sid Matt era tão velho que achei que ele imaginava que suas artérias não ficariam piores do que já estavam, e Bud nunca foi chegado em comida saudável.

Quando consegui retornar a Niall, eu falei: — Você tem alguma ideia de quem fez aquilo? As panteras estão procurando também. – Coloquei um guardanapo extra sobre a mesa diante dele para parecer ocupada.

Niall não desdenhava as panteras. De fato, embora fadas parecessem se considerar à parte e superiores a todas as outras espécies de sobrenaturais, Niall (pelo menos) respeitava todos os metamorfos, ao contrário dos vampiros, que os consideravam cidadãos de segunda-classe.

— Darei uma olhadinha. Estive preocupado e foi por isso que não visitei. Existem problemas. – percebi que a expressão de Niall estava ainda mais séria do que o normal.

Ah, merda. Mais encrenca.

— Mas não precisa se preocupar – ele acrescentou regiamente. – Eu cuidarei disso.

Eu mencionei que Niall é um pouco orgulhoso? Mas não consegui evitar ficar preocupada. Num minuto teria que servir outra bebida para alguém, e queria ter certeza que o entendi. Niall não aparecia com frequência e, quando o fazia, raramente perdia tempo. Eu podia não ter outra chance de falar com ele.

—O que está acontecendo, Niall? – perguntei diretamente.

— Quero que tome cuidado especial consigo mesma. Se vir quaisquer fadas além de mim, Claude e Claudine, telefone imediatamente.

— Por que eu me preocuparia com outras fadas? – Notei outra coisa. – Por que outras fadas iriam querer me machucar?

— Porque você é minha bisneta. – Ele se levantou e eu sabia que não conseguiria mais explicações.

Niall me abraçou e beijou novamente (fadas são muito afetuosas), e saiu do bar, com a bengala na mão. Eu nunca o vi usá-la como apoio para caminhar, mas estava sempre com ela. Enquanto o observava sair, imaginei se tinha uma faca oculta por dentro. Ou talvez fosse uma varinha mágica extragrande. Ou ambos. Desejei que tivesse ficado por mais algum tempo ou, pelo menos, dado um boletim de perigo mais específico.

— Srta. Stackhouse – disse uma educada voz masculina – poderia nos trazer outra jarra de cerveja e uma cesta de fritas?

Voltei-me para o Agente Especial Lattesta. — Claro, com prazer – respondi, sorrindo automaticamente.

— Era um homem muito bonito – disse Sara Weiss. Sara estava sentindo os efeitos dos dois copos de cerveja que já tomara. – Ele certamente parecia diferente. Ele é da Europa?

— Ele parece estrangeiro – concordei, peguei o jarro vazio e lhes trouxe outro cheio, sorrindo o tempo todo. Então Catfish, o chefe de meu irmão, derrubou rum e Coca com o cotovelo e eu tive que chamar D'Eriq para vir enxugar a mesa e limpar o chão.

Depois disso, dois idiotas que estiveram em minha turma no colegial começaram a discutir sobre quem tinha o melhor cão de caça. Sam teve que intervir. Eles realmente recuperaram rápido o bom senso, agora que sabiam o que Sam era, o que foi um bônus inesperado.

Várias discussões no bar aquela noite diziam respeito à morte de Crystal, naturalmente. O fato de ela ter sido uma pantera infiltrou-se na consciência da cidade. Metade dos fregueses do bar acreditava que ela foi morta por alguém que odiava o recém-revelado submundo. A outra metade não tinha tanta certeza se ela foi morta porque era uma pantera. Essa metade considerava que sua promiscuidade era motivação suficiente. A maioria assumiu que Jason era culpado. Alguns sentiam solidariedade por ele. Alguns conheceram Crystal ou sua reputação, e achavam as ações de Jason justificadas. Quase todas essas pessoas pensavam em Crystal apenas em termos da culpa ou inocência de Jason. Achei verdadeiramente triste que a maioria das pessoas lembrasse dela apenas pelo modo como morreu.

Eu devia ir ver Jason ou telefonar, mas não conseguia encontrar motivação. As ações de Jason nos últimos meses mataram algo dentro de mim. Embora Jason fosse meu irmão, eu o amasse e ele mostrasse sinais de finalmente estar crescendo, já não sentia que tinha que apoiá-lo através das provações que a vida lhe trouxe. Aquilo me tornava uma Cristã ruim, notei. Apesar de saber que não era uma profunda pensadora teológica, às vezes imaginava se os momentos de crise em minha vida não se resumiam a duas escolhas: ser uma Cristã ruim ou morrer.

Eu escolhi a vida em todas as ocasiões.

Eu estava olhando para isso de forma certa? Havia outro ponto de vista que me esclarecesse? Não conseguia pensar em ninguém para perguntar. Tentei imaginar o rosto do ministro metodista se eu lhe perguntasse, “Seria melhor apunhalar alguém para se manter segura, ou deixá-lo seguir em frente e matar você? Seria melhor romper um voto que fiz diante de Deus ou me recusar a quebrar a mão de meu amigo?” Estas foram as escolhas que tive de encarar. Talvez eu tivesse um grande débito com Deus. Ou talvez estivesse me protegendo como ele queria que eu fizesse. Simplesmente não sabia, e não conseguia pensar com profundidade suficiente para entender a Resposta Certa Final.

As pessoas que eu servia ririam se soubessem o que estava pensando? A ansiedade quanto ao estado de minha alma os divertiria? Muitos deles provavelmente diriam que todas as situações estão cobertas na Bíblia e, que se lesse mais o Livro, encontraria ali minhas respostas.

Isso não funcionou para mim até agora, mas eu não estava desistindo. Abandonei meus pensamentos sem resposta e escutei as pessoas ao redor para dar um descanso para meu cérebro.

Sara Weiss achava que eu parecia uma moça simples, e decidiu que eu era incrivelmente sortuda por ter recebido tal dom, como considerava. Ela acreditou em tudo que Lattesta lhe contou sobre o que aconteceu na Pirâmide, porque debaixo da abordagem prática da vida havia um toque de misticismo. Lattesta também achava quase possível eu ser vidente; ele ouviu os relatos das primeiras testemunhas em Rhodes com grande interesse, e agora que me conheceu, começou a achar que eles falaram a verdade. Ele queria saber o que eu podia fazer por meu país e sua carreira. Imaginava se conseguiria uma promoção se conquistasse minha confiança o suficiente para ser meu supervisor durante minha época de ajuda ao FBI.

Se conseguisse meu cúmplice masculino também, sua trajetória ascendente estaria assegurada. Ele ganharia um posto no quartel-general do FBI em Washington. Subiria de posição.

Considerei pedir a Amelia para lançar um feitiço sobre os agentes do FBI, mas aquilo parecia trapaça de alguma forma. Eles não eram sobrenaturais. Só estavam cumprindo ordens. Eles não desejavam me fazer mal; na verdade, Lattesta acreditava que estava me fazendo um favor, porque podia me tirar desse fim de mundo e me fazer ganhar destaque nacional, ou pelo menos ser altamente estimada pelo FBI.

Como se isso importasse para mim.

Enquanto cumpria minhas obrigações, sorrindo e batendo papo com os fregueses regulares, tentei imaginar ir embora de Bon Temps com Lattesta. Eles inventariam alguns testes para medir minha precisão. Finalmente acreditariam que eu não era vidente, mas telepática. Quando descobrissem quais eram os limites de meu talento, me levariam para lugares onde coisas terríveis aconteceram para que eu pudesse encontrar sobreviventes. Eles me colocariam em salas com agentes da inteligência de outros países ou com americanos suspeitos de coisas terríveis. Eu teria que dizer ao FBI se essas pessoas eram ou não culpadas de qualquer crime que o FBI imaginava que podiam ter cometido. Eu teria que estar perto de assassinos em massa, talvez. Imaginei o que poderia ver na mente de tal pessoa, e me senti doente.

Mas o conhecimento que ganharia não seria uma grande ajuda para os vivos? Talvez descobrisse complôs em tempo suficiente para evitar mortes.

Sacudi a cabeça. Minha mente estava perambulando longe demais. Tudo aquilo *podia* acontecer. Um assassino em série podia estar pensando em onde suas vítimas estavam enterradas no exato momento em que eu ouvia seus pensamentos. Mas em minha longa experiência, as pessoas raramente pensavam, “Sim, eu enterrei aquele corpo no 1218 da Clover Drive debaixo de uma roseira,” ou “Aquele dinheiro que roubei com certeza está seguro em minha conta número 12345 no Banco Nacional Suíço.” Muito menos, “Estou planejando explodir o edifício XYZ no dia 4 de maio, e meus seis comparsas são...”

Sim, haveria coisas boas que eu podia fazer. Mas o que quer que eu pudesse obter nunca alcançaria as expectativas do governo. E nunca seria livre de novo. Não acho que eles me manteriam numa cela nem nada disso—Não sou tão paranoica. Mas não achava que conseguiria ter minha própria vida como queria.

Então, mais uma vez, decidi que talvez estivesse sendo uma Cristã ruim, ou pelo menos uma americana ruim. Mas sabia que, a não ser que fosse forçada, eu não deixaria Bon Temps com a Agente Weiss ou o Agente Especial Lattesta. Estar casada com um vampiro era bem melhor.

Capítulo 8

EU ESTAVA ZANGADA com quase todo mundo enquanto voltava para casa naquela noite. De vez em quando, eu tinha episódios como aquele; talvez todos tenham. É hormonal ou cíclico de alguma outra maneira. Ou talvez seja um simples alinhamento fortuito de estrelas.

Estava zangada com Jason porque andei zangada com ele durante meses. Estava zangada com Sam de uma forma magoada. Estava furiosa com os agentes do FBI porque eles estavam ali para me pressionar—embora, na verdade, ainda não tivessem feito isso. Estava ultrajada com a façanha de Eric com a faca e a expulsão despótica de Quinn, embora tenha que admitir que Eric falou a verdade quando disse que eu o dispensei primeiro. Isso não significava que nunca mais quisesse vê-lo de novo (ou significava?). Com certeza não queria dizer que Eric podia determinar quem eu via ou não.

E talvez estivesse zangada comigo mesma, porque quando tive a chance de confrontar Eric a respeito de todo tipo de coisas, eu fiquei toda entretida e escutei suas reminiscências. Como os flashbacks de *Lost*, as memórias Vikings de Eric interromperam o fluxo da história atual.

Para me tornar ainda mais zangada, havia um carro que não reconheci parado diante da porta, onde apenas visitantes estacionavam. Fui para os fundos e subi os degraus da varanda,

fazendo caretas e me sentindo totalmente contrariada. Eu não queria companhia. Tudo que desejava fazer era vestir meu pijama, lavar o rosto e ir para a cama com um livro.

Octavia encontrava-se sentada à mesa da cozinha com um homem que nunca encontrei. Era um dos homens mais negros que já vi, e seu rosto possuía círculos tatuados ao redor dos olhos. Apesar dos ameaçadores enfeites, ele parecia calmo e simpático. Ficou de pé quando eu entrei.

— Sookie – disse Octavia com voz trêmula – este é meu amigo Louis.

— Prazer em conhecê-lo – falei, estendendo a mão para que ele a apertasse. Ele deu um aperto cuidadosamente gentil, e sentei para que fizesse o mesmo. Então notei as malas no corredor. – Octavia? – falei, apontando para elas.

— Bem, Sookie, até nós velhas temos romance em nossas vidas – disse Octavia, sorrindo. – Louis e eu éramos amigos íntimos antes do Katrina. Ele morava a dez minutos de minha casa em Nova Orleans. Depois do que aconteceu, eu procurei por ele. E finalmente desisti.

— Passei um bocado de tempo tentando encontrar Octavia – disse Louis, os olhos no rosto dela. – Finalmente encontrei a sobrinha dela dois dias atrás, e ela tinha o número do telefone daqui. Não conseguia acreditar que finalmente a encontrei.

— Sua casa sobreviveu ao...? – Incidente, catástrofe, desastre, apocalipse; pode escolher a palavra, todas serviriam.

— Sim, graças a Deus, sobreviveu. E tenho eletricidade. Há muito a fazer, mas tenho energia e aquecimento. Posso cozinhar de novo. Minha geladeira está funcionando e minha rua está quase limpa. Refiz meu próprio telhado. Agora Octavia pode vir para casa comigo, para um lugar próprio para ela.

— Sookie – ela disse muito gentilmente – você tem sido tão amável, me deixando ficar aqui com vocês. Mas quero estar com Louis e preciso voltar a Nova Orleans. Haverá coisas que poderei fazer para ajudar a reconstruir a cidade. É meu lar.

Octavia obviamente sentia que estava dando más notícias. Tentei parecer pesarosa.

— Você tem que fazer o que é melhor para você, Octavia. Adorei tê-la em minha casa. – Fiquei muito grata por Octavia não ser telepática. – Amelia está aqui?

— Sim, ela subiu para pegar algo para mim. Abençoado seja seu coração, ela de algum modo me arrumou um presente de despedida.

— Aaah – falei, tentando não exagerar. Recebi um olhar atravessado de Louis, mas Octavia sorriu para mim. Nunca vi Octavia sorrir antes, e gostei da visão.

— Fico simplesmente feliz por ter sido capaz de ajudá-la – ela disse, assentindo sabiamente.

Foi um pouco difícil manter meu sorriso-levemente-triste-mas-corajoso, mas consegui. Graças a Deus, Amelia desceu as escadas naquele momento com um pacote embrulhado nas mãos, um fino e delicado cachecol vermelho amarrado como um enorme laço.

Sem olhar para mim, Amelia disse: — Aqui está uma pequena lembrança minha e de Sookie. Espero que goste.

— Oh, vocês são tão doces. Desculpe por ter duvidado de suas habilidades, Amelia. Você é uma bruxa danada de boa.

— Octavia, significa tanto para mim ouvi-la dizer isso! – Amelia estava genuinamente emocionada e chorosa.

Graças a Deus, Louis e Octavia se levantaram naquele momento. Embora respeitasse e gostasse da bruxa mais velha, ela provocara uma série de rápidos solavancos na tranquila rotina caseira que eu e Amelia tínhamos formado.

De fato, me descobri dando um profundo suspiro de alívio quando a porta da frente se fechou atrás dela e de seu parceiro. Nos despedimos interminavelmente, e Octavia agradeceu nós duas repetidamente por várias coisas, também encontrando um jeito de lembrar todo tipo de coisas misteriosas que fez por nós e da qual mal conseguíamos nos recordar.

— Os céus sejam louvados – disse Amelia, desabando nas escadas. Amelia não era uma mulher religiosa, ou pelo menos não era uma Cristã religiosa convencional, então aquilo era uma demonstração e tanto por parte dela.

Sentei-me na beirada do sofá. — Espero que eles sejam felizes – eu disse.

—Você não acha que devíamos tê-lo verificado de alguma forma?

— Uma bruxa tão poderosa como Octavia não pode se cuidar sozinha?

—Boa questão. Mas você viu aquelas tatuagens?

—Eram incríveis, não? Acho que ele é algum tipo de feiticeiro.

Amelia concordou. — Sim, tenho certeza que ele pratica algum tipo de magia africana – disse. – Acho que não precisamos nos preocupar com a alta taxa de criminalidade em Nova Orleans afetando Octavia e Louis. Não acho que alguém vá roubá-los.

—Que presente nós demos?

— Liguei para meu pai e ele mandou por fax um vale-presente de sua loja de artigos domésticos.

—Ei, boa ideia. Quanto eu lhe devo?

—Nem um centavo. Ele insistiu em bancar.

Pelo menos esse feliz incidente tirou parte de minha raiva generalizada. Me senti mais confortável com a companhia de Amelia também, agora que não abrigava mais um vago ressentimento por ela ter trazido Octavia para minha casa. Sentamos na cozinha e conversamos durante uma hora antes de ir dormir, apesar de estar

exausta demais para tentar explicar a saga do que estava acontecendo ultimamente. Fomos para cama melhores amigas do que vínhamos sendo durante semanas.

Enquanto me preparava para deitar, pensei em nosso prático presente para Octavia, e isso me lembrou do cartão que Bobby Burnham me entregou. Tirei da bolsa e rasguei o envelope com minha lixa de unhas. Tirei o cartão. Havia uma fotografia anexa que nunca vi, claramente tirada durante a sessão de fotos de Eric para o calendário disponível para compra na loja de presentes do Fangtasia. Na foto do calendário, Eric (Sr. Janeiro) se encontrava ao lado de uma enorme cama toda enfeitada de branco. O fundo era cinza, com flocos de neve cintilantes caindo por todo lado. Eric tinha um pé no chão, o outro joelho dobrado e apoiado sobre a cama. Estava segurando um roupão branco felpudo numa posição estratégica. Na fotografia que Eric me deu hoje, ele estava de alguma forma quase na mesma pose, mas estendia uma mão para a câmera como se estivesse convidando o espectador a juntar-se a ele na cama. E o roupão branco não estava cobrindo nada. "*Espero pela noite em que se juntará a mim*", ele escreveu num cartão branco em sua caligrafia ilegível.

Levemente bobo? Sim. Insinuante? Ah, pode apostar. Eu podia praticamente sentir meu sangue esquentar. Estava arrependida por ter aberto antes de subir na cama. Definitivamente demorei um tempão para conseguir dormir.

Pareceu estranho não ouvir Octavia perambulando pela casa quando acordei na manhã seguinte. Ela desapareceu de minha vida

tão rápido quanto entrou. Esperava que em seu tempo juntas, Octavia e Amelia tivessem discutido a posição de Amelia com o que restou de seu clã em Nova Orleans. Era difícil acreditar que Amelia pôde transformar um rapaz num gato (durante momentos de sexo realmente aventuroso), pensei, enquanto observava minha companheira correr pela porta dos fundos para a agência de seguros.

Amelia, vestida em calças azuis e suéter bronze com azul-marinho, parecia pronta para vender biscoitos das Escoteiras. Quando a porta se fechou atrás dela, dei um longo suspiro. Estava sozinha na casa pela primeira vez em muito tempo.

A solidão não durou muito. Eu estava tomando a segunda caneca de café e comendo uma torrada quando Andy Bellefleur e o Agente Especial Lattesta apareceram na porta da frente. Vesti jeans e uma camiseta rapidamente para atender a porta.

— Andy, Agente Especial Lattesta – eu disse. – Entrem. – Conduzi-os até a cozinha. Não deixaria que me afastassem de minha cafeteira. – Vocês querem uma xícara? – perguntei, mas ambos sacudiram as cabeças.

— Sookie – disse Andy, o rosto sério – estamos aqui por causa de Crystal.

— Claro. – Mordi um biscoito, mastiguei e engoli. Imaginei se Lattesta estava em algum tipo de dieta. Ele seguia cada movimento meu. Mergulhei em seu cérebro. Ele não estava feliz por eu estar sem sutiã, porque meus peitos o distraíam. Estava pensando que

era melhor não pensar mais em mim daquela forma. Sentia falta da esposa. – Imagino que teria prioridade sobre outras coisas – respondi, forçando minha atenção para Andy.

Não consegui captar o quanto Andy sabia—quanto Lattesta compartilhou—sobre o que aconteceu em Rhodes, mas Andy assentiu.

— Nós achamos – disse, olhando de mim para Lattesta – que Crystal morreu três noites atrás, entre uma a três ou quatro da manhã.

—Certo – respondi novamente.

— Você sabia disso? – Lattesta praticamente se acendeu, como um cão de caça.

— Faz sentido. Sempre há alguém no bar até uma ou duas horas, então geralmente Terry vem para lavar o chão entre seis e oito da manhã. Terry não viria tão cedo naquele dia, porque ficou cuidando do bar e precisava dormir até mais tarde, mas a maioria das pessoas não pensaria nisso, certo?

—Correto – disse Andy após uma apreciável pausa.

—É isso – falei, dando minha opinião e me servindo de mais café.

—Você conhece bem Tray Dawson? – Andy perguntou.

Era uma pergunta carregada. A resposta correta seria, “Não tão bem quanto você pensa”. Certa vez, eu fui flagrada num beco com Tray Dawson e ele estava nu, mas não foi o que as pessoas pensaram (fiquei consciente de que eles pensaram um pouco).

— Ele está saindo com Amelia – respondi, o que era algo seguro para dizer. – É minha colega de quarto – recordei Lattesta, que parecia meio confuso. – Você a conheceu dois dias atrás. Está trabalhando agora. E, é claro, Tray é um lobisomem.

Lattesta pestanejou. Levaria um tempo para ele se acostumar com pessoas dizendo aquilo com rostos normais. A expressão de Andy não mudou.

— Certo – disse Andy. – Amelia saiu com Tray na noite em que Crystal morreu?

—Eu não lembro. Pergunte a ela.

—Faremos isso. Tray alguma vez disse algo sobre sua cunhada?

— Não lembro de nada. Obviamente, eles se conheciam pelo menos um pouco, já que ambos são metamorfos.

— Há quanto tempo você sabia a respeito dos... lobisomens? E os outros metamorfos? – Andy perguntou, como se simplesmente não conseguisse evitar.

—Oh, há algum tempo – falei. – Primeiro Sam, e então os outros.

—E você não contou a ninguém? – Andy perguntou incrédulo.

— É claro que não – respondi. – As pessoas acham que sou esquisita o suficiente. Além disso, não era meu segredo para contar. – Foi minha vez de lhe lançar um olhar. – Andy, você sabia também. – Após aquela noite no beco, quando fomos atacados por uma antimetamorfos, Andy ouviu Tray em sua forma animal e o viu nu como humano. Qualquer ligue-os-pontos básico mostraria a figura de um lobisomem.

Andy olhou para o bloco de notas que tirou do bolso. Ele não escreveu nada. Respirou fundo.

— Então, daquela vez em que vi Tray no beco, ele só tinha se transformado de volta? Fico meio contente. Nunca achei que você fosse o tipo de mulher que fazia sexo em lugares públicos com alguém que mal conhecia (Isso me surpreendeu; sempre achei que Andy acreditasse em qualquer coisa ruim a meu respeito). E quanto àquele cachorro que estava com você?

—Era Sam – falei, me levantando para lavar a caneca de café.

—Mas no bar ele se transformou num collie.

— Collies são bonitinhos – falei. – Ele achou que as pessoas se sentiriam mais confortáveis. É sua forma habitual.

Os olhos de Lattesta quase saltavam para fora. Ele era um sujeito resistente. —Vamos voltar ao assunto – disse.

— O álibi de seu irmão parece ser verdadeiro – Andy disse. – Conversamos duas ou três vezes com Jason, conversamos com Michele duas vezes e ela foi inflexível ao dizer que esteve com ele o tempo todo. Contou tudo que aconteceu aquela noite em detalhes. – Andy deu um meio-sorriso. – Detalhes demais.

Aquela era Michele. Ela era franca e categórica. Sua mãe era do mesmo jeito. Eu fui a um retiro escolar religioso certo verão, quando a Sra. Schubert deu aulas para um grupo da minha idade. “Digam a verdade e envergonhem o demônio,” ela nos aconselhou. Michele levou aquela inflexibilidade ao pé da letra, embora talvez não da forma como sua mãe esperava.

—Fico feliz que tenha acreditado nela – respondi.

— Também conversamos com Calvin. – Andy inclinou-se sobre os cotovelos. – Ele nos deu os detalhes sobre Dove e Crystal. De acordo com ele, Jason sabia a respeito do caso.

— Ele sabia. – Fechei a boca. Não ia falar sobre aquele incidente se pudesse evitar.

—E falamos com Dove.

—Claro.

— Dove Beck – disse Lattesta, lendo suas próprias anotações. – Vinte e seis anos, casado, dois filhos.

Já que sabia de tudo aquilo, eu não tinha nada a dizer.

— Seu primo Alcee insistiu em estar lá quando conversamos com ele – disse Lattesta. – Dove diz que ficou em casa a noite toda, e sua esposa corrobora.

— Eu não acho que Dove tenha feito isso – respondi, e ambos pareceram surpresos.

— Mas você nos deu a dica de que ela e Dove tiveram um caso – disse Andy.

Corei de embaraço. — Desculpe por isso. Odeio quando todos olham para Jason como se tivessem certeza que ele fez aquilo, quando eu sei que não fez. Não acho que Dove tenha assassinado Crystal. Não acho que se importava o suficiente com ela para fazer isso.

—Mas talvez ela tenha arruinado o casamento dele.

— Ainda assim, ele não faria isso. Dove ficaria zangado consigo mesmo, não ela. E ela estava grávida. Dove não mataria uma mulher grávida.

—Como pode ter tanta certeza?

Porque posso ler sua mente e ver a inocência, pensei. Mas os vampiros e Lobisomens se revelaram, não eu. Eu dificilmente era uma criatura sobrenatural. Simplesmente era uma variação humana.

—Não acho que tenha sido Dove – falei. – Não consigo ver.

—E nós devemos aceitar isso como prova? – disse Lattesta.

— Eu não ligo para o que vocês farão com isso – respondi, me impedindo imediatamente de oferecer uma sugestão do que exatamente ele podia fazer. – Você me perguntou; eu respondi.

—Então você acha que isso foi um crime de ódio?

Foi minha vez de olhar para a mesa. Eu não tinha um bloco na qual rabiscar, mas queria meditar sobre o que estava prestes a dizer.

— Sim – respondi finalmente. – Acho que foi um crime de ódio. Mas não sei se é ódio pessoal, porque Crystal era uma prostituta... ou ódio racial, por ela ser uma pantera. – Dei de ombros. – Se escutar alguma coisa, eu direi. Quero isso resolvido.

— Escutar alguma coisa? No bar? – A expressão de Lattesta era ávida. Finalmente, um homem humano me via como alguém totalmente valiosa. Sorte minha ele ser feliz no casamento e achar que eu era uma aberração.

—Sim – falei. – Posso ouvir algo no bar.

Eles foram embora depois disso, e fiquei feliz por vê-los partir. Era meu dia de folga. Senti que devia fazer algo especial hoje para comemorar, já que estava saindo de um momento complicado, mas não consegui pensar em nada para fazer. Assisti o Canal do Tempo e vi que a máxima de hoje devia ficar nos quinze graus. Decidi que o inverno estava oficialmente terminado, apesar de ainda ser janeiro. Ficaria frio de novo, mas eu ia apreciar o dia.

Peguei minha velha espreguiçadeira do galpão e coloquei-a no quintal. Amarrei o cabelo num rabo de cavalo e fiz um coque para não ficar pendurado. Vesti meu menor biquíni, que era laranja brilhante e turquesa. Me cobri com loção bronzeadora. Peguei o rádio, o livro que estava lendo e uma toalha, e fui para o quintal. Sim, estava frio. Sim, senti arrepios quando a brisa soprou. Mas este sempre era um dia feliz em meu calendário, o primeiro dia em que tomava banho de sol. Eu ia aproveitar. Precisava.

Todo ano, eu pensava em todos os motivos para não deitar sob o sol. Todo ano, acrescentava minhas virtudes: eu não bebia, não fumava, raramente fazia sexo, apesar de estar disposta a mudar isso. Mas eu amava o sol, e hoje se encontrava brilhante no céu. Cedo ou tarde, eu pagaria por isso, mas permanecia sendo minha fraqueza. Imaginei se talvez meu sangue de fada impediria a possibilidade de ter câncer de pele. Não; minha tia Linda morreu de câncer, e ela teve mais sangue de fada do que eu. Bem... dane-se.

Deitei de costas, com os olhos fechados, óculos escuros mantendo o brilho ao mínimo. Suspirei alegremente, ignorando o fato de que estava sentindo um pouco de frio. Com cuidado, não pensei em várias coisas: Crystal, misteriosas fadas mal-intencionadas, FBI. Após quinze minutos, virei de barriga, ouvindo a estação de rádio country de Shreveport, acompanhando a música de vez em quando, já que ninguém estava por perto para me ouvir. Eu tenho uma voz horrível.

—Táfazendooquê? – perguntou uma voz bem no meu ouvido.

Eu nunca levitei antes, mas acho que aconteceu agora, levantei uns quinze centímetros da espreguiçadeira dobrável. Gritei também.

— Jesus Cristo, Pastor da Judéia – ofeguei, quando finalmente percebi que a voz pertencia a Diantha, a sobrinha parte-demônio do advogado metade-demônio, Sr. Cataliades. – Diantha, você me assustou tanto que eu quase morri.

Diantha ria silenciosamente, o corpo magro e plano sacudindo para cima e para baixo. Ela se encontrava sentada de pernas cruzadas no chão, e usava calção de Lycra vermelho e uma camiseta estampada preta e verde. Tênis Converse vermelhos com meias amarelas completavam o conjunto. Ela tinha uma nova cicatriz enrugada, comprida e vermelha ao longo da perna.

— Explosão – ela disse, quando notou que eu olhava. Diantha mudara a cor dos cabelos também; um cintilante platinado. Mas a cicatriz era ruim suficiente para voltar a chamar minha atenção.

— Você está bem? – perguntei. Era fácil adotar um estilo sucinto quando se falava com Diantha, cuja conversa era como ler um telegrama.

— Melhor – ela disse, olhando para a própria cicatriz. Então os estranhos olhos verdes encontraram os meus. – Meu tio me mandou. – Esse era o prelúdio para a mensagem que viera entregar, entendi, porque ela falou lenta e distintamente.

— O que seu tio quer me dizer? – Eu ainda estava de barriga, apoiada sobre os cotovelos. Minha respiração voltara ao normal.

— Ele diz que as fadas estão se movendo por esse mundo. Diz para ter cuidado. Ele diz que eles vão pegá-la se puder, e irão machucá-la. – Diantha piscou para mim.

— Por quê? – perguntei, todo meu prazer sob o sol evaporando como se nunca tivesse existido. Senti frio. Lancei um olhar nervoso ao redor do quintal.

— Seu bisavô tem muitos inimigos – Diantha disse lenta e cuidadosamente.

— Diantha, você sabe por que ele tem tantos inimigos? – Era uma pergunta que eu não podia fazer ao meu próprio bisavô, ou pelo menos não tive coragem de fazer.

Diantha me fitou zombeteira. — Eles estão de um lado; seu bisavô do outro – respondeu, como se eu fosse lenta. – Elespegaramseuavô.

—Eles... essas outras fadas mataram meu avô Fintan?

Ela concordou vigorosamente. —Elenãocontou – disse.

—Niall? Ele só disse que o filho morreu.

Diantha irrompeu numa gargalhada aguda. — Podesedizerquesim – ela respondeu e se dobrou, ainda rindo. – Picadinho! – Ela me deu um tapa no braço com seu excesso de diversão. Eu recuei.

—Desculpa – ela disse. – Desculpadesculpadesculpa.

—Okay – eu disse. – Só me dê um minuto.

Esfreguei o braço vigorosamente para restaurar a sensação. Como a gente se protegia de fadas intrusas a perseguindo? — De quem exatamente eu devia ter medo? – perguntei.

—Breandan – ela respondeu. – Significaalgo; esqueci.

—Oh. O que “Niall” quer dizer? – Facilmente distraída, essa sou eu.

— Nuvem – disse Diantha. – Todo pessoal de Niall tem nomes de céu.

—Okay. Então Breandan está atrás de mim. Quem é ele?

Diantha pestanejou. Isso era uma longa conversa para ela. — Inimigo de seu bisavô – ela explicou cuidadosamente, como se eu fosse burra. – O único outro príncipe fada.

—Por que o Sr. Cataliades mandou você?

— Fezomelhor – ela disse de um só fôlego. Os brilhantes olhos fixos se prenderam aos meus, ela assentiu e muito gentilmente deu um tapinha em minha mão.

Eu fiz o possível para tirar todos vivos da Pirâmide. Mas não funcionou. Era meio gratificante saber que o advogado apreciara meus esforços. Passei uma semana zangada comigo mesma, porque não descobri mais rapidamente o complô da bomba. Se

tivesse prestado mais atenção, não me deixasse ficar tão distraída com outras coisas acontecendo ao redor...

—Além disso, seuchequevaichegar.

— Oh, ótimo! – Me senti mais animada, apesar da preocupação causada pelo resto da mensagem de Diantha. – Você me trouxe uma carta, ou algo assim? – perguntei, esperando um pouco mais de esclarecimento.

Diantha sacudiu a cabeça, e as pontas espetadas do cabelo brilhante platinado sacudiram sobre a cabeça, fazendo-a parecer um agitado porco-espinho. – Tio tem que ficar neutro – ela disse claramente. –Semcartastelefonemasouemails. Por isso me mandou.

Cataliades realmente arriscou o pescoço por mim. Não, ele arriscou o pescoço de *Diantha*.

—E se eles capturarem você, Diantha? – falei.

Ela encolheu um ombro ossudo. — Caiolutando – disse. Seu rosto ficou triste. Embora eu não consiga ler mentes de demônios do mesmo modo que posso ler os humanos, qualquer tolo podia perceber que Diantha estava pensando na irmã, Gladiola, que morreu sob a espada de um vampiro. Mas após um segundo, Diantha pareceu simplesmente letal. – Queimo – disse Diantha. Sentei-me e arqueei as sobrancelhas para mostrar que não entendi.

Diantha virou a mão para cima e olhou para a palma. Uma minúscula fagulha de fogo apareceu.

— Eu não sabia que você podia fazer isso – falei. Não fiquei apenas um pouco impressionada. Lembrei de sempre ficar de bem com Diantha.

— Pouco – ela disse, encolhendo os ombros. Deduzi que Diantha podia fazer apenas uma pequena chama, não grande. Gladiola deve ter sido pega completamente de surpresa pelo vampiro que a matou, porque vampiros eram inflamáveis, muito mais do que humanos.

—Fadas queimam como vampiros?

Ela sacudiu a cabeça. — Mastudovaiqueimar – disse, a voz inequívoca e séria. – Cedo, tarde.

Reprimi um arrepio. — Você quer uma bebida ou algo para comer? – perguntei.

— Não. – Ela se levantou do chão e espanou o traje brilhante. – Tenhoqueir. – Ela deu um tapinha em minha cabeça, virou e então se foi, correndo mais rápido do que um cervo.

Deitei na espreguiçadeira para pensar em tudo aquilo. Agora que Niall me avisou e o Sr. Cataliades me avisou, me senti realmente assustada.

Mas os avisos, ainda que oportunos, não davam qualquer informação prática sobre como me proteger da ameaça. Podia se materializar a qualquer hora ou lugar, tanto quanto podia perceber. Eu podia presumir que as fadas inimigas não invadiriam o Merlotte's e me arrastariam de lá, já que os *fae* eram tão discretos; mas

apesar disso, eu não tinha ideia de que forma viria o ataque ou como me defender. Portas trancadas manteriam fadas afastadas? Eles tinham que receber permissão para entrar como vampiros? Não, eu não conseguia lembrar de ter convidado Niall para entrar, e ele esteve na casa.

Eu sabia que fadas não se limitavam à noite, como os vampiros. Sabia que eram muito fortes, tão fortes quanto vampiros. Sabia que os *fae* que eram verdadeiras fadas (ao contrário de fadinhas, duendes ou elfos) eram belos e implacáveis; que até vampiros respeitavam sua ferocidade. As fadas mais velhas nem sempre viviam neste mundo, como Claudine e Claude; havia um lugar onde podiam ir, um mundo reduzido e secreto que consideravam vastamente preferível a esse: um mundo sem ferro. Se pudessem limitar sua exposição ao ferro, fadas viviam por tanto tempo que não conseguiam contar os anos. Niall, por exemplo, tratou centenas de anos em sua cronologia familiar de um modo bem inconsistente. Ele podia descrever algum evento como tendo acontecido há quinhentos anos atrás, quando outro evento que o antecedeu assinalava duzentos. Ele simplesmente perdeu a noção do tempo, talvez em parte porque não passou a maior parte dele em nosso mundo.

Vasculhei meu cérebro por qualquer outra informação. Eu sabia mais uma coisa e não pude acreditar que esqueci, mesmo momentaneamente. Se ferro é ruim para fadas, suco de limão é ainda pior. A irmã de Claude e Claudine foi assassinada com suco de limão.

Agora que pensei neles, achei que podia ser útil conversar com Claude e Claudine. Eles não apenas eram meus primos, mas Claudine era minha fada-madrinha e supostamente devia me ajudar. Ela estaria trabalhando na loja de departamentos onde manejava queixas, embrulhava presentes e lidava com pagamento de carnês. Claude estaria no clube de strip masculino que agora administrava e da qual era dono. Ele seria mais fácil de alcançar. Entrei para procurar o número. Claude de fato atendeu ao telefone pessoalmente.

— Sim – ele disse, conseguindo demonstrar indiferença, desprezo e aborrecimento numa única palavra.

— Oi, docinho! – falei animadamente. – Preciso falar com você pessoalmente. Posso ir até aí ou está ocupado?

— Não, não venha para cá! – Claude soou quase alarmado com a ideia. – Eu a encontro no centro.

Os gêmeos moravam em Monroe, que ostentava um belo centro comercial.

—Está bem – respondi. – Onde e quando?

Houve um momento de silêncio. — Claudine pode sair tarde para almoçar. Encontraremos você em uma hora e meia na praça de alimentação, perto do Chick-fil-A.

— Vejo vocês lá – falei, e Claude desligou. Sr. Charme. Vesti meu jeans favorito e uma camiseta verde e branca. Escovei os

cabelos vigorosamente. Eles ficaram tão compridos que achava trabalhoso lidar, mas não consegui me convencer a cortá-los.

Desde que compartilhei sangue com Eric diversas vezes, não apenas não pegava resfriados, como até os cabelos não tinham pontas duplas. Além disso, eles estavam mais brilhantes e de fato pareciam mais grossos.

Não fiquei surpresa pelas pessoas comprarem sangue vampiro no mercado negro. Me surpreendia que fossem tolas suficientes para confiar nos vendedores quando eles diziam que o negócio vermelho era sangue vampiro genuíno. Frequentemente, os frascos continham TrueBlood, sangue de porco ou até o próprio sangue do drenador. Se o comprador conseguia sangue de vampiro verdadeiro, era velho e podia facilmente deixar o consumidor louco. Eu nunca teria ido até um drenador para comprar sangue de vampiro. Mas agora que tomei várias vezes (e bem fresco), eu nem mesmo precisava usar base na maquiagem. Minha pele estava impecável. Obrigada, Eric!

Não sei por que me incomodava em ter orgulho de mim mesma, porque ninguém me olharia duas vezes quando estivesse com Claude. Ele tem quase 1.82m de altura, cabelos pretos ondulados e olhos castanhos, o físico de um stripper (barriga de tanquinho e tudo), mandíbula e maçãs do rosto de uma estátua da Renascença. Infelizmente, ele tinha a personalidade de uma estátua também.

Hoje, Claude usava calças caqui e uma regata apertada debaixo de uma camisa de seda verde aberta. Brincava com um par de óculos escuros. Embora as expressões faciais de Claude fossem

de neutras a rabugentas, quando não estava “aceso”, hoje ele realmente parecia nervoso. Ele examinou a praça de alimentação como se suspeitasse que alguém o seguia, e não relaxou quando sentei na cadeira em sua mesa. Ele tinha um copo do Chick-fil-A diante dele, mas não pegou nada para comer, então eu também não pedi.

— Prima – ele disse – você está bem? – Ele nem mesmo tentava soar sincero, mas pelo menos disse as palavras certas. Claude se tornou um pouco mais educado quando descobri que meu bisavô era avô dele, mas nunca esqueceu que eu era (principalmente) humana. Claude tinha tanto desprezo pelos humanos quanto a maioria das fadas, mas definitivamente gostava de dormir com humanos—contanto que tivessem um começo de barba.

—Sim, obrigada, Claude. Faz um tempo.

— Desde que nos encontramos? Sim. – E por ele aquilo estava bem. – Como eu posso ajudá-la? Oh, aí vem Claudine. – Ele pareceu aliviado.

Claudine usava um terninho marrom com grandes botões dourados e uma blusa listrada de marrom, creme e bronze. Ela se vestia bem conservadoramente para o trabalho e, apesar do traje ser elegante, algo no corte a fazia parecer menos esbelta, notei. Ela era a gêmea de Claude; houve outra irmã, a trigêmea Claudette[2] , mas ela foi assassinada. Será que existindo dois restantes de três, os dois vivos são chamados de “gêmeos”? Claudine era tão alta quanto Claude e, quando ela se inclinou para beijá-lo no rosto, seus

cabelos (exatamente do mesmo tom) se misturaram numa cascata de ondas escuras. Ela me beijou também. Imaginei se todos os *fae* eram chegados em contato físico como as fadas. Minha prima trouxe uma bandeja cheia de comida: batatas fritas, nuggets de frango, algum tipo de sobremesa e uma grande bebida doce.

— Em que tipo de problema Niall está envolvido? – perguntei, indo direto ao ponto. – Que tipo de inimigos ele possui? Todos eles são fadas de verdade? Ou são algum outro tipo de *fae*?

Houve um instante de silêncio enquanto Claudine e Claude notavam meu ânimo inquieto. Eles não se surpreenderam com minhas perguntas, o que achei ser significativo.

— Nossos inimigos são fadas – disse Claudine. – Os outros *fae* não interferem em nossas políticas, como regra, embora sejamos todos variações do mesmo tema—como pigmeus, caucasianos e asiáticos são variações da raça humana. – Ela pareceu triste. – Todos nós somos menos do que costumávamos ser. – Abriu uma embalagem de ketchup e espalhou sobre as batatas fritas. Ela enfiou três batatas de uma vez na boca. Nossa, que fome.

— Levaria horas para explicar toda nossa linhagem – disse Claude, mas não estava me descartando. Simplesmente atestava um fato. – Viemos da linhagem de fadas que afirma parentesco com o céu. Nosso avô, seu bisavô, é um dos poucos membros sobreviventes da família real.

— Ele é um príncipe – falei, porque aquele era um dos poucos fatos que eu conhecia. *Príncipe Encantado. Príncipe Valente.*

Príncipe da Cidade. O título carregava um bocado de peso.

— Sim. Existe outro príncipe, Breandan. – Claude pronunciou como “Bren-DAWN”. Diantha mencionou Breandan. – Ele é filho do irmão mais velho de Niall, Rogan. Rogan reivindica descendência com o mar, e a partir daí sua influência se espalha para todos os corpos da água. Rogan foi recentemente para Summerland.

—Morto – Claudine traduziu antes de comer seu frango.

Claude encolheu os ombros.

— Sim, Rogan está morto. Ele era o único que conseguia dominar Breandan. E você deve saber, foi Breandan quem... – Mas Claude parou no meio da frase, porque a irmã segurou seu braço. Uma mulher que alimentava um garotinho com batata frita nos fitou com curiosidade, a atenção atraída pelo gesto súbito de Claudine. Claudine lançou um olhar para Claude que podia empelotar tinta. Ele assentiu, desvencilhou-se do aperto no braço e começou a falar novamente. – Breandan discorda veementemente de Niall sobre política. Ele...

Os gêmeos trocaram um olhar. Finalmente, Claudine assentiu. — Breandan acredita que todos os humanos com sangue de fada devem ser erradicados. Ele acredita que toda vez que um de nós se acasala com um humano, perdemos um pouco de nossa magia.

Eu pigarreei, tentando desfazer o nó de medo que me bloqueou.

— Então Breandan é um inimigo. Qualquer outra realeza do lado de Niall? – perguntei num tom sufocado.

— Alguém menos do que príncipe. Seu título não tem tradução – disse Claude. – Nosso pai Dillon, filho de Niall e de sua primeira esposa, Branna. Nossa mãe é Binne. Se Niall for para Summerland, Dillon o substituirá como príncipe. Mas é claro que deve esperar.

Os nomes eram desconhecidos. O primeiro soou quase como Dylan, o segundo pareceu BEE-nah. — Soletre os nomes, por favor – falei, e Claudine disse: — B-I-N-N-E. D-I-L-L-O-N. Niall não viveu feliz com Branna, e ele demorou muito para amar nosso pai, Dillon. Niall preferiu seus filhos metade-humanos. – Ela sorriu para me assegurar que aceitava humanos, eu acho.

Niall me contou uma vez que eu era sua única descendente viva. Mas isso não era verdade. Niall definitivamente era influenciado pelas emoções, não fatos. Eu precisava me lembrar disso. Claude e Claudine não pareciam me culpar pela parcialidade de Niall, para meu grande alívio.

—Então quem está do lado de Breandan? – perguntei.

—Dermot – disse Claudine. Ela me olhou em expectativa.

Eu conhecia aquele nome. Lutei para lembrar onde tinha ouvido.

— Ele é irmão de meu avô Fintan – respondi lentamente. – O outro filho de Niall com Einin. Mas ele é metade-humano. – Einin foi uma mulher humana seduzida por Niall séculos atrás (ela achou que

ele fosse um anjo, o que dá uma boa ideia de como uma fada tem boa aparência quando não precisa parecer humano). Meu tio-avô metade-humano estava tentando matar o pai?

— Niall lhe contou que Fintan e Dermot são gêmeos? – Claude perguntou.

—Não – respondi atônita.

— Dermot é mais jovem por alguns minutos. Os gêmeos não eram idênticos, compreenda – disse. Ele estava apreciando minha ignorância. – Eram... – deteve-se, parecendo confuso. – Não sei o termo correto – disse.

—Fraternos. Okay, interessante, mas e daí?

— Na verdade – disse Claudine, olhando atentamente seu frango – seu irmão, Jason, é a imagem vívida de Dermot.

— Você está sugerindo que... O que está sugerindo? – Eu estava pronta para ficar indignada, assim que soubesse por quê.

— Estamos apenas lhe dizendo que é por isso que Niall se sentiu mais naturalmente inclinado a favorecer você do que ao seu irmão – disse Claude. – Niall amou Fintan, mas Dermot desafiou Niall todas as vezes. Ele se rebelou abertamente contra nosso avô e jurou lealdade a Breandan, apesar de Breandan desprezá-lo. Além da semelhança entre os dois, que é apenas uma peculiaridade genética, Dermot é um imbecil como Jason. Pode notar por que Niall não afirma parentesco com seu irmão.

Senti um pouco de pena de Jason até meu bom senso me acordar.

—Então Niall possui inimigos além de Breandan e Dermot?

— Eles têm seus próprios seguidores e associados, inclusive alguns assassinos.

—Mas seu pai e sua mãe estão do lado de Niall?

—Sim. Outros também estão, é claro. Todos nós o povo do céu.

— Então eu tenho que tomar cuidado com a aproximação de qualquer fada, e eles podem me atacar a qualquer momento, porque sou sangue de Niall.

— Sim. O mundo *fae* é perigoso demais. Especialmente agora. É uma das razões pelas quais vivemos no mundo humano – Claude fitou Claudine, que devorava nuggets de frango como se estivesse faminta.

Claudine engoliu, limpou a boca com um guardanapo de papel e disse: — Aqui está o ponto mais importante. – Ela enfiou outro nugget na boca e olhou para Claude, sinalizando para que ele continuasse.

— Se você vir alguém que se parece com seu irmão, mas não é... – disse Claude.

Claudine engoliu.

—Fuja imediatamente – ela aconselhou.

Capítulo 9

DIRIGI PARA CASA mais confusa do que nunca. Embora amasse meu bisavô tanto quanto podia em nosso curto conhecimento... e estivesse absolutamente pronta para amá-lo ainda mais, disposta a apoiá-lo até o limite porque éramos parentes... eu ainda não sabia como lutar essa guerra, ou como evitá-la, tampouco. Fadas não querem ser conhecidas pelo mundo humano e nunca seriam. Não eram como metamorfos ou vampiros, que queriam compartilhar o planeta conosco. Havia muito menos motivos para as fadas concordarem com políticas e regras humanas. Elas podiam fazer tudo que desejassem e desaparecerem para seu local secreto.

Pela milionésima vez, desejei ter um bisavô normal ao invés dessa improvável, gloriosa e inconveniente versão príncipe das fadas.

Então fiquei envergonhada comigo mesma. Eu devia estar feliz com o que me foi dado. Esperava que Deus não tivesse notado meu lapso de apreço.

Eu já tive um dia movimentado, e eram apenas duas da tarde. Isso não estava se transformando em meu dia de folga normal. Geralmente eu lavava roupa, limpava a casa, ia ao mercado, lia, pagava contas... Mas o dia hoje estava tão bonito que eu queria ficar do lado de fora. Queria trabalhar em algo que me permitisse

pensar ao mesmo tempo. Com certeza havia um bocado sobre a qual meditar.

Olhei os canteiros de flores ao redor da casa e decidi tratá-las. Essa era minha tarefa menos favorita, talvez porque fosse algo que frequentemente era designada a fazer quando criança. Vovó acreditava que devíamos crescer trabalhando. Era em honra dela que eu tentava manter as jardineiras bonitas, e agora suspirei e decidi fazer o trabalho. Começaria com o canteiro junto à entrada, do lado sul da casa.

Fui até nosso galpão de ferramentas, o último de uma série de galpões que serviram à família Stackhouse durante gerações desde que vivemos nesse local. Abri a porta com as sensações mistas de prazer e horror, porque algum dia eu teria que trabalhar sério organizando seu interior. Eu ainda tinha a velha pá de jardinagem de minha avó; não havia como saber quem a usou antes. Era antiga, mas tão bem conservada que era melhor do que qualquer substituto moderno. Pisei no galpão sombreado e procurei minhas luvas de jardinagem e a pá.

Eu sabia, por assistir o *Antiques Roadshow*, que existiam pessoas que colecionavam ferramentas agrícolas antigas. Esse galpão seria uma caverna de Aladim para um colecionador. Minha família não acreditava em jogar coisas se elas ainda funcionassem. Apesar de abarrotado, o galpão era organizado, porque era o jeito do meu avô. Quando viemos morar com ele e Vovó, ele separou um canto para cada ferramenta usada normalmente. Era onde ele queria que aquela ferramenta fosse recolocada toda vez que fosse

usada, e ainda era mantida no mesmo lugar. Peguei infalivelmente a pá, que era talvez a ferramenta mais velha do galpão. Era pesada, afiada e mais fina do que as peças mais modernas, mas seu formato era familiar em minha mão.

Se fosse realmente uma verdadeira primavera, eu teria vestido meu biquíni para combinar negócios com prazer. Mas apesar do sol ainda estar brilhando, eu não estava mais num humor despreocupado. Coloquei as luvas de jardinagem, porque não queria arruinar minhas unhas. Algumas das ervas-daninhas pareceram se rebelar. Uma cresceu num caule grosso e denso, e tinha pontas afiadas em suas folhas. Se a deixasse crescer por tempo suficiente, ela floresceria. Era realmente feia, espinhenta e tinha que ser removida pela raiz. Havia um bocado delas crescendo entre as flores emergentes. Vovó teria dado um chilique.

Me agachei e comecei a trabalhar. Com a mão direita, mergulhei a pá na terra macia do canteiro, soltando as raízes da erva-daninha, e puxei com a mão esquerda. Sacudi o caule para tirar a terra das raízes e então a joguei ao lado. Antes de começar, eu tinha colocado o rádio na varanda dos fundos. Em pouco tempo, eu estava cantando com LeAnn Rimes. Comecei a ficar menos inquieta. Num minuto, tinha uma pilha respeitável de ervas arrancadas e um brilho de virtude.

Se ele não tivesse falado, teria acabado de forma diferente. Mas já que era arrogante, ele abriu a boca. Seu orgulho salvou minha vida.

Além disso, ele escolheu palavras imprudentes. Dizer, “Terei prazer em matá-la por meu lorde,” simplesmente não é modo de se apresentar a mim.

Eu tenho bons reflexos e levantei de minha posição agachada com a pá na mão, apontando para seu estômago. Ela deslizou fácil, como se fosse designada para ser uma arma de matar fadas.

E foi exatamente no que se transformou, porque a pá era de ferro e ele era uma fada.

Pulei para trás e fiquei meio agachada, ainda apertando a pá ensanguentada, esperando para ver o que ele faria. Ele olhou para o sangue se infiltrando através dos dedos com uma expressão de absoluto espanto, como se não conseguisse acreditar que arruinei seu conjunto. Então olhou para mim, os olhos azuis claros e enormes, e havia uma grande pergunta no rosto, como se estivesse indagando se eu realmente fiz aquilo a ele, se não era algum tipo de engano.

Comecei a recuar para os degraus da varanda, nunca tirando os olhos dele, mas ele não era mais uma ameaça. Assim que me estiquei para abrir a porta telada, meu pretenso assassino caiu no chão, ainda parecendo surpreso.

Entrei na casa e tranquei a porta. Então caminhei com pernas trêmulas até a janela sobre a pia da cozinha e espiei, me inclinando tanto quanto possível sobre a pia. Daquele ângulo, pude ver somente um pedaço do corpo caído.

— Okay – falei em voz alta. – *Okay*. – Ele estava morto, parecia morto. Foi tão *rápido*.

Comecei a pegar o telefone na parede, notei como minhas mãos tremiam e avistei o celular sobre o balcão onde estava recarregando. Já que aquela era uma crise que definitivamente exigia a presença do chefe encarregado, apertei o grande e secreto número de emergência de meu bisavô na discagem rápida. Achei que a situação se qualificava. Uma voz masculina, que não era de Niall, atendeu. — Sim? – disse a voz num tom cauteloso.

—Hã, Niall está?

—Posso entrar em contato. Posso ajudá-la?

Calma, falei a mim mesma. *Calma*. — Por favor, poderia lhe dizer que matei uma fada e ele está caído em meu quintal, e não sei o que fazer com o corpo?

Houve um momento de silêncio.

—Sim, eu lhe direi isso.

—Poderia ser logo? Porque eu estou sozinha e meio assustada.

—Sim. Breve.

— E alguém virá? – Céus, eu parecia estar choramingando. Endireitei as costas. – Quero dizer, posso enfiá-lo no porta-malas do meu carro, eu acho, ou posso chamar o xerife. – Eu queria

impressionar esse desconhecido com o fato de que não estava completamente necessitada e indefesa. – Mas existe todo esse negócio de vocês serem secretos e ele não parecia ter uma arma, obviamente não posso provar que esse sujeito disse que adoraria me matar.

—Você... matou uma fada.

— Eu *disse* isso. Desde o começo. – Sr. Devagar-Para-Entender. Espiei pela janela de novo. – É, ele ainda não está se mexendo. Mortinho da silva.

Dessa vez, o silêncio durou tanto que achei ter apagado e perdido algo. Respondi: — Perdão?

—Você quer mesmo? Estaremos aí em breve. – E desligou.

Eu não consegui não olhar, e não suportei olhar. Já vi mortos antes, tanto humanos quanto inumanos. E desde a noite em que conheci Bill Compton no Merlotte's, vi mais do que minha cota de corpos. Não que isso fosse culpa de Bill, claro.

Senti calafrios por inteiro.

Cerca de cinco minutos depois, Niall e outra fada surgiram da floresta. Devia existir algum tipo de portal lá. Talvez pudessem viajar de lá para cá. Ou não. E talvez eu não estivesse pensando claramente.

As duas fadas pararam quando avistaram o corpo e trocaram algumas palavras. Eles pareciam atônitos. Mas não estavam

assustados e não agiam como se esperassem que o sujeito se levantasse e lutasse, então atravessei a varanda e saí pela porta telada.

Eles sabiam que eu estava ali, mas continuaram examinando o corpo.

Meu bisavô levantou o braço e eu me enfiei debaixo dele. Ele me segurou contra si e eu levantei o rosto para vê-lo sorrindo.

Okay, *aquilo* foi inesperado.

— Você é um crédito para nossa família. Matou meu inimigo – ele disse. – Eu estava tão certo sobre os humanos. – Ele parecia todo orgulhoso.

—Isso é algo bom?

A outra fada riu e olhou para mim pela primeira vez. Ele tinha cabelos da cor de caramelo e os olhos eram do mesmo tom, algo tão estranho para mim que realmente foi desconcertante—embora, como todas as fadas que conheci, ele fosse lindo. Tive que reprimir um suspiro. Entre os vampiros e fadas, eu estava condenada a ser uma simples Jane.

—Sou Dillon – ele disse.

— Oh, o pai de Claudine. Prazer em conhecê-lo. Imagino que seu nome signifique algo também? – falei.

— Relâmpago – ele respondeu e me ofereceu um sorriso particularmente cativante.

—Quem é esse? – perguntei, virando a cabeça para o corpo.

— Ele era Murry – disse Niall. – Era um amigo íntimo de meu sobrinho Breandan.

Murry parecia muito jovem; para olhos humanos, ele teria talvez uns dezoito.—Ele disse que estava ansioso para me matar – contei.

— Mas, ao invés disso, você o matou. Como fez isso? – Dillon perguntou, como se estivesse indagando como eu fiz uma massa de torta crocante.

— Com a pá de jardinagem de minha avó – respondi. – Na verdade, está em minha família há muito tempo. Não que tenhamos fetiche por ferramentas de jardim nem nada; simplesmente é útil, está lá e não há necessidade de comprar outra. – Tagarelando.

Ambos olharam para mim. Não saberia dizer se achavam que eu estava louca ou outra coisa.

—Poderia nos mostrar essa pá de jardinagem? – disse Niall.

— Claro. Vocês querem um pouco de chá ou outra coisa? Acho que tenho Pepsi e limonada. – Não, não, limonada não! Eles morreriam! – Desculpe, esqueçam a limonada. Chá?

—Não – disse Niall gentilmente. – Acho que agora não.

Eu tinha largado a pá ensanguentada entre as flores. Quando a peguei e me aproximei deles, Dillon recuou. — Ferro! – ele disse.

— Você está sem as luvas – disse Niall ao filho, repreendendo-o, e pegou a pá. Suas mãos estavam cobertas com a camada clara e flexível do produto desenvolvido pelas indústrias químicas de propriedade das fadas. Protegidas pela substância, as fadas eram capazes de andar pelo mundo humano com algum grau de segurança de que não seriam envenenadas no processo.

Dillon pareceu castigado.— Não, desculpe, Pai.

Niall sacudiu a cabeça como se estivesse desapontado com Dillon, mas sua atenção estava realmente na pá. Ele podia estar preparado para manusear algo venenoso para ele, mas notei que ainda lidava com ela muito cuidadosamente.

— Perfurou-o bem facilmente – falei, reprimindo uma súbita onda de náusea. – Não sei por quê. É afiada, mas nem tanto.

— Ferro pode atravessar nossa carne como faca quente em manteiga – disse Niall.

— Eca. – Bom, pelo menos eu soube que não fiquei superforte de repente.

— Ele a surpreendeu? – Dillon perguntou. Apesar de não ter as rugas finas que tornavam meu bisavô ainda mais bonito, Dillon parecia só um pouco mais jovem do que Niall, o que tornava o relacionamento ainda mais desorientador. Mas quando olhei para o corpo mais uma vez, voltei completamente ao presente.

— Ele certamente me surpreendeu. Eu só estava arrancando ervas-daninhas dos canteiros de flores e, no momento seguinte, ele estava parado diante de mim dizendo o quanto estava ansioso para me matar. Nunca fiz nada a ele. E ele me assustou, então eu meio que virei rápido com a pá e o acertei no estômago. – De novo, lutei com a tendência de meu próprio estômago se agitar.

— Ele falou mais alguma coisa? – Meu bisavô tentava fazer perguntas casualmente, mas parecia bem interessado nas respostas.

— Não, senhor – falei. – Ele pareceu meio surpreso e então... morreu. – Caminhei até os degraus e sentei, súbita e pesadamente. – Não é como se eu me sentisse exatamente culpada – continuei numa torrente de palavras. – Só que ele estava tentando me matar, feliz com isso, e eu nunca lhe fiz nada. Eu não sabia nada a seu respeito e agora está morto.

Dillon ajoelhou-se diante de mim. Olhou para meu rosto. Ele não parecia exatamente gentil, mas era mais objetivo. — Ele era seu inimigo, e agora está morto – disse. – Isso é motivo para alegria.

—Não exatamente – falei. Eu não sabia como explicar.

— Você é uma *Cristã* – ele disse, como se tivesse descoberto que eu era hermafrodita ou frutariana.

— Uma bem ruim – respondi apressadamente. Ele cerrou os lábios, e pude notar que tentava não rir. Nunca me senti menos

alegre, com o homem que matei caído há alguns metros de distância. Imaginei por quantos anos Murry vagou pela terra e agora ele jazia numa pilha sem vida, seu sangue manchando meu cascalho. Espere um minuto! Ele não estava mais. Estava se transformando em... poeira. Não era nada parecido com a decomposição gradual de um vampiro; era mais como se alguém estivesse apagando Murry.

— Você está com frio? – Niall perguntou. Ele não parecia achar que o desaparecimento de porções de um corpo fosse algo incomum.

— Não, senhor. Estou apenas abalada. Quero dizer, eu estava tomando sol, então fui ver Claude e Claudine, e agora aqui estou. – Eu não conseguia desviar os olhos do desaparecimento crescente do corpo.

—Você ficou deitada ao sol e fez jardinagem. Nós gostamos do sol e do céu – ele disse, como se isso fosse uma prova positiva. Eu tinha um relacionamento especial com o ramo *fae* de minha família. Ele sorriu para mim. Era tão bonito. Sentia-me uma adolescente quando estava perto dele, uma adolescente com espinhas e gordura de bebê. Agora me sentia uma adolescente *homicida*.

— Vocês irão juntar suas... cinzas? – perguntei. Levantei, tentando parecer enérgica e decidida. Ação me faria sentir menos miserável.

Dois pares de olhos estranhos me fitaram sem expressão.

—Por quê? – perguntou Dillon.

—Para enterrá-lo.

Eles pareceram horrorizados.

— Não, não na *terra* – disse Niall, tentando soar menos enojado do que estava. – Esse não é nosso costume.

— Então o que irão fazer com ele? – Havia um bocado de pó cintilante em minha entrada e no canteiro de flores, e ainda havia seu torso sobrando. – Eu não quero parecer chata, mas Amelia pode voltar a qualquer hora. Eu não recebo muitos visitantes, mas algum entregador estranho e o leitor do registro aparecem às vezes.

Dillon olhou para meu bisavô como se eu de repente tivesse começado a falar em japonês. Niall respondeu: — Sookie compartilha a casa com outra mulher, e ela pode voltar a qualquer momento.

— Alguém mais virá atrás de mim? – perguntei, mudando de assunto.

— Provavelmente – Niall disse. – Fintan fez um trabalho melhor do que o meu ao protegê-la, Sookie. Ele até a protegeu de mim, e eu só quero amá-la. Mas ele não diria onde vocês estavam. – Niall pareceu triste, desolado e cansado pela primeira vez desde que o conheci. – Tentei mantê-la afastada disso. Imaginei que só queria conhecê-la antes que eles conseguissem me matar, e planejei através do vampiro para tornar meus movimentos mais discretos, mas ao arranjar essa reunião, coloquei-a em perigo. Você pode

confiar em meu filho Dillon. – Ele colocou a mão sobre o ombro da fada mais jovem. – Se ele lhe trouxer uma mensagem, é realmente minha. – Dillon sorriu simpaticamente, mostrando dentes afiados e naturalmente superbrancos. Okay, ele era assustador, mesmo sendo pai de Claude e Claudine.

— Conversaremos em breve – disse Niall, inclinando-se para me dar um beijo. Os cabelos pálidos, finos e cintilantes tocaram minha bochecha. Ele cheirava tão bem; fadas são assim. – Sinto muito, Sookie – disse. – Achei que podia forçá-los a aceitarem... Bem, não consegui. – Os olhos verdes brilharam intensos e arrependidos. – Você tem—sim, uma mangueira de jardim! Nós poderíamos juntar a maior parte da poeira, mas acho que é mais prático se você simplesmente... distribuí-lo.

Ele me envolveu num abraço, e Dillon fez uma saudação zombeteira. Os dois se aproximaram das árvores e então simplesmente desapareceram na vegetação rasteira, como cervos fazem quando você os encontra na floresta.

Então foi isso. Fui deixada em meu quintal ensolarado, sozinha, com uma pilha considerável de poeira cintilante na forma de um corpo sobre o cascalho.

Somei minha lista mental de coisas estranhas feitas hoje. Recebi a polícia, tomei banho de sol, visitei algumas fadas no centro, arranquei ervas-daninhas e matei alguém. Agora era hora de remover um cadáver em pó. E o dia ainda não tinha acabado.

Abri a torneira, desenrolei a mangueira o suficiente para que o fluxo alcançasse a área certa, e dirigi o jato de água para a poeira de fada.

Tive uma sensação esquisita, como se estivesse fora do corpo. — Qualquer um pensaria que estou me acostumando com isso – falei em voz alta, surpreendendo-me ainda mais. Eu não queria calcular quantas pessoas matei, apesar de tecnicamente a maioria não ser de pessoas. Antes dos últimos dois anos (talvez muito menos se contasse os meses), eu nunca toquei em outra pessoa com raiva, tirando a vez em que acertei Jason no estômago com meu bastão de beisebol de plástico quando ele arrancou os cabelos da minha Barbie.

Parei abruptamente. O negócio estava feito agora. Não havia volta.

Soltei a mangueira e fechei a torneira.

Sob a luz do sol sumindo, era um pouco difícil de perceber, mas achei que dispersei bem a poeira.

— Mas não de minha memória – falei seriamente. Então tive que rir, e soei um pouco maluca. Eu estava parada no quintal, enxaguando sangue de fada, e fazendo afirmações melodramáticas para mim mesma. Em seguida, estaria fazendo o solilóquio de *Hamlet* que tive que memorizar no colegial.

Essa tarde me levou para um lugar bem ruim.

Mordi o lábio inferior. Agora que eu definitivamente superei a embriaguez de ter um parente vivo, tinha que encarar o fato de que o comportamento de Niall era charmoso (na maior parte), mas imprevisível. Por sua própria admissão, ele inadvertidamente me colocou em grande risco. Talvez devesse ter me indagado antes disso como foi meu avô Fintan. Niall me contou que fui vigiada por ele sem nunca ser visto, uma imagem que parecia arrepiante, mas comovente. Niall era arrepiante e comovente também. Tio-avô Dillon parecia só arrepiante.

A temperatura estava caindo com a escuridão ameaçadora, e eu estava tremendo no momento em que entrei em casa. A mangueira poderia congelar esta noite, mas não me importei. Havia roupas na secadora, e eu tinha que comer já que não almocei no centro. Estava perto do jantar. Tinha que me concentrar em coisas pequenas.

Amelia telefonou quando eu dobrava as roupas. Contou que estava prestes a sair do trabalho e ia encontrar Tray para jantar e ir ao cinema. Ela me perguntou se eu queria ir junto, mas respondi que estava ocupada. Amelia e Tray não precisavam de alguém segurando vela, e eu não precisava me sentir como se estivesse.

Teria sido bom ter companhia. Mas o que eu teria comentado num bate-papo social? *Nossa, aquela pá entrou no estômago como se ele fosse gelatina*.

Estremeci e tentei pensar no que fazer em seguida. Uma companhia que não criticasse, era do que eu precisava. Senti falta do gato que chamávamos de Bob (apesar de ele não ter nascido

gato e não fosse um agora). Talvez pudesse arrumar outro gato de verdade. Não era a primeira vez que considerava ir ao abrigo de animais. Era melhor eu esperar até essa crise das fadas ter terminado antes de ir. Não havia motivo para escolher um bicho de estimação se estava sujeita a ser seqüestrada ou morta a qualquer instante, certo? Não seria justo para o animal. Me peguei rindo, e sabia que isso não podia ser bom.

Hora de parar de meditar; hora de fazer algo. Primeiro, eu limparia a pá de jardinagem e guardaria. Levei-a até a pia da cozinha, esfreguei e enxagüei. O ferro fosco parecia ter um novo brilho, como um arbusto que foi regado depois da seca. Segurei-o sob a luz e examinei a velha ferramenta. Me sacudi.

Está bem, aquilo realmente foi uma comparação desagradável. Bani a ideia e esfreguei. Quando achei que a pá parecia imaculada, enxagüei e sequei novamente. Então saí rapidamente pela porta dos fundos e atravessei a escuridão para pendurar a maldita coisa de volta no gancho designado do galpão de ferramentas.

Imaginei se não devia comprar uma nova pá mais barata no Wal-Mart afinal. Eu não tinha certeza se conseguiria usar a pá de ferro da próxima vez que quisesse transplantar alguns bulbos de junquilhos. Seria como usar um revólver para arrancar pregos. Vacilei, com a pá prestes a ser pendurada no gancho. Então me decidi e a levei de volta para casa. Parei nos degraus dos fundos, admirando os últimos raios de luz por alguns instantes até meu estômago roncar.

Que dia longo tinha sido aquele. Eu estava pronta para sentar diante da televisão com um prato de algo ruim para mim, e assistir algum show que não aperfeiçoaria minha mente.

Escutei o ruído de um carro vindo pela entrada enquanto abria a porta telada. Esperei do lado de fora para ver quem seria o visitante. Quem quer que fosse, me conhecia um pouco, porque o carro seguiu para os fundos.

Num dia repleto de choques, ali estava outro: meu visitante era Quinn, que não devia estar pisando na Área Cinco. Ele dirigia um Ford Taurus, um carro de aluguel.

— Oh, *ótimo* – falei. Eu queria companhia antes, mas não essa companhia. Apesar de admirar e gostar de Quinn, aquela conversa prometia ser tão perturbadora quanto o dia tinha sido.

Ele saiu do carro e se aproximou de mim, com andar elegante, como sempre. Quinn é um homem enorme de cabeça raspada com belos olhos violetas. Ele é um dos poucos tigres restantes no mundo e provavelmente o único tigre macho do continente norte-americano. Nós rompemos na última vez em que o vi. Não me senti orgulhosa de como me expressei ou por que fiz aquilo, mas achei que tinha sido bem clara a respeito de não sermos mais um casal.

No entanto, ali estava ele, e as grandes mãos quentes descansavam sobre meus ombros. Qualquer prazer que pudesse ter sentido por vê-lo novamente foi afogado pela onda de ansiedade que me inundou. Senti encrenca no ar.

— Você não devia estar aqui – eu disse. – Eric negou seu pedido; ele me contou.

— Ele a consultou primeiro? Você sabia que eu queria vê-la? – A escuridão agora era intensa o suficiente para acender a luz de segurança externa. O rosto de Quinn possuía linhas ásperas sob a luz amarelada. Seu olhar se prendeu ao meu.

— Não, mas não é essa a questão – respondi. Senti fúria no vento. Não era minha.

—Eu acho que é.

Era pôr do sol. Simplesmente não havia tempo a perder numa longa discussão. — Nós não conversamos tudo da última vez? – Eu não queria passar por outra cena, não importava o quanto eu gostasse desse homem.

—Você disse o que considerou ser tudo, docinho. Eu discordo.

Oh, ótimo. Simplesmente o que eu precisava! Mas já que realmente sei que nem tudo é sobre mim, contei até dez e falei: — Sei que não lhe dei quaisquer chances quando disse que não devíamos nos ver mais, Quinn, mas falei sério. O que mudou em sua situação pessoal? Sua mãe é capaz de se cuidar sozinha agora? Ou Frannie amadureceu o suficiente para ser capaz de lidar com sua mãe se ela fugir? – A mãe de Quinn passou por maus bocados, e saiu daquilo mais ou menos louca. Na verdade, mais. Sua irmã, Frannie, ainda era adolescente.

Ele inclinou a cabeça por um instante, como se estivesse se recompondo. Então me encarou diretamente nos olhos de novo. — Por que você é mais dura comigo do que com os outros? – perguntou.

—Eu não sou – respondi imediatamente. Mas então pensei, *eu sou?*

— Você pediu a Eric que desista do Fangtasia? Você pediu a Bill para desistir de seu empreendimento de computador? Pediu a Sam para dar as costas à família?

—O quê...? – comecei, tentando encontrar a conexão.

— Você está me pedindo para desistir das outras pessoas que eu amo—minha mãe e minha irmã—se quiser ter você – disse.

— Eu não estou lhe pedindo para fazer *nada* – respondi, sentindo a tensão dentro de mim alcançar um nível quase intolerável. – Eu disse que queria ser a primeira com o homem em minha vida. E entendi—ainda entendo—que sua família tem que vir em primeiro com você, porque sua mãe e sua irmã não são exatamente mulheres do tipo independentes. Eu não pedi a Eric que desistisse do Fangtasia! Por que eu o faria? E onde Sam se encaixa nisso? – Eu não conseguia nem pensar numa razão para mencionar Bill. Já tinha o superado completamente.

— Bill ama sua posição no mundo humano e vampiro, e Eric ama seu pedacinho da Louisiana mais do que jamais amará você – disse Quinn, e soava quase pesaroso por mim. Aquilo era ridículo.

— De onde veio todo esse rancor? – perguntei, abrindo as mãos diante de mim. – Eu não parei de sair com você por causa de quaisquer sentimentos por outra pessoa. Parei de sair porque achei que você já tivesse problemas suficientes.

— Ele está tentando afastá-la de todos que se importam com você – disse Quinn, focando em mim com uma intensidade assustadora. – E veja todos os dependentes que *ele* possui.

— Você está falando a respeito de Eric? – Todos os "dependentes" de Eric eram vampiros que podiam muitíssimo bem cuidar de si mesmos.

— Ele *nunca* vai se desfazer de sua pequena área por você. Nunca deixará seu pequeno bando de vampiros leais servirem outra pessoa. Ele nunca...

Eu não conseguia mais suportar aquilo. Dei um grito de pura frustração. De fato, bati o pé como uma criança de três anos. — Eu não pedi que ele fizesse isso! – gritei. – Do que está falando? Você apareceu para dizer que ninguém nunca vai me amar? Qual é o seu problema?

— Isso mesmo, Quinn – disse uma voz familiar e fria. – Qual é o seu problema?

Eu juro que pulei pelo menos uns quinze centímetros. Deixei a discussão com Quinn absorver minha atenção e não percebi a chegada de Bill.

— Você está assustando Sookie – disse Bill, a um metro de distância de mim, e minha espinha gelou com a ameaça em sua voz. – Isso não vai acontecer, tigre.

Quinn rosnou. Seus dentes começaram a se alongar, ficando afiados, diante de meus olhos. Bill surgiu ao meu lado no instante seguinte. Seus olhos tinham um estranho brilho marrom prateado. Eu não só estava com medo de que eles se matassem, mas percebi que realmente estava cansada de pessoas aparecendo e sumindo de minha propriedade como se ela fosse uma estação de trem da ferrovia sobrenatural.

Garras surgiram nas mãos de Quinn. Um rosnado ressoou fundo em seu peito.

— Não! – falei, desejando que eles me ouvissem. Aquele era um dia dos infernos.

— Você nem mesmo está na lista, vampiro – disse Quinn, e a voz realmente não era mais dele. – Você é o passado.

— Vou transformá-lo num tapete para meu chão – disse Bill, a voz mais fria e calma do que nunca, como gelo num copo.

Os dois idiotas pularam um no outro.

Comecei a me aproximar para detê-los, mas a parte funcional de meu cérebro informou que aquilo seria suicídio. Pensei, *meu gramado será salpicado com um pouco mais de sangue esta noite*. O que eu devia ter pensando era, *preciso sair do caminho agora*. De

fato, devia ter corrido para dentro, trancado a porta e tê-los deixado lá.

Mas foi uma percepção tardia. Na verdade, o que eu fiz foi ficar lá por um momento, as mãos sacudindo inutilmente, tentando descobrir como separá-los... e então as duas figuras engalfinhadas viraram e colidiram. Quinn jogou Bill para longe com toda a força. Bill foi lançado na minha direção com tanta força que eu, de fato, voei no ar uns dois ou cinco centímetros—então, muito decisivamente, desabei no chão.

Capítulo 10

ÁGUA FRIA GOTEJOU em meu rosto e pescoço. Tossi e sufoquei quando a água escorreu para minha boca.

— Muito? – perguntou uma voz severa, e arregalei os olhos para ver Eric. Estávamos em meu quarto e apenas a luz do banheiro se encontrava acesa.

— Suficiente – respondi. O colchão sacudiu quando Eric levantou-se para levar a esponja ao banheiro. Num segundo ele voltou com uma toalha de mão, passando-a por meu rosto e pescoço. Meu travesseiro estava úmido, mas decidi não me preocupar com aquilo. A casa estava fria agora que o sol se foi, e eu estava deitada apenas com a roupa de baixo.

—Frio – eu disse. – Onde estão minhas roupas?

— Manchadas – disse Eric. Havia um cobertor aos pés da cama e ele puxou-o sobre mim. Deu-me as costas por um momento, e eu ouvi seus sapatos baterem no chão. Então ele entrou debaixo do cobertor comigo, apoiando-se num cotovelo. Ele olhou para mim. Suas costas estavam voltadas para a luz vinda do banheiro, então não consegui distinguir sua expressão. – Você o ama? – disse.

— Eles estão vivos? – Não havia razão para decidir se amava ou não Quinn se estivesse morto, certo? Ou talvez Eric quis dizer Bill. Não consegui decidir. Percebi que me sentia um pouco estranha.

— Quinn foi embora com algumas costelas e o maxilar quebrados – Eric me contou, a voz neutra. – Bill ficará curado esta noite, se já não estiver.

Considerei aquilo. — Suponho que você teve algo a ver com Bill estar aqui?

— Eu soube quando Quinn desobedeceu nossas regras. Ele foi avistado meia hora depois de cruzar minha área. E Bill era o vampiro mais próximo para mandar até sua casa. Sua tarefa era se certificar de que não estava sendo ameaçada enquanto eu vinha para cá. Ele levou seu papel um pouco a sério demais. Sinto muito que você tenha se machucado – disse Eric, a voz rígida. Ele não estava acostumado a formular desculpas, e eu sorri na escuridão. Era quase impossível me sentir ansiosa, notei de forma distante. No entanto, certamente devia estar aborrecida e zangada?

—Então eles pararam de lutar quando atingi o chão, eu espero.

—Sim, a colisão encerrou o... conflito.

— E Quinn foi embora por vontade própria? – Deslizei a língua pela boca, tinha um gosto esquisito: meio acentuado e metálico.

— Sim, ele foi. Eu lhe disse que cuidaria de você. Ele sabia que cruzou linhas demais quando veio vê-la, já que disse para não entrar em minha área. Bill não aceitou tão facilmente, mas o fiz voltar para casa.

Típico comportamento de xerife. — Você me deu um pouco do seu sangue? – perguntei.

Eric assentiu casualmente. — Você ficou inconsciente – disse. – E eu sei que isso é sério. Queria que se sentisse bem. Foi minha culpa.

Suspirei.—Sr. Mandão – murmurei.

—Explique. Não conheço o termo.

— Significa alguém que acha que sabe o que é melhor para todo mundo. Ele toma decisões por eles sem consultá-los. – Talvez tenha colocado um toque pessoal no termo, mas e daí?

— Então eu sou mandão – Eric disse sem nenhuma vergonha. – Também sou muito... – Ele inclinou a cabeça e me beijou lenta, vagarosamente.

—Tarado – respondi.

— Exatamente – ele disse, me beijando novamente. – Eu trabalhei com meus novos mestres. Reforcei minha autoridade. Posso ter minha própria vida agora. É hora de exigir o que é meu.

Respondi a mim mesma que tomaria minha própria decisão, não importava o quanto Eric e eu estivéssemos atados pelo sangue compartilhado. Afinal, ainda tinha livre arbítrio. Mas tenha sido ou não a inclinação sugerida pela doação de sangue de Eric, descobri que meu corpo estava fortemente a favor de retribuir o beijo e percorrer com a palma da mão as costas largas de Eric.

Através do tecido da camisa, pude sentir os músculos, tendões e ossos de sua espinha enquanto se moviam. Minhas mãos

pareciam lembrar do mapa da topografia de Eric, mesmo enquanto meus lábios recordavam o modo como ele beijava. Continuamos assim por alguns minutos, muito lentamente, enquanto ele me reconhecia.

— Você realmente se lembra? – perguntei. – Realmente lembra de ficar comigo antes? Lembra como era?

— Ah, sim – disse – eu lembro. – Ele soltou meu sutiã antes mesmo de eu perceber sua mão lá atrás. – Como podia esquecer disso? – ele disse, os cabelos caindo ao redor do rosto enquanto sua boca se fechava em meu seio. Senti a leve ferroada das presas e o prazer agudo de sua boca. Toquei a braguilha de seu jeans, roçando a mão contra a saliência e, de repente, o momento de experimentar acabou.

Seu jeans foi tirado, assim como a camisa, e minha calcinha desapareceu. Seu corpo longo e frio pressionou-se por inteiro contra o meu corpo quente. Ele me beijou interminavelmente de modo frenético. Ele fez um som faminto, e eu ecoei. Seus dedos me sondaram, flutuando contra o nó duro de um modo que me fez contorcer.

—Eric – eu disse, tentando me posicionar debaixo dele. – Agora.

Ele disse: — Ah, sim. – Ele deslizou para dentro como se nunca tivesse ido embora, como se tivéssemos feito amor todas as noites no último ano. – Isso é o melhor – sussurrou, e a voz tinha aquele acento que eu percebia ocasionalmente, aquela dica de tempo e

lugar tão distante que não podia imaginá-la. – Isso é o *melhor* – disse novamente. – Isso é *certo*. – Ele se afastou um pouco e eu fiz um ruído sufocado.

—Não está doendo? – ele perguntou.

—Nem um pouco – falei.

—Sou muito grande para algumas.

—Continue – respondi.

Ele empurrou para frente.

— OhmeuDeus – eu disse através de dentes cerrados. Meus dedos afundaram com força nos músculos de seus braços. – Sim, de novo!

Ele estava tão fundo dentro de mim quanto era possível chegar sem uma operação, cintilando, a pele branca brilhando na escuridão do quarto. Ele disse algo num idioma que não reconheci; após um longo momento, ele repetiu. E então começou a se mover cada vez mais rápido até eu achar que seria estilhaçada em pedaços, mas o acompanhei. Eu o acompanhei até ver suas presas brilharem enquanto se inclinava sobre mim. Quando ele mordeu meu ombro, abandonei meu corpo por um minuto.

Nunca senti nada tão bom. Não tinha fôlego suficiente para gritar ou mesmo falar. Meus braços envolveram as costas de Eric, e o senti estremecer por completo enquanto tinha seu próprio minuto bom.

Eu estava tão trêmula que não conseguiria falar mesmo que minha vida dependesse disso. Ficamos deitados em silêncio, exaustos. Não liguei para seu peso sobre mim. Sentia-me segura.

Ele lambeu a marca de mordida de modo preguiçoso, e eu sorri na escuridão. Acariciei suas costas como se estivesse consolando um animal. Não me sentia tão bem há meses. Fazia algum tempo desde que tive sexo, e isso era como... sexo *gourmet*. Mesmo agora sentia pequenos espasmos de prazer ondularem do epicentro do orgasmo.

— Isso vai mudar o vínculo de sangue? – perguntei. Tomei cuidado para não soar como se estivesse o acusando de algo. Mas obviamente estava.

— Felipe queria você. Quanto mais forte nosso vínculo, menor será a chance de ele conseguir levá-la embora.

Eu estremeci. — Não posso fazer isso.

— Você não vai precisar – disse Eric, sua voz fluindo acima como uma colcha de plumas. – Estamos prometidos com a faca. Somos vinculados. Ele não pode tirá-la de mim.

Eu só podia estar grata por não ter que ir para Las Vegas. Não queria deixar meu lar. Não conseguia imaginar como seria estar cercada por tanta cobiça; bom, sim, podia. Seria horrível. A mão grande e fria de Eric cobriu meu seio, e ele o acariciou com o longo polegar.

—Me morda – falou Eric, querendo dizer literalmente.

—Por quê? Você disse que já me deu um pouco.

— Porque me faz sentir bem – ele respondeu, movendo-se em cima de mim novamente. – Só... por isso.

—Você não pode estar... – Mas ele *estava* pronto de novo.

—Você gostaria de ficar por cima? – Eric perguntou.

— Nós podíamos fazer isso por um tempo – respondi, tentando não soar demais como uma *femme fatale*. Na verdade, era difícil não gemer.

Antes mesmo que eu pudesse me recuperar, nós trocamos de posição. Seus olhos estavam absortos nos meus. Suas mãos subiram para meus seios, acariciando e beliscando gentilmente, e sua boca seguiu logo depois.

Receei estar perdendo o controle dos músculos de minhas pernas, estava tão relaxada. Movimentei-me lentamente, não muito regular. Senti a tensão gradualmente crescer de novo. Comecei a me concentrar, mover firmemente.

— Devagar – ele disse, e eu reduzi o ritmo. Suas mãos encontraram meus quadris e começaram a me conduzir.

— Oh – respondi, enquanto um prazer mais agudo começava a se infiltrar em mim.

Ele encontrou meu centro de prazer com o polegar. Comecei a acelerar as coisas e, se ele tentou me atrasar depois disso, eu

ignorei. Subi e desci cada vez mais rápido, então peguei seu pulso e mordi com toda a força, sugando a ferida. Ele gritou, um som incoerente de liberação e alívio. Aquilo foi suficiente para me liquidar, e eu desabei em cima dele. Lambi seu pulso preguiçosamente, embora não tivesse o coagulante em minha saliva que ele possuía.

—Perfeito – ele disse. – Perfeito.

Comecei a dizer que era impossível ele estar falando sério, com todas as mulheres que teve ao longo de séculos, mas pensei, *Por que estragar o momento? Deixe estar*. Num raro momento de sabedoria, ouvi meu próprio conselho.

— Posso lhe contar o que aconteceu hoje? – perguntei, depois que descansamos por alguns minutos.

— É claro, minha amada. – Seus olhos estavam entreabertos. Ele se encontrava deitado de costas ao meu lado, e o quarto cheirava a sexo e vampiro. – Sou todo ouvidos—pelo menos por enquanto. – Ele riu.

Esse era o verdadeiro prazer, ou pelo menos um dos verdadeiros prazeres—de se ter alguém com quem compartilhar os eventos do dia. Eric era um bom ouvinte, pelo menos em seu estado de relaxamento pós-sexo. Contei-lhe a respeito da visita de Andy e Lattesta, sobre a aparição de Diantha enquanto eu tomava banho de sol.

— Achei ter sentido o gosto do sol em sua pele – disse, me acariciando. – Continue.

Então borbulhei como um rio na primavera, contando sobre o encontro com Claude e Claudine e tudo que eles disseram sobre Breandan e Dermot.

Eric estava mais alerta quando falei sobre as fadas.

— Senti cheiro de fadas ao redor da casa – ele respondeu. – Mas em minha raiva dominante ao ver seu pretendente com listras de tigre, eu deixei o pensamento de lado. Quem veio aqui?

— Bem, esse *fae* malvado se chamava Murry, mas não se preocupe, eu o matei – respondi. Se alguma vez duvidei da atenção total de Eric, não duvidava mais.

—Como fez isso, amada? – ele perguntou muito gentilmente.

Eu expliquei e, no momento em que cheguei à parte onde meu bisavô e Dillon apareceram, Eric se sentou, o cobertor caindo. Ele estava completamente sério e alerta.

— O corpo se foi? – perguntou pela terceira vez, e eu disse: — Sim, Eric, se foi.

— Pode ser uma boa ideia você ficar em Shreveport – disse Eric. – Você podia ficar em minha casa.

Aquilo era novidade. Eu nunca fui convidada à casa de Eric antes. Não tinha ideia de onde ficava. Fiquei atônita e meio

comovida.

— Eu realmente aprecio isso – respondi – mas seria terrivelmente difícil viajar diariamente de Shreveport para cá a trabalho.

— Você estaria mais segura se deixasse seu emprego até este problema com as fadas ser resolvido. – Eric inclinou a cabeça enquanto me encarava, o rosto sem expressão.

— Não, obrigada – respondi. – Gentil de sua parte oferecer. Mas seria realmente inconveniente para você, aposto, e eu sei que seria para mim.

—Pam é a única outra pessoa que já convidei para minha casa.

Falei animadamente: —Apenas loiras são permitidas, hein?

— Eu a honro com o convite. – Ainda nenhuma pista em seu rosto. Se não estivesse tão acostumada a ler a mente das pessoas, talvez pudesse ter interpretado melhor sua linguagem corporal. Eu estava acostumada demais a saber o que as pessoas *realmente* queriam dizer, não importava que palavras dissessem.

— Eric, estou confusa – respondi. – Cartas na mesa, está bem? Posso notar que está esperando que eu lhe ofereça certa reação, mas não tenho ideia do que seja.

Ele estava perplexo; era como parecia.

— O que você quer? – ele me perguntou, sacudindo a cabeça. Os lindos cabelos dourados caíram ao redor de seu rosto em mechas. Ele estava todo amarrotado desde que fizemos amor. Parecia melhor do que nunca. Era totalmente injusto.

— O que eu quero? – Ele se recostou e eu me virei de lado para encará-lo. – Não acho que queira nada – respondi cuidadosamente. – Queria um orgasmo e eu ganhei muitos deles. – Sorri para ele, esperando que fosse a resposta certa.

—Você não quer deixar seu emprego?

— Por que eu ia deixar meu emprego? Como eu viveria? – perguntei inexpressiva. Então, finalmente, compreendi. – Você achou que, já que transamos e você disse que eu era sua, eu ia querer largar o trabalho e cuidar da casa para você? Comer doce o dia todo, deixar você me comer toda noite?

É, era isso mesmo. Seu rosto confirmava. Eu não sabia como me sentir. Magoada? Zangada? Não, já tive o suficiente daquilo por hoje. Não podia trazer outra emoção forte à superfície mesmo se tivesse a noite toda.

— Eric, eu gosto de trabalhar – respondi suavemente. – Preciso sair de casa todos os dias e me misturar com as pessoas. Se eu ficar afastada, será como um clamor ensurdecedor, quando voltar. É muito melhor para mim lidar com as pessoas, ficar acostumada a manter todas aquelas vozes nos bastidores. – Eu não estava explicando muito bem. – Além disso, gosto de estar no bar. Gosto de ver todos com quem trabalho. Acho que dar álcool para as

pessoas não é exatamente nobre ou um serviço público; talvez seja o contrário. Mas sou boa no que faço, e me é conveniente. Você está dizendo... O que está dizendo?

Eric pareceu incerto, uma expressão estranha no rosto geralmente confiante.

— Isso é o que outras mulheres têm desejado de mim – respondeu. – Eu estava tentando oferecer antes que você pedisse.

— Eu não sou outra pessoa – falei. Era difícil encolher os ombros em minha posição na cama, mas tentei.

— Você é minha – ele disse. Então notou meu cenho franzido e corrigiu as palavras rapidamente. – Você é minha amante exclusiva. Não de Quinn, nem Sam ou Bill. – Houve uma longa pausa. – Não é? – disse.

Uma discussão de relacionamento iniciada pelo homem. Isso era diferente, se me guiasse pelas histórias que eu ouvi das outras garçonetes.

— Eu não sei se o—conforto—que sinto com você é a troca de sangue ou um sentimento que eu teria naturalmente – falei, escolhendo cada palavra com cuidado. – Não acho que estaria tão pronta para fazer sexo com você esta noite, se não tivéssemos um vínculo de sangue, porque hoje foi um dia de cão. Não posso dizer, “Oh, Eric, eu te amo, me deslumbre”, porque não sei o que é real ou não. Até ter certeza, eu não tenho intenção de mudar minha vida drasticamente.

As sobrancelhas de Eric se juntaram, um sinal claro de aborrecimento.

— Sinto-me feliz quando estou com você? – Pousei a mão em sua bochecha. – Sim, eu sinto. Eu acho que fazer amor com você é a coisa mais fantástica do mundo? Sim, acho. Eu quero fazer isso de novo? Pode apostar, embora não nesse instante, já que estou com sono. Mas em breve. E frequentemente. Farei sexo com outra pessoa? Não. Eu não vou, a não ser que decida que o vínculo é tudo o que nós temos.

Ele parecia estar pensando em várias respostas diferentes. Finalmente, disse: —Você se arrepende de Quinn?

— Sim – respondi, porque tinha que ser honesta. – Porque tivemos o início de algo bom acontecendo, e posso ter cometido um grande erro ao mandá-lo embora. Mas eu nunca me envolvi seriamente com dois homens ao mesmo tempo, e não vou começar agora. Nesse momento, o homem é você.

—Você me ama – ele disse, assentindo.

— Eu gosto de você – respondi cautelosamente. – Sinto um grande desejo por você. Adoro sua companhia.

—Existe uma diferença – disse Eric.

— Sim, existe. Mas você não me vê o pressionando para dizer como se sente a meu respeito, certo? Porque tenho absoluta certeza de que eu não gostaria da resposta. Então talvez seja melhor você se dominar um pouco.

— Você não quer saber como eu me sinto em relação à você? – Eric pareceu incrédulo. – Não consigo acreditar que você seja uma mulher humana. Mulheres *sempre* querem saber como nos sentimos a respeito delas.

—E aposto que elas se arrependem quando você lhes conta, não?

Ele arqueou uma sobrancelha. —Se eu conto a verdade.

—Isso devia me deixar confiante?

— Eu sempre lhe digo a verdade – ele respondeu. E não havia sinal de sorriso em seu rosto. – Posso não dizer tudo que sei, mas o que eu lhe digo... é verdade.

—Por quê?

— O vínculo de sangue funciona para ambos os lados – disse. – Eu tive o sangue de muitas mulheres. Tive quase controle total sobre elas. Mas elas nunca tomaram o meu. Faz décadas, talvez séculos, desde que eu dei meu sangue a uma mulher. Talvez desde que transformei Pam.

— Essa é a regra geral entre os vampiros que você conhece? – Não tinha exatamente certeza de como perguntar o que eu queria saber.

Ele hesitou e assentiu. — Na maioria dos casos. Existem alguns vampiros que gostam de ter controle total sobre um

humano... tornam esse humano seu Renfield. – Ele usou o termo com repugnância.

—Isso é de *Dracula*, certo?

— Sim, o servo humano de Dracula. Uma criatura degradada... Por que alguém eminente como Dracula iria querer um homem tão rebaixado como esse... – Eric sacudiu a cabeça, enojado. – Mas acontece. Os melhores de nós olham de soslaio para um vampiro que cria servo após servo. O humano fica perdido quando o vampiro assume controle demais. Quando o humano é completamente degradado, não vale a pena transformá-lo. Não vale mais nada. Cedo ou tarde, ele tem que ser morto.

—Morto! Por quê?

— Se o vampiro que assumiu tanto controle abandona o Renfield, ou se o próprio vampiro é morto... a vida do Renfield não vale a pena ser vivida depois disso.

— Eles têm que ser eliminados – falei. Como um cachorro com raiva.

—Sim. – Eric desviou o olhar.

— Mas isso não vai acontecer comigo. E você nunca irá me transformar. – Eu estava absolutamente séria.

— Não. Nunca a forçarei à subserviência. E eu nunca a transformarei, já que não quer.

— Mesmo se eu estiver prestes a morrer, não me transforme. Eu odiaria isso mais do que tudo.

— Concordo com isso. Não importa o quanto eu possa querer mantê-la.

Logo depois que nos conhecemos, Bill não me transformou quando estive perto da morte. Eu nunca me dei conta de que ele podia ficar tentado. Ao invés disso, ele salvou minha vida humana. Deixei o pensamento de lado para considerá-lo mais tarde. Era demais pensar num homem quando se está na cama com outro.

— Você me salvou de um vínculo com Andre – eu disse. – Mas isso me custou.

— Se ele tivesse vivido, teria me custado também. Não importa o quanto sua reação tenha sido leve, Andre teria dado o troco por minha intervenção.

— Ele pareceu tão calmo a respeito naquela noite – falei. Eric convenceu Andre a deixá-lo ser seu intermediário. Me senti bem grata na época, já que Andre me dava arrepios e ele não dava a mínima para mim, tampouco. Recordei minha conversa com Tara. *Se tivesse deixado Andre compartilhar sangue aquela noite, eu estaria livre agora, já que ele está morto*. Eu ainda não conseguia decidir como me sentir a respeito disso—provavelmente de três formas diferentes.

Hoje estava se tornando uma grande noite para revelações. Elas podiam parar de acontecer a qualquer momento agora.

— Andre nunca esqueceu um desafio à sua vontade – disse Eric. – Você sabe como ele morreu, Sookie?

Oh-oh.

— Ele foi atingido no peito por um grande estilhaço de madeira – respondi, engolindo um pouco.

Como Eric, eu nem sempre digo toda a verdade. O estilhaço não atingiu o peito de Andre por acidente. Quinn fez aquilo.

Eric me fitou pelo que pareceu um longo tempo. Ele podia sentir minha ansiedade, é claro. Esperei para ver se ele pressionaria o assunto. — Não sinto falta de Andre – ele disse finalmente. – No entanto, lamento Sophie-Anne. Ela era corajosa.

— Concordo – eu disse, aliviada. – A propósito, como está se saindo com seus novos chefes?

—Até agora, tudo bem. Eles são muito progressistas. Gosto disso.

Desde o fim de outubro, Eric teve que desvendar a estrutura de uma organização nova e maior, as personalidades dos vampiros que a faziam funcionar e como se relacionar com os novos xerifes. Mesmo para ele, era informação demais.

— Eu aposto que os vampiros que estavam com você antes daquela noite estão muito felizes por ter jurado lealdade a você, já que sobreviveram quando tantos outros vampiros na Louisiana morreram.

Eric deu um largo sorriso. Teria sido realmente assustador se eu não tivesse visto as presas expostas antes. — Sim – ele respondeu completamente satisfeito. – Eles me devem suas vidas, e sabem disso.

Ele deslizou os braços ao meu redor e me segurou contra seu corpo frio. Eu estava contente e satisfeita, e percorri com os dedos a trilha feliz de pelos dourados que conduziam para baixo. Pensei na fotografia provocante de Eric como Sr. Janeiro no calendário dos "Vampiros da Louisiana". Eu gostava ainda mais daquela foto que ele me deu. Imaginei se podia ganhar um pôster em tamanho ampliado.

Ele riu quando lhe perguntei.

— Devíamos pensar em produzir outro calendário – disse. – Foi um verdadeiro lucro para nós. Se puder ter uma foto sua na mesma pose, eu lhe darei um pôster meu.

Pensei a respeito por vinte segundos. — Eu não acho que posso fazer uma foto nua – respondi meio arrependida. – Elas sempre parecem surgir para morder seu traseiro.

Eric riu novamente, em tom baixo e rouco. — Você fala isso um bocado – disse. – Eu devo morder seu traseiro? – Isso conduziu a várias outras coisas maravilhosas e brincalhonas. Depois que essas coisas terminaram numa feliz conclusão, Eric espiou o relógio ao lado da cama.

—Eu tenho que ir – ele sussurrou.

—Eu sei – respondi. Meus olhos estavam pesados de sono.

Ele começou a se vestir para voltar à Shreveport, e eu puxei os cobertores, me aninhando na cama apropriadamente. Era difícil manter os olhos abertos, apesar de observá-lo se movimentar ao redor da cama como uma doce visão.

Ele se inclinou para me beijar, e eu envolvi seu pescoço com os braços. Por um segundo, eu sabia que ele estava pensando em subir de volta na cama comigo; esperava que fosse sua linguagem corporal e seu murmúrio de prazer que me deram a dica de seus pensamentos.

De vez em quando, eu tinha o relampejo de uma mente vampira, e isso me assustava pra caramba. Não achava que sobreviveria por muito tempo se os vampiros percebessem que eu podia ler suas mentes, não importa com que raridade isso ocorresse.

— Eu a quero novamente – ele disse, soando um pouco surpreso. – Mas tenho que ir.

— Vejo-o em breve, eu suponho? – Estava acordada o suficiente para me sentir incerta.

— Sim – ele respondeu. Seus olhos e sua pele brilhavam. A marca em seu pulso tinha desaparecido. Toquei o local. Ele inclinou-se para beijar o lugar em meu pescoço onde mordeu, e me arrepiei toda. – Em breve.

Então ele se foi, e eu ouvi baixinho a porta dos fundos se fechar atrás dele. Com a última porção de energia de meus músculos, levantei e atravessei a cozinha no escuro para trancar a porta. Vi o carro de Amelia estacionado ao lado do meu; em algum momento, ela voltara para casa.

Fui até a pia para pegar um copo de água. Eu conhecia a cozinha escura como a palma de minha mão, então não precisava de luz. Bebi e percebi o quanto estava com sede. Ao me virar para voltar à cama, avistei algo se mover na margem da floresta. Congelei, com o coração batendo de modo bem desagradável.

Bill surgiu do meio das árvores. Eu sabia que era ele, apesar de não conseguir ver seu rosto nitidamente. Ele continuou olhando, e eu sabia que devia ter visto Eric levantar voo. Então Bill se recuperou da luta com Quinn.

Esperei ficar zangada por Bill me vigiar, mas a raiva nunca surgiu. Não importava o que tivesse acontecido entre nós, eu não conseguiria me livrar da sensação de que Bill não esteve simplesmente me espionando—ele esteve tomando conta de mim.

Além disso—sendo mais prático—não havia nada que pudesse ser feito. Eu dificilmente poderia abrir a porta e me desculpar por ter companhia masculina. Nesse momento, eu não estava nem um pouco arrependida por ter ido para a cama com Eric.

De fato, me sentia tão satisfeita como se tivesse tido um banquete de Ação de Graças de sexo. Eric não se parecia nem um pouco com um peru—mas depois que tive uma feliz imagem mental

dele deitado na mesa da minha cozinha com algumas batatas-doces e marshmallows, fui capaz de pensar somente em minha cama. Deslizei para baixo dos cobertores com um sorriso no rosto e, quase no instante em que minha cabeça deitou no travesseiro, dormi.

Capítulo 11

EU DEVIA SABER que meu irmão viria me ver. Apenas devia sentir surpresa por ele não ter aparecido antes. Quando levantei no dia seguinte ao meio-dia, eu me sentia tão relaxada quanto um gato numa poça de luz do sol. Jason se encontrava no quintal sentado na espreguiçadeira que usei no dia anterior. Achei inteligente da parte dele não ter entrado, considerando que estávamos estranhados.

Hoje não estaria nem próximo de quente quanto o dia anterior. Estava frio e seco. Jason estava embrulhado numa jaqueta camuflada pesada e com capuz de lã. Ele encarava o céu sem nuvens.

Lembrei do aviso dos gêmeos e examinei-o cuidadosamente; mas não, era Jason. A sensação de sua mente era familiar, mas talvez uma fada pudesse imitar isso. Escutei por um segundo. Não, esse era definitivamente meu irmão.

Era estranho vê-lo sentado e desocupado, e mais ainda vê-lo sozinho. Jason estava sempre falando, bebendo, flertando com mulheres, fazendo seu serviço ou trabalhando em casa; e se não estava com uma mulher, ele quase sempre tinha uma sombra masculina—Hoyt (até ele ser fisgado por Holly) ou Mel. Contemplação e solidão não eram estados que eu associava ao meu irmão. Observando-o fitar o céu enquanto tomava minha caneca de café, eu pensei, *Jason é viúvo agora*.

Era uma estranha nova identidade para Jason, algo pesado que ele podia não ser capaz de manejar. Ele se importou com Crystal mais do que ela com ele. Aquilo também foi uma nova experiência para Jason. Crystal—bonita, estúpida e infiel—foi sua equivalente feminina. Talvez sua infidelidade tivesse sido uma tentativa de reafirmar a independência, lutar contra a gravidez que a prendeu ainda mais firmemente a Jason. Talvez ela tivesse sido apenas uma mulher má. Eu nunca a compreendi e agora nunca iria.

Eu sabia que tinha que conversar com meu irmão. Embora tivesse dito a Jason para ficar afastado de mim, ele não estava ouvindo. Quando foi que ele ouviu? Talvez tenha interpretado a trégua temporária causada pela morte de Crystal como sinal de um novo estado das coisas.

Suspirei e saí pela porta dos fundos. Já que dormi até tão tarde, tomei banho antes mesmo de fazer o café. Agarrei minha velha jaqueta acolchoada rosa no gancho junto à porta e a vesti sobre o jeans e o suéter.

Depositei uma caneca de café no chão ao lado de Jason, e sentei na cadeira dobrável perto dele. Ele não virou a cabeça, apesar de saber que eu estava ali. Seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros.

— Você me perdoou? – ele perguntou, depois que tomou um gole de café. Sua voz pareceu rouca e grossa. Achei que ele esteve chorando.

— Espero que, cedo ou tarde, eu possa – respondi. – Mas nunca mais sentirei o mesmo por você novamente.

— Deus, você tem sido dura. Você é toda a família que eu tenho. – Os óculos escuros se voltaram para me encarar. *Você tem que me perdoar, porque é tudo que eu tenho que pode me perdoar*.

Olhei para ele, me sentindo um pouco irritada, um pouco triste. Se estava sendo dura, era em resposta ao mundo ao meu redor.

— Se você precisa tanto de mim, acho que devia ter pensado duas vezes antes de me encurralar daquele jeito. – Esfreguei meu rosto com a mão livre. Ele possuía alguns familiares que não conhecia, e eu não lhe contaria. Ele apenas tentaria usar Niall também. – Quando eles irão liberar o corpo de Crystal? – perguntei.

— Talvez dentro de uma semana – ele disse. – Então podemos ter o funeral. Você virá?

—Sim. Onde vai ser?

— Existe uma capela perto de Hotshot – disse. – Não parece grande coisa.

— A Igreja do Tabernáculo Sagrado? – Era uma construção branca e descascada em ruínas no campo.

Ele assentiu. — Calvin disse que lá são feitos os enterros de Hotshot. Um dos membros de Hotshot é o pastor.

—Quem?

—Marvin Norris.

Marvin era tio de Calvin, embora fosse quatro anos mais jovem.

—Acho que lembro de ter visto um cemitério nos fundos da igreja.

— Sim. A comunidade cava o buraco, um deles arruma o caixão e outro realiza o serviço. É realmente caseiro e pessoal.

—Você foi a algum funeral lá antes?

—Sim, em outubro. Um dos bebês morreu.

Não havia mortes infantis anunciadas no jornal de Bon Temps há meses. Tive que me perguntar se o bebê nasceu num hospital ou numa das casas em Hotshot; se qualquer traço de sua existência foi algum dia gravado.

—Jason, a polícia voltou a procurá-lo?

— Várias vezes. Mas eu não fiz, e nada que digam ou perguntem pode mudar isso. Além disso, o álibi.

Eu não podia argumentar com aquilo.

— Como está indo com relação ao trabalho? – Imaginei se eles demitiriam Jason. Não era a primeira vez que ele ficava encrencado. Apesar de Jason nunca ter sido culpado pelos piores crimes atribuídos a ele, cedo ou tarde sua reputação como sujeito geralmente legal simplesmente ia desabar.

—Catfish disse para pegar uma licença até o funeral. Eles vão mandar uma coroa para o funeral caseiro quando nós recebermos o corpo.

—E quanto a Hoyt?

—Ele não tem aparecido – disse Jason, soando perplexo e magoado.

Holly, noiva dele, não ia querer que andasse com Jason. Podia entender isso.

—Mel? – perguntei.

— Sim – disse Jason, se animando. – Mel aparece. Trabalhamos na caminhonete dele ontem, e essa semana nós vamos pintar minha cozinha. – Jason sorriu para mim, mas o sorriso desapareceu rápido. – Eu gosto de Mel – disse – mas sinto falta de Hoyt.

Aquela foi uma das coisas mais honestas que já ouvi Jason dizer.

— Você não ouviu nada a respeito disso, Sookie? – Jason perguntou. – Sabe, do modo como você *escuta* coisas? Se pudesse conduzir a polícia na direção certa, eles podiam descobrir quem matou minha esposa e meu bebê, e eu poderia ter minha vida de volta.

Eu não achava que Jason voltaria a ter sua antiga vida. Tinha certeza que ele não entenderia, mesmo se eu soletrasse. Mas então

captei o que estava em sua cabeça num momento de verdadeira revelação. Embora Jason não pudesse verbalizar essas ideias, ele *entendia* e estava fingindo, fingindo arduamente, que tudo seria igual... se ao menos pudesse se afastar do peso da morte de Crystal.

—Ou se contar a nós – disse – cuidaremos disso, Calvin e eu.

— Farei meu melhor – respondi. O que mais podia dizer? Saí da cabeça de Jason e jurei a mim mesma que não entraria novamente.

Após um longo silêncio, ele se levantou. Talvez estivesse esperando para ver se eu me ofereceria para lhe fazer o almoço.

—Acho que vou voltar para casa então – disse.

—Tchau.

Escutei sua caminhonete partir instantes depois. Voltei para dentro, pendurando a jaqueta de volta de onde a tirei.

Amelia deixara um recado preso na caixa de leite da geladeira. "*Oi, amiga!*" dizia como abertura. "*Parece que você teve companhia ontem à noite. Senti o cheiro de um vampiro? Ouvi alguém fechar a porta dos fundos lá pelas três e meia. Ouça, certifique-se de verificar a secretária eletrônica. Você tem mensagens*."

Que Amelia já tinha ouvido, porque a luz não estava mais piscando. Apertei o botão *Play*.

— Sookie, aqui é Arlene. Sinto muito sobre tudo. Gostaria que aparecesse para conversarmos. Me ligue.

Encarei o aparelho, incerta sobre como me sentir a respeito daquela mensagem. Fazia alguns dias, e Arlene teve tempo para reconsiderar a saída do bar. Seria possível ela querer retratar suas crenças da Irmandade?

Havia outra mensagem, esta de Sam. — Sookie, pode vir trabalhar um pouco mais cedo hoje ou me ligar? Preciso falar com você.

Olhei para o relógio. Era apenas uma da tarde e eu não estava escalada para trabalhar até às cinco. Liguei para o bar. Sam atendeu.

—Oi, é Sookie – falei. – O que foi? Acabei de receber seu recado.

—Arlene quer voltar ao trabalho – ele disse. – Eu não sei o que dizer a ela. Qual a sua opinião?

— Ela deixou um recado em minha secretária eletrônica. Quer conversar comigo – respondi. – Não sei o que pensar. Ela sempre está envolvida em algo novo, não é? Acha que ela pode ter largado a Irmandade?

—Se Whit a largou – ele respondeu, e eu dei risada.

Eu não tinha tanta certeza se queria reconstruir nossa amizade e, quanto mais pensava a respeito, mais ficava em dúvida. Arlene

dissera algumas coisas dolorosas e horríveis para mim. Se ela falou sério, por que iria querer se reconciliar com uma pessoa terrível como eu? E se não falou, por que diabos saíram de seus lábios? Mas senti uma pontada ao pensar nos filhos dela, Coby e Lisa. Cuidei dos dois por muitas noites e gostava deles. Não os via há semanas. Descobri que não estava tão aborrecida com o fim de meu relacionamento com a mãe deles—Arlene vinha matando aquela amizade já há algum tempo. Mas sentia falta das crianças. Falei isso a Sam.

— Você é boa demais, *cher* – ele disse. – Não acho que a quero de volta aqui. – Ele se decidiu. – Espero que ela consiga encontrar outro emprego, e darei referências pelo bem daquelas crianças. Mas ela estava causando problemas antes dessa última explosão, e não há razão para passarmos por outro aperto.

Depois que desliguei, percebi que a decisão de Sam me influenciou a favor de ver minha ex-amiga. Já que Arlene e eu não teríamos a oportunidade de gradualmente fazermos as pazes no bar, eu tentaria pelo menos consertar as coisas para que pudéssemos nos cumprimentar se a encontrasse no Wal-Mart.

Ela atendeu no primeiro toque. —Arlene, é Sookie – falei.

— Oi, querida, fico feliz que tenha ligado – ela respondeu. Houve um momento de silêncio.

— Pensei em passar para vê-la, só por um minuto – respondi sem graça. – Gostaria de ver as crianças e conversar com você. Se estiver tudo bem.

—Claro, venha. Dê-me alguns minutos para poder limpar a bagunça.

— Não precisa fazer isso por mim. – Eu limpei várias vezes o trailer de Arlene em retribuição por algum favor que ela fez para mim ou porque não tinha mais nada para fazer enquanto ela estava fora e eu me encontrava lá como babá.

— Eu não quero voltar aos velhos costumes – ela disse animada, soando tão afetuosa que meu coração se aqueceu... só por um segundo.

Mas eu não esperei alguns minutos.

Saí imediatamente.

Eu não consegui explicar para mim mesma por que não estava fazendo o que ela me pediu. Talvez tenha captado algo na voz de Arlene, mesmo ao telefone. Talvez estivesse recordando todas as vezes em que Arlene me decepcionou, todas as ocasiões em que me fez sentir mal. Acho que não meditei sobre esses incidentes antes, porque eles revelavam uma colossal fraqueza de minha parte. Eu precisei tanto de uma amiga que me agarrei às migalhas ínfimas da mesa de Arlene, embora ela tenha tirado vantagem de mim vezes sem conta. Quando seus ventos sentimentais sopraram em outra direção, ela não pensou duas vezes ao me descartar para ganhar pontos com seu atual flerte.

Na verdade, quanto mais eu pensava, mais estava inclinada a dar a volta e retornar para minha casa. Mas eu não devia a Coby e

Lisa mais uma tentativa para emendar meu relacionamento com a mãe deles? Lembrei de todos os jogos de tabuleiro que jogamos, todas as vezes em que os coloquei na cama e passei a noite no trailer porque Arlene tinha ligado para perguntar se podia passar a noite fora.

Que diabos eu estava fazendo? Por que estava confiando em Arlene *agora*?

Eu não estava, não completamente. É por isso que ia examinar a situação.

Arlene não vivia num estacionamento de trailers, mas num acre de terreno a oeste da cidade que o pai lhe deu antes de falecer. Apenas um quarto de acre fora aberto, suficiente para o trailer e um pequeno quintal. Havia um velho balanço nos fundos que um dos antigos admiradores de Arlene arrumou para as crianças, e duas bicicletas se encontravam encostadas no fundo do trailer.

Eu estava olhando para o trailer dos fundos, porque parei fora da estrada num quintal cheio de mato de uma casinha que ficava ao lado, até a fiação ruim ter causado um incêndio alguns meses atrás. Desde então, a casa de madeira permanecera meio queimada e desalentadora, e os antigos inquilinos encontraram outro lugar para morar. Consegui estacionar atrás da casa, porque o clima frio impediu o mato de tomar conta.

Peguei uma trilha através da margem de capim alto e das árvores que separavam essa casa do trailer de Arlene. Abrindo caminho através do matagal denso, cheguei a um local vantajoso

onde podia ver parte do estacionamento diante do trailer e todo o quintal dos fundos. Apenas o carro de Arlene era visível da estrada, já que estava à esquerda do pátio.

De meu posto de observação, consegui ver uma picape Ford Ranger estacionada atrás do trailer, com talvez uns dez anos, e um Buick Skylark vermelho com aproximadamente a mesma idade. A picape estava carregada com pedaços de madeira, uma delas comprida o suficiente para se projetar da carroceria da caminhonete. Elas mediam quatro por quatro, calculei.

Enquanto observava, uma mulher que reconheci vagamente saiu dos fundos do trailer até a pequena coberta. Seu nome era Helen Ellis, e trabalhou no Merlotte's cerca de quatro anos atrás. Embora Helen fosse competente e tão bonita que atraía homens como moscas, Sam teve que despedi-la pelos repetidos atrasos. Helen ficou vulcanicamente zangada. Lisa e Coby seguiram Helen até a coberta. Arlene se encontrava na porta. Ela vestia um top com estampa de leopardo e calças de ginástica marrons.

As crianças pareciam ter crescido tanto desde a última vez que as vi! Elas pareciam relutantes e um pouco infelizes, especialmente Coby. Helen lhes sorriu encorajadoramente e virou-se para Arlene, dizendo: — Apenas me avise quando terminar! – Houve uma pausa enquanto Helen parecia lutar para expressar algo que não queria que as crianças entendessem. – Ela só está recebendo o que merece. – Pude ver Helen apenas de perfil, mas o sorriso animado fez meu estômago se agitar. Engoli em seco.

— Está bem, Helen. Eu ligo para avisar quando pode trazê-los de volta – disse Arlene. Havia um homem parado atrás dela. Ele estava longe demais para que eu pudesse identificá-lo com certeza, mas achei que fosse o homem que acertei na cabeça com uma bandeja alguns meses atrás, o homem que foi tão desagradável com Pam e Amelia. Ele era um dos novos amigos de Arlene.

Helen e as crianças foram embora no Skylark.

Arlene fechou a porta dos fundos por causa do dia frio. Fechei os olhos e localizei-a dentro do trailer. Descobri que havia dois homens lá dentro com ela. O que eles estavam pensando? Eu estava meio longe, mas estendi meu pequeno sentido extra.

Eles pensavam em fazer coisas terríveis comigo.

Agachei-me sob uma mimosa seca, me sentindo mais desolada e miserável do que nunca. Certamente, eu sabia a algum tempo que Arlene não era realmente uma boa pessoa ou mesmo alguém confiável. Certamente, eu a ouvi tagarelar diversas vezes sobre a erradicação dos sobrenaturais no mundo. Certamente, cheguei a perceber que ela começou a me considerar como um deles. Mas nunca cheguei a acreditar que qualquer afeto que ela tivesse sentido por mim algum dia desaparecesse completamente, substituída pela política de ódio da Irmandade.

Tirei meu celular do bolso. Liguei para Andy Bellefleur.

—Bellefleur – ele respondeu energicamente.

Nós não éramos exatamente amigos, mas com certeza fiquei feliz por ouvir sua voz.

— Andy, é Sookie – falei, tomando cuidado para manter a voz baixa. – Escute, há dois sujeitos no trailer de Arlene com ela, e há alguns troncos de madeira compridos na traseira da caminhonete deles. Eles não perceberam que eu sei que estão no trailer com Arlene. Estão planejando fazer comigo a mesma coisa que fizeram a Crystal.

— Você tem algo que eu possa levar ao tribunal? – ele perguntou cautelosamente. Andy sempre foi um crente velado de minha telepatia, embora isso não significasse que necessariamente fosse meu fã.

— Não, – respondi – eles estão me esperando chegar. – Me aproximei furtivamente, desejando como o inferno que eles não estivessem olhando pela janela. Havia também uma caixa de pregos extra longos na carroceria da picape. Tive que fechar os olhos por um segundo enquanto o horror me inundava.

— Tenho Weiss e Lattesta comigo – disse Andy. – Você estaria disposta a seguir em frente se estivermos lá para dar cobertura?

— Com certeza – respondi, não sentindo nada parecido, mas simplesmente sabendo que ia fazer isso. Poderia ser o fim de qualquer suspeita persistente sobre Jason. Poderia significar recompensa ou pelo menos desforra pela morte de Crystal e do bebê. Poderia colocar pelo menos alguns fanáticos da Irmandade

atrás das grades e talvez servir como uma boa lição para o resto. – Onde você está? – perguntei, trêmula de medo.

— Já estávamos no carro para ir ao hotel. Podemos chegar aí em sete minutos – disse Andy.

— Estacionei atrás da casa dos Freer – falei. – Eu tenho que ir. Alguém está saindo pelos fundos do trailer.

Whit Spradlin e seu amigo, cujo nome eu não consegui lembrar, desceram os degraus e descarregaram as vigas de madeira da picape. As peças já estavam nas medidas corretas. Whit virou-se para o trailer, gritou algo, Arlene abriu a porta e desceu as escadas, com a bolsa no ombro. Ela caminhou em direção à cabine da picape.

Droga, ela ia entrar no carro e ir embora, deixando o próprio carro estacionado na frente como se estivesse lá! Qualquer carinho persistente que eu pudesse ter abrigado no coração desapareceu naquele instante. Olhei para meu relógio. Talvez mais três minutos até Andy chegar.

Ela beijou Whit, acenou para o outro homem e eles entraram no trailer para se esconderem e eu não poder vê-los. De acordo com o plano, eu viria pela frente, bateria na porta e um deles abriria para me arrastar para dentro.

Fim do jogo.

Arlene abriu a porta da picape, as chaves na mão.

Ela tinha que ficar. Ela era o elo fraco. Eu sabia disso de todas as formas—intelectual, emocional e com meu outro sentido.

Isso seria horrível. E me preparei.

—Oi, Arlene – falei, saindo de meu esconderijo.

Ela gritou e pulou. — Jesus Cristo, Sookie, o que está fazendo em meu quintal? – Ela fez um espalhafato elaborado ao se recompor. Sua cabeça era um emaranhado confuso de raiva, medo e culpa. E remorso. Havia um pouco, eu juro.

— Estava esperando vê-la – falei. Eu não tinha ideia do que fazer agora, mas a retardei um pouco. Eu poderia ter que prendê-la fisicamente. Os homens lá dentro não notaram minha súbita aparição, mas isso não duraria muito a menos que tivesse uma sorte extrema. E eu não vinha tendo uma maré de sorte, muito menos extrema, ultimamente.

Arlene estava imóvel, com as chaves na mão. Foi fácil entrar em sua cabeça, explorar, ler toda a história horrível ali.

— O que está fazendo, se aprontando para sair, Arlene? – perguntei, mantendo a voz bem baixa. – Você devia estar lá dentro, esperando eu chegar aqui.

Ela viu tudo, e seus olhos se fecharam. Culpa, culpa, culpa. Ela tentara construir uma bolha para manter a intenção dos homens oculta de si mesma, para evitar que tocasse seu coração. Aquilo não funcionou—mas tampouco impediu sua traição hoje. Arlene se expôs.

Continuei: — Você se envolveu demais. – Minha própria voz soava imparcial e neutra. – Ninguém irá compreender ou perdoar isso. – Seus olhos se arregalaram com a realização de que o que eu estava dizendo era verdade.

Mas eu estava envolvida em meu próprio tipo de choque. Eu soube, com certeza súbita, que ela não matou Crystal, tampouco qualquer daqueles homens; eles planejaram me crucificar imitando a morte de Crystal porque parecera uma ótima ideia, uma afirmação clara da opinião deles sobre o anúncio dos metamorfos. Eu fui escolhida como o cordeiro de sacrifício, apesar do fato de eles saberem com certeza que eu não era um metamorfo; na verdade, eles achavam que eu não daria muito trabalho já que era apenas uma simpatizante, não uma das criaturas de dupla-natureza. Eu não seria tão forte, na opinião deles. Achei isso incrível.

— Você é uma desculpa deplorável de mulher – eu disse para Arlene. Parecia impossível me impedir e não podia soar de qualquer forma, exceto direta. – Você nunca disse a verdade para si mesma em toda a vida, não é? Você ainda se vê como alguém de vinte e cinco anos, bonita e jovem, e ainda acha que algum homem vai aparecer e reconhecer isso em você. Alguém vai tomar conta de você, deixar que pare de trabalhar, mandar seus filhos para uma escola particular onde nunca terão que conversar com ninguém diferente deles. Isso não vai acontecer, Arlene. Isto é sua vida. – E estendi a mão aberta para o trailer no pátio coberto de mato, a velha caminhonete. Foi a coisa mais cruel que eu já disse, e cada palavra era verdadeira.

E ela gritou. Ela parecia não conseguir parar de gritar. Encarei seus olhos. Ela tentou desviar, mas pareceu não conseguir fazer isso. — Sua bruxa! – ela soluçou. – Você é uma bruxa. Tais coisas existem, e você é uma delas!

Se ela estivesse certa, eu poderia ter impedido o que aconteceu em seguida.

Naquele momento, Andy estacionou no quintal dos Freer, assim como eu fiz. Por tudo que ele sabia, ainda havia tempo para emboscar o trailer. Ouvi seu carro mais ou menos às minhas costas. Toda minha atenção estava concentrada em Arlene e na porta dos fundos do trailer. Weiss, Lattesta e Andy vieram por trás de mim, no instante em que Whit e seu amigo surgiram pela porta traseira do trailer, rifles nas mãos.

Arlene e eu nos encontrávamos no meio de fogo cruzado. Senti o sol em meus braços. Senti uma brisa fria tocar meu cabelo e lançar uma mecha brincalhona em meu rosto. Sobre o ombro de Arlene, vi o rosto do amigo de Whit e finalmente recordei que seu nome era Donny Boling. Ele cortara o cabelo recentemente. Pude notar pelo pedaço branco na base de seu pescoço. Ele usava uma camiseta da Madeireira Orville. Seus olhos eram de um castanho lamacento. Ele apontava para a Agente Weiss.

—Ela tem filhos – gritei. – Não faça isso!

Seus olhos se arregalaram de susto.

Donny girou o rifle na minha direção. Ele pensou, *Atire NELA*.

Joguei-me no chão quando o rifle disparou.

—Larguem suas armas! – gritou Lattesta. – FBI!

Mas eles não obedeceram. Não acho que suas palavras sequer tenham sido registradas.

Então Lattesta atirou. Não podia se dizer que ele não os avisou.

Capítulo 12

MOMENTOS DEPOIS da ordem do Agente Especial Lattesta para que os dois homens largassem as armas, balas voaram pelo ar como pólen de pinheiros na primavera.

Embora eu estivesse numa posição exposta, nenhuma delas me atingiu, o que achei absolutamente espantoso.

Arlene, que não mergulhou tão rápido quanto eu, foi ferida de raspão no ombro. A Agente Weiss levou o tiro—o mesmo que atingiu Arlene—na parte posterior direita do peito. Andy atirou em Whit Spradlin. O Agente Especial Lattesta errou o primeiro tiro em Donny Boling, pegou-o com o segundo. Levou semanas para se estabelecer a sequência, mas foi o que aconteceu.

Então o tiroteio terminou. Lattesta chamou o 911 enquanto eu ainda continuava inclinada no chão, contando os dedos dos pés e das mãos para me certificar de que ainda estava intacta. Andy foi igualmente rápido ao ligar para o departamento do xerife e relatar que tiros foram disparados com civis e um oficial atingidos.

Arlene gritava sobre a pequena ferida como se tivesse levado um tiro no estômago.

A Agente Weiss se encontrava deitada sangrando no matagal, os olhos arregalados de medo, a boca cerrada. A bala entrara por baixo do braço levantado. Ela pensava nos filhos, no marido e em morrer ali no mato, deixando-os para trás. Lattesta tirou o colete

dela e pressionou o ferimento, e Andy correu para prender os dois atiradores.

Lentamente, me movi numa posição sentada. Não havia como ficar de pé. Permaneci ali sentada sobre as agulhas de pinheiro e a terra, olhando para Donny Boling, morto. Não havia o menor traço de atividade em seu cérebro. Whit ainda estava vivo, embora não estivesse em boa forma. Depois que Andy fez um exame superficial em Arlene e a mandou calar a boca, ela parou de gritar e começou a chorar.

Eu tive várias coisas pelas quais me culpar no curso de minha vida. Acrescentei todo esse incidente à lista enquanto observava o sangue ser absorvido pela terra do lado esquerdo de Donny. Ninguém teria levado um tiro se eu simplesmente tivesse subido em meu carro e ido embora. Mas não, eu tinha que tentar pegar os assassinos de Crystal. E agora sabia—tarde demais—que esses idiotas nem mesmo eram os culpados. Disse a mim mesma que Andy me pediu ajuda, que Jason precisava de ajuda... mas agora mesmo, eu não conseguia imaginar me sentir bem sobre isso por um longo tempo.

Por um breve instante, considerei deitar e desejar estar morta.

— Você está bem? – Andy disse, depois de algemar Whit e verificar Donny.

— Sim – falei. – Andy, sinto muito. – Mas ele correu ao pátio para acenar para a ambulância. De repente, havia um bocado de pessoas ao redor.

— Você está bem? – perguntou uma mulher usando uniforme de paramédico. As mangas estavam dobradas ordenadamente para mostrar músculos que eu não sabia que mulheres podiam desenvolver. Era possível ver cada um se movendo sob a pele cor de café. – Você parece meio abalada.

—Não estou acostumada a ver pessoas levando tiros – respondi. O que na maior parte era verdade.

— Acho melhor você vir se sentar aqui nessa cadeira – ela disse, apontando para uma cadeira de jardim dobrável que viu dias melhores. – Depois que atender aqueles que estão sangrando, virei examiná-la.

— Audrey! – gritou seu parceiro, um homem com a barriga parecendo uma janela saliente. – Preciso de outro par de mãos aqui. – Audrey se apressou para ajudar, e outro time de paramédicos veio correndo dando a volta no trailer. Tive quase o mesmo diálogo com eles.

A Agente Weiss partiu para o hospital primeiro, e entendi que o plano era estabilizá-la no hospital em Clarice e então levá-la numa aeronave para Shreveport. Whit foi carregado para a segunda ambulância. Uma terceira veio por Arlene. O sujeito morto ia esperar pelo médico-legista aparecer.

Eu esperei pelo que aconteceria em seguida.

Lattesta permaneceu ausente encarando os pinheiros. Suas mãos estavam manchadas de sangue por pressionar o ferimento de

Weiss. Enquanto eu observava, ele se recompôs. O propósito voltou para seu rosto, e os pensamentos começaram a fluir mais uma vez. Ele e Andy começaram a se consultar.

Agora o pátio pululava de agentes da lei, todos aparentemente bem estimulados. Tiroteios envolvendo policiais não eram tão comuns em Bon Temps ou Renard Parish. Quando o FBI é representado na cena, a excitação e a tensão são praticamente quadruplicados.

Várias outras pessoas me perguntaram se eu estava bem, mas ninguém parecia ansioso para me dizer o que fazer ou sugerir que fosse embora, então fiquei sentada na cadeira vacilante com as mãos no colo. Observei toda a atividade e tentei manter a mente em branco. Isso não era possível.

Eu estava preocupada com a Agente Weiss e ainda sentia o poder vazante da enorme onda de culpa que me inundou. Eu devia estar aborrecida pelo sujeito da Irmandade estar morto, suponho. Mas não estava.

Depois de um tempo, me ocorreu que eu também me atrasaria para o trabalho se esse processo elaborado não seguisse adiante. Sabia que era um pensamento trivial, enquanto observava o sangue encharcando a terra, mas também sabia que não seria trivial para meu chefe.

Liguei para Sam. Não lembro o que falei, mas recordo que tive de convencê-lo a não vir me buscar. Contei a Sam que havia um bocado de pessoas no local e a maioria delas estava armada.

Depois disso, não tive nada a fazer, exceto olhar para a floresta. Era um emaranhado de galhos caídos, folhas e vários tons de marrom, interrompidos por pequenos pinheiros de várias alturas voluntárias. O dia brilhante tornava fascinantes os padrões de sombra e cores.

Ao olhar para as profundezas da floresta, fiquei consciente de que algo retribuía o olhar. Alguns metros adentro da margem das árvores, havia um homem parado; não, não um homem—uma fada. Não posso pressentir fadas muito nitidamente; elas não são vazias como vampiros, mas são as mais próximas que encontrei.

Contudo, foi fácil ler a hostilidade em sua postura. Essa fada não estava do lado de meu bisavô. Essa fada estaria feliz se me visse sangrando caída no chão. Endireitei-me na cadeira, abruptamente consciente de que não tinha ideia se todos os policiais do mundo poderiam me manter protegida de uma fada. Meu coração palpitou novamente com alarme, respondendo à adrenalina de um modo meio cansado. Queria dizer a alguém que eu estava em perigo, mas sabia que se apontasse a fada para qualquer das pessoas presentes, não apenas ele desapareceria dentro da floresta, mas eu poderia colocar em risco o humano. Já fiz o suficiente por aquele dia.

Assim que levantei da cadeira com nenhum bom plano em mente, a fada me deu as costas e desapareceu.

Eu não posso ter um momento de paz? Com esse pensamento, tive que me inclinar e cobrir o rosto com as mãos porque estava rindo, e não era um bom riso. Andy se aproximou e agachou diante de mim, tentando ver meu rosto. — Sookie – ele disse, e sua voz foi

gentil. – Ei, garota, se recomponha. Você tem que vir conversar com o Xerife Dearborn.

Eu conversei não apenas com Bud Dearborn, mas também várias outras pessoas. Mais tarde, não consegui lembrar de nenhuma das conversas que tive. Contei a verdade a quem quer que tenha me feito perguntas.

Não mencionei ter visto a fada na floresta simplesmente porque ninguém me perguntou. “Você viu mais alguém aqui esta tarde?” Quando tive um segundo sem me sentir atônita e miserável, imaginei por que ele se mostrou, por que veio. Ele estava me rastreando de algum modo? Havia algum tipo de escuta sobrenatural plantada em mim?

—Sookie – disse Bud Dearborn. Eu pestanejei.

—Sim, senhor? – Levantei e meus músculos tremeram.

— Pode ir agora, conversaremos com você novamente mais tarde – disse.

— Obrigada – respondi, mal tendo consciência do que dizia. Subi no meu carro, sentindo-me completamente entorpecida. Disse a mim mesma para dirigir para casa e colocar meu traje de garçonete para ir trabalhar. Empurrar drinques seria melhor do que ficar sentada em casa reciclando os eventos do dia, se eu conseguisse ficar de pé todo aquele tempo.

Amelia estava no trabalho, então eu tive a casa para mim enquanto vestia as calças de trabalho e a camiseta de manga

comprida do Merlotte's. Senti frio até os ossos e desejei pela primeira vez que Sam tivesse pensado em comprar moletons do Merlotte's. Meu reflexo no espelho do banheiro era horrível: eu estava branca como um vampiro, tinha grandes círculos sob os olhos e achei que parecia exatamente alguém que viu muitas pessoas sangrando naquele dia.

O entardecer estava frio e imóvel enquanto eu seguia para o carro. A noite cairia em breve. Desde que Eric e eu nos vinculamos, me descobri pensando nele todos os dias quando o céu se tornava escuro. Agora que dormimos juntos, meus pensamentos se tornaram anseios. Tentei guardá-lo no fundo de minha mente a caminho do bar, mas ele insistia em vir à frente.

Talvez porque meu dia tenha sido um pesadelo, eu descobri que teria dado minha conta da poupança inteira para ver Eric *agora mesmo*. Arrastei-me até a porta dos funcionários, agarrando a pá de jardinagem enfiada em minha bolsa. Achei que estava preparada para um ataque, mas fiquei tão preocupada que não enviei meu sentido extra para detectar outra presença, e não vi Antoine na sombra do container de lixo até que ele surgiu para me cumprimentar. Ele fumava um cigarro.

—Deus do céu, Antoine, você me matou de susto.

— Desculpe, Sookie. Você planeja plantar alguma coisa? – Ele fitou a pá que tirei de minha bolsa. – Não estamos muito ocupados esta noite. Tirei um minuto para fumar.

— Todos estão calmos esta noite? – Enfiei a pá dentro da bolsa, sem tentar explicar. Talvez ele a considerasse minha esquisitice normal.

— Sim, ninguém está dando sermões; ninguém foi morto. – Ele sorriu. – D'Eriq está cheio de conversa a respeito de um sujeito que apareceu antes e que ele pensou ser uma fada. D'Eriq é do tipo simples, mas pode ver coisas que ninguém pode. Mas—fadas?

— Não fada como gay, mas fada como Tinker Bell? – Achei que não teria energia suficiente sobrando para ficar alarmada. Achei errado. Olhei ao redor do estacionamento com alarme considerável.

—Sookie? É verdade? – Antoine me encarava.

Encolhi os ombros vagamente. Culpada.

— Merda – disse Antoine. – Bom, merda. Esse não é o mesmo mundo na qual nasci, não é?

— Não, Antoine. Não é. Se D'Eriq disser mais alguma coisa, por favor, me conte. É importante.

Poderia ter sido meu bisavô tomando conta de mim, ou seu filho Dillon. Ou poderia ter sido Sr. Hostil que perambulou pela floresta. O que deu no mundo *fae*? Durante anos, eu nunca vi um. Agora não se podia jogar uma pá sem atingir uma fada.

Antoine me olhou desconfiado. — Claro, Sookie. Você está envolvida em algum problema que eu devia saber?

Até o pescoço. — Não, não. Só estou tentando evitar um problema – respondi, porque não queria que Antoine se preocupasse, e especialmente não queria que ele compartilhasse aquela preocupação com Sam. Sam com certeza ficaria suficientemente preocupado.

Obviamente, Sam ouviu várias versões dos eventos no trailer de Arlene, e eu tive que lhe dar um rápido resumo enquanto me aprontava para trabalhar. Ele estava profundamente aborrecido com as intenções de Donny e Whit, e quando lhe contei que Donny estava morto, ele disse: — Whit devia ter sido morto também.

Não tive certeza de tê-lo ouvido direito. Mas quando olhei para o rosto de Sam, pude perceber que ele estava realmente zangado, realmente vingativo. — Sam, acho que já morreram pessoas suficientes – falei. – Eu não os perdoei exatamente, e talvez nem seja algo que possa fazer, mas não acho que eles sejam os assassinos de Crystal.

Sam virou-se com um grunhido e guardou uma garrafa de rum com tanta força que achei que podia ter quebrado.

Apesar da medida de precaução, eu apreciei aquela noite... porque nada aconteceu.

Ninguém subitamente anunciou que era uma gárgula e queria lugar à mesa americana. Ninguém explodiu em vaias. Ninguém tentou me matar, avisar ou mentir para mim; ninguém me deu qualquer atenção especial.

Voltei a ser parte do ambiente no Merlotte's, uma situação que costumava me deixar entediada. Lembrei das noites antes de conhecer Bill Compton, quando sabia que vampiros existiam, mas realmente não tinha encontrado ou visto um em carne e osso. Lembrei o quanto ansiei por conhecer um vampiro de verdade. Eu acreditei na história deles, que alegavam ser vítimas de um vírus que os tornavam alérgicos a várias coisas (luz do sol, alho, comida) e capazes de sobreviver apenas ingerindo sangue.

Aquela parte, pelo menos, foi realmente verdade.

Enquanto trabalhava, eu pensei nas fadas. Elas eram diferentes dos vampiros e dos Lobis. Fadas podiam escapar e ir para seu próprio mundo, como quer que aquilo aconteça. Era um mundo que eu não desejava visitar ou ver. Fadas nunca foram humanas. Pelo menos vampiros podiam lembrar como era ser humano, e Lobis eram humanos na maior parte do tempo, mesmo que tivessem uma cultura diferente; ser um Lobi era como ter dupla cidadania, imaginei. Isso era uma diferença importante entre as fadas e os outros sobrenaturais, e tornava as fadas mais assustadoras.

Enquanto a noite passava e eu caminhava de mesa em mesa, fazendo um esforço para anotar os pedidos certos e servir com um sorriso, tive momentos imaginando se teria sido melhor eu nunca ter conhecido meu bisavô afinal. Aquela ideia parecia um bocado atraente.

Servi o quarto drinque para Jane Bodehouse e sinalizei a Sam que precisávamos parar. Jane beberia não importa se a servíssemos ou não. Sua decisão de parar não durou uma semana,

mas eu nunca imaginei que duraria. Ela fez tais promessas antes, com o mesmo resultado.

Pelo menos, se Jane bebesse aqui, nós nos certificaríamos de que voltaria bem para casa. *Eu matei um homem ontem*. Talvez seu filho viesse buscá-la; ele era um sujeito bacana que nunca tomou um gole de álcool. *Eu vi um homem morrer com um tiro hoje*. Tive que ficar imóvel por um minuto, porque o salão parecia estar rodando um pouco.

Um ou dois segundos depois, me senti mais firme. Imaginei se conseguiria atravessar a noite. Dando um passo atrás do outro e bloqueando as coisas ruins (por experiência passada, eu era uma perita nisso), eu consegui. Até mesmo lembrei de perguntar a Sam como estava indo sua mãe.

— Ela está melhorando – ele disse, fechando a caixa registradora. – Meu padrasto entrou com o pedido de divórcio também. Ele diz que ela não merece nenhuma pensão alimentícia porque não revelou sua verdadeira natureza quando se casaram.

Apesar de ficar sempre do lado de Sam, no que quer que fosse, eu tive que admitir (estritamente para mim) que entendia a razão do padrasto dele.

— Sinto muito – respondi inadequadamente. – Sei que é um momento difícil para sua mãe, para toda sua família.

— A noiva de meu irmão também não está muito feliz com isso – disse Sam.

—Oh, não, Sam. Ela ficou assustada com o fato de sua mãe...?

— Sim, e obviamente ela também sabe sobre mim agora. Meu irmão e minha irmã estão se acostumando. Então eles estão bem—mas Deidra não se sente assim. E acho que os pais dela também não.

Dei um tapinha no ombro de Sam porque não sabia o que dizer. Ele me deu um pequeno sorriso e então um abraço. Disse: — Você tem sido uma rocha, Sookie – e então enrijeceu. As narinas de Sam se inflaram. – Você cheira a—há um traço de vampiro – ele disse, e todo o calor desapareceu de sua voz. Ele me soltou e olhou duramente.

Eu realmente me esfreguei e usei todos os produtos de pele habituais depois disso, mas o nariz refinado de Sam sentiu aquele traço que Eric deixou.

— Bem – respondi e então parei de imediato. Tentei organizar o que queria dizer, mas as últimas quarenta horas foram tão cansativas. – Sim – eu disse – Eric apareceu ontem à noite. – Parei por ali. Meu coração afundou. Pensei em tentar explicar a Sam sobre meu bisavô e o problema na qual estávamos envolvidos, mas Sam já tinha o suficiente de seus próprios problemas. Além disso, a equipe toda estava se sentindo bem miserável sobre Arlene e sua prisão.

Havia muita coisa acontecendo.

Tive outro momento de tontura nauseante, mas passou rapidamente, como antes. Sam nem mesmo notou. Ele estava perdido em reflexão sombria, tanto quanto eu podia perceber de sua mente distorcida de metamorfo.

— Me acompanhe até o carro – falei impulsivamente. Eu precisava ir para casa e dormir um pouco, e não tinha ideia se Eric ia ou não aparecer esta noite. Não queria ninguém mais aparecendo e me surpreendendo, como Murry havia feito. Eu não queria ninguém tentando me atrair para a morte ou disparando armas em minha vizinhança. Sem mais traição de pessoas com quem me importo, tampouco.

Eu tinha uma longa lista de exigências, e sabia que não era algo bom.

Enquanto tirava minha bolsa da gaveta no escritório de Sam e gritava um boa-noite para Antoine, que ainda limpava a cozinha, percebi que a estatura de minha ambição era chegar em casa e ir para cama sem conversar com ninguém, e dormir sem ser incomodada a noite toda.

Imaginei se aquilo era possível.

Sam não falou mais nada a respeito de Eric, e parecia atribuir meu pedido para ser acompanhada como um ataque de nervos depois do incidente no trailer. Eu podia simplesmente ter ficado na porta do bar e procurado com meu outro sentido, mas era melhor ser duplamente cuidadosa; minha telepatia e o nariz de Sam faziam uma boa combinação. Ele estava ávido para verificar o

estacionamento. De fato, ele soou quase desapontado quando anunciou que não havia nada lá, exceto nós.

Enquanto me afastava, vi Sam pelo espelho retrovisor inclinado contra o capô de sua caminhonete, estacionada diante do trailer. Ele tinha as mãos nos bolsos e fitava o cascalho no chão como se odiasse a visão. Assim que virei a esquina do bar, Sam tocou o capô da caminhonete de um modo ausente e caminhou de volta ao bar, os ombros caídos.

Capítulo 13

— AMELIA, O QUE FUNCIONA contra fadas? – perguntei. Tive uma noite inteira de sono e estava me sentindo bem melhor como consequência. O chefe de Amelia estava fora da cidade, então ela tinha a tarde de folga.

— Você quer dizer algo que aja como um repelente de fadas? – ela perguntou.

— Sim, ou até cause a morte da fada – falei. – É preferível isso a eu ser morta. Preciso me defender.

— Eu não sei muito a respeito de fadas, já que elas são tão raras e discretas – disse. – Eu não tinha certeza de que ainda existiam até ouvir falar de seu bisavô. Você precisa de algo parecido com Mace para fadas, hein?

Tive uma súbita ideia. — Eu já tenho algo, Amelia – respondi, mais feliz do que me sentia em dias. Olhei nas gavetas da porta da geladeira. Com certeza, havia uma garrafa de *ReaLemon*. – Agora tudo que tenho que fazer é comprar uma pistola de água no Wal-Mart – eu disse. – Não é verão, mas certamente eles têm algumas no departamento de brinquedos.

—Isso funciona?

— Sim, um fato sobrenatural pouco conhecido. Simples contato é fatal. Entendi que, se for ingerido, o resultado é ainda mais rápido.

Se puder esguichar na boca aberta de uma fada, ela será uma fada morta.

— Parece que você está numa grande encrenca, Sookie. – Amelia esteve lendo, mas agora largou o livro sobre a mesa.

—Sim, estou.

—Quer falar a respeito?

—É complicado. Difícil de explicar.

—Eu entendo a definição de “complicado”.

— Desculpe. Bem, pode não ser seguro para você saber dos detalhes. Você pode ajudar? Suas proteções mágicas funcionam contra fadas?

— Vou verificar minhas fontes – disse Amelia daquele modo sábio que possuía quando não tinha nenhuma pista. – Telefono para Octavia se necessário.

— Eu apreciaria. E se precisar de alguns tipos de ingredientes para lançar feitiços, dinheiro não é problema. – Eu recebi um cheque pelo correio naquela mesma manhã da herança de Sophie-Anne. O Sr. Cataliades enviou o dinheiro que ela me devia. Eu ia correr para o banco à tarde, já que o caixa automático estaria aberto.

Amelia respirou fundo, parou. Esperei. Já que ela era uma transmissora excepcionalmente clara, eu sabia sobre o que ela

queria conversar, mas para manter nosso relacionamento em equilíbrio, simplesmente resisti até ela falar em voz alta.

— Eu ouvi de Tray, que tem alguns amigos na força policial—não muitos—que Whit e Arlene estão negando terminantemente que mataram Crystal. Eles... Arlene diz que planejavam tornar você um exemplo do que acontece com pessoas que andam com sobrenaturais; que a morte de Crystal lhes deu a ideia.

Meu bom humor se evaporou. Senti uma depressão profunda cair sobre meus ombros. Ouvir isso sendo dito em voz alta fazia parecer ainda mais horrível. Não conseguia pensar num comentário para oferecer.

— O que Tray ouviu sobre o que pode acontecer com eles? – eu disse finalmente.

— Depende de qual bala atingiu a Agente Weiss. Se foi Donny —bom, ele está morto. Whit pode dizer que estava levando tiros, então disparou de volta. Pode dizer que não sabia de nada sobre um plano para machucar você. Ele estava visitando a namorada e aconteceu de ter algumas peças de madeira na carroceria da picape.

—E quanto a Helen Ellis?

— Ela disse a Andy Bellefleur que só foi ao trailer para pegar as crianças porque eles realmente tiveram boas notas, e ela prometeu levá-los ao Sonic para um sorvete como recompensa. Mais do que

isso, ela não sabe de nada. – O rosto de Amelia expressava total ceticismo.

— Então Arlene é a única falando. – Sequei a fôrma de assar. Fiz biscoitos pela manhã. Terapia de cozinha, barata e satisfatória.

— Sim, e ela pode retirar o que disse a qualquer minuto. Estava realmente abalada quando falou, mas vai ficar esperta. Talvez tarde demais. Pelo menos, esperamos que sim.

Eu acertei; Arlene *era* o elo mais fraco.

—Ela conseguiu um advogado?

— Sim. Ela não tinha condições para Sid Matt Lancaster, então contratou Melba Jennings.

— Boa ideia – respondi pensativa. Melba Jennings era pouco mais velha do que eu. Era a única mulher afro-americana em Bon Temps que frequentou a Faculdade de Direito. Ela tinha uma fachada dura e era do tipo que confrontava ao extremo. Outros advogados ficaram conhecidos por tomar desvios incríveis para evitar Melba se a vissem chegando. – Faz a parecer menos fanática.

— Eu não acho que vá enganar ninguém, mas Melba é como um pit bull. – Melba esteve na agência de seguros de Amelia em nome de alguns clientes. – É melhor eu ir fazer minha cama – disse Amelia, levantando e se espreguiçando. – Ei, Tray e eu vamos ao cinema em Clarice esta noite. Quer vir?

— Você realmente tem tentado me incluir em seus encontros. Você já não está ficando entediada com Tray, eu espero?

— Nem um pouco – Amelia disse, soando levemente surpresa. – Na verdade, eu o acho ótimo. Contudo, o amigo de Tray, Drake, tem incomodado. Drake viu você no bar e quer conhecê-la.

—Ele é um Lobi?

—Só um cara. Acha você bonita.

— Eu não saio com caras normais – respondi sorrindo. – Simplesmente não funciona muito bem.

Para falar a verdade, “funcionava” desastrosamente. Imagine saber o que o seu encontro pensa a seu respeito cada minuto. Além disso, havia a questão de Eric e nosso relacionamento indefinido, mas íntimo.

— Mantenha a possibilidade em aberto. Ele é realmente uma gracinha e, por gracinha, quero dizer mais quente do que ferro fundido.

Depois que Amelia subiu as escadas, eu me servi de uma xícara de chá. Tentei ler, mas descobri que não conseguia me concentrar no livro. Finalmente, usei meu marcador e fitei o espaço, pensando num bocado de coisas.

Imaginei onde estariam os filhos de Arlene agora. Com a velha tia de Arlene, que vivia em Clarice? Ou ainda com Helen Ellis? Helen gostava o suficiente de Arlene para ficar com Coby e Lisa?

Eu não conseguia me livrar da sensação persistente de responsabilidade pela triste situação das crianças, mas simplesmente seria uma daquelas coisas com as quais teria que sofrer. A pessoa realmente responsável era Arlene. Não havia nada que eu pudesse fazer por eles.

Como se pensar em crianças tivesse atingido um nervo no universo, o telefone tocou. Levantei e fui até o aparelho montado na parede da cozinha.

—Alô? – falei sem entusiasmo.

—Srta. Stackhouse? Sookie?

—Sim, é ela – respondi educadamente.

—Aqui é Remy Savoy.

O ex da minha falecida prima Hadley, pai do filho dela. — Fico feliz que tenha ligado. Como está Hunter? – Hunter era uma criança “dotada”, Deus o abençoe. Ele foi “dotado” da mesma forma que eu fui.

—Ele está bem. Uh, sobre aquele negócio.

—Claro. – Nós íamos falar de telepatia.

— Ele vai precisar de alguma orientação em breve. Ele vai entrar no jardim de infância. Eles irão notar. Quero dizer, vai levar um tempo, mas cedo ou tarde...

— Sim, eles irão notar com certeza. – Abri a boca para sugerir que Remy trouxesse Hunter no meu próximo dia de folga ou que eu poderia ir até Red Ditch. Mas então lembrei que eu era o alvo de um grupo de fadas homicidas. Não era uma boa hora para a visita de um garoto, e quem poderia garantir que eles não iam me seguir até a casinha de Remy? Até agora nenhum deles sabia sobre Hunter. Eu não contei nem mesmo ao meu bisavô sobre o talento especial de Hunter. Se o próprio Niall não sabia, talvez nenhum dos inimigos descobrisse a informação.

No total, melhor não correr riscos.

— Eu realmente quero me encontrar com ele e conhecê-lo. Prometo que o ajudarei tanto quanto puder – eu disse. – Nesse exato momento, simplesmente não é possível. Mas já que temos algum tempo de sobra até o jardim de infância... talvez daqui há um mês ou mais?

— Oh – disse Remy perplexo. – Eu esperava levá-lo em meu dia de folga.

— Eu estou com uma pequena situação aqui que preciso resolver. – Se eu estivesse viva depois de resolvida... mas não ia imaginar isso. Tentei pensar numa desculpa plausível e, é claro, tinha uma. – Minha cunhada acabou de falecer – contei a Remy. – Posso ligar quando não estiver tão ocupada com os detalhes do... – Eu não conseguia pensar num modo de terminar aquela sentença. – Prometo que será em breve. Se você não tiver um dia de folga, talvez Kristen possa trazê-lo? – Kristen era a namorada de Remy.

— Bem, isso é parte do problema – disse Remy, soando cansado, mas também um pouco divertido. – Hunter disse a Kristen que sabia que ela não gostava dele de verdade, e que devia parar de pensar no pai dele sem roupas.

Respirei fundo, tentei não rir e não consegui. — *Desculpe* – respondi. – Como Kristen lidou com isso?

— Ela começou a chorar. Então disse que me amava, mas meu filho era uma aberração e foi embora.

— Pior cenário possível – falei. – Ah... você acha que ela contará a outras pessoas?

—Não vejo por que ela o faria.

Isso soou depressivamente familiar: sombras de minha dolorosa infância.

— Remy, eu sinto muito – falei. Remy pareceu um sujeito legal em nosso breve encontro, e fui capaz de ver que era devotado ao filho. – Se o faz sentir melhor, eu sobrevivi de alguma forma.

— Mas seus pais sobreviveram? – Havia um toque de sorriso em sua voz, para seu crédito.

— Não – respondi. – Contudo, não teve nada a ver comigo. Eles foram surpreendidos por uma enchente quando voltavam para casa certa noite. Estava chovendo, a visibilidade era terrível, a água estava escura na estrada e eles simplesmente dirigiram pela ponte e

foram levados. – Algo ressoou em meu cérebro, algum tipo de sinal de que aquele pensamento era significativo.

— Sinto muito, eu estava só brincando – Remy estava dizendo numa voz chocada.

— Não, sem problema. Só uma dessas coisas – falei, do modo como se faz quando não quer que a outra pessoa se preocupe com seus sentimentos.

Decidimos que eu ligaria para ele quando tivesse “algum tempo livre” (na verdade, isso significava “quando ninguém tentasse me matar”, mas não expliquei isso a Remy). Desliguei e sentei na banqueta junto ao balcão da cozinha.

Eu estava pensando na morte de meus pais pela primeira vez em algum tempo. Tinha algumas memórias tristes, mas aquela era a mais triste de todas. Jason tinha dez anos e eu sete, então minha recordação não era exata, mas conversamos a respeito ao longo dos anos, é claro, e minha avó recontou a história diversas vezes, especialmente quando ficou mais velha. Nunca variou. A chuva torrencial, a estrada que conduziu a uma pequena depressão por onde a enseada corria, a água escura... e eles foram varridos para a escuridão. A caminhonete foi encontrada no dia seguinte, seus corpos, um dia ou dois depois daquilo.

Me vesti para o trabalho automaticamente. Prendi meu cabelo num rabo de cavalo extra-apertado, me certificando de que qualquer fio solto fosse colocado no lugar com gel. Quando eu amarrava

meus sapatos, Amelia desceu as escadas correndo para me contar que verificou seus livros de referência.

— A melhor maneira de matar fadas é com ferro. – Seu rosto estava iluminado de triunfo. Eu detestava fazer chover em seu desfile. Limões eram ainda melhores, mas era meio difícil usar um limão numa fada sem que ela percebesse.

— Eu sabia disso – respondi, tentando não soar deprimida. – Quero dizer, eu aprecio o esforço, mas preciso ser capaz de derrubá-los. – Para que pudesse fugir. Eu não sabia se podia suportar ter que usar minha mangueira na entrada de novo.

Obviamente, matar o inimigo vencia a alternativa: deixá-los me capturar para fazerem o que desejassem comigo.

Amelia estava pronta para seu encontro com Tray. Ela usava saltos altos com seus jeans de marca, um *look* incomum para Amelia.

— Por que os saltos? – perguntei, e Amelia sorriu, mostrando seus excelentes dentes brancos.

— Tray gosta deles – ela respondeu. – Com *ou* sem o jeans. Você devia ver a lingerie que eu estou usando!

—Eu dispenso – falei.

— Se você quiser nos encontrar depois que sair do trabalho, aposto que Drake estará lá. Ele está seriamente interessado em

conhecê-la. E ele é bonitinho, embora sua aparência possa não ser exatamente atraente para você.

— Por quê? Como esse Drake se parece? – perguntei, levemente curiosa.

—É a parte esquisita. Ele se parece muito com o seu irmão. – Amelia olhou para mim em dúvida. – Isso pode ser meio estranho, hein?

Senti todo o sangue sumir de meu rosto. Tinha ficado de pé para sair, mas sentei-me abruptamente.

—Sookie? O que foi? Sookie? – Amelia me rodeou ansiosamente.

— Amelia – ofeguei – você tem que evitar esse sujeito. Falo sério. Você e Tray se afastem dele. E, pelo amor de Deus, não respondam quaisquer perguntas a meu respeito!

Pude notar pela culpa em seu rosto que ela já havia respondido algumas. Embora fosse uma bruxa esperta, Amelia nem sempre conseguia distinguir quando pessoas eram realmente *pessoas*. Evidentemente, Tray também não—embora até o cheiro doce de um mestiço de fada devesse ter alertado um Lobi. Talvez Dermot tivesse a mesma habilidade de mascarar o cheiro que seu pai, meu bisavô, possuía.

— Quem é ele? – Amelia perguntou. Ela estava assustada, o que era bom.

— Ele é... – Tentei formular a melhor explicação. – Ele quer me matar.

—Isso tem algo a ver com a morte de Crystal?

— Eu acho que não – respondi. Tentei dar à possibilidade alguma consideração racional, descobri que meu cérebro simplesmente não conseguia lidar com a ideia.

— Não entendo – Amelia disse. – Tivemos meses—bom, semanas—de nada, exceto a velha vida simples e então, de repente, aqui estamos! – Ela levantou as mãos.

— Você pode voltar para Nova Orleans se quiser – respondi, minha voz vacilando. Obviamente, Amelia sabia que podia partir quando quisesse, mas eu queria deixar claro que não estava a envolvendo em meus problemas, a menos que ela escolhesse se envolver. Por assim dizer.

— Não – ela respondeu com firmeza. – Eu gosto daqui, e minha casa em Nova Orleans não está pronta, de qualquer forma.

Ela vivia dizendo isso. Não que quisesse que ela fosse embora, mas eu não conseguia entender a demora. Afinal, o pai dela era construtor.

—Você não sente falta de Nova Orleans?

— É claro que sim – disse Amelia. – Mas eu gosto daqui, e gosto da minha pequena suíte no andar de cima, gosto de Tray e gosto dos trabalhos que vão me sustentando. E eu também gosto—

pra caramba—de ficar longe da vista de meu pai. – Ela deu um tapinha em meu ombro. – Vá trabalhar e não se preocupe. Se eu não tiver pensado em algo até amanhã de manhã, ligarei para Octavia. Agora que sei qual é a desse Drake, vou ignorá-lo. E Tray também. Ninguém consegue ignorar como Tray.

— Ele é muito perigoso, Amelia – falei. Eu não conseguia expressar aquilo de modo enfático suficiente para minha colega de quarto.

— É, é, eu entendi – ela disse. – Mas você sabe, eu mesma não sou um docinho, e Dawson pode lutar com o melhor deles.

Nós nos abraçamos e eu me permiti mergulhar na mente de Amelia. Era caloroso, ocupado, curioso e... otimista. Nada de cismar sobre o passado com Amelia Broadway. Ela deu um tapinha em minhas costas para avisar que estava se afastando, e nos separamos.

Passei pelo banco e então parei no Wal-Mart. Depois de procurar um pouco, achei uma pequena prateleira de pistolas de água. Peguei uma versão de plástico transparente com duas unidades na embalagem, um azul e outro amarelo. Quando pensei na ferocidade e na força da raça das fadas, e no fato de que lutei para abrir a maldita embalagem para tirar as pistolas, meu método de defesa escolhido pareceu ridículo. Eu estaria armada com uma pistola d’água de plástico e uma pá de jardinagem.

Tentei esvaziar minha mente de todas as preocupações que me atormentavam. Havia tanto em que pensar... Na verdade, havia

muito que temer. Podia ser hora de pegar uma página do livro de Amelia e olhar para frente. O que eu precisava fazer *esta noite*? Qual das minhas preocupações em andamento eu podia de fato fazer algo para resolver? Podia escutar no bar esta noite por pistas sobre a morte de Crystal, como Jason me pediu para fazer (eu teria feito de qualquer forma, mas pareceu ainda mais importante rastrear os assassinos agora que o perigo parecia se acumular de todas as direções). Eu podia me armar contra um ataque de fadas. Podia ficar alerta para quaisquer outras gangues da Irmandade. E podia tentar arranjar mais defesa.

Afinal, eu devia estar sob a proteção da matilha de Lobisomens de Shreveport, porque os ajudei. Eu também estava sob a proteção do novo regime vampiro, porque salvei o traseiro de seu líder. Felipe de Castro seria uma pilha de cinzas se não fosse por mim; para falar a verdade, Eric também. Essa não era a melhor hora no mundo para pedir reforços?

Desci do carro nos fundos do Merlotte's. Olhei para o céu, mas estava nublado. Achei que fazia apenas uma semana da lua nova. E definitivamente estava uma escuridão total. Tirei meu celular da bolsa. Descobri o número do celular de Eric rabiscado atrás de um de seus cartões de visita, enfiado debaixo do telefone na cabeceira de minha cama. Ele atendeu no segundo toque.

— Sim – ele disse, e pude perceber por aquela palavra que estava com outros. Um pequeno arrepio percorreu minha espinha ao som de sua voz.

— Eric – falei, e então desejei ter passado algum tempo formulando meu pedido. – O rei disse que me devia – continuei, percebendo que aquilo era um pouco direto e ousado. – Estou em verdadeiro perigo. Imagino o que ele pode fazer a respeito.

— A ameaça envolvendo seus parentes mais velhos? – Sim, ele definitivamente estava com outras pessoas.

— Sim. O, hã, inimigo vem tentando convencer Amelia e Tray a apresentá-lo a mim. Ele parece não perceber que eu o reconheceria, ou talvez seja muito bom em fingir. Ele deve estar do lado anti-humano, mas ele é meio-humano. Eu não compreendo seu comportamento.

— Entendo – Eric disse, após uma apreciável pausa. – Então proteção é necessária.

—Sim.

—E você pede isso como...?

Se estivesse com seus próprios subalternos, ele teria os mandado sair para que pudesse conversar comigo francamente. Já que não fez isso, ele provavelmente estava com um dos vampiros de Nevada: Sandy Sechrest, Victor Madden ou o próprio Felipe de Castro, embora aquilo fosse improvável. Os empreendimentos de negócios mais lucrativos de Castro em Nevada exigiam sua presença constante. Eu finalmente percebi que Eric tentava descobrir se eu estava pedindo como sua amiga íntima e “esposa”, ou alguém a quem devia um grande favor.

— Peço isso como alguém que salvou a vida de Felipe de Castro – respondi.

— Apresentarei sua petição a Victor, já que ele está aqui no bar – disse Eric suavemente. – Retorno ainda esta noite.

— Ótimo. – Consciente da audição extrema dos vampiros, acrescentei: – Agradeço por isso, Eric – como se fôssemos amistosos conhecidos.

Mentalmente evitando a questão do que realmente éramos para o outro, desliguei o celular e fui trabalhar, me apressando porque estava alguns minutos atrasada. Agora que falei com Eric, me senti muito mais otimista sobre minhas chances de sobrevivência.

Capítulo 14

MANTIVE MEUS OUVIDOS mentais abertos, então aquela foi uma noite difícil para mim. Após anos de prática e alguma ajuda de Bill, aprendi a bloquear a maioria dos pensamentos humanos ao meu redor. Mas esta noite parecia um dos antigos dias ruins, quando eu sorria o tempo todo para encobrir a confusão em minha cabeça, causada pelo constante bombardeio de murmúrios mentais.

Quando passei pela mesa onde Bud Dearborn e seu camarada idoso, Sid Matt Lancaster, se serviam de cestos de frango e cervejas, eu ouvi, *Crystal não é uma grande perda, mas ninguém é crucificado em Renard Parish... Temos que resolver esse caso, e Eu tenho que arrumar alguns lobisomens genuínos como clientes. Gostaria que Elva Deane estivesse viva para ver isso; ela teria adorado*. Mas Sid Matt pensava principalmente em suas hemorroidas e no câncer alastrado.

Oh, céus, eu não sabia. Em minha passagem seguinte pela mesa, dei um tapinha no ombro do venerável advogado. — Avise-me se precisar de algo – falei, e encontrei seu olhar de tartaruga com uma expressão neutra. Ele podia interpretar do modo que quisesse, contanto que soubesse que eu estava disposta a ajudar.

Quando se joga a rede longe demais, você se depara com um bocado de lixo. Descobri ao longo da noite que Tanya pensava em se estabelecer permanentemente com Calvin, que Jane Bodehouse achava estar com clamídia e se perguntava quem era o

responsável, e Kevin e Kenya, policiais que sempre pediam o mesmo turno, estavam praticamente morando juntos agora. Já que Kenya era negra e Kevin não podia ser mais branco, isso estava causando alguns problemas entre os parentes de Kevin, mas ele permanecia firme. O irmão de Kenya não estava muito feliz com a situação da moradia tampouco, mas não ia bater em Kevin ou algo do gênero. Dei-lhes um grande sorriso quando levei suas Cocas com bourbon, e ambos retribuíram. Era tão raro ver Kenya abrir um sorriso que eu quase ri. Ela parecia uns cinco anos mais jovem quando sorria.

Andy Bellefleur veio com sua nova esposa, Halleigh. Eu gostava de Halleigh e nos abraçamos. Halleigh estava achando que podia estar grávida, e era um bocado cedo no casamento para começarem uma família, mas Andy era bem mais velho do que ela. Essa talvez-gravidez não foi planejada, então ela estava bem preocupada sobre como Andy aceitaria a novidade. Já que estava fazendo aquilo esta noite, eu tentei algo novo. Enviei meu sentido extra para a barriga de Halleigh. Se ela realmente estava grávida, era cedo demais para o pequeno cérebro ser registrado.

Andy pensava que Halleigh andava quieta nos últimos dois dias, e se preocupava de que algo estivesse errado com ela. Também estava preocupado sobre a investigação da morte de Crystal e, quando sentiu os olhos de Bud Dearborn pousados nele, desejou ter escolhido qualquer outro lugar em Bon Temps para essa saída noturna. O tiroteio no trailer de Arlene estava lhe dando pesadelos.

Outras pessoas no bar pensavam em coisas típicas.

Quais são os pensamentos mais populares de todos os tempos? Bom, eles são muito, muito chatos. A maioria das pessoas pensa em seus problemas com dinheiro, o que precisam do mercado, quais tarefas domésticas tem que fazer, como estão indo os empregos. Elas se preocupam com seus filhos... um bocado. Meditam sobre questões com seus chefes, cônjuges, colegas de trabalho e outros membros de suas igrejas.

No total, 95 por cento do que eu ouço não é nada que alguém iria querer escrever em seu diário.

De vez em quando, os homens (e com menos frequência, as mulheres) pensam em sexo com alguém que veem no bar—mas francamente, isso é tão comum que eu posso ignorar, a menos que estejam pensando em mim. Isso é bem nojento. As ideias de sexo se multiplicam com os drinques consumidos; nenhuma surpresa aqui.

O pessoal pensando em Crystal e na sua morte era da força policial encarregada de descobrir quem a matou. Se um dos culpados estava no bar, ele simplesmente não estava pensando a respeito do que fez. E tinha que haver mais de uma pessoa envolvida. Levantar uma cruz não era algo que um homem pudesse fazer sozinho; pelo menos não sem *bastante* preparo e alguns arranjos elaborados com roldanas. Você teria que ser algum tipo de sobrenatural para levantá-la sozinho.

Essa era a linha de pensamento de Andy Bellefleur enquanto esperava por sua salada crocante de frango.

Tive que concordar com ele. Aposto que Calvin já tinha considerado aquele cenário. Calvin cheirou o corpo e não disse que não sentiu o cheiro de outro metamorfo de qualquer espécie. Mas então lembrei que um dos dois homens que tiraram o corpo era sobrenatural.

Longe de descobrir algo novo, eu estava sem pistas até Mel entrar. Mel, que morava num dos apartamentos duplex alugados por Sam, parecia um rejeitado do elenco de *Robin Hood, o Musical* esta noite. Os longos cabelos castanhos claros, o bigode e barba aparados, e a calça apertada lhe davam um ar teatral.

Mel me surpreendeu ao dar um meio-abraço antes de se sentar, como se eu fosse uma amiga chegada.

Se esse comportamento se devia a ele e meu irmão serem panteras... mas ainda assim, isso não fazia muito sentido. Nenhuma das outras panteras foi amigável comigo por causa de Jason—longe disso. A comunidade de Hotshot foi bem mais calorosa quando Calvin Norris andou pensando em me pedir para ser sua companheira. Mel possuía um desejo secreto de sair comigo? Isso seria... desagradável e indesejável.

Fiz uma pequena viagem pela cabeça de Mel, onde não vi nenhum pensamento desejoso a meu respeito. Se estivesse atraído, ele estaria pensando nisso, já que eu me encontrava bem na sua frente. Mel *pensava* nas coisas que Catfish Hennessy, o chefe de

meu irmão, andou dizendo sobre Jason no Ferro-Velho de Bon Temps hoje. O balão de tolerância de Catfish estourou e ele contou a Mel que estava pensando em demitir Jason.

Mel estava bem preocupado com meu irmão, abençoado seja seu coração. Eu imaginei a vida toda como alguém tão egoísta como meu irmão podia atrair amigos tão fiéis. Meu bisavô me contou que pessoas com um traço de sangue de fada eram mais atraentes para outros humanos, então talvez isso explicasse.

Fui para trás do balcão para servir mais um pouco de chá para Jane Bodehouse, que tentava se manter sóbria hoje porque estava tentando fazer uma lista dos sujeitos que poderiam ter lhe passado sua clamídia. Um bar é um local ruim para começar um programa de sobriedade—mas Jane mal teria chance de ser bem-sucedida, de qualquer forma. Coloquei uma fatia de limão no chá e levei para Jane, observei suas mãos tremerem ao pegar a xícara para beber.

— Você quer algo para comer? – perguntei, mantendo a voz baixa e calma. Só porque nunca vi um bêbado se recuperar num bar, não significava que não podia acontecer.

Jane sacudiu a cabeça silenciosamente. Os cabelos castanhos tingidos já estavam escapando do prendedor, e seu pesado suéter preto estava coberto de migalhas disso e daquilo. A maquiagem foi aplicada com mãos trêmulas. Eu podia notar o batom empastado nas rugas em seus lábios. A maioria dos alcoólatras da área podia parar de vez em quando no Merlotte's, mas eles se baseavam no Bayou. Jane era nossa única alcoólatra "residente" desde que o velho Willie Chenier tinha morrido. Quando Jane estava no bar, ela

sempre se sentava no mesmo banco. Hoyt colocara uma etiqueta nele quando bebeu demais certa noite, mas Sam o fez tirar.

Olhei a cabeça de Jane por um ou dois terríveis minutos, e observei a lenta mudança de pensamentos por trás dos olhos, notando as veias estouradas em suas bochechas. O pensamento de se tornar uma Jane era suficiente para assustar qualquer um quase sóbrio.

Desviei o rosto para encontrar Mel parado ao meu lado. Ele estava a caminho do banheiro masculino, porque era o que tinha na cabeça quando eu olhei.

—Sabe o que eles fazem em Hotshot com pessoas como ela? – ele perguntou em voz baixa, acenando com a cabeça na direção de Jane, como se ela não pudesse ver ou ouvir (na verdade, achei que ele estava certo sobre isso. Jane se tornou tão retraída que não parecia perceber o mundo hoje).

—Não – respondi surpresa.

— Eles os deixam morrer – falou. – Não oferecem comida, água ou abrigo, se a pessoa não consegue procurar por si mesma.

Tenho certeza que o horror estava estampado em meu rosto.

— É mais gentil no fim – disse. Ele deu um suspiro profundo e trêmulo. – Hotshot possui seus meios para se livrar dos fracos.

Ele seguiu seu caminho, as costas retas.

Toquei o ombro de Jane, mas receio que não estava realmente pensando nela. Eu imaginava o que Mel fez para merecer seu exílio num duplex em Bon Temps. Se fosse eu, estaria feliz por me livrar dos múltiplos laços de parentesco e da microscópica hierarquia do pequeno conjunto de casas amontoadas no antigo cruzamento, mas podia perceber que não era como Mel se sentia.

A ex-esposa de Mel vinha tomar uma margarita no Merlotte's de vez em quando. Pensei em fazer uma pequena pesquisa sobre o novo amigo de meu irmão da próxima vez que Ginjer aparecesse.

Sam me perguntou diversas vezes se eu estava bem, e fiquei surpresa com a força de meu anseio em contar tudo que aconteceu ultimamente. Fiquei atônita ao perceber com que frequência eu confiava em Sam, quanto ele sabia sobre minha vida secreta. Mas sabia que Sam tinha coisas suficientes com as quais lidar agora. Sam esteve ao telefone com a irmã e o irmão diversas vezes durante a noite, o que era realmente incomum para ele. Parecia aborrecido e preocupado, e seria egoísmo acrescentar mais peso àquela preocupação.

O celular no bolso de meu avental vibrou algumas vezes e, quando tive um momento livre, eu entrei no toalete das senhoras para verificar minhas mensagens de texto. Uma de Eric. "*Proteção chegando*", dizia. Isso era bom. Havia outra mensagem e essa era de Alcide Herveaux, o líder da matilha de Shreveport. "*Tray ligou. Encrenca no caminho?*" dizia. "*Estamos em débito*."

Minhas chances de sobrevivência aumentaram consideravelmente, e me senti muito mais animada ao terminar meu

turno.

Era bom ter favores acumulados com os vampiros e lobisomens. Talvez toda a merda pela qual passei no outono tivesse valido a pena afinal.

Contudo, no total, tinha que dizer que meu projeto para a noite foi um fracasso. Claro, depois de pedir permissão para Sam, enchi as duas pistolas de plástico com suco dos limões na geladeira (para chá gelado). Achei que limões de verdade seriam bem mais potentes do que o suco de limão engarrafado na minha casa.

Então me senti um pouco mais segura, mas a soma total de meu conhecimento sobre a morte de Crystal não foi aperfeiçoada por nenhum fato. Ou os assassinos não vieram ao bar, despreocupados com o mal que causaram, ou não estavam pensando a respeito no momento em que eu olhei dentro de suas cabeças. *Ou*, eu pensei, *todas as alternativas*.

Capítulo 15

EU TINHA PROTEÇÃO VAMPIRA, algo assim, me esperando depois do trabalho. Bubba se encontrava perto do meu carro quando saí do Merlotte's. Ele sorriu ao me ver, e fiquei feliz em abraçá-lo. A maioria das pessoas não estaria contente em ver um vampiro mentalmente defeituoso com uma predileção por sangue de gato, mas eu vim a gostar de Bubba.

— Quando voltou à cidade? – perguntei. Bubba foi pego em Nova Orleans durante o Katrina, e precisou de uma longa recuperação. Os vampiros ficaram dispostos a acomodá-lo, porque ele foi uma das pessoas mais famosas do mundo até ter sido transformado num necrotério em Memphis.

— Cerca de uma semana atrás. É bom vê-la, Srta. Sookie. – As presas de Bubba apareceram para demonstrar o quanto estava feliz. E rapidamente voltaram a se esconder. Bubba ainda tinha talento. – Andei viajando. Fiquei com amigos. Mas estava no Fangtasia esta noite visitando o Sr. Eric e ele me perguntou se eu gostaria de trabalhar tomando conta de você. Eu disse, "A Srta. Sookie e eu realmente somos bons amigos, e isso seria um prazer." Você arranjou outro gato?

—Não, Bubba, não arranjei. – Graças a Deus.

— Bom, eu tenho um pouco de sangue no refrigerador em meu carro. – Ele acenou na direção do enorme e antigo Cadillac branco,

restaurado com tempo, dificuldade e um bocado de dinheiro.

— Oh, o carro é lindo – falei. Eu quase acrescentei, “Você teve enquanto ainda vivia?” Mas Bubba não gostava de referências ao seu estado de existência anterior; aquilo o deixava aborrecido e confuso (se pedisse muito cuidadosamente, de vez em quando, ele cantava. Eu o ouvi cantar “Blue Christmas”. Inesquecível).

—Russell me deu – ele disse.

—Oh, Russell Edgington? O Rei do Mississippi?

— Sim, isso não foi legal? Ele disse que já que era o rei de meu estado natal, sentiu que devia me dar algo especial.

— Como ele está indo? – Russell e o novo marido, Bart, sobreviveram à explosão do hotel em Rhodes.

— Ele está se sentindo muito bem agora. Ele e o Sr. Bart se recuperaram.

—Fico feliz por ouvir isso. Então, você deve me seguir até em casa?

— Sim, senhora, é o plano. Se deixar sua porta dos fundos destrancada, eu entro no esconderijo do seu quarto de hóspedes perto do amanhecer; foi o que o Sr. Eric disse.

Então, sem dúvida, foi bom Octavia ter se mudado. Eu não sabia como ela teria reagido se lhe contasse que o Homem de Memphis precisava dormir em seu armário o dia todo.

Quando cheguei em casa, Bubba estacionou bem atrás de mim com seu carro incrível. Notei que a caminhonete de Dawson também estava lá. Não fiquei surpresa. Dawson trabalhava como guarda-costas de vez em quando, e estava na área. Já que Alcide decidira que queria me ajudar, Tray Dawson seria a escolha óbvia, apesar de seu relacionamento com Amelia.

O próprio Tray se encontrava sentado à mesa da cozinha quando Bubba e eu entramos. Pela primeira vez desde que o conheci, o homenzarrão pareceu verdadeiramente espantado. Mas era esperto o suficiente para não dizer nada.

—Tray, este é meu amigo Bubba – eu disse. – Onde está Amelia?

—Lá em cima. Tenho alguns negócios para conversar com você.

— Imaginei. Bubba está aqui pela mesma razão. Bubba, este é Tray Dawson.

—Ei, Tray! – Bubba apertou sua mão, rindo porque fez uma rima. Seu processo de transformação não foi muito bem. A fagulha de vida era tão fraca no momento em que o funcionário do necrotério com orientação vampira o agarrou, e as drogas em seu organismo estavam tão impregnadas, que Bubba teve sorte de sobreviver à transformação tão bem, apesar de não ser bem demais.

—Ei – disse Tray cautelosamente. – Como está indo... Bubba?

Fiquei aliviada por Tray ter entendido o nome.

— Estou muito bem, obrigado. Tenho um pouco de sangue no refrigerador lá fora, e a Srta. Sookie mantém um pouco de TrueBlood na geladeira, ou pelo menos costumava.

— Sim, eu tenho um pouco – respondi. – Você quer se sentar, Bubba?

—Não, senhora. Acho que vou pegar uma garrafa e me acomodar na floresta. Bill ainda mora do outro lado do cemitério?

—Sim, mora.

—Sempre bom ter amigos por perto.

Eu não tinha certeza se podia chamar Bill de amigo; nossa história era complicada demais para isso. Mas tinha absoluta certeza de que ele me ajudaria se eu estivesse em perigo.—Sim – falei – é sempre bom.

Bubba explorou a geladeira e veio com um par de garrafas. Ele as levantou para mim e Tray e saiu sorrindo.

— Bom Deus Todo-poderoso – disse Tray. – Ele é quem eu penso que é?

Assenti e peguei a cadeira do lado oposto.

— Explica todas as notícias – disse. – Bom, ouça, você tem ele lá fora e eu aqui. Isso está bom para você?

—Sim. Suponho que conversou com Alcide?

— Sim. Não estou tentando me intrometer em seus negócios, mas teria sido melhor ouvir tudo isso diretamente de você. Especialmente depois que você falou com Amelia sobre esse sujeito Drake, e Amelia está muito aborrecida porque aparentemente andou tagarelando com o inimigo. Se tivéssemos sabido de seus problemas, ela teria mantido a boca fechada. Eu o teria matado quando se apresentou pela primeira vez. Poupava-nos de um bocado de confusão. Você pensou nisso?

Ser direta era a melhor forma de se agir com Tray. — Eu acho que vocês estão se intrometendo um pouco, Tray. Quando você está aqui como meu amigo e namorado de Amelia, eu conto o que acho que posso, sem colocar você ou Amelia em risco. Nunca me ocorreu que os inimigos de Niall pensariam em conseguir informação através de minha colega. E é novidade para mim você não ter diferenciado uma fada de um humano. – Tray se encolheu. – Você pode não querer ser o responsável por me proteger, com a complicação pessoal de ter sua namorada debaixo do mesmo teto com a mulher que devia proteger. É um conflito de interesses grande demais para você?

Tray me fitou com firmeza. — Não, eu quero o trabalho – ele disse e, embora fosse um Lobi, pude notar que seu verdadeiro objetivo era manter Amelia segura. Já que ela morava comigo, ele podia matar dois pássaros com uma pedra ao ser pago para me proteger. – Só uma coisa, eu devo uma desforra a Drake. Nunca

soube que ele era uma fada e não sei como conseguiu esconder isso. Eu tenho um bom faro.

O orgulho de Tray estava ferido. Eu podia entender isso. — O pai de Drake pode mascarar seu cheiro, até de vampiros. Talvez Drake possa também. Além disso, ele não é completamente *fae*. Ele é meio-humano, e seu verdadeiro nome é Dermot.

Tray absorveu isso e assentiu. Pude perceber que se sentiu um pouco melhor. Eu mesma estava tentando entender.

Eu tinha um mau pressentimento sobre o arranjo. Pensei em ligar para Alcide e explicar por que Tray não seria um perfeito guarda-costas, mas decidi não fazê-lo. Tray Dawson era um grande lutador e faria seu melhor... até o momento em que tivesse que escolher entre eu e Amelia.

— E daí? – ele disse, e eu percebi que fiquei quieta por um longo tempo.

— O vampiro pode ficar com as noites e você com os dias – respondi. – Devo ficar bem enquanto estou no bar.

Empurrei a cadeira e saí da cozinha sem dizer mais nada. Tinha que admitir que, ao invés de me sentir aliviada, fiquei ainda mais preocupada. Achei que estava sendo tão esperta ao pedir uma camada extra de proteção; no entanto, agora eu ia me preocupar com a segurança dos homens fornecendo aquela camada.

Lentamente, me preparei para dormir, e por fim admiti que esperava Eric aparecer. Eu teria adorado sua espécie de terapia de

relaxamento para me ajudar a dormir. Esperei permanecer acordada, antecipando o próximo ataque. Porém, eu estava tão cansada da noite anterior que acabei dormindo bem rápido.

Ao invés dos meus sonhos geralmente chatos (fregueses me chamando constantemente enquanto eu corria para atender, mofo crescendo no banheiro), eu sonhei com Eric naquela noite. Em meu sonho, ele era humano e caminhávamos juntos debaixo do sol. Ainda mais estranho, ele vendia imóveis.

Quando olhei para o relógio na manhã seguinte, era muito cedo, pelo menos para mim: não eram nem oito horas. Acordei com uma sensação de alarme. Imaginei se tive outro sonho, um que não lembrava. Imaginei se meu sentido telepático captou algo mesmo enquanto eu dormia, algo errado, sutil.

Peguei um momento para verificar minha própria casa, o que não era meu modo favorito de começar o dia. Amelia tinha saído, mas Tray estava ali e com problemas. Coloquei um roupão e chinelos, e saí no corredor. No momento em que abri a porta, pude ouvi-lo vomitar no banheiro do corredor.

Existem alguns momentos que devem ser completamente particulares, e momentos quando se está vomitando estão no topo de minha lista. Mas lobisomens em geral são completamente saudáveis, e esse era o sujeito que foi mandado para me proteger, e obviamente estava doente (perdão) como um cachorro.

Esperei até uma pausa no som. Chamei: — Tray, há algo que eu possa fazer por você?

—Fui envenenado – ele disse, sufocando e tossindo.

—Devo chamar um médico? Humano? Ou a Dra. Ludwig?

— Não. – Aquilo soou definitivo suficiente. – Estou tentando me livrar disso – ele engasgou, após outro ataque de vômito. – Mas é tarde demais.

—Você sabe quem deu para você?

— Sim. Aquela nova garota... – Ele parou por alguns segundos. – Na floresta. A nova transa do Vampiro Bill.

Tive uma reação instintiva.— Ele não estava com ela, certo? – falei.

— Não, ela... – Mais sons terríveis. – Ela veio da direção da casa dele, disse que era sua...

Eu sabia, sem dúvida, que Bill não tinha uma nova namorada. Embora ficasse embaraçada por admitir, eu tinha tanta certeza porque sabia que ele me queria de volta. Sabia que ele não arriscaria isso levando outra pessoa para cama ou permitindo que tal mulher perambulasse pela floresta onde eu poderia encontrá-la.

— Como ela era? – eu disse, apoiando a testa contra a madeira fria da porta. Estava ficando cansada de gritar.

— Ela era alguma vampirófila. – Senti o cérebro de Tray se agitar através da névoa de enjoo. – Pelo menos, ela parecia humana.

— Do mesmo modo que Dermot parecia humano. E você bebeu algo que ela lhe deu. – Era meio cruel de minha parte soar incrédula, mas francamente!

— Não pude evitar – ele disse muito lentamente. – Eu estava com tanta sede. Tive que beber.

Ele foi dominado por algum tipo de feitiço de compulsão. — E o que era? O negócio que você tomou?

— Tinha gosto de vinho. – Ele gemeu. – Maldição, deve ter sido sangue de vampiro! Posso sentir o gosto em minha boca agora!

Sangue vampiro ainda era a droga da moda no mercado subterrâneo, e as reações humanas a ela variavam tanto que beber o sangue era semelhante a jogar roleta russa, em mais de uma forma. Vampiros odiavam os drenadores que coletavam o sangue porque eles frequentemente deixavam o vampiro exposto ao dia. Portanto, vampiros também odiavam os usuários do sangue, já que criavam o mercado. Alguns usuários se tornaram viciados pela sensação prazerosa que o sangue podia oferecer e, às vezes, tentavam pegar o sangue direto da fonte numa espécie de ataque suicida. Mas de vez em quando, o usuário ficava louco e matava outro humano. De qualquer forma, eram notícias todas ruins para vampiros que tentavam entrar na sociedade.

— Por que fez isso? – perguntei, incapaz de evitar a raiva em minha voz.

— Não pude evitar – ele respondeu, e a porta do banheiro finalmente abriu. Dei alguns passos para trás. Tray parecia mal e cheirava pior. Estava usando calças de pijama e nada mais, e uma vasta extensão do peito peludo estava diretamente no nível de meus olhos. Ele estava todo arrepiado.

—Como é possível?

— Não consegui... não beber. – Ele sacudiu a cabeça. – Então voltei para cá e fui dormir com Amelia, me revirei a noite toda. Eu estava de pé quando o R—quando Bubba entrou e foi dormir em seu armário. Ele disse algo sobre uma mulher falar com ele, mas eu estava realmente me sentindo mal e não lembro o que disse. Bill a mandou para cá? Ele te odeia tanto assim?

Levantei o rosto e encontrei seus olhos. — Bill Compton me ama – respondi. – Ele nunca me machucaria.

—Mesmo agora que você está transando com o loirão?

Amelia não conseguia manter a boca fechada.

—Mesmo agora que estou transando com o loirão – respondi.

—Você não consegue ler a mente dos vampiros, Amelia diz.

—Não, não posso. Mas algumas coisas você simplesmente sabe.

— Certo. – Apesar de Tray não ter energia suficiente para parecer cético, ele aceitou. – Eu tenho que ir para cama, Sookie.

Não posso tomar conta de você hoje.

Eu podia ver isso. — Por que não volta para sua própria casa e tenta descansar um pouco em sua própria cama? – falei. – Vou trabalhar hoje, e estarei perto de pessoas.

—Não, você tem que ter cobertura.

— Ligarei para meu irmão – respondi, surpreendendo até a mim. – Ele não vai trabalhar agora, e é uma pantera. Deve ser capaz de vigiar minhas costas.

— Está bem. – O fato de Tray não discutir demonstrava o quanto estava mal, visto que não era nenhum fã de Jason. – Amelia sabe que não estou me sentindo bem. Se falar com ela, diga-lhe que ligo à noite.

O lobisomem cambaleou até sua caminhonete. Eu esperava que estivesse bem para dirigir para casa e chamei-o para me certificar, mas ele apenas acenou com a mão e seguiu pela entrada.

Sentindo-me estranhamente entorpecida, observei-o partir. Fiz algo prudente dessa vez; chamei meus reforços e consegui proteção. E não me fez nenhum bem. Alguém que não podia me atacar em casa—por causa da boa magia de Amelia, eu tive que presumir—tramou para me atacar de outras formas. Murry foi eliminado e agora uma fada encontrou-se com Tray na floresta, obrigando-o a beber sangue de vampiro. Poderia tê-lo deixado louco; ele podia ter matado todos nós. Imagino que, para as fadas, é uma situação vantajosa. Embora não tivesse enlouquecido e

matado Amelia e eu, ele ficou tão doente que estava efetivamente fora do negócio de guarda-costas por um tempo.

Segui pelo corredor até meu quarto para colocar algumas roupas. Hoje seria um dia difícil, e eu sempre ficava melhor quando me vestia durante o manejo de uma crise. Algo sobre vestir minha roupa de baixo me fazia sentir mais capaz.

Tive o segundo choque do dia quando estava prestes a entrar no quarto. Houve um movimento na sala de estar. Congelei e reuni um sopro de ar enorme e irregular. Meu bisavô encontrava-se sentado no sofá, mas levei um terrível instante para reconhecer Niall. Ele se levantou, me fitando com algum espanto enquanto eu permanecia ali arfando, a mão sobre o coração.

—Você parece abalada hoje – ele disse.

— É, bom, não estava esperando visitas – respondi sem fôlego. Ele próprio não parecia tão bem, o que era novidade. Suas roupas se encontravam manchadas e amarrotadas e, a menos que eu estivesse muito enganada, ele estava suado. Meu bisavô príncipe das fadas de fato estava menos do que belo pela primeira vez.

Fui até a sala de estar e examinei-o mais de perto. Embora fosse cedo, tive minha segunda pontada de ansiedade no dia. — O que está acontecendo? – perguntei. – Você parece que esteve lutando.

Ele vacilou por um longo instante, como se estivesse tentando escolher entre várias notícias. — Breandan retaliou pela morte de

Murry – disse Niall.

—O que ele fez? – Esfreguei as mãos secas contra o rosto.

— Ele capturou Enda na noite passada, e agora ela está morta – disse. Pude notar por sua voz que a morte dela não foi rápida. – Você não a conheceu; ela era muito tímida com humanos. – Ele empurrou uma longa mecha dos cabelos pálidos tão louros que pareciam brancos.

— Breandan matou uma mulher fada? Não existem muitas mulheres, certo? Então, fazer isso... não é duplamente horrível?

—Pretendia ser – disse Niall. Sua voz era sombria.

Pela primeira vez, eu notei que as calças de meu bisavô estavam ensopadas de sangue ao redor dos joelhos, motivo pela qual provavelmente não se aproximou para me abraçar.

— Você precisa tirar essas roupas – respondi. – Por favor, Niall, suba e tome um banho, enquanto eu coloco suas roupas na máquina de lavar.

— Eu tenho que ir – ele disse, e notei que minhas palavras não foram registradas. – Vim aqui para avisá-la pessoalmente, para que leve a situação muito a sério. Magia poderosa cerca esta casa. Pude aparecer só porque estive aqui antes. É verdade que os vampiros e Lobisomens estão cuidando de você? Você possui proteção extra; posso sentir.

— Tenho guarda-costas noite e dia – menti, porque ele não precisava ficar se preocupando comigo. Ele próprio estava atolado até o pescoço. – E você sabe que Amelia é uma bruxa forte. Não se preocupe comigo.

Ele me encarou, mas não achei que estivesse me enxergando. — Eu tenho que ir – disse abruptamente. – Queria me certificar do seu bem-estar.

— Okay... muito obrigada. – Eu estava tentando pensar numa melhoria para aquela resposta fraca, quando Niall desapareceu da sala de estar.

Eu disse a Tray que ligaria para Jason. Não tive certeza da sinceridade daquilo, mas agora eu sabia que tinha que ligar. Do modo como via, o favor de Alcide para mim terminara; ele pediu a ajuda de Tray, e agora Tray foi neutralizado no cumprimento do dever. Com certeza eu não ia pedir que Alcide viesse me proteger pessoalmente, e não me sentia próxima de nenhum dos membros da matilha. Respirei fundo e chamei meu irmão.

—Jason – eu disse quando ele atendeu ao telefone.

— Mana. O que foi? – Ele pareceu estranhamente animado, como se tivesse acabado de experimentar algo excitante.

— Tray teve que ir embora e acho que preciso de alguma proteção hoje – falei. Houve um longo silêncio. Ele não se apressou em me questionar, o que era estranho. – Imaginei se você gostaria de me acompanhar? O que planejei fazer hoje – comecei, então

tentei descobrir o que seria. Era difícil ter uma boa crise quando a vida real ficava pedindo para ser vivida. – Bom, eu preciso ir à biblioteca. Preciso pegar um par de calças na lavanderia. – Não verifiquei a etiqueta antes daquela compra em particular. – Tenho que trabalhar no turno diurno do Merlotte's. Acho que é isso.

— Está bem – disse Jason. – Apesar dessas tarefas não parecerem exatamente urgentes. – Houve uma longa pausa. De repente, ele disse: – Você está bem?

—Sim – respondi cautelosamente. – Eu não devia estar?

— Aconteceu uma coisa bem estranha esta manhã. Mel passou a noite aqui, já que estava um caco depois que nos encontramos no Bayou. Então hoje de manhã bem cedo, houve uma batida na porta. Atendi e esse sujeito estava lá, ele era, eu não sei, louco ou algo assim. A parte mais estranha foi que esse sujeito se parecia muito comigo.

—Oh, não. – Sentei-me no banco abruptamente.

— Ele não estava bem, mana – disse Jason. – Não sei o que havia de errado com ele, mas não estava bem. Simplesmente começou a falar quando Mel apareceu na porta, como se soubéssemos quem ele era. Estava falando coisas malucas. Mel tentou ficar entre nós dois, e ele jogou Mel do outro lado da sala, chamando-o de assassino. Mel poderia ter quebrado o pescoço se não tivesse caído sobre o sofá.

—Mel está bem, então.

—Sim, ele está bem. Bem zangado, mas você sabe...

— Claro. – Os sentimentos de Mel não eram a questão importante aqui. – Então o que ele fez a seguir?

— Ele disse alguma merda sobre agora que estava cara-a-cara comigo, ele podia ver por que meu bisavô não me queria por perto, e todos os mestiços deviam morrer, mas eu claramente era sangue de seu sangue, e decidiu que eu devia saber o que estava acontecendo ao redor. Ele disse que eu era ignorante. Não entendi várias coisas, e ainda não entendo o que ele era. Não era vampiro, e sei que não era nenhuma espécie de metamorfo ou teria sentido seu cheiro.

— Você está bem—é o mais importante, certo? – Eu estive errada todo esse tempo ao manter Jason afastado dessa confusão das fadas?

— Sim – ele respondeu, a voz ficando abruptamente cautelosa e preocupada. – Você não vai me contar o que significa tudo isso, vai?

— Venha para cá e conversaremos a respeito. Por favor, por favor, não abra a porta a menos que saiba quem é. Esse sujeito é mau, Jason, e não tem escrúpulos quanto a quem machuca. Acho que você e Mel realmente tiveram sorte.

—Você tem alguém aí com você?

—Não desde que Tray foi embora.

— Sou seu irmão. Eu vou até aí, se precisar de mim – disse Jason com inesperada dignidade.

—Eu realmente agradeço – respondi.

Consegui dois pelo preço de um. Mel veio com Jason. Isso foi embaraçoso, porque eu tinha assuntos de família para tratar com ele, e não podia contar com Mel por perto. Com inesperada discrição, Mel disse a Jason que tinha de ir para casa e pegar um saco de gelo para o ombro, que estava bem roxo. Quando Mel se foi, fiz Jason sentar do outro lado da mesa da cozinha, e disse: — Tenho algumas coisas para lhe contar.

—Sobre Crystal?

— Não, ainda não ouvi nada a respeito. Isso é sobre nós. Isso é sobre vovó. Vai ser difícil para você acreditar. – Dei-lhe um aviso justo. Lembrei do quanto fiquei aborrecida quando meu bisavô contou sobre como meu avô, Fintan, conheceu vovó e como ela acabou tendo dois filhos dele, nosso pai e nossa tia Linda.

Agora Fintan estava morto—assassinado—nossa avó estava morta e nosso pai e a irmã mortos. Mas nós estávamos vivos, assim como apenas uma pequena parte fada, e isso nos tornava um alvo para os inimigos de nosso bisavô.

— E um desses inimigos – eu disse, após contar a história de nossa família – é nosso avô meio-humano, irmão de Fintan, Dermot. Ele disse a Tray e Amelia que seu nome era Drake, acho que porque soava mais moderno. Dermot se parece com você, e foi ele

quem apareceu na sua casa. Eu não sei o que ele pretende. Ele juntou-se à Breandan, um grande inimigo de Niall, embora ele próprio seja meio-humano, portanto, exatamente o que Breandan odeia. Então quando você disse que ele estava louco, acho que isso explica. Ele parece querer se conectar com você, mas o odeia também.

Jason ficou sentado me encarando. Seu rosto estava completamente vazio. Seus pensamentos pegaram um engarrafamento. Finalmente, disse: — Você está dizendo que ele está tentando convencer Tray e Amelia a apresentá-lo a você? E nenhum dos dois sabia o que ele era?

Eu assenti. Houve mais um pouco de silêncio.

— Então por que ele quer conhecê-la? Ele quer matá-la? Por que precisa conhecê-la primeiro?

Boa pergunta. — Eu não sei – respondi. – Talvez ele só quisesse ver como eu era. Talvez não saiba o que realmente quer. – Eu não conseguia entender isso e imaginei se Niall voltaria para me explicar. Provavelmente não. Ele tinha uma guerra nas mãos, mesmo que fosse uma guerra lutada na maior parte longe da vista humana. – Não entendo – falei em voz alta. – Murry veio direto para cá me atacar e era uma fada pura. Por que Dermot, que está do mesmo lado, está sendo todo... indireto?

—Murry? – Jason perguntou, e eu fechei os olhos. Merda.

— Ele era uma fada – falei. – Tentou me matar. Ele não é um problema agora.

Jason me deu um aceno aprovador. — Muito bom, Sookie – disse. – Okay, deixe-me ver se eu estou entendendo isso direito. Meu bisavô não queria me conhecer porque me pareço muito com Dermot, que é meu... avô, correto?

—Correto.

— Mas Dermot aparentemente gosta um pouco mais de mim, porque na verdade veio até minha casa e tentou conversar comigo.

Só Jason para interpretar a situação naqueles termos. — Correto – respondi.

Jason ficou de pé e deu uma volta pela cozinha.

—Isso é tudo culpa dos vampiros – disse. Ele me fitou zangado.

—Por que pensa assim? – Isso foi inesperado.

— Se eles não tivessem se revelado, nada disso estaria acontecendo. Veja o que aconteceu desde que apareceram na TV. Veja como o mundo mudou. Agora *nós* nos revelamos. Em seguida, as malditas fadas. E os *fae* são más notícias, Sookie; Calvin me avisou sobre eles. Você acha que eles são todos belos, doces e gentis, mas não são. Ele me contou histórias sobre eles que fariam seus cabelos se arrepiarem. O pai de Calvin conhecia uma ou duas fadas. Pelo que ele contou, seria algo bom se morressem.

Eu não conseguia decidir se ficava surpresa ou zangada. — Por que está sendo tão mesquinho, Jason? Eu não preciso de você discutindo comigo ou dizendo coisas ruins sobre Niall. Você não o conhece. Você não... Ei, você é parte fada, lembre-se! – Tive a horrível sensação de que algo do que ele disse era absolutamente verdade, mas com certeza não era hora de termos essa discussão.

Jason pareceu sombrio, cada traçado de seu rosto tenso. — Não estou reclamando parentesco com qualquer fada – ele disse. – Ele não me quer; eu não o quero. E se vir aquele mestiço de novo, eu mato o filho da puta.

Eu não sei o que teria dito, mas naquele momento Mel entrou sem bater, e ambos nos viramos para encará-lo.

— Desculpe! – ele disse, obviamente atrapalhado e perturbado com a raiva de Jason. Ele pareceu, por um segundo, achar que Jason esteve falando dele. Quando nenhum de nós dois lhe ofereceu uma reação culpada, ele relaxou. – Perdão, Sookie. Esqueci meus bons modos. – Ele carregava um saco de gelo na mão, e estava se movimentando um pouco lenta e dolorosamente.

— Sinto muito por você ser ferido pelo visitante surpresa de Jason – falei. Sempre se devia deixar suas companhias à vontade. Eu não tinha pensado muito a respeito de Mel, mas naquele segundo, percebi que teria ficado feliz se o antigo melhor amigo de Jason, Hoyt, estivesse ali ao invés da pantera. Não que eu não gostasse de Mel, pensei. Simplesmente era porque eu não o conhecia muito bem e não senti uma confiança automática da forma que se tem com algumas pessoas de tempos em tempos. Mel era

diferente. Mesmo para uma pantera, ele era difícil de ler, mas isso não significava que era impossível.

Depois de oferecer algo para Mel beber, o que era apenas educado, perguntei a Jason se ele ia ficar durante o dia, me acompanhar em minhas atividades. Tinha sérias dúvidas de que diria sim. Jason estava se sentindo rejeitado (por um bisavô fada que ele nunca conheceu e não queria reconhecer), e aquela era uma emoção que Jason não manejava bem.

— Eu vou com você – ele disse, sério e rígido. – Primeiro, me deixe correr até em casa e verificar meu rifle. Vou precisar, e eu não mexo nele há tempos. Mel? Você vem comigo? – Jason simplesmente queria ficar longe de mim para se acalmar. Pude ler tão facilmente quanto se ele tivesse escrito no bloco da lista de compras perto do telefone.

Mel se levantou para ir com Jason.

— Mel, o que você fez com o visitante de Jason esta manhã? – perguntei.

— Tirando o fato de que ele conseguiu me jogar do outro lado da sala e parecia o suficiente com Jason para me fazer virar e me certificar de que seu irmão estava saindo do quarto? Não muito – disse Mel. Mel conseguiu vestir suas habituais calças caqui e a camisa pólo, mas os hematomas roxos nos braços meio que arruinavam a aparência composta. Ele encolheu os ombros com cuidado dentro da jaqueta.

— Vejo você daqui a pouco, Sookie. Venha me buscar – disse Jason. Obviamente, ele queria andar em meu carro e gastar minha gasolina, já que estávamos cumprindo os meus compromissos. – Nesse meio tempo, você tem o número do meu celular.

—Claro. Vejo você dentro de uma hora mais ou menos.

Já que estar sozinha vinha sendo minha condição ultimamente, eu teria de fato apreciado a sensação de ter a casa só para mim se não estivesse preocupada com um assassino sobrenatural atrás de mim.

Nada aconteceu. Comi minha tigela de cereais. Finalmente, decidi arriscar tomar um banho apesar de minhas lembranças de *Psicose*. Certifiquei-me de que todas as portas estavam trancadas e tranquei a porta do banheiro também. Tomei o banho mais rápido da história. No entanto, ninguém tentou me matar. Me enxuguei, coloquei um pouco de maquiagem e me vesti para o trabalho.

Quando chegou a hora de ir, parei na varanda dos fundos e espiei a distância entre os degraus e a porta do carro, diversas vezes. Imaginei que teria de dar uns dez passos. Destranquei o carro com o controle remoto do chaveiro. Respirei fundo algumas vezes e destranquei a porta telada. Empurrei e pisei de leve na varanda, evitando completamente os degraus. Cambaleando indignamente, abri de supetão a porta do carro, entrei, bati e tranquei. Olhei ao redor.

Nada se moveu.

Dei risada meio sem fôlego. Boba!

Ficar tão tensa estava fazendo todos aqueles filmes de terror que já vi surgirem em minha cabeça. Estava pensando em *Jurassic Park* e dinossauros—talvez meu elo de pensamento tenha associado fadas a dinossauros do mundo sobrenatural—e meio que esperei um pedaço de cabra cair em meu para-brisa.

Aquilo não aconteceu, tampouco. Okay...

Inseri a chave, girei e o motor foi ligado. Eu não explodi. Não havia um Tiranossauro em meu espelho retrovisor.

Até agora tudo bem. Me senti melhor assim que comecei a descer lentamente pelo entrada através da floresta, mas com certeza estava mantendo os olhos atentos. Senti uma compulsão de ficar em contato com alguém, deixar alguém saber onde eu estava e o que fazia.

Saquei meu celular da bolsa e liguei para Amelia. Quando ela atendeu, eu disse: — Estou indo para a casa de Jason. Já que Tray está tão doente, Jason vai me acompanhar hoje. Ouça, você sabia que Tray foi enfeitiçado por uma fada que o fez beber sangue de vampiro podre?

— Estou trabalhando aqui – disse Amelia, com cautela na voz. – Sim, ele ligou dez minutos atrás, mas teve que ir vomitar. Pobre Tray. Pelo menos estava tudo bem em casa.

O comentário de Amelia queria dizer que as proteções mágicas funcionaram. Bom, ela tinha o direito de estar orgulhosa disso.

—Você é ótima – respondi.

— Obrigada. Ouça, estou realmente preocupada com Tray. Tentei ligar de volta após alguns minutos, mas ele não atendeu. Espero que esteja só dormindo, mas vou até lá depois do trabalho. Por que não me encontra lá? Podemos resolver o que fazer sobre lhe arranjar mais segurança.

— Está bem – falei. – Vou até lá assim que sair do trabalho, provavelmente às cinco. – Com o telefone na mão, saltei e agarrei a correspondência da caixa de correio na Rodovia Hummingbird. Então voltei para o carro o mais rápido possível.

Isso foi estúpido. Eu podia ter ido sem verificar a correspondência por um dia. Hábitos são bem difíceis de romper, mesmo quando são pouco importantes.

— Eu realmente tenho sorte por ter você morando comigo, Amelia – eu disse. Aquilo podia ser meio exagerado, mas era a absoluta verdade.

Mas Amelia seguia outra trilha mental. — Você está falando com Jason novamente? Você contou? Sobre *coisas*?

— Sim, eu tive. Bisavô não pode ter tudo do próprio jeito. Coisas aconteceram.

— Sempre acontecem, perto de você – disse Amelia. Ela não pareceu zangada e não estava me condenando.

— Nem sempre – respondi após um momento agudo de dúvida. *De fato*, pensei enquanto virava à esquerda no fim da Rodovia Hummingbird para ir à casa de meu irmão, *o comentário que Jason fez sobre tudo mudar quando os vampiros se revelaram... podia ser algo com a qual eu realmente concordava*.

Prosaicamente, percebi que meu carro estava quase sem gasolina. Tive que parar no Grabbit Quik. Enquanto enchia o tanque com o líquido dourado, comecei a meditar sobre o que Jason disse. O que seria tão urgente para levar um recluso anti-humano metade-fada à porta de Jason? Por que ele diria a Jason...? Eu não devia estar pensando nisso.

Isso era estupidez, e eu devia estar vigilante ao invés de tentar resolver os problemas de Jason.

Mas depois de alguns segundos revirando a conversa em minha cabeça, eu comecei a ter uma suspeita sorrateira que entendi um pouco melhor.

Liguei para Calvin. No começo, ele não entendeu o que eu estava dizendo, mas então concordou em me encontrar na casa de Jason.

Avistei Jason no quintal quando estacionei no pátio circular da pequena casa asseada que meu pai construiu quando ele e mamãe se casaram. Ficava numa área rural, bem a oeste do trailer de Arlene e, apesar de ser visível da estrada, tinha um lago e vários acres ao redor. Meu pai amava caçar e pescar, assim como meu

irmão. Jason havia construído recentemente uma galeria de tiro improvisada, e pude ouvir o rifle.

Decidi me aproximar através do interior da casa, e tomei o cuidado de gritar ao chegar à porta dos fundos.

— Ei! – Jason gritou de volta. Ele tinha um rifle 30-30 nas mãos. Foi de nosso pai. Mel se encontrava ao lado dele, segurando uma caixa de munição. – Decidimos que seria melhor praticar um pouco.

— Boa ideia. Eu queria ter certeza que vocês não achariam que eu era uma visitante maluca, voltando para gritar mais um pouco.

Jason riu. — Eu ainda não entendo que bem Dermot achou que faria, surgindo na porta da frente daquele jeito.

—Eu acho que entendo – falei.

Jason estendeu a mão sem olhar e Mel entregou-lhe algumas balas. Jason abriu o rifle e começou a carregá-lo. Olhei para o cavalete que ele arrumou, notei todas as caixas de leite vazias caídas no chão. Ele as enchera de água para que ficassem de pé, e graças aos buracos de bala, a água escorria para o chão.

— Bom tiro – falei. Respirei fundo. – Ei, Mel, você quer me contar sobre os funerais de Hotshot? Eu nunca compareci a um, e o de Crystal será feito quando o corpo for liberado, suponho.

Mel pareceu um pouco surpreso. — Você sabe que não vivo lá há anos – ele protestou. – Simplesmente não é para mim. – Exceto pelos hematomas sumindo, ele não parecia ter sido jogado através

de uma sala por alguém, muito menos um mestiço de fada enlouquecido.

— Fico me perguntando por que aquele sujeito atacou você, ao invés de Jason – falei, e senti os pensamentos de Mel se agitarem de medo. – Você está machucado?

Ele moveu um pouco o ombro direito. — Pensei que tinha quebrado algo. Mas acho que só ficará dolorido. Imagino o que ele era. Não era um de nós.

Notei que ele não respondeu minha pergunta.

Jason pareceu orgulhoso por não ter tagarelado.

—Ele não é totalmente humano – falei.

Mel pareceu aliviado. — Bom, é ótimo saber – ele disse. – Meu orgulho despencou quando ele me jogou. Quero dizer, eu sou uma pantera puro-sangue e acabei parecendo um graveto ou algo assim.

Jason riu. — Pensei que ele ia me matar então, achei que eu já era. Mas quando Mel foi derrubado, esse sujeito simplesmente começou a falar comigo. Mel estava se fingindo de morto, e ali estava esse cara parecido comigo, falando sobre o favor que estava me fazendo...

— Foi estranho – Mel concordou, mas parecia desconfortável. – Você sabe que eu ficaria de pé se ele começasse a bater em você, mas ele realmente me nocauteou e imaginei que seria melhor ficar quieto já que parecia que não ia atrás de você.

— Mel, espero que esteja realmente bem. – Mostrei um tom preocupado e me aproximei mais um pouco. – Deixe-me dar uma olhada em seu ombro. – Estendi a mão e as sobrancelhas de Jason se arquearam.

— Por que você precisa...? – Uma terrível suspeita surgiu em seu rosto. Sem outra palavra, ele se aproximou por trás do amigo e prendeu-o com firmeza, as mãos agarrando Mel pouco abaixo dos ombros. Mel se encolheu de dor, mas não disse nada, nem uma palavra; nem mesmo fingiu indignação ou surpresa, e isso foi quase o suficiente.

Pousei as mãos nas laterais do rosto de Mel e fechei os olhos, examinando sua cabeça. E dessa vez Mel estava pensando em Crystal, não Jason.

— Foi ele – respondi. Abri os olhos e fitei o rosto de meu irmão sobre o ombro de Mel. Assenti.

Jason gritou e não era um som humano. O rosto de Mel pareceu fundir, como se todos os músculos e ossos tivessem mudado. Ele mal parecia humano.

—Deixe-me olhar para você – Mel suplicou.

Jason pareceu confuso, já que Mel estava olhando para mim; ele não podia olhar para nenhum outro lugar, do modo como Jason o segurava. Mel não estava lutando, mas eu podia notar cada músculo sob sua pele se esticar, e não achei que ficaria passivo

para sempre. Inclinei-me e peguei o rifle, feliz por Jason tê-lo recarregado.

—Ele quer olhar para você, não eu – falei a meu irmão.

— Maldição – disse Jason. Sua respiração era pesada e ofegante, como se tivesse corrido, e os olhos estavam arregalados. – Você tem que me dizer *por quê*.

Afastei-me e levantei o rifle. Dessa distância, nem mesmo eu poderia errar.— Vire-o, já que ele quer falar com você cara a cara.

Eles se encontravam de perfil para mim quando Jason virou Mel. Ele agarrou novamente o metamorfo, mas agora o rosto de Jason estava a trinta centímetros de distância de Mel.

Calvin surgiu dando a volta pela casa. A irmã de Crystal, Dawn, estava com ele. Também havia um garoto com cerca de quinze anos os seguindo. Lembrei de ter encontrado o garoto no casamento. Era Jacky, primo mais velho de Crystal. Adolescentes praticamente fedem a emoção e confusão, e Jacky não era exceção. Ele lutava para ocultar o fato de que estava tão nervoso quanto excitado. Manter uma postura fria era simplesmente difícil.

Os três recém-chegados perceberam a cena. Calvin sacudiu a cabeça, seu rosto solene. — Esse é um dia ruim – disse em voz baixa, e Mel se contorceu ao som da voz de seu líder.

Um pouco da tensão deixou Jason quando viu as outras panteras metamorfas.

—Sookie diz que foi ele – disse a Calvin.

—É o suficiente para mim – disse Calvin. – Mas, Mel—você mesmo devia ter dito, irmão.

— Não sou seu irmão – Mel disse amargamente. – Não vivo com vocês há anos.

— Foi por sua própria escolha – disse Calvin. Ele se aproximou para poder ver o rosto de Mel, e os outros dois o seguiram. Jacky rosnava, qualquer pretensão de se mostrar frio desaparecendo. O animal estava o dominando.

—Não há ninguém como eu em Hotshot. Eu teria ficado sozinho.

Jason pareceu confuso. — Há um bocado de sujeitos como você em Hotshot – ele disse.

—Não, Jason – eu disse. – Mel é gay.

— Nós não aceitamos isso? – meu irmão perguntou a Calvin. Jason aparentemente ainda não entendera algumas questões de grupo.

— Aceitamos o que as pessoas querem fazer na cama depois que elas cumprem seus deveres com o clã – disse Calvin. – Machos puros-sangues tem que reproduzir uma criança, não importa como.

—Eu não consegui – disse Mel. – Simplesmente não consegui.

— Mas você foi casado uma vez – falei, e desejei não ter falado. Essa era uma questão do clã agora. Eu não chamei Bud Dearborn; chamei Calvin. Minha palavra era boa o suficiente para Calvin, não para o tribunal.

— Nosso casamento não funcionou nesse departamento – Mel respondeu. Sua voz soava quase normal. – O que estava tudo bem. Ela tinha sua própria vida. Nós nunca tivemos... sexo convencional.

Se eu considerei isso aflitivo, só podia imaginar o quanto foi difícil para Mel. Mas quando lembrei de Crystal naquela cruz, toda minha simpatia desapareceu imediatamente.

— Por que fez aquilo com Crystal? – perguntei. Percebia pela fúria aumentando nos cérebros ao redor que a hora de conversar estava quase terminando.

Mel olhou para além de mim, evitando meu irmão, evitando seu líder, a irmã da vítima e seu primo. Ele parecia concentrado nos galhos nus das árvores ao redor do lago marrom imóvel. — Eu amo Jason – disse. – Eu o amo. E ela abusou dele e do filho. Então zombou de mim. Ela veio aqui naquele dia... eu tinha passado para convidar Jason para me ajudar a construir algumas prateleiras na loja, mas ele não estava. Ela apareceu quando eu estava escrevendo um bilhete no pátio para Jason. Ela começou a dizer... disse coisas terríveis. Então disse que eu tinha que fazer sexo com ela, que se fizesse, ela contaria em Hotshot e então poderia voltar a morar lá, e Jason poderia vir morar comigo. Ela disse, “O bebê dele está dentro de mim; isso não te dá tesão?” E foi ficando cada vez pior. A carroceria da caminhonete estava baixa porque a madeira

que comprei estava projetada, e ela meio que se afastou e deitou, e eu pude vê-la. Era... ela estava... ela continuou dizendo o quanto eu era covarde e que Jason nunca ligaria para mim... e eu a estapeei com toda a força.

Dawn Norris virou de lado como se estivesse prestes a vomitar. Mas cerrou os lábios numa linha rígida e se endireitou. Jacky não era tão durão.

— Mas ela não estava morta. – Meu irmão forçou as palavras através dos dentes cerrados. – Ela sangrou na cruz. Perdeu o bebê depois que foi pendurada.

— Sinto muito sobre isso – disse Mel. Seu olhar se afastou do lago e das árvores e concentrou-se em meu irmão. – Achei que o golpe a tinha matado—de verdade. Eu nunca a teria deixado para entrar na casa se achasse que ainda estava viva. Nunca teria deixado alguém pegá-la. O que eu fiz foi ruim suficiente, porque pretendia deixá-la morrer. Mas não a crucifiquei. Por favor, acredite. Não importa o que pense sobre mim por machucá-la, eu nunca teria feito isso. Pensei que se a levasse para algum outro lugar, ninguém acharia que foi você. Eu sabia que você ia sair naquela noite, e imaginei que se a colocasse em outro lugar, você teria um álibi. Imaginei que você acabaria passando a noite com Michele. – Mel sorriu para Jason e era um olhar tão terno que fez meu coração doer. – Então eu a deixei na carroceria da caminhonete e entrei na casa para me servir de um drinque. Quando voltei, ela tinha sumido. Não conseguia acreditar. Achei que ela tivesse acordado e ido

embora. Mas não havia nenhum sangue e a madeira tinha desaparecido também.

— Por que o Merlotte's? – disse Calvin, sua voz saindo como um rosnado.

—Eu não sei, Calvin – disse Mel. Seu rosto era quase sublime com o alívio da carga de culpa, com o alívio de confessar seu crime e o amor por meu irmão. – Calvin, sei que estou prestes a morrer, e eu juro a você que não tenho ideia do que aconteceu com Crystal depois que entrei na casa. Eu não fiz aquela coisa horrível com ela.

— Eu não sei o que fazer com isso – disse Calvin. – Mas temos sua confissão e teremos que prosseguir.

—Eu aceito isso – Mel disse. – Jason, eu te amo.

Dawn virou a cabeça apenas uma fração para que seus olhos pudessem encontrar os meus. — É melhor você ir – disse. – Temos coisas a fazer.

Eu me afastei com o rifle e não virei para olhar, mesmo quando as outras panteras começaram a estraçalhar Mel. Contudo, podia ouvir.

Ele não gritou após um segundo.

Deixei o rifle de Jason na varanda dos fundos, e segui para o trabalho. De algum modo, ter um guarda-costas não pareceu mais importante.

Capítulo 16

ENQUANTO SERVIA CERVEJAS, daiquiris e vodkas collins para as pessoas passando do trabalho a caminho de casa, eu parei e me vi espantada. Trabalhei durante horas, servindo, sorrindo e correndo, e nunca desmoronei. Claro, tive que pedir a quatro pessoas que repetissem seus pedidos. Passei duas vezes por Sam, e ele disse algo para a qual não dei resposta—sabia disso porque ele me deteve para informar. Mas levei os pratos e drinques corretos para as mesas corretas, e minhas gorjetas ficaram na média habitual, o que significava que fui simpática e não esqueci nada crucial.

Você está indo tão bem, disse a mim mesma. *Estou tão orgulhosa de você. Só tem que passar por isso. Pode ir para casa em quinze minutos*.

Imaginei quantas mulheres se ofereceram o mesmo discurso: a garota que manteve a cabeça levantada num baile onde seu acompanhante prestava atenção em outra colega de classe; a mulher que foi suplantada para a promoção no emprego; a mulher que ouviu um diagnóstico terrível e, no entanto, manteve o rosto firme. Eu sabia que homens também deviam ter dias assim.

Bem, talvez não houvesse muitas pessoas que tivessem dias *exatamente* assim.

Naturalmente, refleti sobre a estranha insistência de Mel de que não foi responsável pela crucificação de Crystal, o momento em que ela de fato morreu. Seus pensamentos tiveram o elo da verdade. E realmente, não havia razão para que se recusasse a confessar tudo quando já tinha falado tanto e encontrou paz ao fazer isso. Por que alguém roubaria uma Crystal semimorta e a madeira para fazer algo tão repugnante? Teria que ter sido alguém que odiasse Crystal um bocado, ou talvez alguém que odiasse Mel ou Jason. Foi um ato inumano, porém me descobri acreditando na afirmação de Mel quando disse que não fez aquilo.

Fiquei tão feliz por deixar o trabalho que comecei a dirigir para casa no piloto automático. Quando estava quase virando em minha entrada, lembrei de ter dito a Amelia que a encontraria na casa de Tray horas antes.

Tinha esquecido completamente.

Eu podia me perdoar, considerando o dia que tive—se Amelia estivesse bem. Mas quando lembrei das más condições de Tray e a ingestão de sangue de vampiro, eu senti uma pontada de pânico.

Olhei para o relógio e vi que estava atrasada mais de quarenta e cinco minutos. Virando uma curva na estrada, voltei rapidamente para a cidade. Tentei fingir que não sentia medo. Não estava fazendo um bom trabalho.

Não havia nenhum carro diante da pequena casa. As janelas estavam escuras. Pude ver o para-choque da caminhonete de Tray sob a garagem coberta atrás da casa. Passei reto e virei numa

estrada local a cerca de meia milha de distância. Confusa e preocupada, retornei para estacionar junto à casa de Tray. Sua casa e a oficina adjacente ficavam nos limites da cidade de Bon Temps, mas não eram isoladas. Tray possuía um terreno de talvez meio acre; sua casinha e o largo barracão de metal que abrigava sua oficina ficavam bem ao lado de um estabelecimento parecido administrado por Brock e Chessie Johnson, que possuíam uma loja de estofados. Obviamente, Brock e Chessie voltaram para casa à noite. As luzes da sala de estar se encontravam acesas; enquanto eu observava, Chessie fechou as cortinas, o que a maioria das pessoas daqui não se incomoda em fazer.

A noite estava escura e silenciosa; o cachorro dos Johnson latia, mas era o único som. Estava frio demais para o coro de insetos que frequentemente tornava a noite viva. Pensei em vários cenários que explicassem a aparência morta da casa.

Um. O sangue vampiro ainda estava afetando Tray e ele matou Amelia. Agora mesmo, ele se encontrava na casa, no escuro, pensando em como se matar. Ou talvez estivesse esperando minha chegada, para que pudesse me matar também.

Dois. Tray se recuperou da ingestão de sangue vampiro e, quando Amelia apareceu em sua porta, eles decidiram tratar a tarde livre como uma lua de mel. Eles não ficariam felizes se eu os interrompesse.

Três. Amelia apareceu, não encontrou ninguém e agora voltou para casa onde estava fazendo o jantar para nós duas, porque

esperava que eu chegasse a qualquer momento. Pelo menos, isso explicava a ausência do carro de Amelia.

Tentei pensar numa série melhor de eventos, mas não consegui. Abri o celular e tentei o número de casa. Ouvi minha própria voz na secretária eletrônica. Em seguida, tentei o celular de Amelia. Caiu na caixa postal após três toques. Eu estava ficando sem opções felizes. Imaginando que um telefonema seria menos indiscreto do que uma batida na porta, eu tentei o número de Tray. Pude ouvir o toque fraco do telefone dentro da casa... mas ninguém atendeu.

Chamei Bill. Não pensei a respeito por mais do que um segundo. Simplesmente agi.

—Bill Compton – disse a voz fria e familiar.

—Bill – falei, e então não consegui terminar.

—Onde você está?

—Estou sentada no carro do lado de fora da casa de Tray Dawson.

—O Lobisomem que possui a oficina de motos.

—Correto.

—Estou indo.

Ele apareceu cerca de dez minutos depois. Seu carro parou atrás do meu. Eu tinha parado no acostamento porque não queria

entrar no pátio diante da casa.

— Sou fraca – eu disse, quando ele surgiu ao meu lado. – Não devia tê-lo chamado. Mas eu juro por Deus, não sabia mais o que fazer.

—Você não chamou Eric. – Era uma simples observação.

— Demora demais – respondi. Contei-lhe o que fiz. – Não consigo acreditar que esqueci de Amelia – falei, enojada com meu próprio egoísmo.

— Acho que esquecer algo depois de um dia assim, de fato é algo permissível, Sookie – disse Bill.

— Não, não é – falei. – É só que... não posso entrar lá e encontrá-los mortos. Eu apenas não posso. Minha coragem simplesmente desmoronou.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha. — O que é mais uma pessoa morta para mim? – disse. Então ele saiu do carro, movendo-se silenciosamente sob a luz fraca, espiando pelas cortinas da casa ao lado. Ele chegou à porta da frente, escutando atentamente. Não ouviu nada, eu sabia, porque abriu a porta e entrou.

Assim que ele desapareceu, meu celular tocou. Pulei tão alto que quase bati a cabeça no teto. Havia largado o telefone e tive que procurá-lo.

—Alô? – falei, cheia de medo.

— Ei, você ligou? Eu estava no banho – Amelia disse, e eu desabei sobre o volante, pensando, *Obrigada Deus obrigada Deus obrigada obrigada*.

—Você está bem? – Amelia perguntou.

— Sim – respondi. – Estou bem. Onde está Tray? Ele está aí com você?

— Não. Fui até a casa dele, mas não estava. Esperei um tempo, mas você não apareceu, então imaginei que ele foi ao médico, e decidi que você deve ter se atrasado por causa do trabalho ou algo assim. Voltei à agência de seguros e acabei de chegar em casa há uns trinta minutos. O que foi?

— Chegarei em breve – eu disse. – Tranque as portas e não deixe ninguém entrar.

—As portas estão trancadas, ninguém batendo – ela disse.

— Não me deixe entrar – respondi – a menos que eu lhe dê uma senha.

— Claro, Sookie – respondeu, e pude notar que ela achou que eu tivesse enlouquecido. – Qual é a senha?

— Calças de fada – respondi, e como surgi com isso eu não tenho ideia. Simplesmente pareceu muito improvável que alguém no mundo dissesse aquilo.

—Entendi – disse Amelia. – Calças de fada.

Bill voltou ao carro. — Eu tenho que ir – falei, desligando. Quando ele abriu a porta, a luz interna mostrou seu rosto. Parecia sombrio.

—Ele não está lá – disse imediatamente. – Mas houve luta.

—Sangue?

—Sim.

—Muito?

— Ele ainda pode estar vivo. Pelo modo como cheirava, não acho que seja tudo dele.

Meus ombros caíram. — Eu não sei o que fazer – confessei, e pareceu quase bom dizer em voz alta. – Não sei aonde ir para encontrá-lo ou como ajudá-lo. Ele devia estar trabalhando como meu guarda-costas. Mas ele foi para a floresta ontem à noite e encontrou uma mulher que disse ser sua nova namorada. Ela lhe deu uma bebida. Era sangue ruim de vampiro e o deixou muito doente. – Olhei para Bill. – Talvez ela tenha pegado de Bubba. Não o vi para perguntar. Estou meio preocupada com ele. – Eu sabia que Bill podia me enxergar bem mais nitidamente do que eu. Estendi as mãos em dúvida. Ele conhecia essa mulher?

Bill olhou para mim. Sua boca curvou-se num pequeno sorriso bem amargo.—Não estou saindo com ninguém – disse.

Decidi ignorar por completo o ponto de vista emocional. Não tinha tempo ou energia esta noite. Acertei ao descontar a identidade

da mulher misteriosa.

— Então era alguém que podia fingir ser uma vampirófila, alguém suficientemente convincente para dominar o bom senso de Tray, que podia enfeitiçá-lo para fazê-lo beber o sangue.

— Bubba não possui muito bom senso – disse Bill. – Apesar de algumas magias de fadas não funcionarem em vampiros, não acho que ele seja difícil de ser enfeitiçado.

—Você o viu esta noite?

— Ele veio à minha casa para colocar bebidas na geladeira, mas parecia fraco e desorientado. Depois que bebeu algumas garrafas de TrueBlood, pareceu ficar melhor. Da última vez em que o vi, estava atravessando o cemitério na direção de sua casa.

—Acho melhor nós irmos para lá.

— Eu a sigo. – Bill voltou ao próprio carro e nós partimos para percorrer a pequena distância até minha casa. Mas Bill foi parado pelo semáforo da interseção entre a estrada e a Rodovia Hummingbird, e eu fiquei à frente dele por alguns segundos. Parei nos fundos da casa, que se encontrava bem iluminada. Amelia nunca se preocupou com uma conta de luz na vida; às vezes, eu queria simplesmente chorar quando a seguia pela casa, desligando interruptor atrás de interruptor.

Saí do carro e corri para os degraus, preparada para dizer, “Calças de fada!” para Amelia vir até a porta. Bill estaria ali em menos de um minuto, e poderíamos formular um plano para

encontrar Tray. Quando Bill chegou, ele foi verificar Bubba; eu não poderia entrar na floresta. Fiquei orgulhosa de mim por não correr para o meio das árvores para procurar um vampiro.

Eu tinha tanto em que pensar que não pensei no perigo mais óbvio. Não há desculpa para minha falta de atenção ao detalhe.

Uma mulher sozinha sempre tinha que ficar alerta, e uma mulher que teve experiências como as minhas, tem motivo extra para alarme quando sinais estão no radar. A luz de segurança ainda se encontrava acesa na casa e o quintal parecia normal, é verdade. Eu até avistei Amelia na cozinha através da janela. Corri para os degraus da varanda, com a bolsa pendurada no ombro, minha pá de jardinagem e as pistolas d'água dentro, chaves na mão.

Mas qualquer coisa podia estar escondida nas sombras, e é preciso apenas um instante de desatenção para uma armadilha se fechar.

Ouvi algumas palavras numa língua que não reconheci, mas por um segundo, pensei, *Ele está murmurando*, e não conseguia imaginar o que um homem atrás de mim estaria murmurando quando me vi prestes a colocar o pé no primeiro degrau da varanda.

E então, eu não soube de mais nada.

Capítulo 17

ACHEI QUE ESTAVA numa caverna. Parecia uma caverna: fria, úmida. E o som era estranho. Meus pensamentos pareciam tudo, menos acelerados. Contudo, a sensação de algo errado subiu ao topo de minha consciência com uma espécie de certeza desanimadora. Eu não estava onde devia estar, e não devia estar onde me encontrava. No momento, esses dois pensamentos pareceram separados e distintos.

Alguém havia golpeado minha cabeça.

Pensei naquilo. Minha cabeça não estava dolorida exatamente: parecia enevoada, como se eu tivesse tido um resfriado forte e tomado um descongestionante pesado por causa disso. Então concluí (com toda a velocidade de uma tartaruga) que fui nocauteada magicamente ao invés de fisicamente. O resultado era praticamente o mesmo. Sentia-me muito mal e estava com medo de abrir os olhos. Ao mesmo tempo, queria muito saber quem estava comigo no local. Me preparei e abri as pálpebras. Tive o vislumbre de um rosto adorável e indiferente, então minhas pálpebras se fecharam novamente. Elas pareciam estar operando em seu próprio ritmo.

—Ela está se juntando a nós – disse alguém.

—Ótimo; podemos nos divertir – respondeu outra voz.

Aquilo não soou promissor. Eu não achava que a diversão seria algo que pudesse apreciar também.

Imaginei que poderia ser resgatada a qualquer momento agora, e isso seria simplesmente ótimo.

Mas a cavalaria não apareceu. Suspirei e forcei meus olhos a se abrirem novamente. Dessa vez, as pálpebras permaneceram abertas e, sob a luz de uma tocha—uma verdadeira, honesta tocha de madeira flamejante—eu examinei meus captores. Um era uma fada-macho. Ele era tão adorável quanto o irmão de Claudine, Claude, e tão charmoso quanto—o que quer dizer, nem um pouco. Ele possuía cabelos pretos, feições bonitas e um corpo malhado, como Claude. Mas o rosto nem sequer poderia simular interesse por mim. Claude pelo menos era capaz de fingir quando as circunstâncias exigiam.

Examinei a Sequestradora Número Dois. Ela dificilmente parecia mais prometedora. Era uma fada também, portanto adorável, mas não aparentava ser mais simpática ou divertida do que seu companheiro. Além disso, usava um traje colante ou algo bem semelhante, e parecia bem nele, o que de qualquer forma era suficiente para me fazer detestá-la.

— Nós temos a mulher certa – disse Dois. – A prostituta amante de vampiros. Acho que aquele de cabelo curto era um pouco mais atraente.

— Como se qualquer humana pudesse ser realmente adorável – disse Um.

Não era suficiente ser seqüestrada; eu tinha que ser insultada também. Embora suas palavras fossem a última coisa no mundo com a qual precisava estar preocupada, uma pequena fagulha de raiva se acendeu em meu peito. *Simplesmente continue, imbecil*, pensei. *Espere só até meu bisavô botar as mãos em você*.

Esperava que eles não tivessem machucado Amelia ou Bubba.

Esperava que Bill estivesse bem.

Esperava que ele tivesse ligado para Eric e meu bisavô.

Aquilo era um bocado de esperança. Já que estava na zona de pensamento desejoso, eu desejei que Eric estivesse sintonizado em minha grande aflição e em meu muito real medo. Ele poderia me rastrear através das emoções? Isso seria maravilhoso, porque eu certamente estava cheia deles. Essa era a pior encrenca em que estive envolvida. Anos atrás, quando Bill e eu compartilhamos sangue, ele contou que seria capaz de me encontrar. Esperava que tivesse dito a verdade e que essa habilidade não desaparecesse com o tempo. Eu estava disposta a ser salva simplesmente por qualquer um. Logo.

Sequestrador Um deslizou as mãos sob minhas axilas e me puxou numa posição sentada. Pela primeira vez, percebi que minhas mãos estavam entorpecidas. Baixei a cabeça e vi que estavam amarradas com uma tira de couro. Agora que me encontrava apoiada contra uma parede, eu pude ver que não estava realmente numa caverna. Estávamos numa casa abandonada. Havia um buraco no teto e vi as estrelas através dele. O cheiro de

mofo era forte, quase sufocante, e debaixo disso flutuavam os cheiros de madeira podre e papel de parede. Não havia nada no aposento, exceto minha bolsa, que foi jogada num canto, e uma velha fotografia emoldurada, pendurada de modo torto na parede atrás das duas fadas. A fotografia foi tirada ao ar livre, provavelmente nos anos de 1920 ou 30, e era de uma família negra vestida em roupas de domingo. Parecia uma família de fazendeiros. Pelo menos, eu ainda me encontrava no meu próprio mundo, imaginei, embora provavelmente não fosse por muito tempo.

Enquanto podia, eu sorri para Coisa Um e Coisa Dois.

— Meu bisavô irá matá-los – falei. Até consegui parecer bem feliz com isso. – Esperem só.

Um riu, jogando os cabelos pretos para trás num gesto masculino posado. — Ele nunca nos encontrará. Irá se render e voltar atrás antes de vê-la ser morta de forma lenta e dolorosa. Ele *aaaaama* humanos.

Dois disse: — Ele devia ter ido para Summerland há muito tempo. A associação com humanos nos matará ainda mais rápidos do que já estamos morrendo. Breandan nos selará. Ficaremos seguros. Niall é obsoleto.

Como se ele tivesse passado da data de validade na prateleira ou algo assim.

— Digam-me que vocês têm um chefe – falei. – Digam-me que não são os cérebros da operação. – Eu estava meio consciente de

que me encontrava seriamente desorientada, provavelmente como resultado do feitiço que me nocauteou, mas saber que não era eu mesma não pareceu me impedir de falar, o que era uma pena.

— Nós devemos lealdade a Breandan – Um disse orgulhosamente, como se aquilo deixasse tudo claro para mim.

Ao invés de conectar suas palavras com o arqui-inimigo de meu bisavô, visualizei o Brandon com quem frequentei o colegial, um running-back do time de futebol. Ele foi para a Louisiana Tech e então para a força aérea.

—Ele saiu do serviço? – perguntei.

Eles me fitaram com total falta de compreensão. Não podia realmente culpá-los por isso.—Serviço de quem? – perguntou Dois.

Eu ainda a culpava por dizer que eu era um lixo, e decidi que não falaria com ela. — Então, qual é a programação? – perguntei a Um.

— Esperamos notícias de Niall, que responderá às exigências de Breandan – ele disse. – Breandan selará todos nós em Faery, e nunca mais teremos que lidar com sua raça novamente.

No momento, aquilo pareceu um excelente plano, e fiquei temporariamente do lado de Breandan.

— Então Niall não quer que isso aconteça? – falei, tentando manter a voz firme.

— Não, ele quer visitar coisas parecidas com você. Enquanto Fintan escondeu sua existência e de seu irmão, Niall se comportou, mas quando removemos Fintan...

—Pedaço por pedaço! – disse Dois, rindo.

— Ele foi capaz de encontrar informação suficiente para rastreá-la. Assim como nós. Encontramos a casa de seu irmão certo dia, e havia um presente numa caminhonete. Decidimos nos divertir com ela. Seguimos seu cheiro até onde trabalha, e deixamos a esposa de seu irmão e a abominação para que todos vissem. Agora vamos nos divertir com você. Breandan disse que podemos fazer o que quisermos com você, exceto matá-la.

Talvez meu entendimento devagar estivesse se acelerando um pouco. Entendi que eram reforços do inimigo de meu bisavô, mataram meu avô Fintan e crucificaram a pobre Crystal.

— Eu não faria isso se fosse vocês – falei desesperadamente. – Me ferir, quero dizer. Porque afinal, e se Breandan não conseguir o que quer? E se Niall vencer?

— Em primeiro lugar, isso não é provável – disse Coisa Dois. Ela sorriu. – Nós planejamos vencer e planejamos nos divertir muito.

Especialmente se Niall quiser vê-la; ele certamente vai exigir uma prova de que está viva antes de se render. Temos que deixá-la respirando... mas quanto mais terrível for sua situação, mais rápido a guerra terminará. – Ela tinha o conjunto de dentes mais afiados e

compridos que eu já vi. Alguns eram encapados com pontas de prata cintilantes. Era um toque horrendo.

Ao ver aqueles dentes, aqueles terríveis dentes brilhantes, eu me recuperei dos vestígios de magia que jogaram sobre mim, o que era uma grande pena.

Eu fiquei completa e totalmente lúcida na hora seguinte, que foi a mais longa de minha vida. Descobri perturbada—e totalmente chocada—que podia sentir grande dor e não morrer por isso.

Eu teria ficado feliz em morrer.

Eu sei muito sobre humanos, já que olho em suas mentes todos os dias, mas não sabia muito sobre a cultura das fadas. Tinha que acreditar que Coisa Um e Coisa Dois eram tipos únicos. Não conseguia imaginar que meu bisavô teria rido quando comecei a sangrar. E tinha que ter esperança de que ele tampouco apreciaria cortar um humano com uma faca, como Um e Dois fizeram.

Eu li livros onde uma pessoa torturada ia para “outro lugar” durante a provação. Esforcei-me para encontrar outro lugar para ir mentalmente, mas permaneci bem ali no aposento. Concentrei-me nos rostos fortes da família de fazendeiros na fotografia, e desejei que não estivesse tão empoeirada para que pudesse vê-los nitidamente. Desejei que o quadro não estivesse torto. Simplesmente sabia que aquela boa família teria se horrorizado com o que testemunhavam agora.

Nos momentos em que a dupla de fadas não estava me machucando, era muito difícil eu acreditar que estava acordada e aquilo realmente estava acontecendo. Ficava desejando que estivesse sofrendo através de um sonho particularmente horrível, e acordaria dele... mais cedo, do que tarde. Eu soube desde muito jovem que havia crueldade no mundo—acredite, aprendi isso—mas ainda estava chocada porque as Coisas estavam se *divertindo*. Eu não possuía personalidade para eles—nenhuma identidade. Eram completamente indiferentes aos planos que eu tinha para minha vida, as alegrias que esperava desfrutar. Eu podia ser um cachorrinho vira-lata ou um sapo que eles pegaram junto ao rio.

Eu mesma achava que fazer essas coisas a um filhote ou sapo eram horríveis.

— Essa não é a filha daqueles que matamos? – Um perguntou a Dois enquanto eu gritava.

— Sim. Eles tentaram dirigir através da água durante a enchente – respondeu Dois num tom de alegre recordação. – Água! Quando o homem tinha sangue do céu. Eles acharam que ferro podia protegê-los.

—Os espíritos da água ficaram felizes por puxá-los – disse Um.

Meus pais não morreram num acidente. Foram assassinados. Mesmo através da dor, eu registrei aquilo embora, no momento, estivesse além de mim reunir sentimentos a respeito da informação.

Tentei falar com Eric através da cabeça na esperança de que ele pudesse me encontrar através de nosso vínculo. Pensei no único outro telepata adulto que conheci, Barry, e lhe mandei mensagens—apesar de saber malditamente bem que estávamos longe demais um do outro para transmitir nossos pensamentos. Para minha eterna vergonha, perto do fim daquela hora, eu até considerei tentar contatar meu priminho Hunter. Contudo, eu sabia que Hunter não apenas era jovem demais para compreender, mas... realmente não podia fazer isso com uma criança. Renunciei à esperança e esperei pela morte.

Enquanto eles faziam sexo, pensei em Sam e no quanto eu ficaria feliz se pudesse vê-lo agora. Queria dizer o nome de alguém que me amasse, mas minha garganta estava rouca demais por causa dos gritos.

Pensei em vingança. Eu queria que Um e Dois morressem com um anseio que queimava em minhas entranhas. Esperava que alguém, qualquer um de meus amigos sobrenaturais—Claude e Claudine, Niall, Alcide, Bill, Quinn, Tray, Pam, Eric, Calvin, Jason—os despedaçasse membro por membro. Talvez outras fadas pudessem ter o mesmo espaço de tempo que eles estavam tendo comigo. Um e Dois disseram que Breandan queria que eu fosse poupada, mas não era preciso ser telepata para perceber que eles não seriam capazes de se segurar. Eles seriam levados pela diversão, assim como fizeram com Fintan e Crystal, e não haveria como me consertar.

Eu tive certeza que ia morrer.

Comecei a alucinar. Pensei ter visto Bill, o que não fazia nenhum sentido. Ele provavelmente estava em meu quintal, se perguntando onde eu estava. Ele se encontrava no mundo que *fazia sentido*. Mas eu podia jurar que o vi surgir sorrateiramente atrás das criaturas, que estavam se divertindo ao trabalhar com um par de lâminas. Ele colocou o dedo sobre a boca como se estivesse me dizendo para ficar em silêncio. Já que ele não estava lá e minha garganta estava dolorida demais para falar de qualquer forma (não conseguia mais produzir nem um grito decente), isso foi fácil. Havia uma sombra negra o seguindo, uma sombra com uma chama pálida no topo. Dois me atingiu com uma faca afiada que acabara de tirar da bota, uma faca que brilhava como seus dentes. Ambos se inclinaram bem perto para beber da minha reação. Consegui fazer apenas um ruído áspero. Meu rosto estava incrustado de lágrimas e sangue.

—Sapinho coaxando – disse Um.

—Escute. Coaxe, sapinho. Coaxe para nós.

Abri os olhos e a encarei, encontrei-os diretamente pela primeira vez em vários longos minutos. Engoli e reuni toda a força remanescente.

— Vocês vão morrer – eu disse com absoluta certeza. Mas tinha dito antes, e eles não prestaram qualquer atenção agora do que na primeira vez.

Fiz meus lábios formarem um sorriso.

O homem só teve tempo suficiente de parecer aturdido antes que algo cintilante relampejasse entre sua cabeça e ombros. Então, para minha intensa alegria, ele se partiu em dois pedaços e fui coberta por um jorro fresco de sangue vermelho. Ele escorreu, encharcando o sangue já seco em minha pele. Mas meus olhos estavam claros, então pude ver a mão branca agarrar o pescoço de Dois, erguendo-a, girando-a, e seu choque foi intensamente gratificante quando dentes quase tão afiados quanto os dela estraçalharam seu longo pescoço.

Capítulo 18

EU NÃO ESTAVA num hospital.

Mas estava numa cama, que não era minha. E me encontrava um pouco mais limpa do que antes, enfaixada e com muita dor; de fato, uma terrível quantidade de dor. A parte onde estava limpa e enfaixada—oh, uma condição totalmente desejável. A outra parte, a dor—bem, aquilo era esperado, compreensível e finito. Então decidi que eu estava excelente. Tinha alguns lapsos na memória. Não conseguia lembrar o que aconteceu entre estar na cabana decrépita e estar aqui; conseguia recordar relampejos de ação, o som de vozes, mas não tinha uma narrativa coerente para conectá-las. Lembrava da cabeça de Um sendo separada, e sabia que alguém mordeu Dois. Esperava que ela estivesse morta assim como Um. Mas não tinha certeza. Eu realmente vi Bill? E quanto a sombra atrás dele?

Ouvi um *click, click, click*. Virei a cabeça bem de leve. Claudine, minha fada-madrinha se encontrava sentada junto à cama, tricotando.

A visão de Claudine tricotando era simplesmente tão surreal quanto Bill aparecendo na caverna. Decidi voltar a dormir—uma retirada covarde, mas achei que tinha o direito.

— Ela vai ficar bem – disse a Dra. Ludwig. Sua cabeça surgiu ao lado da minha cama, o que me informou com certeza que não

me encontrava num leito de hospital moderno.

A Dra. Ludwig cuida de casos que não podem ser tratados em hospitais humanos normais porque os funcionários fugiriam gritando ao vê-los ou o laboratório não seria capaz de analisar o sangue. Pude ver o cabelo castanho grosso da Dra. Ludwig enquanto ela seguia da cama para a porta. A Dra. Ludwig possuía uma voz profunda. Eu suspeitava que ela fosse uma *hobbit*—não de verdade, mas com certeza parecia um. Embora usasse sapatos, certo? Passei alguns momentos tentando lembrar se já avistei os pés da Dra. Ludwig.

— Sookie – ela disse, seus olhos aparecendo em meu cotovelo. – O remédio está funcionando?

Eu não sabia se era sua segunda visita, ou se apaguei por alguns instantes. — Não está doendo tanto – respondi, e minha voz estava bem rouca e sussurrante. – Estou começando a me sentir um pouco insensível. É simplesmente... excelente.

Ela assentiu. — Sim – disse. – Considerando que é humana, você tem muita sorte.

Estranho. Eu me sentia melhor do que quando estive na cabana, mas não podia dizer que sentia sorte. Tentei reunir com dificuldade alguma apreciação por minha boa sorte. Não havia o que reunir. Não havia nada. Minhas emoções se encontravam tão aleijadas quanto meu corpo.

— Não – respondi. Tentei sacudir a cabeça, mas mesmo os analgésicos não podiam disfarçar o fato de que meu pescoço estava dolorido demais para mexer. Eles me estrangularam repetidamente.

—Você não está morta – a Dra. Ludwig apontou.

Mas cheguei bem perto; quase pisei além da linha. O resgate foi num ótimo momento. Se tivesse sido libertada antes, eu teria rido no caminho todo até a clínica secreta sobrenatural, ou onde fosse. Mas encarei a morte perto demais—suficiente para ver todos os poros do rosto da Morte—e sofri muito. Eu não sairia ilesa dessa vez.

Meu estado físico e emocional foi despedaçado, enganado, cutucado e mordido até a superfície dura e crua. Eu não sabia se podia voltar à suavidade anterior ao sequestro. Eu disse isso em palavras bem mais simples à Dra. Ludwig.

—Eles estão mortos, se isso ajuda – ela respondeu.

Sim, de fato ajudava muito. Esperei não ter imaginado aquela parte; fiquei com medo de que suas mortes fossem uma fantasia agradável.

— Seu bisavô decapitou Lochlan – disse. Então ele era Um. – E o vampiro Bill Compton arrancou a garganta da irmã de Lochlan, Neave. – Ela foi Dois.

—Onde está Niall agora? – falei.

— Empreendendo a guerra – ela disse sombriamente. – Não há mais negociação, nada de manobras de vantagem. Há somente morte agora.

—Bill?

— Ele foi gravemente ferido – disse a pequena médica. – Ela o atingiu com a lâmina antes de sangrar até a morte. E o mordeu. Havia prata na faca e em seus dentes. Ele foi envenenado.

—Ele vai melhorar – respondi.

Ela deu de ombros.

Achei que meu coração pularia do peito, sobre a cama. Não podia encarar essa miséria de frente. Lutei para pensar em algo além de Bill.

—E Tray? Ele está aqui?

Ela me fitou silenciosamente por um instante. — Sim – disse finalmente.

—Eu preciso vê-lo. E Bill.

—Não. Você não pode se mexer. Bill está em seu sono diurno agora. Eric virá esta noite, na verdade dentro de algumas horas e trará pelo menos outro vampiro com ele. Isso ajudará. O Lobisomem está machucado demais para que você o perturbe.

Eu não absorvi aquilo. Minha mente estava acelerada. Uma aceleração bem lenta, mas estava pensando um pouco mais

claramente. —

Alguém contou a Sam, você soube? – Por quanto tempo estive apagada? Quanto trabalho eu perdi?

A Dra. Ludwig encolheu os ombros. — Eu não sei. Imagino que sim. Ele parece ouvir tudo.

— Bom. – Tentei mudar de posição, arfei. – Vou precisar levantar para usar o banheiro – avisei.

— Claudine – disse a Dra. Ludwig, e minha prima largou o tricô, levantando-se da cadeira de balanço. Pela primeira vez, registrei que minha bela fada-madrinha parecia alguém que foi passada por um triturador. Seus braços estavam nus e cobertos de arranhões, machucados e cortes. Seu rosto era uma bagunça. Ela sorriu para mim, mas era doloroso.

Quando ela me levantou nos braços, pude sentir seu esforço. Normalmente, Claudine podia erguer uma grande carga sem qualquer problema se escolhesse.

—Sinto muito – respondi. – Posso andar. Eu tenho certeza.

—Não pense nisso – disse Claudine. – Viu, já estamos lá.

Quando nossa missão foi cumprida, ela me carregou e levou de volta para cama.

— O que aconteceu com você? – perguntei. A Dra. Ludwig partira sem outra palavra.

— Fui emboscada – ela respondeu em seu tom doce. – Algumas estúpidas *brownies* e uma fada. Lee, era seu nome.

—Suponho que eram aliados de Breandan?

Ela assentiu, pegando o conjunto de tricô. O item na qual ela trabalhava parecia ser um pequeno suéter. Imaginei se era para um elfo.

— Eles eram – ela respondeu. – São pedaços de ossos e carne agora. – Ela pareceu bem satisfeita.

Claudine nunca se tornaria um anjo desse modo. Eu não tinha certeza de como funcionava o progresso, mas reduzir outros seres a componentes separados provavelmente não era a rota de escolha.

— Ótimo – falei. Quanto mais seguidores de Breandan fossem derrotados, melhor. – Você viu Bill?

—Não – disse Claudine, claramente desinteressada.

—Onde está Claude? – perguntei. – Ele está seguro?

— Ele está com Avô – disse e, pela primeira vez, ela pareceu preocupada. – Eles estão tentando encontrar Breandan. Avô imagina que se eliminar a fonte, os seguidores de Breandan não terão escolha a não ser parar a guerra e jurar lealdade à ele.

—Oh – falei. – E você não foi porque...?

— Estou protegendo você – disse simplesmente. – Antes que você ache que estou escolhendo o caminho menos perigoso, tenho

certeza que Breandan está tentando encontrar este lugar. Ele deve estar muito zangado. Teve que entrar no mundo humano, algo que detesta muito, agora que seus bichinhos de estimação assassinos estão mortos. Ele amava Neave e Lochlan. Estiveram juntos durante séculos, e ambos eram seus amantes.

— Eca – falei com sinceridade, ou talvez do fundo do estômago. – Oh, *eca*. – Eu nem conseguia pensar em que tipo de "amor" eles tinham. O que eu vi não pareceu amor. – E eu nunca a acusaria de tomar o caminho menos perigoso – respondi depois que superei a náusea. – O mundo todo é perigoso.

Claudine me lançou um olhar agudo.

— Que tipo de nome é Breandan? – perguntei após observá-la tricotar com grande rapidez e desenvoltura por um tempo. Eu não tinha certeza de como ficaria o suéter felpudo verde, mas o efeito era bom.

— Irlandês – ela disse. – Todos os mais antigos nessa parte do mundo são irlandeses. Claude e eu costumávamos ter nomes irlandeses. Pareceu estúpido para mim. Por que não devíamos nos agradar? Ninguém consegue soletrar aqueles nomes ou pronunciá-los corretamente. Meu antigo nome soava como um gato tossindo uma bola de pelo.

Permanecemos em silêncio por alguns minutos.

— Para quem é o pequeno suéter? Você vai ter uma trouxinha de felicidade? – perguntei com minha nova voz difícil e sussurrante.

Estava tentando soar brincalhona, mas ao invés disso, soei simplesmente aterrorizante.

— Sim – ela disse, levantando a cabeça para me fitar. Seus olhos brilhavam. – Vou ter um bebê. Uma pura criança fada.

Fiquei surpresa, mas tentei ocultar com o maior sorriso que consegui colar no rosto. — Oh. Isso é maravilhoso! – respondi. Imaginei se seria indiscreto perguntar sobre a identidade do pai. Provavelmente.

— Sim – ela disse séria. – É maravilhoso. Não somos uma raça muito fértil e a grande quantidade de ferro neste mundo reduziu nossa taxa de natalidade. Nosso número tem declinado a cada século. Eu tenho muita sorte. É uma das razões pelas quais nunca levo um humano para a cama, embora de vez em quando tenha desejado; eles são tão deliciosos, alguns. Mas detestaria desperdiçar um ciclo fértil com um humano.

Eu sempre assumi que foi seu desejo de ascender à posição de anjo que impediu Claudine de dormir com qualquer um dos numerosos admiradores.

— Então o pai é uma fada – eu disse, meio que tateando ao redor do assunto sobre a identidade paterna. – Vocês saíram por um tempo?

Claudine riu. — Eu sabia que era meu período fértil. Sabia que ele era um homem fértil; não éramos relacionados muito intimamente. Nos consideramos desejáveis.

—Ele vai ajudar a criar o bebê?

—Oh, sim, ele estará lá para protegê-la durante os primeiros anos.

— Posso conhecê-lo? – perguntei. Eu estava realmente encantada com a felicidade de Claudine, de um modo estranhamente distante.

— É claro—se vencermos esta guerra e a passagem entre os mundos ainda ser possível. Ele fica na maior parte do tempo em Faery – disse Claudine. – Ele não é muito chegado em companhia humana. – Ela disse isso do mesmo modo que diria que ele era alérgico a gatos. – Se Breandan atingir seu objetivo, Faery será selado e tudo que construímos neste mundo desaparecerá. As coisas maravilhosas que os humanos inventaram e nós podemos usar, o dinheiro que fizemos para custear essas invenções... tudo desaparecerá. É tão embriagador ficar com humanos. Eles dão tanta energia, tantas emoções deliciosas. Eles são simplesmente... divertidos.

Esse novo assunto foi uma boa distração, mas minha garganta doía, e quando não pude responder, Claudine perdeu interesse em falar. Embora tivesse voltado a tricotar, fiquei alarmada ao notar que, após alguns minutos, ela se tornou cada vez mais tensa e alerta.

Escutei ruídos no corredor, como se as pessoas estivessem se movimentando com pressa pelo prédio. Claudine se levantou e foi dar uma espiada através do vão estreito da porta. Depois de fazer

aquilo pela terceira vez, ela fechou e trancou a porta. Perguntei o que ela estava esperando.

—Encrenca – ela respondeu. – E Eric.

A mesma coisa, pensei. — Existem outros pacientes aqui? Isso é como um hospital?

— Sim – ela disse. – Mas Ludwig e sua assistente estão tirando os pacientes que podem caminhar.

Presumi que havia passado tanto medo quanto pude manejar, mas minhas emoções esgotadas começaram a reviver ao absorver um pouco da tensão dela.

Cerca de trinta minutos mais tarde, ela levantou a cabeça e pude notar que ela estava ouvindo.

— Eric está vindo – disse. – Terei que deixá-la com ele. Não posso ocultar o cheiro como meu Avô. – Ela levantou e destrancou a porta, abrindo-a.

Eric entrou silenciosamente; num momento eu estava olhando para a porta, no minuto seguinte, ele estava lá. Claudine juntou sua parafernália e deixou o quarto, se mantendo tão longe de Eric quanto o quarto permitia. Suas narinas se inflaram com o delicioso cheiro de fada. Então ela se foi, e Eric aproximou-se da cama, olhando para mim.

Não me senti feliz ou contente, então sabia que até nosso vínculo se encontrava exausto, pelo menos temporariamente. Meu

rosto doía tanto quando mudava de expressão que eu sabia que estava coberta de hematomas e cortes. A visão de meu olho esquerdo estava terrivelmente anuviada. Não precisava de um espelho para dizer o quanto eu parecia terrível. No momento, eu simplesmente não me importava. Eric se esforçou para ocultar a fúria no rosto, mas não funcionou.

— Malditas *fadas* – ele disse, os lábios curvados num rosnado. Eu não conseguia lembrar de ter ouvido Eric praguejar antes.

—Mortos agora – sussurrei, tentando manter as palavras ao mínimo.

—Sim. Uma morte rápida foi boa demais para eles.

Assenti (tanto quanto podia) numa sincera concordância. De fato, teria quase valido a pena trazê-los de volta à vida, apenas para matá-los de novo mais lentamente.

— Vou olhar seus ferimentos – disse Eric. Ele não queria me sobressaltar.

— Está bem – sussurrei, mas sabia que a visão seria muito ruim. O que vi quando puxei a camisola no banheiro pareceu tão terrível que não tive qualquer desejo de me examinar melhor.

Com habilidade clínica, Eric afastou os lençóis e o cobertor. Eu estava usando uma clássica camisola de hospital—era de se pensar que um hospital para sobrenaturais viria com algo mais exótico—e obviamente, ela ficava acima do joelho. Havia marcas de mordidas nas pernas todas—marcas profundas. Faltavam pedaços de carne.

Olhar minhas pernas me fez pensar na Semana dos Tubarões do *Discovery Channel*.

Ludwig havia enfaixado as piores, e eu tinha certeza que havia pontos cirúrgicos sob a gaze branca. Eric permaneceu absolutamente imóvel por um longo momento. — Levante a camisola – disse, mas quando percebeu que minhas mãos e braços estavam fracos demais para cooperar, ele o fez.

Eles apreciaram mais os lugares macios, então isso foi realmente desagradável, de fato repugnante. Não consegui olhar após uma rápida espiada. Mantive os olhos fechados, como uma criança que perambulou por um filme de terror. Não era de se imaginar que a dor fosse tão ruim. Eu nunca mais seria a mesma pessoa novamente, física ou mentalmente.

Após um longo tempo, Eric me cobriu e disse: — Voltarei em um minuto – e escutei-o deixar o quarto. Ele voltou rápido com duas garrafas de TrueBlood. Colocou-as no chão ao lado da cama.

— Afaste-se – ele disse e eu o fitei, confusa. – Afaste-se – repetiu com impaciência. Então ele percebeu que eu não podia e colocou um braço por baixo de minhas costas e outro sob os joelhos, mudando-me facilmente para o outro lado da cama. Felizmente, ela era muito maior do que uma cama de hospital de verdade, e eu não tive que me virar para lhe dar espaço. Eric disse: – Vou alimentá-la.

—O quê?

— Vou lhe dar sangue. Do contrário, você levará semanas para se curar. Nós não temos esse tempo.

Ele soou tão energicamente sucinto que eu senti meus ombros finalmente relaxarem. Não tinha percebido o quanto fui gravemente ferida. Eric mordeu o pulso e posicionou-o diante de minha boca. — Tome – ele disse, como se não houvesse dúvida de que eu aceitaria.

Ele deslizou o braço livre por baixo do meu pescoço para levantar a cabeça. Isso não seria divertido ou erótico, como um golinho durante o sexo. E por um momento, indaguei sobre minha própria inquestionável aceitação. Mas ele disse que não tínhamos tempo. Em um nível, eu sabia o que aquilo significava, mas por outro estava muito fraca para fazer mais do que considerar o fator tempo como um fato fugaz e quase irrelevante.

Abri minha boca e engoli. Eu estava com tanta dor e tão horrorizada pelo dano feito ao meu corpo que não pensei mais do que uma vez sobre a prudência do que estava fazendo. Sabia como seriam rápidos os efeitos ao ingerir sangue de vampiro. Seu pulso se curou uma vez e ele reabriu a ferida.

— Tem certeza que devia estar fazendo isso? – perguntei enquanto ele se mordia pela segunda vez. Minha garganta agitou-se de dor e me arrependi de tentar falar uma frase inteira.

— Sim – ele disse. – Sei o quanto é demais. E eu me alimentei bem antes de vir para cá. Você precisa ser capaz de se mexer. – Ele

estava se comportando de modo tão prático que comecei a me sentir um pouco melhor. Eu não teria suportado piedade.

—Mexer? – A ideia me encheu de ansiedade.

— Sim. Os seguidores de Breandan podem—irão—descobrir este lugar a qualquer momento. Estão rastreando seu cheiro agora. Você está cheirando às fadas que a machucaram e eles sabem agora que Niall a ama o suficiente para matar sua própria espécie por você. Capturá-la os deixaria muito, muito felizes.

Ao pensar em mais encrenca, eu parei de beber e comecei a chorar. A mão de Eric acariciou gentilmente meu rosto, mas ele disse: — Pare com isso agora. Você deve ser forte. Estou muito orgulhoso de você, ouviu?

—Por quê? – encostei a boca em seu pulso e bebi novamente.

— Você ainda está lúcida; ainda é uma pessoa. Lochlan e Neave deixaram vampiros e fadas em trapos—literalmente trapos... mas você sobreviveu, e sua personalidade e alma estão intactas.

—Eu fui resgatada. – Respirei fundo e me aproximei de seu pulso.

—Você teria sobrevivido a muito mais. – Eric inclinou-se para pegar a garrafa de TrueBlood e bebeu rapidamente.

— Eu não teria desejado. – Tomei outro sopro profundo de ar, consciente de que minha garganta ainda doía, mas não tão agudamente. – Mal desejei viver depois...

Ele beijou minha testa. — Mas você viveu. E eles morreram. E você é minha, será minha. Eles não irão pegá-la.

—Você realmente acha que eles estão vindo?

— Sim. As forças remanescentes de Breandan encontrarão esse lugar cedo ou tarde, se não o próprio Breandan. Ele não tem nada a perder, e o orgulho a conservar. Receio que eles nos encontrarão em breve. Ludwig removeu quase todos os outros pacientes. – Ele virou-se um pouco, como se estivesse escutando algo. – Sim, a maioria já se foi.

—Quem mais está aqui?

—Bill está no quarto ao lado. Está recebendo sangue de Clancy.

—Você não ia lhe dar um pouco?

—Se você estivesse irreparável... não, eu o teria deixado apodrecer.

— Por quê? – perguntei. – Ele de fato veio me resgatar. Por que ficar zangado com ele? Onde você estava? – A fúria borbulhou em minha garganta.

Eric recuou bem de leve, uma grande reação para um vampiro de sua idade. Ele desviou os olhos. Eu não conseguia acreditar que estava dizendo essas coisas.

— Não é como se você fosse obrigado a me encontrar – falei – mas eu esperei o tempo todo—esperei que você viesse, rezei para que viesse, achei repetidas vezes que você poderia me ouvir...

— Você está me matando – ele respondeu. – Você está me matando. – Ele estremeceu ao meu lado, como se mal conseguisse suportar minhas palavras. – Eu explicarei – disse num tom baixo. – Eu vou. Você compreenderá. Mas agora, nós não temos tempo suficiente. Você já está se curando?

Pensei a respeito. Não me sentia tão miserável agora que tomei o sangue. Os buracos em minha carne coçavam de modo quase intolerável, o que significava que estavam se curando.

— Estou começando a sentir que vou melhorar – respondi cuidadosamente. – Oh, Tray Dawson ainda está aqui?

Ele me fitou com uma expressão bem séria. — Sim, ele não pode ser movido.

—Por que não? Por que a Dra. Ludwig não o levou?

—Ele não sobreviveria se fosse removido.

—Não – respondi, chocada mesmo depois de tudo que passei.

— Bill me contou sobre o sangue de vampiro que ele bebeu. Eles esperavam que ele enlouquecesse o suficiente para machucá-la, e foi bom ele tê-la deixado sozinha. Lochlan e Neave foram atrasados; um par de guerreiros de Niall os encontrou, atacou e eles tiveram que lutar. Logo depois, eles decidiram emboscá-la na sua

casa. Queriam ter certeza de que Dawson não viria ajudá-la. Bill me ligou para contar que vocês dois foram até a casa de Dawson. Naquele momento, eles já tinham Dawson. Divertiram-se com ele antes que... antes de pegarem você.

— Dawson estava tão mal assim? Achei que os efeitos do sangue vampiro ruim teriam passado agora. – Eu não conseguia imaginar o homenzarrão, o Lobisomem mais durão que já conheci, sendo derrotado.

— O sangue vampiro que eles usaram foi apenas um veículo para o veneno. Eles nunca experimentaram num Lobi, eu suponho, porque demora muito para agir. Então praticaram suas artes nele. Você pode levantar?

Tentei mover os músculos para fazer o esforço. —Talvez ainda não.

—Eu a carregarei.

—Para onde?

—Bill quer falar com você. Você tem que ser corajosa.

—Minha bolsa – falei. – Preciso de algo dentro dela.

Silenciosamente, Eric colocou a bolsa de tecido macio, agora arruinada e manchada, sobre a cama do meu lado. Com grande concentração, fui capaz de abri-la e deslizar minha mão lá dentro. Eric arqueou as sobrancelhas quando viu o que tirei da bolsa, mas ouviu algo do lado de fora que o fez parecer alarmado. Eric

levantou-se e deslizou os braços embaixo de mim, então se endireitou facilmente, como se eu fosse um prato de espaguete. Ele parou junto a porta e eu consegui girar a maçaneta para ele. Ele usou o pé para abri-la, e entramos no corredor. Fui capaz de ver que estávamos num prédio antigo, alguma espécie de estabelecimento comercial pequeno que foi transformado em seu propósito atual. Havia várias portas ao longo do corredor e uma sala de controle de vidro embutido quase no meio. Através do vidro no lado oposto, consegui ver um armazém sombrio. Havia algumas luzes acesas, apenas suficientes para revelar que estava vazia, exceto por alguns destroços, como prateleiras dilapidadas e partes de maquinário.

Viramos à direita para entrar num quarto no fim do corredor. Novamente, fiz as honras com a maçaneta, e dessa vez não foi tão agonizante apertar e girá-la.

Havia duas camas naquele quarto.

Bill se encontrava na cama à direita, e Clancy estava sentado numa cadeira de plástico encostada contra a lateral. Ele alimentava Bill da mesma forma que Eric me alimentou. A pele de Bill estava cinzenta. Suas bochechas encovadas. Ele parecia morto.

Tray Dawson estava na cama ao lado. Se Bill parecia estar morrendo, Tray parecia já estar morto. O rosto era um hematoma azul. Uma de suas orelhas foi arrancada à mordidas. Seus olhos estavam inchados. Havia sangue incrustado por toda parte. E isso era apenas o que eu podia ver de seu rosto. Os braços jaziam por cima do lençol, e ambos estavam em talas.

Eric me deitou ao lado de Bill. Os olhos de Bill se abriram e, ao menos, eles estavam iguais: castanho-escuros, insondáveis. Ele parou de beber de Clancy, mas não se mexeu ou pareceu melhor.

— A prata está em seu organismo – disse Clancy em voz baixa. – O veneno viajou para cada parte do corpo. Ele precisará de sangue cada vez mais para eliminá-lo.

Eu quis dizer, “Ele vai melhorar?” Mas não consegui, não com Bill deitado ali. Clancy levantou-se do lado da cama e começou a ter uma conversa sussurrada com Eric—algo bem desagradável, se a expressão de Eric dava alguma indicação.

Bill disse: — Como você está, Sookie? Vai ficar curada? – Sua voz vacilou.

— Exatamente o que eu quero lhe perguntar – respondi. Nenhum de nós possuía força ou energia para usar de evasivas durante a conversa.

— Você viverá – ele disse, satisfeito. – Posso sentir no cheiro que Eric lhe deu sangue. Você teria se curado de qualquer forma, mas isso ajudará na cicatrização. Sinto muito por não ter chegado mais rápido.

—Você salvou minha vida.

—Eu os vi levarem-na – ele disse.

—O quê?

—Vi eles a levando.

— Você... – Eu queria dizer, “Você não os deteve?”, mas aquilo pareceu horrendamente cruel demais.

— Eu sabia que não podia derrotar os dois juntos – disse simplesmente. – Se tentasse enfrentá-los e eles me matassem, você poderia se considerar morta. Sei muito pouco sobre fadas, mas até eu já ouvi falar de Neave e seu irmão. – Aquelas poucas frases pareceram esgotar Bill. Ele tentou virar a cabeça no travesseiro para que pudesse olhar diretamente para meu rosto, mas conseguiu virar apenas alguns centímetros. Os cabelos escuros pareciam lisos e sem brilho, e a pele não tinha mais aquele brilho que pareceu tão bonito para mim quando o vi pela primeira vez.

—Então você chamou Niall? – perguntei.

— Sim – ele respondeu, os lábios mal se mexendo. – Ou, pelo menos, chamei Eric, contei-lhe o que vi e disse que chamasse Niall.

—Onde ficava a casa velha? – perguntei.

— Ao norte daqui, no Arkansas – ele disse. – Levou um tempo para rastreá-la. Se eles tivessem entrado num carro... mas eles se movimentaram através do mundo *fae* e, com meu sentido de olfato e o conhecimento de Niall da magia *fae*, fomos capazes de encontrá-la. Finalmente. Pelo menos, sua vida foi salva. Acho que foi tarde demais para o Lobi.

Eu não soube que Tray esteve na cabana. Não que o conhecimento teria feito qualquer diferença, mas talvez eu tivesse

me sentido um pouco menos sozinha. Obviamente, provavelmente foi por isso que as duas fadas não me deixaram vê-lo. Estava disposta a apostar que havia muito pouco sobre psicologia da tortura que Neave e Lochlan não conhecessem.

—Tem certeza que ele está...

—Doçura, olhe para ele.

—Eu ainda não morri – Tray murmurou.

Tentei me levantar para ir até ele. Isso ainda estava um pouco fora do meu alcance, mas virei de lado para encará-lo. As camas se encontravam tão próximas que eu podia ouvi-lo facilmente. Acho que ele meio que podia ver onde eu estava.

—Tray – eu disse – Eu sinto tanto.

Ele sacudiu a cabeça sem palavras. — Minha culpa. Eu devia ter sabido... a mulher na floresta... não estava certo.

—Você fez seu melhor. Se tivesse resistido a ela, teria sido morto.

— Morrendo agora – disse. Ele se forçou a abrir os olhos. Quase conseguiu olhar direto para mim. – Minha própria maldita culpa – disse.

Eu não conseguia parar de chorar. Ele pareceu cair para a inconsciência. Voltei-me lentamente para encarar Bill. Sua cor estava um pouco melhor.

— Eu não teria deixado que eles a machucassem por nada – ele disse. – Sua adaga era de prata e ela tinha dentes encapados... consegui rasgar sua garganta, mas ela não morreu rápido o suficiente... lutou até o fim.

—Clancy lhe deu sangue – respondi. – Você vai melhorar.

— Talvez – ele disse, e sua voz soou fria e calma como sempre. – Estou sentindo alguma força agora. Me ajudará durante a luta. Será tempo suficiente.

Eu estava chocada quase além da fala. Vampiros morriam apenas com estacas, decapitação ou de um raro caso grave de Sino-AIDS. Envenenamento por prata?

— Bill – falei com urgência, pensando nas muitas coisas que queria lhe dizer. Ele fechara os olhos, mas agora os abriu para olhar para mim.

— Eles estão vindo – disse Eric, e todas aquelas palavras morreram em minha garganta.

—O pessoal de Breandan? – perguntei.

— Sim – Clancy respondeu brevemente. – Eles encontraram seu cheiro. – Ele estava sendo desdenhoso mesmo agora, como se eu fosse fraca por ter deixado um cheiro para ser rastreado.

Eric puxou uma longa, longa faca de uma bainha em sua coxa. — Ferro – ele disse, sorrindo.

E Bill sorriu também, e não era um sorriso agradável. — Mate tantos quanto puder – disse com voz forte. – Clancy, me ajude a levantar.

—Não – falei.

— Doçura – disse Bill, muito formalmente – Eu sempre a amei e terei orgulho em morrer a seu serviço. Quando eu me for, faça uma oração por mim numa verdadeira igreja.

Clancy inclinou-se para ajudar Bill a sair da cama, dando-me um olhar bem hostil enquanto o fazia. Bill oscilou de pé. Ele estava tão fraco quanto um humano. Arrancou a camisola de hospital, ficando apenas com calças de pijama listradas.

Eu não queria morrer numa camisola de hospital, tampouco.

— Eric, você tem uma faca de sobra para mim? – Bill perguntou, e sem se virar da porta, Eric passou a Bill uma versão mais curta de sua própria lâmina, que era quase uma espada, ao meu ver. Clancy também estava armado.

Ninguém disse uma palavra sobre tentar mover Tray. Quando olhei para ele, achei que já podia estar morto.

O celular de Eric tocou, o que me fez pular alguns centímetros. Ele atendeu com um curto, “Sim?” Ouviu e então desligou. Eu quase ri, a ideia de sobrenaturais se comunicando através de telefones celulares parecia tão engraçada. Mas quando olhei para Bill, o rosto cinza, apoiado contra a parede, achei que nada no mundo seria engraçado novamente.

— Niall e seus *fae* estão a caminho – Eric nos contou, a voz tão calma e firme como se estivesse lendo uma história sobre mercado de ações. – Breandan bloqueou todos os outros portais para a terra *fae*. Existe apenas um aberto agora. Se eles virão a tempo, eu não sei.

— Se eu sobreviver a isto – disse Clancy – pedirei que me liberte do juramento, Eric, e procurarei outro mestre. Considero a ideia de morrer em defesa de uma mulher humana algo repugnante, não importa qual seja sua conexão com ela.

— Se você morrer – disse Eric – será porque eu, seu xerife, ordenei que entrasse na batalha. A razão não é pertinente.

Clancy assentiu. —Sim, meu lorde.

—Mas eu o libertarei, se viver.

—Obrigado, Eric.

Deus do céu. Esperava que estivessem felizes agora que isso foi estabelecido.

Bill oscilava sob os pés, mas nem Eric ou Clancy o fitaram exceto com aprovação. Eu não podia ouvir o que eles estavam ouvindo, mas a tensão no quarto cresceu quase insuportavelmente enquanto nossos inimigos se aproximavam.

Enquanto eu observava Bill, esperando com aparente calma a morte se aproximar, tive um vislumbre de como o conheci: o primeiro vampiro que encontrei, o primeiro homem com quem fui

para a cama, o primeiro pretendente que já amei. Tudo que se seguiu manchou aquelas memórias, mas por um instante eu vi nitidamente, e o amei de novo.

Então a porta foi despedaçada e eu vi o brilho da lâmina de um machado, ouvi gritos agudos de encorajamento de outras fadas para o detentor do machado.

Resolvi me levantar, porque preferia morrer de pé do que na cama. Eu possuía pelo menos essa coragem restando em mim. Talvez, desde que tomei o sangue de Eric, estivesse sentindo o calor de sua fúria na batalha. Nada animava Eric como a perspectiva de uma boa luta. Lutei para ficar de pé. Descobri que podia andar, pelo menos um pouco. Havia muletas de madeira apoiadas contra a parede. Não conseguia me recordar de ter visto muletas de madeira, mas nenhum equipamento nesse hospital era padrão de um hospital humano.

Peguei uma muleta pela ponta, levantando-a um pouco para ver se podia girá-la. A resposta era “Provavelmente não”. Havia uma boa chance de eu cair quando o fizesse, mas ativo era melhor do que passivo. Nesse meio tempo, eu tinha as armas que recuperei da bolsa nas mãos e, ao menos, a muleta me apoiaria.

Tudo isso aconteceu mais rápido do que eu posso contar. Então a porta foi arrebentada e as fadas arrancaram lascas da madeira. Finalmente o buraco ficou grande suficiente para a entrada de uma fada macho alta, magra e com cabelo diáfano, os olhos verdes brilhando com a alegria da batalha. Ele atacou Eric com a espada, e Eric desviou, conseguindo cortar o abdômen de seu oponente. A

fada gritou e se dobrou, e o golpe de Clancy atingiu-o na parte de trás do pescoço, cortando sua cabeça.

Pressionei as costas contra a parede e enfiei a muleta debaixo de um braço. Apertei minhas armas, uma em cada mão. Bill e eu nos encontrávamos lado a lado, então lenta e deliberadamente ele ficou na minha frente. Bill lançou sua faca contra a fada seguinte através da porta, e a ponta entrou direto pela garganta dela. Bill estendeu a mão e pegou a pá de jardinagem de minha avó.

A porta havia sido quase demolida agora, e as fadas atacantes pareceram recuar. Outro macho atravessou as lascas e passou por cima do corpo do primeiro *fae*, e eu sabia que aquele devia ser Breandan. Os cabelos ruivos estavam puxados para trás numa trança e sua espada lançava um jorro de sangue da lâmina ao levantá-la para girar contra Eric.

Eric era mais alto, mas Breandan possuía uma espada maior. Breandan já estava ferido, porque sua camisa estava encharcada de sangue de um lado. Vi algo brilhante, uma agulha de tricô projetando-se do ombro de Breandan, e tive certeza que o sangue na espada era de Claudine. A fúria me envolveu, e aquilo me manteve de pé quando eu teria desmaiado.

Breandan saltou de lado, apesar das tentativas de Eric em mantê-lo ocupado, e uma guerreira muito alta ocupou seu lugar, girando uma clava—uma clava, pelo amor de Deus—contra Eric. Eric mergulhou e a clava continuou seu caminho, atingindo Clancy na lateral da cabeça. Instantaneamente seu cabelo ruivo ficou ainda mais vermelho, e ele caiu como um saco de areia. Breandan pulou

sobre Clancy para encarar Bill, a espada cortando a cabeça de Clancy ao afastar o corpo. O sorriso de Breandan se tornou mais radiante. — Você é aquele – ele disse. – Aquele que matou Neave.

— Eu arranquei sua garganta – disse Bill, e sua voz pareceu forte como antes. Mas ele oscilava sob os pés.

— Vejo que ela o matou também – Breandan disse sorrindo, a guarda relaxada de leve. – Apenas serei aquele que o fará perceber.

Atrás dele, esquecido na cama num canto, Tray Dawson fez um esforço sobre-humano e agarrou a camisa da fada. Com um gesto negligente, Breandan girou levemente e desceu a espada cintilante sobre o Lobi indefeso, puxando a espada de volta com uma fresca camada vermelha. Mas no instante que Breandan levou para fazer isto, Bill enterrou minha pá debaixo do seu braço levantado. Quando Breandan se voltou, sua expressão era surpresa. Ele baixou os olhos para o punho como se não pudesse imaginar como ela foi parar ao seu lado, então sangue escorreu do canto de sua boca.

Bill começou a cair.

Tudo permaneceu imóvel por um instante, mas apenas em minha mente. O espaço diante de mim ficou vazio, e a mulher abandonou sua luta com Eric, saltando por cima do corpo de seu príncipe. Ela gritou, alto e longamente, e já que Bill estava caindo, ela apontou o impulso de sua espada para mim.

Esguichei nela o suco de limão em minha pistola de plástico.

Ela gritou novamente, mas dessa vez de dor. O suco a atingiu num borrifo, sobre seu peito e antebraços, e fumaça começou a levantar de sua pele onde o limão a tocou. Uma gota atingira sua pálpebra, eu percebi, porque ela usou a mão livre para esfregar o olho queimando. E enquanto ela fazia isso, Eric girou sua longa faca, cortou seu braço, e então apunhalou-a.

Então Niall preencheu a entrada do quarto e meus olhos doeram ao vê-lo. Ele não estava usando o terno preto que vestia quando me encontrava no mundo humano, mas uma espécie de túnica longa com calças folgadas enfiadas em botas. Tudo nele era branco e ele brilhava... exceto onde estava respingado de sangue.

Houve um longo silêncio então. Não sobrara ninguém para matar.

Escorreguei para o chão, minhas pernas tão fracas quanto gelatina. Me descobri apoiada contra a parede ao lado de Bill. Eu não sabia dizer se ele estava vivo ou morto. Estava chocada demais para chorar e horrorizada demais para gritar. Alguns de meus cortes se reabriram, e o cheiro de sangue com o fedor das fadas atraiu Eric, afetado pela excitação da batalha. Antes que Niall pudesse me alcançar, Eric estava de joelhos ao meu lado, lambendo o sangue de um corte em minha bochecha. Eu não me importei; ele me deu o dele. Estava reciclando.

— Afaste-se dela, vampiro – disse meu bisavô numa voz muito suave.

Eric levantou a cabeça, os olhos fechados de prazer, e estremeceu. Mas então desabou ao meu lado. Ele fitou o corpo de Clancy. Toda a exultação foi drenada do rosto e uma lágrima vermelha correu por sua bochecha.

—Bill está vivo? – perguntei.

— Eu não sei – respondeu. Ele olhou para o próprio braço. Fora ferido também; um corte feio no antebraço esquerdo. Eu nem mesmo vi acontecer. Através da manga rasgada, observei o corte começar a se curar.

Meu bisavô agachou-se diante de mim.

— Niall – eu disse, meus lábios e boca funcionando com grande esforço. – Niall, não achei que você viria a tempo.

Sinceramente, eu estava tão aturdida que mal sabia o que estava dizendo ou mesmo à qual crise me referia. Pela primeira vez, continuar vivendo parecia tão difícil que eu não tinha certeza se valia a encrenca.

Meu bisavô me pegou nos braços. — Você está segura agora – disse. – Sou o único príncipe vivo. Ninguém pode tirar isso de mim. Quase todos os meus inimigos estão mortos.

— Olhe ao redor – falei, embora estivesse descansando a cabeça em seu ombro. – Niall, veja tudo que foi perdido.

O sangue de Tray pingava lentamente pelo lençol encharcado, atingindo o chão. Bill estava caído contra minha coxa direita.

Enquanto meu bisavô me segurava e acariciava meu cabelo, olhei por sobre o braço dele para Bill. Ele viveu durante tantos anos, sobreviveu por bem ou por mal. Ele esteve pronto a morrer por mim. Não havia mulher—humana, fada, vampira, Lobi—que não fosse afetada por isso. Pensei nas noites que passamos juntos, as vezes que conversamos deitados juntos na cama—e chorei, embora estivesse quase cansada demais para produzir lágrimas.

Meu bisavô apoiou-se nos calcanhares e olhou para mim. — Você precisa ir para casa – disse.

—Claudine?

—Ela está em Summerland.

Eu não podia mais suportar notícias ruins. — Fada, deixo esse lugar para você limpar – disse Eric. – Sua bisneta é minha mulher, minha e apenas minha. Eu a levarei para casa.

Niall fuzilou Eric com o olhar. — Nem todos os corpos são *fae* – disse Niall com o olhar apontado para Clancy. – E o que devemos fazer com aquele? – Ele virou a cabeça na direção de Tray.

— *Aquele* precisa voltar para a casa dele – respondi. – Ele tem que receber um enterro apropriado. Não pode simplesmente desaparecer. – Eu não tinha ideia do que Tray teria desejado, mas não podia deixar que as fadas jogassem seu corpo num fosso em algum lugar. Ele merecia algo bem melhor do que isso. E havia Amelia para informar. Oh, Deus. Tentei mover as pernas,

preparando-me para levantar, mas os pontos repuxaram e a dor me atingiu.— *Ahh* – falei, cerrando os dentes.

Fitei o chão enquanto recuperava o fôlego. E enquanto olhava, um dos dedos de Bill se moveu. — Ele está vivo, Eric – falei, e embora doesse como o inferno, podia sorrir com isso. – Bill está vivo.

— Isso é bom – disse Eric, apesar de soar calmo demais. Ele abriu o celular e fez uma discagem rápida para alguém. – Pam – disse. – Pam, Sookie vive. Sim, e Bill também. Clancy não. Traga a van.

Embora eu tenha perdido um pouco de tempo em algum lugar ali, eventualmente Pam chegou com uma enorme van. Tinha um colchão atrás, e Bill e eu fomos carregados por Pam e Maxwell Lee, um executivo negro que por acaso era vampiro. Pelo menos, era essa a impressão que Maxwell sempre dava. Mesmo nessa noite de violência e conflito, Maxwell parecia asseado e incólume. Apesar de ele ser mais alto do que Pam, eles nos colocaram na parte de trás com gentileza e elegância, e eu apreciei muito. Pam até evitou fazer quaisquer piadas, o que foi uma mudança bem-vinda.

Enquanto voltávamos para Bon Temps, escutei os vampiros conversarem em voz baixa sobre o fim da guerra das fadas.

— Será muito ruim se eles deixarem esse mundo – disse Pam. – Eu os amo tanto. São tão difíceis de pegar.

Maxwell Lee disse: —Eu nunca tive uma fada.

—Hmm – disse Pam, e foi o mais eloquente “hmm” que já ouvi.

—Silêncio – Eric disse, e ambos se calaram.

Os dedos de Bill encontraram os meus, agarrando-os.

—Clancy vive em Bill – Eric disse aos outros dois.

Eles receberam essa notícia num silêncio que pareceu respeitoso para mim.

—Assim como você vive em Sookie – Pam disse em voz bem baixa.

Meu bisavô veio me ver dois dias depois. Após deixá-lo entrar, Amelia subiu para chorar mais um pouco. Ela sabia a verdade, é claro, embora o resto de nossa comunidade tenha ficado chocada por alguém ter invadido a casa de Tray e o torturado. A opinião popular dizia que seus agressores devem ter acreditado que Tray era um traficante, apesar de não existir absolutamente nenhuma parafernália relacionada a drogas sendo encontrada numa intensa busca na casa e na loja. A ex-esposa de Tray e seu filho estavam organizando os arranjos para o funeral, e Tray seria enterrado na Igreja Católica da Imaculada Conceição. Eu tentaria ir para apoiar Amelia.

Tive outro dia para melhorar, mas hoje estava contente por ficar deitada na cama, vestida numa camisola. Eric não podia mais me dar sangue para completar a cura. Primeiro, nos últimos dias ele já me dera sangue duas vezes, para não mencionar os goles trocados durante os momentos em que fizemos amor, e ele disse que

estávamos perigosamente perto de algum limite indefinido. E depois, Eric precisava de todo seu sangue para se curar, e ele tomou um pouco de Pam também. Então eu tive coceira e sarei, vendo que o sangue de vampiro preencheu a carne arrancada de minhas pernas.

Isso tornou minha explicação para os ferimentos (um acidente de carro; fui atingida por um estranho que fugiu) apenas verossímil se as pessoas não examinassem as feridas perto demais. Obviamente, Sam soube imediatamente que isso não era verdade. Terminei lhe contando o que aconteceu na primeira vez que ele veio me ver. Os fregueses do Merlotte's estavam todos solidários, ele relatou quando veio me ver pela segunda vez. Ele me trouxe margaridas e uma cesta de frango da Dairy Queen. Quando achou que eu não estava olhando, Sam me fitou com um olhar sombrio.

Depois que Niall puxou uma cadeira para perto da cama, ele pegou minha mão. Talvez os eventos dos últimos dias tenham aprofundado uma fração das rugas finas em sua pele. Talvez parecesse um pouco triste. Mas meu bisavô real ainda era belo, régio e estranho, e agora eu sabia o que sua raça podia fazer... ele parecia assustador.

—Você sabia que Lochlan e Neave mataram meus pais? – perguntei.

Niall assentiu após uma pausa perceptível. — Eu suspeitava – disse. – Quando você me contou que seus pais se afogaram, tive que considerar a possibilidade. Todos eles possuem afinidade com a água, o pessoal de Breandan.

—Fico feliz que estejam mortos – eu disse.

— Sim, também estou – ele disse simplesmente. – E a maioria dos seguidores de Breandan também está morta. Eu poupei duas mulheres, já que precisamos tanto delas, e apesar de uma delas ser mãe do filho de Breandan, eu a deixei viver.

Ele parecia querer minha aprovação por isso. — E quanto à criança? – perguntei.

Niall sacudiu a cabeça e a cortina de cabelos pálidos moveu-se com o gesto. Ele me amava, mas era de um mundo ainda mais selvagem do que o meu.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, Niall disse: — Vou terminar de bloquear a passagem para o nosso reino.

— Mas é por isso que a guerra acabou – respondi perplexa. – Era o que Breandan queria.

— Comecei a achar que ele estava certo, embora pelo motivo errado. Não são os *fae* que precisam ser protegidos do mundo humano. São os humanos que precisam ser protegidos de nós.

—O que isso significará? Quais são as consequências?

— Aqueles de nós que têm vivido entre os humanos terão que escolher.

—Como Claude.

— Sim. Ele terá que cortar seus laços com nossa terra secreta, se quiser viver aqui.

—E o resto? Aqueles que já vivem lá?

—Nós não voltaremos mais. – Seu rosto estava iluminado de dor.

—Eu não irei mais vê-lo?

—Não, meu coração. É melhor não.

Tentei reunir um protesto para lhe dizer que *não* era melhor, era horrível já que eu tinha tão poucos parentes, não falar com ele novamente. Mas eu simplesmente não conseguia fazer as palavras saírem de minha boca. — E quanto a Dermot? – falei ao invés disso.

— Não conseguimos encontrá-lo – disse Niall. – Se está morto, ele virou cinzas num lugar que não descobrimos. Se estiver aqui, está sendo muito esperto e silencioso. Continuaremos tentando até o portal se fechar.

Eu esperava devotadamente que Dermot estivesse do lado *fae* daquela porta.

Naquele momento, Jason entrou.

Meu bisavô—*nosso* bisavô—ficou de pé. Mas após um instante, ele relaxou. —Você deve ser Jason – disse.

Meu irmão fitou-o inexpressivo. Jason não vinha sendo o mesmo desde a morte de Mel. A mesma edição de nosso jornal

local que trazia a história da terrível descoberta do corpo de Tray Dawson, carregava outra notícia sobre o desaparecimento de Mel Hart. Havia uma grande conjetura de que talvez os dois eventos fossem relacionados de algum modo.

Eu não sabia como as panteras cobriram a cena nos fundos da casa de Jason, e não queria saber. Tampouco sabia onde estava o corpo de Mel. Talvez tivesse sido devorado. Talvez estivesse no fundo do lago de Jason. Talvez estivesse em algum lugar da floresta.

Eu suspeitava que fosse a última hipótese. Jason e Calvin contaram a polícia que Mel havia dito que iria caçar sozinho, e a caminhonete de Mel foi encontrada estacionada numa reserva de caça que frequentava. Havia algumas manchas de sangue descobertas na traseira da caminhonete que fizeram a polícia suspeitar que Mel podia ter algo a ver com a terrível morte de Crystal Stackhouse, e agora Andy Bellefleur foi ouvido dizendo que não ficaria surpreso se o velho Mel tivesse se matado na floresta.

— Sim, eu sou Jason – disse meu irmão pesadamente. – Você deve ser... meu bisavô?

Niall inclinou a cabeça. —Sou. Vim dizer adeus à sua irmã.

—Mas não eu, hein? Não sou bom o bastante.

—Você é parecido demais com Dermot.

— Bem, merda. – Jason jogou-se aos pés da cama. – Dermot não parecia tão ruim para mim, *Bisavô*. Pelo menos, ele veio me

avisar sobre Mel, me deixou saber que Mel matou minha esposa.

— Sim – disse Niall, distante. – Dermot pode ter gostado de você por causa da semelhança. Suponho que saiba que ele ajudou a matar seus pais?

Ambos fitamos Niall.

— Sim, o *fae* da água que seguia Breandan empurrou a caminhonete para a correnteza, ouvi dizer, mas apenas Dermot era capaz de tocar a porta e tirar seus pais. Então as ninfas os seguraram debaixo da água.

Eu estremeci.

— Falando por mim, fico feliz por você estar dizendo adeus – disse Jason. – Estou feliz por você ir embora. Espero que nunca mais volte, nenhum de vocês.

A dor flutuou no rosto de Niall.

— Eu não posso questionar seus sentimentos – disse. – Eu só queria conhecer minha bisneta. Mas não trouxe nada exceto dor à Sookie.

Abri a boca para protestar, mas então me dei conta de que ele dizia a verdade. Só não toda a verdade.

— Você me trouxe a confirmação de que eu tenho uma família que me ama – eu disse, e Jason fez um som sufocado. – Você

enviou Claudine para salvar minha vida, e ela o fez, mais de uma vez. Sentirei sua falta, Niall.

— O vampiro não é um homem ruim e ele a ama – disse Niall. Ele se levantou. – Adeus.

Ele inclinou-se e beijou minha bochecha. Havia poder em seu toque e, de repente, me senti melhor. Antes que Jason pudesse se recuperar para protestar, Niall beijou sua testa, e os músculos tensos de Jason relaxaram.

Então meu bisavô se foi antes que eu pudesse perguntar a qual dos dois vampiros ele se referia.

Livros da Série

1 — Morto Até o Anoitecer — Dead Until Dark (2001)

2 — Vampiros em Dallas — Living Dead in Dallas (Março de 2002)

3 — Clube dos Mortos — Club Dead (Maio de 2003)

4 — Morto para o Mundo — Dead to the World (Maio de 2004)

4.1 — 'Fairy Dust' do livro Powers of Detection (Outubro de 2004)
4.2 — 'Dancers in the Dark' do livro Night's Edge (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (Outubro de 2004)
4.3 — 'One Word Answer' do livro Bite (Dezembro de 2004)

5 — Absolutamente Morto — Dead as a Doornail (Maio de 2005)

6 — Definitivamente Morto — Definitely Dead (Maio de 2006)

6.1 — 'Tacky' do livro My Big, Fat Supernatural Wedding (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (2006)

7 — Todos Mortos Juntos — All Together Dead (Maio de 2007)

7.1 — 'Dracula Night' do livro Many Bloody Returns (Setembro de 2007)

8 — Pior do que Morto — From Dead to Worse (Maio de 2008)

8.1 — 'Gift Wrap' do livro Wolfsbane and Mistletoe (Outubro de 2008)
8.2 — 'Lucky' do livro Unusual Suspects (Dezembro de 2008)

9 — Morto e Enterrado — Dead and Gone (Maio de 2009)

9.1 — 'Bacon' do livro Strange Brew (Julho de 2009)

9.2 — 'The Britlingens Go to Hell' do livro Must Love Hellhounds (Setembro de 2009)

9.2 — 'Dahlia Underground' do livro Crimes by Moonlight (Abril de 2010)

10 — Morte na família — Dead in the Family (Maio de 2010)

10.1 — Deadth's Exellent Vacation (Agosto de 2010)

11 — Dead Reckoning (Maio de 2011)

11.1 — 'If I Had A Hammer' do livro Home Improvement: Undead Edition (Agosto de 2011)

11.2 — 'Playing Possum' do livro An Apple for the Creature (Setembro de 2012)

12 — Deadlocked (Maio de 2012)

13 — Dead Ever After (Maio de 2013)

[1] Espécie de pimenta.

[2] No conto “Fairy Dust” da antologia Powers of Detection, a personagem é chamada Claudia, mas quando a mesma história foi relançada em A Touch of Dead, coletânea de contos do universo de Sookie Stackhouse, foi mudado para Claudette. Em Dead and Gone, o original está como Claudette.